**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

FERNANDA ARANTES E SILVA

**Grupos juvenis e equipamentos públicos:
um estudo do Centro Cultural da Juventude da cidade de São Paulo**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Sociologia da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes Sposito

**São Paulo
2010**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

301.2(81.61) Silva, Fernanda Arantes e

S586g Grupos juvenis e equipamentos públicos : um estudo do centro cultural da juventude da cidade de São Paulo / Fernanda Arantes e Silva ; orientação Marília Pontes Sposito. São Paulo : s.n., 2010.

242 p. : il., tabs.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Cultura – São Paulo, SP 2. Jovens – Aspectos sociais – São Paulo, SP 3. Juventude 4. Sociabilidade 5. Políticas públicas I. Sposito, Marília Pontes , orient.

SILVA, Fernanda Arantes e.

Título: Grupos juvenis e equipamentos públicos: um estudo do Centro Cultural da Juventude da cidade de São Paulo

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia da Educação
Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes Sposito

Aprovado em: ____ de _____ de 2010

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

São Paulo
2010

*Para meus pais, Lúcia e Anoar, por terem me apoiado
em minhas escolhas; e para Renato, por todo amor.*

Agradecimentos

É minha a responsabilidade dos erros e acertos que este trabalho contém e, embora o resultado final deva ser atribuído a mim, quero destacar as contribuições de pessoas queridas que, durante toda a caminhada, estiveram ao meu lado.

Agradeço à Marília Pontes Sposito pelo rigor e seriedade na orientação, aliados a sua generosidade, paciência e carinho. Seu incentivo e apoio nos momentos mais difíceis desse processo foram fundamentais para a conclusão do trabalho.

À Marla Santos agradeço por ter me apresentado e me incentivado a seguir os caminhos da vida acadêmica. Sem a sua ajuda e apoio essa dissertação não existiria.

Agradeço aos amigos Hamilton Harley, Mario Offenburger, Raquel Souza e Raquel Melo pelo companheirismo, paciência e carinho que sempre dispensaram a minha pessoa.

À Deise Rosalio e Thiago Gouvea agradeço por compartilharem comigo os momentos felizes e tristes. São meus amigos para todas as ocasiões, acompanhando toda a trajetória percorrida amparando-me quando necessário e incentivando-me para que conseguisse superar os obstáculos que surgiam no caminho.

Agradeço aos colegas do GETESE pela possibilidade de dividir minhas inquietações. Agradeço especialmente à Odete Andrade e Elias Gomes por toda amizade e generosidade.

Sou imensamente grata à Camila Azevedo, Carol Ferrarezi, Sylvie Klein e Nilson Alves (Plâncton) pelos momentos de descontração regados a cerveja. Encontrá-los, mesmo que esporadicamente, foi fundamental para ganhar fôlego e dar continuidade ao trabalho.

Agradeço a toda equipe do CCJ pela ajuda dispensada ao longo desses anos. Quero agradecer especialmente ao Tiago Saraiva pela paciência, carinho, amizade e por me fazer sorrir nos momentos mais difíceis. À Marília Jahnel pelo companheirismo e sempre disposta a me dar cobertura nas ausências ao trabalho do dia a dia. À Dolores Biruel pelas suas sábias palavras que me fortaleciam e confortavam. À amiga Karen Cunha e aos amigos Hugo Paixão e Paulo Henrique pelos momentos de lazer que me proporcionavam ao final do expediente.

Agradeço aos grupos que participaram dessa pesquisa, pois sem a contribuição e generosidade deles não seria possível concluir o trabalho.

Agradeço a Renato Zacarias, meu companheiro de todos os dias, pela extrema paciência, afeto, carinho e compreensão que esbanjou comigo todo este tempo.

Agradeço à avó Maria e à tia Lúcia Leonor, meus exemplos de mulheres fortes e batalhadoras. Ensinaaram-me a não deixar pela metade o que havia começado.

Agradeço, sobretudo, aos meus pais, Lúcia e Anuar. Pessoas que me ensinaram tudo que sei sobre honestidade, trabalho, lealdade, companheirismo, valores que fazem parte de mim porque eles souberam me ensinar, através de ações cotidianas, a importância de ser uma pessoa com quem se pode contar.

RESUMO

SILVA, F. A. e. **Grupos juvenis e equipamentos públicos: um estudo do Centro Cultural da Juventude da Cidade de São Paulo**. 2010. 230 fls. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de mestre: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

Este estudo tem como foco central os grupos juvenis que utilizavam, à época da pesquisa, o Centro Cultural da Juventude – CCJ, equipamento da prefeitura de São Paulo, para o desenvolvimento de suas atividades culturais. O objetivo foi conhecer seus integrantes, seus estilos, bem como os modos de utilização das instalações do CCJ e de que forma este equipamento poderia ou não auxiliar na constituição e na consolidação das ações empreendidas por estes grupos. O trabalho empírico desenvolveu-se entre 2008 e 2010, tendo sido dividido em duas etapas. A primeira etapa envolveu a aplicação de um questionário junto a 29 grupos, com o objetivo de caracterizá-los, conhecer os usos e atividades que realizavam no Centro Cultural da Juventude, assim como sua eventual frequência a outros equipamentos públicos ou privados. Em um segundo momento, foram realizadas observações não sistemáticas no equipamento, com a finalidade de verificar a frequência dos integrantes dos grupos ao CCJ, tendo sido feitas entrevistas em profundidade com 3 dos grupos. A partir das observações e das narrativas dos grupos, constatou-se que a instabilidade do número de componentes é um dado estrutural desses coletivos. Buscam, na rotina dos equipamentos, na permanência das instituições e dos organismos, algumas condições para a existência no interior da instabilidade que os caracteriza. Outro aspecto revelado pelo estudo foi que a presença dos grupos no equipamento fez com que a direção efetuasse alterações nos espaços previstos para a utilização, ampliando, assim, o rol de possibilidades para atender às demandas dos grupos. A presença de diferentes grupos também possibilitou que o CCJ alargasse o seu entendimento de cultura, abrindo espaço para o lúdico em sua programação. A diversidade de expectativas dos diferentes grupos revela a necessidade de abertura de canais de interação permanente com esses coletivos, de modo a constituir, por parte dos gestores, uma capacidade de escuta mais aguçada dessas demandas.

Palavras-chave: grupos juvenis, juventude, sociabilidade, ações públicas.

ABSTRACT

SILVA, F. A. e. Youth groups and public facilities: a study about the São Paulo Youth Cultural Center. 2010. 230 p. Master's Dissertation submitted to São Paulo University – Education College Postgraduate Program, in support of candidature for a Master's degree in Education: Education College – São Paulo University, 2010

This is a study about the youth groups that, at the time of the research, attended the public Youth Cultural Center, in the city of São Paulo, to perform their cultural activities. The purpose of the investigation was to get to know the young group members, their lifestyles, as well as the ways they used the Center's spaces and services. Another goal was to investigate in which ways this particular public institution was able (or not) to help the groups in the constitution and consolidation of the activities they performed. The empirical research, carried out from 2008 to 2010, was developed in two steps. The first step included a questionnaire application to 29 youth groups, in order to profile them, to get information about their utilization routine of the Center and about the activities they performed there, as well as the groups' occasional attendance to other public or private leisure or cultural centers. In the second step, the researcher developed nonsystematic observation of the youth groups in the Center, to check their attendance frequency. In this step the researcher also did in-depth interviews with 3 groups. The results show that the instability in the number of group members is a structural characteristic of these groups. They seek existence conditions within the instability that characterizes them in the routine of the Center and in the permanence of the institutions. Another aspect revealed by the study was that the presence of the groups in the Center has encouraged the administration of the institution to promote changes in the spaces, widening the spectrum of possibilities in order to answer to the groups' demands. The presence of different groups also made it possible for the institution to broaden its understanding of culture, creating opportunities for ludic activities in its program schedule as well. The diversity of expectations of the different groups reveals the need for permanent communication channels with these groups, so that the managers of the Center construct the ability to listen more carefully to these demands.

Key words: youth groups, youth, sociability

Lista de Fotos

Foto 1 – Espelho d'água e fachada do CCJ.....	64
Foto 2 – Teatro de arena.....	64
Foto 3 – Escada de acesso ao primeiro subsolo.....	64
Foto 4 – Palco do anfiteatro.....	65
Foto 5 – Platéia do anfiteatro.....	65
Foto 6 – Foyer do anfiteatro.....	65
Foto 7 – Varanda do piso térreo.....	66
Foto 8 – Internet Livre.....	66
Foto 9 – Convivência.....	66
Foto 10 – Alameda Arte de Rua.....	67
Foto 11 – Espaço RPG.....	67
Foto 12 – Acervo biblioteca.....	67
Foto 13 – Área de estudos.....	67
Foto 14 – Espaço Sarau.....	67
Foto 15 – Mirante.....	68
Foto 16 – Ateliê.....	68
Foto 17 – Estúdio.....	68
Foto 18 – Lanchonete.....	69

Lista de Quadros

Quadro 1	98
Quadro 2 – Divisão dos Grupos Entrevistados	133

Lista de Tabelas

Capítulo 2

Tabela 1 – Exemplo de grade de Programação fixa Pensada pelos Gestores – Mês Referência Julho 2009.....	87
--	----

Tabela2 – Agendamentos realizados em outubro de 2009 por espaço utilizado	89
---	----

Capítulo 3

Tabela 1 – Número de grupos entrevistados por estilo.....	100
---	-----

Tabela 2 – Ano de formação dos grupos.....	101
--	-----

Tabela 3- Número de integrantes	102
---------------------------------------	-----

Tabela 4 – Formação do grupo por sexo.....	103
--	-----

Tabela 5 -Número de grupos com integrante por faixa etária.....	104
---	-----

Tabela 6 - Número de grupos com membros estudantes.....	104
---	-----

Tabela 7- Número de grupos com membros trabalhadores.....	105
---	-----

Tabela 8 - Número de grupos por membros trabalhadores.....	105
--	-----

Tabela 9 - Número de grupos com integrantes que moram próximo ao CCJ.....	107
---	-----

Tabela 10 – Como conheceu o CCJ.....	108
--------------------------------------	-----

Tabela 11 – Periodicidade que os grupos se reúnem.....	108
--	-----

Tabela 12 – Número de grupos que possuem sede própria.....	109
--	-----

Tabela 13 – Locais de encontro dos grupos.....	111
--	-----

Tabela 14- Ano que o grupo começou a freqüentar o CCJ.....	112
--	-----

Tabela 15 – Motivos que levaram os grupos a freqüentarem o CCJ.....	113
---	-----

Tabela 16 – Periodicidade com que o grupo se reúne no CCJ.....	113
--	-----

Tabela 17 – Atividades que os grupos realizam ou realizaram no CCJ.....	115
---	-----

Tabela 18 – Espaços do CCJ previstos para uso.....	115
--	-----

Tabela 19 – Espaços re-significados pelos grupos.....	117
---	-----

Tabela 20 – Grupo realizou atividade em parceria com o CCJ.....	118
---	-----

Tabela 21- Grupo se apresentou na programação do CCJ.....	118
---	-----

Tabela 22 – Número de grupos que utilizam outros equipamentos.....	119
Tabela 23 - Número de grupos que ainda utilizam os outros equipamentos.....	119
Tabela 24 – Equipamentos utilizados antes do CCJ.....	120
Tabela 25 – Periodicidade de utilização de outros equipamentos e do CCJ.....	120
Tabela 26 – Dificuldades enfrentadas pelos grupos para a realização de atividade	121
Tabela 27 – Por que o grupo foi formado.....	122
Tabela 28 – O que é preciso para fazer parte do grupo.....	123
Tabela 29 - Frequência de 2 a 4 vezes por semana.....	127
Tabela 30 - Pelo menos duas vezes por semana.....	128
Tabela 31 - Não frequenta mais o CCJ.....	130

Sumário

Introdução.....	19
Capítulo 1: Juventude: um campo de estudo e de ações governamentais.....	27
1.1. Juventude: um conceito em busca de definição teórica e de campo de estudos.....	27
1.2. Os estudos sobre formas de associação dos jovens: breve histórico.....	29
1.3. As ações governamentais voltadas para a população jovem no Brasil.....	37
1.4. Novas “Institucionalidades” e a fragilidade de suas ações.....	41
Fragilidades dos novos organismos.....	46
1.5. Grupos Juvenis e Equipamentos públicos: balanço do que já foi realizado..	47
 Capítulo 2: O Centro Cultural da Juventude da Cidade de São Paulo.....	 55
2.1. Quando tudo começou.....	55
2.2. O CCJ e suas adaptações: a marca do improviso.....	57
2.3. O CCJ e sua implantação: modelos de Gestão.....	61
2.4. Espaços, funcionamento, objetivos, programas e projetos.....	64
Estrutura programática que gera rotina.....	82
2.5. Uma “mirada” nos arredores do CCJ.....	91
 Capítulo 3: Os Caminhos da Pesquisa.....	 93
3.1. Desenhando o trabalho de campo: primeiros passos.....	93
Primeiros contatos e pedras no caminho.....	95
Os grupos juvenis e os diferentes estilos que circulam pelo CCJ	98
3.2. A participação das mulheres.....	103
3.3. Idade, escolaridade e trabalho.....	103
3.4. O Centro Cultural da Juventude: “quintal” dos grupos.....	107
3.5. Periodicidade das atividades.....	108
3.6. Os sem sede e a utilização de espaços públicos.....	109
3.7. Ano de chegada e perfil dos usos no Centro Cultural da Juventude.....	112
3.8. Perfil dos usos em outros equipamentos.....	118
3.9. Formação dos grupos e requisitos para participação	121
3.10. Frequência dos grupos no Centro Cultural da Juventude: relatos de observação.....	126

Capítulo 4: Os grupos e o Centro Cultural da Juventude: uma relação construída	139
4.1. “Divertimento em primeiro lugar”: O Núcleo de RPG.....	139
“O CCJ é no quintal de casa”: dentro e fora do Centro Cultural da Juventude	145
Centro Cultural da Juventude: espaço de sociabilidade e alargador de redes de contatos.....	151
“O pessoal pula o muro a gente tá no CCJ”: frequência e relação com outros espaços.....	154
4.2. “A gente tem que cuidar da vida”: grupo camiranga.....	157
O Centro Cultural da Juventude: o olhar de quem está distante.....	159
Periodicidade das ações e espaços utilizados.....	162
4.3. “Acesso, Produção e Consumo”: Coletivo Literatura Suburbana.....	165
O Coletivo e sua rede de contatos: fora do CCJ.....	173
Centro Cultural da Juventude e Coletivo Literatura Suburbana: uma relação construída.....	177
4.4. Os grupos e os usos que fazem do CCJ: semelhanças e diferenças.....	186
 Considerações Finais.....	 195
 Referências Bibliográficas.....	 201
 APÊNDICES.....	 209
A – Descrição dos grupos entrevistados.....	209
B – Questionário aplicado.....	219
C – Roteiro de entrevista.....	225
 ANEXOS.....	 227
A- Decreto de Criação do Centro de Cidadania da Juventude.....	227
B- Decreto de Transferência e nova denominação.....	231
C- Lei que cria o Centro Cultural da Juventude.....	235
D – Tabelas de Perfil dos Grupos.....	240

Introdução

A finalidade desta introdução é apresentar ao leitor um esboço inicial das preocupações presentes na realização da pesquisa, introduzindo-o nos caminhos trilhados para a construção desta dissertação. Trabalho árduo, realizado com muita persistência, pois o desejo de desistir me assombrava à medida que os obstáculos surgiam na longa trajetória percorrida. Porém, entre trancos e barrancos, a pesquisa que me propus realizar foi concluída. Apresento os resultados deste estudo, realizado entre agosto de 2007 e julho de 2010, consolidados nesta dissertação de mestrado.

O interesse pelo tema aqui estudado nasceu das atividades de iniciação científica realizada durante os anos de graduação (2003-2006) na Faculdade de Educação da USP. A princípio, integrei a equipe de pesquisadores do Projeto Temático “Juventude, Escolarização e Poder Local” coordenado pela Prof^a. Dr^a. Marília Pontes Sposito e pelo Prof. Dr. Sergio Haddad. Por meio da formação de uma rede nacional de pesquisadores, o projeto investigou as concepções e a maneira como as políticas/ações públicas municipais destinadas aos jovens estavam sendo traçadas e aplicadas nos últimos anos, em 74 municípios brasileiros (Sposito, 2007 e Haddad, 2007). Através do estudo dessas concepções sobre juventude, a pesquisa buscou entender também o modo como o poder público local favorece ou não a presença dos jovens enquanto atores relevantes nesse processo. Em seguida, com projeto financiado pela Fapesp, estudei as ações da Coordenadoria Especial da Juventude da cidade de São Paulo no período de ago/2005 a abril/2006. As atividades de pesquisa foram encerradas antes do prazo, pois o Centro Cultural da Juventude, parte do objeto desta pesquisa, havia sido inaugurado e fui convidada para integrar a equipe de funcionários.

O objeto central da pesquisa, que resulta na dissertação de mestrado, é o estudo dos grupos juvenis que utilizavam, na época da investigação, o Centro Cultural da Juventude – CCJ - para o desenvolvimento de suas atividades culturais. Interessei-me pela investigação desses coletivos, em conhecer seus integrantes, seus estilos e os modos como utilizavam as instalações do CCJ e de que forma este equipamentos consegue responder às demandas desses grupos.

O Centro Cultural da Juventude, equipamento da prefeitura de São Paulo, localiza-se na zona norte do município de São Paulo. Foi inaugurado em março de 2006, disponibilizando à população uma programação mensal que inclui oficinas, apresentações teatrais, shows, debates e palestras, além de serviços como biblioteca, acesso à internet,

estúdio de gravação musical, ilha de edição de vídeo e áudio, laboratório de pesquisa e de idiomas. Optei por denominar o Centro Cultural da Juventude como *equipamento*, uma vez que este reúne, em um só lugar, serviços, promoção de atividades culturais de diferentes gêneros artísticos e acolhimento de programas ou projetos desenvolvidos pelo poder público municipal.

A partir de algumas observações iniciais foi possível dividir os usuários do CCJ em três tipos: grupos, indivíduos e instituições. Tendo em vista o volume significativo de usuários e o necessário recorte para delimitar a pesquisa, optei por estudar nesta etapa apenas os grupos formados por jovens, pois eles figuram, desde a inauguração do CCJ, como os que mais se beneficiam da infraestrutura oferecida. Além disso, devido à diversidade de coletivos que frequentam o Centro, foi possível ter uma visão mais ampla dos tipos de usos que fazem do equipamento.

Embora houvesse também uma procura significativa do CCJ por indivíduos que não estavam organizados em grupos, atentei para o fato de que neste momento, como já foi observado, seria difícil atingir um universo muito diversificado. Instituições como escolas, organizações não governamentais, associações, etc., não faziam uso frequente do espaço no período da pesquisa. Essas instituições, em sua maioria, procuravam o equipamento apenas para suprir suas necessidades de infraestrutura, sem estabelecer níveis de interação com o CCJ de modo mais sistemático.

No ano de 2009, de acordo com relatório anual do Centro Cultural da Juventude¹, foram realizados, por mês, uma média de 9.401 atendimentos. Este número inclui pessoas que utilizaram serviços como biblioteca, laboratório de idiomas, laboratório de pesquisa, internet, estúdio de gravação, ilhas de edição de vídeo e de áudio, e também pessoas que frequentaram a programação do CCJ, como espetáculos teatrais, shows, palestras, oficinas, entre outros. Conforme os dados do relatório anual, o que foi possível inferir é que o número de pessoas que passaram pelo Centro diariamente em 2009 estava abaixo das expectativas e da capacidade de atendimento deste equipamento. Tomando como referência o mês de setembro deste ano, verifica-se que o CCJ esperava receber 16.068 pessoas; no entanto, somente 10.506 pessoas passaram pelo equipamento.

Por estar em uma região com poucas alternativas de espaços culturais e por oferecer atividades gratuitas, esperava-se que a população usufrísse amplamente dos recursos e atividades que eram oferecidos; no entanto, não era o que ocorria. Embora os grupos

¹ O relatório consultado é elaborado pela equipe do CCJ e não diferencia o número de atendimentos realizados durante a semana e aos finais de semana.

utilizassem a infraestrutura do CCJ, o que foi possível também perceber é que estes não participavam plenamente da programação que lá era oferecida.

Esta pesquisa está inserida no campo de estudos que versam sobre juventude, mais especificamente aquelas que se interessam pelas diferentes formas associativas dos jovens. No entanto, é necessário fazer menção ao momento histórico em que os jovens tornam-se alvo de ações governamentais, uma vez que o Centro Cultural da Juventude, um dos objetos de investigação desse estudo, é fruto dessas discussões.

O momento histórico para a mudança de percepção e de formulação de políticas específicas para a juventude pode ser considerado o início dos anos 1990, marcado pela mobilização da sociedade em torno dos direitos das crianças e dos adolescentes, o que culminou no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. As conquistas trazidas pelo ECA para essa faixa etária da população são inegáveis, contudo, o documento não contempla os jovens que atingiam a maioridade legal (SPOSITO, 2003).

Também a partir da década de 1990, nas inúmeras ações efetuadas pelo Executivo Federal, alguns problemas que afetam os jovens, como a saúde, violência e desemprego são reconhecidos. No entanto, a maioria das orientações estava pautada mais nos “problemas” de saúde e da violência, do que nas necessidades e demandas dos jovens. Em meados dessa década, principalmente a partir de 1997, com o assassinato do índio Galdino por jovens oriundos da classe média da cidade de Brasília, bem como o aumento das mortes juvenis por homicídios, o Ministério da Justiça passa a desenvolver programas especialmente destinados aos jovens. São programas cujo objetivo era reduzir e prevenir a violência por meio de ações nas escolas ou nos bairros. No início do ano 2000, a questão do desemprego e do aumento dos processos de exclusão são evidenciados, gerando assim programas que visam à inclusão dos jovens na sociedade (SPOSITO, 2003).

A pesquisa realizada pelo projeto Juventude, Escolarização e Poder Local, mencionada anteriormente, identificou que, no âmbito dos municípios, as ações de maior fôlego especificamente voltadas para os segmentos juvenis também ocorreram a partir de 1997. Assim, como operado pelo Executivo Federal, os municípios formaram suas agendas de ação apoiados na questão da violência juvenil, na condição do jovem como problema político e nos processos de exclusão social, que afetavam especialmente a população jovem (SPOSITO, 2007).

Em meados dos anos 1990, observa-se uma mudança de direção na consolidação de ações voltadas para o público jovem na esfera municipal. Alguns municípios criaram

organismos específicos, como assessorias, coordenadorias e secretarias de juventude, na tentativa de institucionalizar essas novas ações. O papel principal a ser desempenhado por essa nova institucionalidade seria articular e assegurar certa “transversalidade nas suas ações, sob o ponto de vista do aparato público e, ao mesmo tempo, assegurar uma interlocução com os segmentos juvenis” (SPOSITO, 2003, p. 69).

O Governo Municipal de São Paulo, gestão 2001/2004, criou em julho de 2001 a Coordenadoria Especial da Juventude – CEJ por meio da Lei 3.169/2001. De acordo com o artigo 79, é função do organismo “coordenar e promover o desenvolvimento e a implementação de políticas e programas para a juventude na cidade de São Paulo”. A iniciativa de criação de um organismo específico, voltado para as ações com os jovens, não foi resultado da demanda de amplos conjuntos ou de coletivos juvenis da cidade. Em suas origens, ela foi reivindicada pela juventude partidária, sobretudo do Partido dos Trabalhadores, encampada pelo novo governo que, ao mesmo tempo, constitui novos organismos que tinham como meta avançar nas ações que possibilitassem a erradicação das desigualdades também vivenciadas por mulheres e negros no âmbito da cidade.

Com a derrota do Partido dos Trabalhadores - PT nas eleições municipais de 2004 para o candidato José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, temia-se que a Coordenadoria da Juventude fosse extinta; no entanto, a decisão tomada foi pela manutenção do novo organismo, mas com escassos recursos como era na gestão anterior. Além de conservar a existência da Coordenadoria, o então Prefeito encarregou este organismo de elaborar um projeto para ocupar um terreno abandonado da prefeitura, localizado na zona norte da cidade. Assim, nasceu o Centro Cultural da Juventude, para ocupar um terreno que estava abandonado havia 18 anos.

O estudo de grupos juvenis ainda está em fase de consolidação, mas observa-se uma ausência de investigações que busquem compreender as formas de interação desses coletivos com o Executivo Municipal. Nesse sentido, tanto a dissertação de mestrado de Elmir de Almeida (1996) como sua tese de doutorado (2001), constituem os primeiros estudos a tratar dessas formas de interação no âmbito do Executivo Municipal, privilegiando dois municípios da grande São Paulo: Diadema e Santo André.

A delimitação do campo de estudos exige uma apresentação inicial da concepção de juventude e grupos juvenis em que esta dissertação está ancorada. De antemão, é preciso que façamos distinção entre os conceitos de juventude e jovens. Como propõe Attias-Donfut (2002) é comum que se faça a confusão semântica entre os dois termos, dificultando que se focalize concretamente o sujeito jovem. Essa indeterminação não está presente em pesquisas

ou trabalhos que tratam analiticamente da realidade da infância e das crianças; dos adultos e da vida adulta; da velhice e dos idosos.

Desta forma, neste trabalho é adotada a premissa de que a juventude é uma construção histórica, social e cultural, marcada pelos modos de uma determinada sociedade representar e simbolizar esta específica condição do ciclo de vida humano. Os jovens são os sujeitos concretos que vivem essa realidade, também sob condições sociais, econômicas, culturais, histórias e etárias determinadas (VILAR e VILAR, 2007).

Os estudos sobre grupos juvenis ainda é recente no Brasil. Em balanço recente da produção discente sobre o tema juventude nos programas de pós-graduação no Brasil², realizado sob a coordenação da Profa. Dra. Marília Pontes Sposito, que levantou as produções discentes entre 1999-2006, foram identificados 64 trabalhos sobre grupos juvenis. Segundo Almeida (2009):

a quase totalidade dos autores se voltou para a investigação das formas associativas juvenis que articularam e orientaram suas ações no campo da cultura ou lazer, abordando os grupos ou agregados a partir dos conceitos de “movimento social juvenil”, “culturas”, “contracultura”, “subcultura” ou grupos de “estilo”. (p. 131)

Os grupos juvenis são aqui entendidos como agregações formadas por jovens que partilham interesses comuns, e que se reúnem para o desenvolvimento das atividades que dão significado à existência do grupo. Os grupos estudados nesta pesquisa se reuniam em torno de práticas culturais compartilhadas entre seus integrantes, como a dança de rua, teatro, música, entre outras.

Segundo Magalhães (2008), o pertencimento a grupos não é um fator episódico na vida dos jovens, uma vez que as formas associativas são dotadas de “atitudes, padrões de consumo e comportamentos, gostos, crenças e mesmo os vínculos de sociabilidade e lazer revelam a presença de um modo de vida diferenciado” (p.28). Cabe ressaltar que os grupos não se limitam somente a realizar suas atividades. Na maioria das vezes, desenvolvem atividades que visam atender demandas da região onde moram.

Os grupos formados por jovens são muitas vezes fonte de preocupação, uma vez que são associados frequentemente a comportamentos desviantes. No entanto, para Carrano (2001):

a preocupação não deveria ser o encontro e a organização dos jovens em grupos, mas a ausência do envolvimento coletivo de alguns jovens e a interdição da comunicação entre os diferentes ritos dos grupos constituídos. Adotar um estilo e participar de contextos de atitudes compartilhadas num grupo pode significar

² Para maiores informações, referir-se a: “O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006) Volume 2”.

alegria, proteção e aprendizagem cotidiana da alteridade como um contraponto ao individualismo e ao apartamento social (p. 20).

Este mesmo autor aponta para o estímulo, a criação de espaços públicos, constituídos sobre a base da convivência e do pluralismo cultural, que possibilite o encontro de diferentes grupos. Tais espaços teriam o papel de dissolver as distâncias simbólicas e o “estabelecimento do confronto, política e culturalmente mediado, entre os distintos rituais que confirmam as identidades dos grupos” (Carrano, 2001; p.20).

Pereira (2007), ao pesquisar os pichadores da cidade de São Paulo, identificou que os arredores do Centro Cultural São Paulo, equipamento da prefeitura, constituem ponto de encontro dos jovens que se reúnem em torno da prática da pichação. É nesse espaço que trocam experiências, distribuem convites para festas, marcam os próximos encontros, resolvem os conflitos, etc. O exemplo de uso e apropriação que os pichadores fazem das calçadas do Centro Cultural São Paulo revela a necessidade que os jovens possuem de circular pela cidade e de ocupar espaços para a realização de suas atividades. Ir para as ruas, para os espaços públicos é um movimento dos jovens tanto como forma de sociabilidade como de socialização.

Diante do exposto, o que fundamentou a realização dessa pesquisa foi verificar se a criação de espaços públicos voltados para a população jovem, como o Centro Cultural da Juventude da cidade de São Paulo, auxilia ou não na constituição e na consolidação das ações empreendidas pelos grupos formados por jovens. Em especial, verificar se as atividades e o modo de funcionamento do equipamento fortalecem as ações dos grupos envolvidos com suas práticas emergentes, não possuindo contornos de atuações políticas asseguradas como as tradicionais formas de mobilização e organização dos jovens.

O Centro Cultural da Juventude tinha uma proposta de trabalho com esses grupos que foram identificados em dois projetos: *Agendamento de espaço*, que disponibilizava, na época da pesquisa, suas instalações e equipamentos quando estes não estavam sendo utilizados pela programação do Centro, e *Ocupação de espaço*, que selecionava projetos propostos por jovens ou grupos de jovens para a realização de atividades na programação do CCJ. O que se pretendia identificar era se esses canais fortaleciam a atuação dos grupos na dupla dimensão:

- Sob o ponto de vista de sua organização, ação, coesão, etc.: as sociabilidades e os aprendizados não escolares;
- Sob o ponto de vista de a ação ter alguma relevância na esfera pública: atuação em outros espaços, fortalecimento como atores coletivos na ação com os órgãos públicos, partidos ou demais instâncias da sociedade civil.

Desta forma, os objetivos desta pesquisa foram as seguintes:

1. Realizar a caracterização dos grupos que frequentavam o Centro Cultural da Juventude na época da e pesquisa;
2. Identificar as formas de utilização mais recorrentes;
3. Verificar a existência de práticas de sociabilidade entre os diferentes grupos, bem como a existência de dimensões formativas nos modos de uso do Centro Cultural da Juventude;
4. Identificar quais eram as motivações que levavam os grupos a procurarem o CCJ e se existiam obstáculos para um uso mais efetivo.

O estudo foi dividido em duas partes: a análise do referencial teórico e a pesquisa de campo. A análise do referencial teórico consistiu no levantamento bibliográfico de temas pertinentes, que foram desenvolvidos e aprofundados ao longo do trabalho. Para a realização da pesquisa de campo foi empregado o método qualitativo de pesquisa. Diante do leque de possibilidades de técnicas oferecidas pelo método qualitativo para a coleta de dados, fiz o uso da análise de documentos, aplicação de questionário junto aos grupos, entrevistas coletivas e observações não sistemáticas.

O trabalho de campo foi dividido em duas etapas. A primeira envolveu a aplicação de um questionário com 29 grupos, com o objetivo de levantar o perfil dos grupos, os usos e atividades que realizavam no Centro Cultural da Juventude e sua frequência em outros equipamentos. Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas em profundidade com três grupos, bem como observações com a finalidade de verificar a frequência dos integrantes do grupo no Centro.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. Em **Juventude: um campo de estudo e de ações governamentais**, realizei uma retomada dos estudos de juventude e grupos juvenis, das ações desenvolvidas pelo poder público, voltadas para a população jovem e também apresento as relações estabelecidas entre os grupos juvenis e os equipamentos públicos. No segundo capítulo, **O Centro Cultural da Juventude da Cidade de São Paulo**, apresento as origens do Centro, sua forma de funcionamento, seus objetivos, seus programas e projetos. No terceiro, **Os Caminhos da Pesquisa**, consta o planejamento e a execução do trabalho de campo. Nele são expostas as dificuldades enfrentadas para criar distanciamento do objeto de pesquisa e ganhar a confiança dos grupos, já que eu fazia parte da equipe de funcionários do CCJ. Apresento também as estratégias criadas para estabelecer contato com os grupos, bem como os resultados da aplicação do questionário. No quarto e último capítulo, **Os grupos e o Centro Cultural da Juventude: uma relação construída**, analiso as

entrevistas em profundidade dos três grupos, apresentando as semelhanças que aproximam uns dos outros e as diferenças que os tornam particulares. Por fim, minhas principais conclusões e análises encontram-se nas **Considerações Finais** desta dissertação.

Capítulo 1: Juventude: um campo de estudos e de ações governamentais

1.1 Juventude: um conceito em busca de definição teórica e de campo de estudos

A definição da categoria juventude ainda hoje está em discussão. Na análise dos estudos sobre os jovens, é praticamente impossível encontrar uniformidade no uso da categoria juventude pelos pesquisadores. Essa indefinição permite variadas interpretações e questionamentos, quer seja pela delimitação da faixa etária, pelo modo como se constituem as representações sociais sobre esse segmento no ciclo de vida ou por suas formas de inserção na estrutura social (SCHMIDT, 2001).

Quatro aspectos auxiliam as aproximações em torno do tema: a condição juvenil, a representação e o jovem como modelo cultural. O primeiro aspecto remete à ideia de similaridade de experiências que serão vivenciadas por um mesmo grupo etário, ou seja, uma geração que nasceu num mesmo momento histórico, experimenta os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob condições similares, dividindo as mesmas angústias e esperanças em relação à sociedade (LEVI e SHMITT, 1996). Para o pesquisador português José Machado Pais (1990, p. 146) quando a juventude é referida como fase da vida, não se pode ignorar ser esta uma categoria socialmente construída, “formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas”; portanto, esta categoria está sujeita a modificar-se ao longo do tempo.

Diante desses aspectos, cabe ressaltar que a condição juvenil varia de sociedade para sociedade e também possui diferenças no que diz respeito ao gênero, à classe social e à etnia. Por essas razões, como já afirmado, a análise da condição juvenil implica o reconhecimento da diversidade da situação dos jovens.

A representação, segundo aspecto mencionado, diz respeito às imagens que a sociedade possui dos jovens. O jovem é visto, na maioria das vezes, como desviante. É aquele que se “integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo” (PERALVA, 1997, p. 18). É considerado uma ameaça potencial pelo tempo livre de que dispõe (sobretudo os homens), gerado pela ausência de trabalho ou de alternativas que estão além da instituição escolar.

Por fim, os jovens são tomados como modelo cultural. Há uma sobrevalorização da juventude, que faz com que todos busquem sentir-se jovens, nem que seja “jovem de espírito.” Essa sobrevalorização pode ser explicada pela elevação da expectativa de vida da

população. De acordo com Peralva (1997, p.23) “o envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente”.

Assim como as outras etapas da vida – infância, adultez e velhice – a juventude é uma construção social. Para Levi e Schmitt (1996) não é possível falar de juventude considerando apenas o limite fisiológico, é preciso estar atento para as determinações culturais das sociedades humanas. Attias-Donfut (1996) alerta para o uso do termo juventude para designar o próprio sujeito e não o período em que ele está inserido. Esse tipo de sobreposição não ocorre quando os estudiosos tratam da infância e das crianças ou da velhice e dos idosos. Ou seja, jovens são os sujeitos que podem se tornar foco de investigação e estão inseridos na fase do ciclo de vida denominado juventude.

Tem sido recorrente nas representações construídas pela sociedade moderna a definição desta etapa do ciclo de vida como uma fase preparatória para o exercício da cidadania, uma vez que na fase adulta os indivíduos estariam prontos para assumir integralmente suas funções sociais, com direitos e deveres. Este momento de preparação deveria ser realizado em espaços separados do mundo produtivo, do mundo adulto e da tão difícil vida em sociedade (ABRAMO, 1997).

Segundo Philippe Ariès (1981), a ampliação do acesso à instituição escolar contribuiu para a constituição da juventude como uma categoria social. A escola torna-se o espaço da juventude, local onde os jovens deverão ser preparados para inserção no mundo adulto, afastados do espaço público. É com a obrigatoriedade da escola e a sua universalização no século XIX que a cristalização das idades da vida se especifica como elemento da consciência moderna. É nesse momento também que o Estado toma para si as múltiplas dimensões de proteção dos indivíduos, sobretudo no que diz respeito à educação (PERALVA, 1997). A cristalização das idades emerge com a escolarização que separa os indivíduos entre seres adultos e seres em formação. Antes do surgimento da escola e da sua ampliação, a educação era assegurada pelo aprendizado, devido à coexistência de jovens e adultos em um mesmo espaço.

Por fim, a categoria juventude também é definida como um período de transição. Tal definição acarreta algumas implicações para o ser jovem, uma vez que a transitoriedade é caracterizada como indeterminação – os jovens não são mais crianças, mas ainda não são adultos. Passam, então, a ser desqualificados e definidos pelo o que não são. Justamente por essa fase do ciclo de vida ser marcada por instabilidades, ela é, portanto, subordinada à vida adulta.

A transição da juventude para o mundo adulto também sofreu mudanças ao longo da história. Há um prolongamento do período da juventude e adiamento da inserção no mundo adulto. Esta transição, que durante muito tempo foi marcada por determinadas etapas – término dos estudos, autonomia econômica por meio do trabalho, saída da casa dos pais, casamento e reprodução -, hoje acontece de maneira não linear.

Embora a categoria juventude não possua uma definição clara e única, os aspectos aqui apresentados devem ser levados em consideração para a construção de um problema sociológico.

Pais (1990) apresenta dois grandes blocos de trabalhos que indicam a construção social do campo de estudos sobre a juventude. No primeiro, os trabalhos consideram a juventude como um conjunto social constituído por indivíduos que vivenciam uma mesma fase da vida. Nestes trabalhos, prevalece a busca por aspectos mais homogêneos, com ênfase nos aspectos geracionais. O segundo bloco privilegia a diversidade dessa categoria e aborda outras dimensões da vida social, principalmente aquelas derivadas das diferentes situações de classe. No entanto, para a realização de pesquisas que tenham os jovens como objeto de estudo, é preciso que essas duas formas de construção social da juventude estejam presentes.

Esse mesmo autor alerta para a necessidade de se estabelecer diferenças entre a definição da juventude enquanto um problema social e a definição da juventude enquanto problema sociológico. Para ele, é preciso que a sociologia desconstrua as representações de juventude criadas pelo senso comum, ou seja, como problema social e como entidade homogênea, para que passe a constituí-la como discurso científico.

1.2 Os estudos sobre formas de associação dos jovens: breve histórico

O interesse em estudar os agrupamentos juvenis surgiu no início do século XX na Universidade de Chicago, Estados Unidos. Nesta universidade, foi criado um departamento de sociologia, no qual se formaram pesquisadores interessados em estudar as comunidades imigrantes e a pobreza. A cidade de Chicago e suas mazelas sociais foram o foco de pesquisa desses sociólogos. Segundo Zaluar (1997), a teoria que a princípio fundamentou a chamada Escola de Chicago foi a da *desorganização social*, provocada pela migração ou imigração para regiões da cidade marcadas pela penúria e decadência, “onde os costumes e os valores tradicionais perderiam força ou deixariam de regular comportamentos, abrindo caminho para

a crise da moralidade, dos laços familiares e de vizinhança, o que favoreceria as atividades criminosas” (p. 17-18).

Neste contexto, o tema considerado mais importante era o da delinquência juvenil, que afetava especialmente os filhos dos imigrantes. Foram realizados estudos das gangues que já existiam em Chicago, dividindo-as, com a utilização de mapas, em territórios dominados por jovens de diferentes etnias. Essas gangues eram marcadas pelos conflitos violentos, pelo caráter étnico e pelos laços de vizinhança. Num primeiro momento, o que predominou nos estudos sobre grupos juvenis foi a negatividade, a anomia e a homogeneidade de condutas e valores.

No entanto, a pesquisa realizada por Foot Whyte, na primeira metade do século XX, sobre uma área pobre e degradada de Boston habitada por migrantes italianos, mostrou que no lugar da desordem social propagada por estudos anteriores, os moradores daquele bairro se organizavam segundo padrões de comportamento e hierarquia bem definidos. Whyte (2005) nomeou o bairro estudado de Corneville, onde morou por quatro anos convivendo com seus pesquisados, que eram rapazes de esquina e gângsteres. Em sua imersão, segundo Almeida (2009), Whyte atentou para as sociabilidades juvenis, os laços de lealdade, bem como as relações de poder que predominavam no interior de suas formações e que davam forma às interações com o mundo adulto.

Na década de 1960 ganharam visibilidade os estudos que tinham como foco a idade, tendo como referencia a fase da adolescência e a formação de uma cultura juvenil no âmbito da escola. Essas pesquisas buscavam explicar as práticas, organizações e valores dos jovens de diferentes origens e de diversas posições sociais. Talcott Parsons (1968) contribuiu para o entendimento dos grupos e cultura juvenil ao estudar a experiência que jovens da classe média vivenciavam no ensino secundário. Para este autor, a formação de grupos e de uma cultura juvenil pode ser um campo favorável para o exercício da independência e do controle adulto, além de ter uma importância para o processo de socialização e de transição do espaço da família para a vida pública.

Em 1964, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, nasce o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS). Os pesquisadores deste centro se dedicaram a estudar as práticas culturais dos jovens de seu país. Segundo Clarke, Hall e Jefferson (2006) o termo juventude tornou-se evidente na Grã Bretanha após a Segunda Guerra Mundial. Esse período foi marcado por grandes mudanças sociais, como a transição para a vida urbana, o que deterioraria os mecanismos de controle social que favoreciam a reprodução do grupo operário e a ampliação da escolarização nos meios da classe operária. Essas mudanças

afetaram as referências culturais e redefiniram o espaço no qual esses jovens poderiam inscrever seus projetos profissionais (Neveu, Mattelart; 2006, p.62).

Apoiados nessas mudanças, os pesquisadores do CCCS lançam seus olhares para a cultura de massa e às práticas culturais populares, principalmente aquelas empreendidas por filhos de operários. Para Neveu e Mattelart (2006):

A constatação inicial é a de uma crise da reprodução do mundo operário, no sentido de uma impossibilidade de reinvestimento sem alteração maior dos papéis paternos pelos filhos. O desenvolvimento do *habitat* coletivo e da escolarização, as mudanças do ambiente midiático introduzem uma ruptura na socialização das gerações do *baby-boom*. Ao mesmo tempo, as mudanças múltiplas (processos de produção, remunerações, desemprego em massa mais tarde) que o mundo operário vive remodelam e desestabilizam sua identidade (p. 63-64)

Desta forma, os estudiosos da escola de Birmingham buscaram vincular as subculturas que emergiam entre os jovens à sua cultura de origem, a operária. Para eles, a formação e o envolvimento dos jovens em grupos como os *mods*, *punks*, *rastas*, *rockers*, *ruddies*, *skinheads*, *teddy-boys*, entre outros, eram produtos de relações sociais que tinham o objetivo de expressar e resolver as incoerências que habitavam camufladas e não equacionadas no seio da cultura parental (Cohen, apud Feixa, 2006). Para Cohen, o aparecimento das subculturas poderia ser considerado como as diferentes variações em torno de um tema visto como central:

“a contradição ao nível ideológico entre o puritanismo tradicional da classe trabalhadora e a nova ideologia do consumo, em um nível econômico entre a elite ascendente e o novo *lumpen*. [As subculturas e os estilos juvenis] representam todos, de formas diferentes, um intento de reparar alguns dos elementos de coesão social destruídos no interior da cultura parental” (Cohen, apud Feixa, 2006, p. 87)

Os estudos culturais empreendidos pelos pesquisadores do CCCS trouxeram grande contribuição para o entendimento das formas associativas dos jovens, no entanto, não estão desprovidos de fragilidades. Para Clark (2008), mesmo que as subculturas pudessem ser lidas como resistência, os estudos não olharam para as instituições hegemônicas, como a família, a escola e o trabalho. Para o autor, nessas instituições a resistência estaria alocada, sendo imprescindível que tivessem sido consideradas na análise da relação entre juventude e cultura da classe trabalhadora. Além de inserir as instituições, o pesquisador também aponta para a necessidade de essa análise da juventude superar o interesse exclusivo no estilo, pois as subculturas deveriam ser observadas como um estilo de vida estruturado por relações sociais baseadas em classe, gênero, idade e raça. Para Gary Clark, o estudo das subculturas focado somente no estilo não explica se a existência dessas subculturas era um fenômeno duradouro ou efêmero (Clark, 2008; p. 127).

As críticas aos primeiros estudos realizados pelo CCCS também foram empreendidas pelos chamados estudos pós-subculturais, com o objetivo de rever os temas, os pressupostos e a metodologia adotada pelo Centre for Contemporary Cultural Studies. Os pós-subculturalistas tinham como anseio reavaliar “a relação entre jovens, música, estilo e identidade, no terreno social cambiante do novo milênio, em que fluxos globais e subcorrentes locais se rearticulam e reestruturam de maneira complexa, produzindo novas e híbridas constelações culturais” (Freire Filho, 2005; p. 142). Segundo Freire Filho (2005), os principais marcos teóricos foram:

a sociologia do gosto, de Bourdieu ([1979], 1997), a teoria da performatividade de Butler (1990, 1993, 1997), o conceito de tribalismo de Maffesoli (1988) e as noções cognatas de sociedade do espetáculo e do consumo de revisitadas por Baudrillard (1970, 1985, 2000) e Jameson ([1984], 1993, 1997). (p. 142)

Ainda segundo Freire Filho, a principal crítica dos pós-subculturalistas é que seus precursores “superestimaram os rituais de resistência juvenil, conferindo-lhes importância política não demonstrada teórica ou historicamente” (p. 143).

Para Pais (2003), é importante observar a diversidade dos modos de vida dos jovens, contrapondo os variados universos de análise para explicar e entender as diferentes culturas juvenis. Pais, ao estudar as culturas juvenis, recorre ao recurso metodológico do “curso de vida”, ou seja, busca apreender as culturas juvenis “à luz de uma sociologia da vida quotidiana”, que lhe permitiria:

mostrar e demonstrar que os usos que os jovens fazem dos seus tempos quotidianos, incluindo os de lazer – aqueles que provavelmente mais contribuem para a constituição, difusão, consolidação das culturas juvenis -, não podem ser separados do ordenamento social estruturante que lhes envolve (p. 16)

No Brasil, a juventude como campo de estudo da sociologia tem início nos anos 1960 com Marialice Foracchi, que elege como tema o jovem universitário. Os estudos sobre juventude permaneceram esquecidos e adormecidos nas décadas do autoritarismo. Em 1980, a pesquisadora retoma e amplia o seu olhar para outros atores juvenis, sobretudo os de origem popular e para as novas formas de sociabilidade juvenil (SPOSITO, 2005).

Pesquisas sobre as relações dos sujeitos com as esferas socializadoras, como a escola e o mundo do trabalho, também são realizadas. Há um menor interesse pelos temas da relação entre as gerações e as trajetórias e modos de vida dos jovens (SPOSITO, 2005). Em 1980, as culturas juvenis, as formas de sociabilidade dos jovens e a relação que estabelecem com os espaços públicos encontram um campo profícuo de estudo.

No que tange às pesquisas sobre juventude na área da educação, foi realizado, sob a coordenação de Sposito (1997; 2002), um levantamento da produção acadêmica discente, teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação entre os anos de 1980-1998. O exame dessas produções tinha como objetivo analisar de que modo o tema da juventude, enquanto objeto de investigação, estava sendo construído, tanto teórica como conceitualmente na área da educação (SPOSITO, 1997; 2002).

De acordo Sposito (1997; 2002), com os dados levantados foi possível verificar que em um primeiro momento, entre 1980-1984, os estudos sobre juventude receberam forte influência da vertente da psicologia da educação, sendo o termo *adolescente* o descritor mais utilizado. Nas produções dos anos seguintes, 1985-1998, houve uma diminuição no uso do termo *adolescente* e o aumento do uso do termo *jovem*.

As produções analisadas foram classificadas em dez grandes temas: Jovens, Mundo do Trabalho e Escola; Aspectos Psicossociais de Adolescentes e Jovens; Adolescentes em Processo de Exclusão Social; Jovens Universitários; Juventude e Escola; Jovens e Participação Política; Mídia e Juventude; Jovens e Violência; Grupos Juvenis e Jovens e Adolescentes Negros (SPOSITO, 2002; p. 16).

Este estado da arte identificou um conjunto de temas que foram considerados emergentes por Sposito (2002), por serem, na época, ainda pouco explorados na área da educação; são eles: Mídia e Juventude, Juventude e Violência, Grupos Juvenis e Jovens e Adolescentes Negros. O estudo localizou ainda oito trabalhos de investigação de grupos juvenis, cinco deles com foco na dimensão cultural dos grupos. Em três pesquisas, as práticas juvenis em torno da música estiveram presentes.

Cabe aqui apresentar um estudo que investigou as interações entre grupos juvenis e a Prefeitura de Diadema (SP). Segundo Sposito e Corti (2002, p. 214) essa pesquisa

[...] abre um leque de questões que merecem o desenvolvimento de novas pesquisas, pois se trata da incipiente constituição de alguns grupos juvenis como atores capazes de marcar sua presença na esfera pública, tendo em vista a conquista de direitos mediante o exercício de práticas democráticas.

Neste primeiro estado da arte, o tema dos grupos juvenis foi considerado emergente, porém, os estudos que foram realizados indicavam um novo campo de pesquisa que deveria ser explorado. De acordo com Sposito e Corti:

Esse esforço inicial pode indicar um novo campo de pesquisa, mas exige daqueles que pretendem se debruçar sobre o tema um longo percurso teórico que os habilite a dominar literatura tão vasta e diversificada. Os poucos estudos trouxeram contribuições importantes, mas alguns, preocupados em valorizar as manifestações juvenis de modo a sensibilizar educadores e demais profissionais da educação pública, podem ver fragilizadas as suas descobertas, ao simplificarem e padecerem

de certa ingenuidade na busca de novas alternativas pedagógicas para a instituição escolar. (2002, p. 214)

Um segundo estado da arte sobre juventude, realizado também sob a Coordenação da Profa. Dra. Marília Pontes Sposito, analisou-se a produção discente defendida entre os anos de 1999-2006. Este novo estudo incorporou trabalhos das áreas de ciências sociais (antropologia, ciência política e sociologia) e serviço social, além da produção da área de educação.

Os pesquisadores envolvidos neste levantamento tinham como hipótese inicial a ideia de que encontrariam “uma expansão significativa do campo de pesquisa tendo em vista os debates na esfera pública brasileira em torno da questão juvenil” (Sposito, 2009; p. 19). No entanto, concluiu-se que os trabalhos que tinham os jovens como objeto de estudo ainda não alcançaram um espaço relevante nas áreas do conhecimento cobertas no estado da arte.

Foram identificadas 1.427 produções com o tema juventude, sendo 1.189 dissertações e 238 teses. A área de educação concentrou maior parte das produções (971 trabalhos). Em segundo lugar está a área de ciências sociais, com 312 produções, sendo que a sub-área de Antropologia é a que mais possui produções com essa temática. Em terceiro, com 144 trabalhos, está a área de serviço social.

Segundo Almeida (2009), do total de estudos analisados, as produções sobre grupos juvenis ocupam a oitava posição dos temas pesquisados. Na área de ciências sociais, figuram na primeira posição; na área de educação, na 14ª posição; no serviço social, na 13ª posição. Neste novo levantamento, foram localizados 64 trabalhos discentes sobre grupos juvenis, sendo que 41 foram defendidos nos programas de ciências sociais; 21, na educação e 2 trabalhos na área de serviço social.

Mesmo havendo um acréscimo no número de produções sobre grupos juvenis na área da educação, Almeida (2009) considera baixa a quantidade de estudos, uma vez que a educação é “um campo poroso a diferentes temas não imediatamente relacionados ao universo institucional escolar” (p. 128). Para o autor, os dados do atual levantamento

levam a crer que os pesquisadores vinculados à área da Educação ainda apresentam resistências em considerar o jovem para além da figura do aluno/estudante, bem como têm dificuldades para reconhecer e legitimar outros espaços/tempos nos quais os atores juvenis agem – individualmente ou coletivamente –, exercitam autonomamente processos de criação cultural, de relações de poder, gestam representações a partir de seus próprios modos de socialização e sociabilidade [...] (p. 128).

Outro aspecto também apontado por Almeida (2009) em relação aos estudos que possuem como tema os grupos juvenis, reside no fato de que a maioria das produções é

realizada ainda enquanto os pós-graduandos estão na “soleira da formação”, pois dos 64 estudos analisados, 52 são dissertações e 12 teses. Tal fato, segundo o autor, indica que o tema estudado no mestrado não necessariamente irá se repetir no doutorado. Essa descontinuidade de problema de pesquisa pode ser apontada como um fator que dificulta a solidificação do tema como um eixo de investigação nos programas de pós-graduação.

Dos 64 trabalhos, 59 atentaram para o estudo “das formas associativas juvenis que articularam e orientam suas ações no campo da cultura ou lazer, abordando os grupos ou agregados a partir dos conceitos de ‘movimento social juvenil’, ‘culturas’, ‘contracultura’, ‘subcultura’ ou grupos de ‘estilo’” (Almeida 2009, p.131), sendo que a maioria dessas produções (49) debruçou-se a estudar o movimento *hip hop* em uma de suas quatro vertentes.

Alguns estudos dedicaram-se:

ao movimento *punk*, dos góticos, dos *straight edges*; outras produções dedicaram ao estudo dos jovens e suas vinculações com o *funk*, o *heavy metal*, a música eletrônica dançante, o forró universitário, o maracatu, as bandas estudantis, o grafite, a pichação, a dança de rua, a capoeira, a confecção de fanzines. No interior deste subconjunto de trabalho, 5 se distinguem por não se voltarem ao estudo de experiências coletivas juvenis vinculadas a expressões artístico-culturais, mas a agregados ou movimentos que agem em torno da *culture jamming*, do *roleplayng* – RPG, do *surf*, do movimento antiglobalização e do movimento passe livre e poucos no espaço virtual da *Web* (Almeida, 2009; p.131).

O autor apresenta algumas observações quanto às escolhas e recortes feitos pelos discentes das três áreas selecionadas. A primeira diz respeito ao parco interesse no estudo da relação dos grupos juvenis com a questão da violência, principalmente nas áreas da educação e do serviço social. Essa temática esteve presente em apenas 5 trabalhos da área da ciências sociais. O segundo apontamento é que um número pequeno da produção não faz uso da categoria juventude como referência analítica para o desenvolvimento da investigação, em seus diferentes tempos: concepção, trabalho de campo, sistematização e interpretação dos resultados obtidos na empiria” (p. 132).

Nos estudos analisados foi possível observar que muitos trabalhos não possuíam um problema de pesquisa delimitado, sendo que os pesquisadores apoiaram-se em temas mais abrangentes. Segundo Almeida, os temas mais recorrentes foram:

1) As formas de socialização, sociabilidades e processos identitários de jovens vinculados a grupos de estilos musicais, de dança ou coletivos de outra natureza; 2) as representações, percepções, sentidos ou significados que jovens produtores de culturas, ou envolvidos com um estilo específico, formulam sobre a realidade social em que estão inseridos: a escola, a periferia, o bairro, a favela, o local, a cidade, a metrópole, a sociedade; 3) dinâmicas e impasses nos processos de produção e reprodução do estilo, das culturas ou dos movimentos. Somente no conjunto de estudos da área de Educação e em uma tese oriunda de um programa de pós-graduação em Antropologia encontram-se análises sobre as relações entre grupos juvenis e a educação escolar (p.133).

Por fim, o autor apresenta semelhanças entre os trabalhos no que diz respeito à metodologia adotada. Em 61 das 64 produções, os autores lançaram mão do método qualitativo de pesquisa e de suas formas de coleta de dados, como a observação participante, estudo de caso, pesquisa participativa, registro, diário de campo, entrevistas, conversas, entre outras. Dois trabalhos deram preferência à análise de letras de música e apenas um estudo fez uso do método quantitativo.

Por mais que tenha sido constatado certo equilíbrio entre os trabalhos que estudaram grupos juvenis nas áreas da educação e ciências sociais, o autor observou que neste levantamento essa temática esteve presente em produções defendidas por antropólogos. Assim como quase a totalidade das produções levantadas pelo estado da arte mais recente, os trabalhos sobre os grupos juvenis são marcados pela questão urbana, “apreendidos em espaços e escalas distintos – a “cidade”, a “metrópole”, a “região central”, as “periferias”, os “bairros periféricos”, “núcleos de favelas” ou ainda o “subúrbio” (p. 160).

Foram poucos os trabalhos (10) que se dedicaram a estudar as práticas culturais desempenhadas por jovens oriundos das classes médias e altas. Para Almeida, tal escolha pôde ser realizada

quer seja em virtude de uma deliberada escolha teórico-metodológica, quer seja em função de que determinadas culturas ou estilos juvenis que se expandem através do processo de globalização cultural são apropriadas e recriadas no espaço/tempo local predominantemente por jovens pertencentes às camadas sociais mais abastadas da sociedade brasileira, pois implicam, em termos bourdesianos, a posse combinada de capital econômico e capital cultural, caso típico de estilos ou culturas como o gótico, a música eletrônica dançante (ou de pista), o *heavy metal* ou a *culture jamming* (p. 160-161).

Esteve ausente nas produções levantadas análises que considerassem as diferenças existentes entre os sexos, no que diz respeito tanto as diferenças na vivência da condição juvenil, como na vivência no grupo juvenil. Das 64 produções, somente 5 estudos “exploraram as pertenças sexuais dos integrantes dos grupos juvenis e, no seu interior, trataram as relações de gênero”. Segundo o autor:

Na maioria dos estudos, predominantemente de natureza qualitativa, imperou os pressupostos de que as jovens mulheres se envolvem, participam, produzem e reproduzem os coletivos juvenis ou o estilo em condições símile aos pares masculinos. Nos estudos em que os temas do feminismo e das relações de gênero foram abordados, as análises foram tímidas ou frágeis, as referências teóricas que as fundamentaram foram escassas, pouco analisadas ou não figuraram na bibliografia final dos trabalhos (p. 161).

Também se notou a ausência de análises sobre o pertencimento étnico-racial dos integrantes dos grupos estudados. A centralidade do pertencimento étnico-racial é observada apenas nos trabalhos que abordam alguma vertente do *hip hop*. Nas demais produções em que

esta questão se fez presente, “ela foi articulada às temáticas do racismo, do preconceito, da discriminação, do estigma que envolve os jovens negros na sociedade brasileira, inscritos na dinâmica socioeconômica da sociedade das periferias urbanas” (p.163).

Ainda no conjunto das ausências, faltam estudos sobre os “coletivos juvenis LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), de segmentos do feminismo, setores religiosos – de diferentes confissões, socioambientais, rurais ou do campo, indígenas, das múltiplas comunidades virtuais, entre outros” (p. 163). Segundo Almeida (2009):

A despeito destas lacunas, os estudos reafirmam a tese de que é ainda pela dimensão da cultura que os jovens se mobilizam, se organizam e disputam, com outras formas associativas, as possibilidades de inserção e integração na dinâmica societária e de construção de processos de identificação” (p.162).

Não foram identificadas produções que se propusessem a estudar a interação entre os grupos juvenis, independentemente do estilo, com organismos públicos. Esta pesquisa de mestrado interessou-se pela variedade de estilos e a relação dos grupos com a área governamental.

1.3 As ações governamentais voltadas para a população jovem no Brasil

No Brasil, observa-se que em meados de 1990 tem início a implementação mais intensa de ações voltadas para a população jovem, tanto por parte do governo federal como dos governos municipais, (SPOSITO, 2007). A década de 1990 pode ser considerada um marco no desenvolvimento dessas ações específicas com pretensões de contemplar um universo maior de jovens.

As iniciativas até então realizadas tinham como foco, sobretudo, o acesso à educação³. No Brasil, as políticas implementadas com o intuito de possibilitar o acesso ao sistema educacional remetem aos moldes de modernização observada nos anos 1950, onde a escolarização aparece como um fator de mobilidade social (SPOSITO, 2003). Porém, a possibilidade de prosseguir os estudos não era uma realidade que abarcava todos os jovens. Aqueles que eram de estratos sociais populares e muito cedo tinham que entrar no mercado de trabalho, não eram reconhecidos como jovens.

Somente os jovens que não conseguiam inserção social, ou seja, aqueles que estavam sujeitos a entrar para o mundo da criminalidade ou outras situações de desvio, é que se

³ De acordo com Acevedo e Dávila (1999) nos países da América Latina esse direcionamento se deu, pois, entre os anos 1930 e 1970, o segmento dos jovens universitários ganhou visibilidade política perante o Estado, que direcionou suas ações para a área da educação. Investe-se na ampliação da educação e no uso do tempo livre.

tornavam alvos da preocupação dos órgãos públicos. Diante disso, duas vias de ação foram executadas: uma destinada aos jovens da classe média, que oferecia atividades de lazer, cultura e esporte; a outra era para aqueles vistos como desviantes da conduta normal, que se caracterizavam como medidas preventivas, punitivas e algumas de apoio à inserção no mundo do trabalho (ABRAMO, 1997).

Nos anos 1980, vem à tona a questão dos “meninos de rua” no Brasil. Deu-se, então, a luta que pautou a questão da infância e da adolescência, que obteve como fruto a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente. Isso polarizou o debate no que diz respeito à juventude, favorecendo o uso como sinônimos dos termos adolescência e juventude. Mas de fato as preocupações maiores incidiram sobre a faixa etária coberta pelo Estatuto. Dessa forma, a maioria dos programas executados, tanto pelo Estado como por entidades da sociedade civil, estipularam como limite máximo de idade para os beneficiários os 18 anos (ABRAMO, 2005). Portanto, os jovens com idade superior foram excluídos das ações por um longo período.

Como já foi dito anteriormente, é em meados 1990 que os jovens retornam para a cena pública. Porém, num primeiro momento, eles foram definidos pela ideia de que, por seu alto nível de exclusão social, constituíam um problema e poderiam, eventualmente, transformar-se em uma ameaça social (VÁSQUEZ, 2000). Diante disso, as ações governamentais são voltadas para incluir o jovem na sociedade. Essas ações mantinham características das normas estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Os princípios de tutela e proteção fundamentavam as ações, não tendo um peso importante as demandas de autonomia e de participação.

Sposito (2005) considera como um marco das ações voltadas para a juventude no Brasil o ano de 1997. Neste ano, um índio foi assassinado por jovens da classe média da cidade de Brasília e o índice de mortes por homicídios entre jovens cresceu. Programas para redução e prevenção da violência mediante ações nas escolas ou nos bairros passaram a ser implementados pelo Ministério da Justiça.

O tema da violência juvenil passa a ser o carro-chefe das ações voltadas para o público jovem, ganhando visibilidade, ocupando a mídia e o debate público. Seja apresentando os jovens como vítimas da violência ou como protagonistas. Segundo Sposito (2007), parte dessa visibilidade foi originada pela atuação da Unesco que realizou convênios com organismos públicos federais para a realização de uma série de pesquisas sobre os jovens no Brasil, principalmente sobre o tema da violência. Os resultados dessas pesquisas foram amplamente divulgados nos meios de comunicação e “legitimaram a importância da ação pública voltada a

esses segmentos”⁴ (2007, p. 8).

Para pôr fim ao problema da violência, foi colocada em prática uma série de programas que pretendiam dar um novo lugar aos jovens. Estes passaram a ser considerados atores sociais, responsáveis pelo desenvolvimento de suas comunidades. Nessa direção, há também um forte investimento na realização de parcerias do Estado com empresas privadas e organizações não governamentais, as quais investiram em ações que disseminavam a ideia do voluntariado jovem. À população jovem caberia o papel de auxiliar na melhoria do local onde vive (ABRAMO, 2005).

Sposito e Corrochano (2005), ao analisarem programas desenvolvidos pelos governos federal e municipal que envolvem transferência de renda e exigem que os jovens participantes realizem projetos de desenvolvimento de suas comunidades, alertam para os limites dessas ações:

Embora nesses fragmentos se reconheça certo potencial juvenil, são visíveis seus limites: primeiramente, a ênfase em certos aspectos comportamentais – como se todo e qualquer jovem em qualquer momento histórico e social fosse naturalmente predisposto a provocar mudanças –; em segundo lugar, essa mudança será realizada apenas se o mundo adulto reconhecer e criar condições para isso, de onde se pode subentender a dificuldade do jovem em fazer-se ouvir e em agir por si só. Por fim, atribui ao jovem uma tarefa difícil – a de transformar a sua “comunidade”, em geral desprovida de equipamentos públicos e serviços que assegurem um mínimo de qualidade de vida (SPOSITO e CORROCHANO, 2005, p. 150).

É nesse ambiente que se dissemina o termo do *protagonismo juvenil*. A partir dessa proposta, os jovens são estimulados pelo mundo adulto a realizar ações que possuam o duplo sentido de favorecer o seu desenvolvimento individual, por meio do aumento progressivo de sua autonomia e iniciativa, e de contribuir com serviços e ações em prol da coletividade (CORTI e SOUZA, 2005). A ação voluntária, ou o protagonismo juvenil, está presente como contrapartida nos programas de transferência de renda destinados aos jovens pobres. Sposito (2008) sinaliza que essa ação voluntária “obrigatória” é um paradoxo, uma vez que se torna um dever para os jovens.

O trabalho voluntário tem sido entendido sob a dimensão educativa que fomentaria a solidariedade social. De acordo com Sposito a

obrigatoriedade do trabalho voluntário poderia ser entendida como mais uma forma de penalizar os jovens pobres, uma vez que a ideia do protagonismo juvenil não contempla os jovens que estão inseridos em outras classes sociais e que usufruem do sistema público de ensino profissionalizante e superior, muito mais dispendiosos do que uma pequena bolsa mensal que remunera os usuários desses programas (2008, p. 92).

⁴ A tese “Unesco – Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesse: uma pedagogia da democracia no Brasil” defendida por João Paulo Macedo e Castro no programa de antropologia do Museu Nacional da UFRJ foi fundamental para essas formulações.

Outro fator importante para se pensar em ações voltadas para o público jovem, reside no tema do desemprego juvenil, que ganhará espaço nas agendas públicas a partir do ano 2000. Porém, como aponta Sposito

a questão do trabalho permanece em quase todas as imagens socialmente construídas como a ante-sala da violência que seria praticada por um tipo privilegiado de indivíduo em sua ociosidade forçada: homens negros jovens e moradores das periferias dos centros urbanos (2007, p. 8).

Sem dissociar a imagem do jovem com a questão da violência e da vulnerabilidade social, são elaborados e executados programas, tanto na esfera federal como na municipal, que visam capacitar os jovens pobres para a sua inserção no mercado de trabalho. Geralmente essas ações estão apoiadas em um tripé: transferência de renda sob a forma de bolsa, exigência de uma contrapartida, que muitas vezes se resume à matrícula na escola regular e, como condição de acesso à renda, presença obrigatória em atividades socioeducativas⁵ e participação em ações de engajamento comunitário (SPOSITO, 2007).

Embora as ações governamentais ainda estejam fundamentadas no binômio violência-juventude, diversos atores da sociedade civil reivindicam a dissolução desse binômio e propõem que as políticas públicas específicas para os jovens sejam respostas apropriadas a um conjunto de demandas diversificadas e de direitos não atendidos.

Desta forma, os jovens sairiam da chave de problema e risco social para ocuparem no âmbito do debate da esfera pública o lugar de sujeito de direitos. Para esse novo conjunto de ideias, seria fundamental a formulação de políticas públicas de juventude por meio de um diálogo constante com as políticas setoriais – educação, saúde, emprego, etc. De acordo com os atores protagonistas desse novo discurso, só assim os direitos universais serão plenamente contemplados nas ações específicas.

⁵ Sposito e Corrochano (2005) realizaram uma análise mais minuciosa em torno da transferência de renda e da ideia de contrapartida.

1.4 Novas Institucionalidades e a fragilidade de suas ações

Em meados dos anos 1990 observa-se a criação de organismos específicos para tratar dos assuntos da juventude no organograma do Poder Executivo, tanto no âmbito estadual como no municipal. Esses novos organismos, em sua grande maioria, assumem o caráter de assessorias. Em algumas situações, foram criadas secretarias de Estado ou coordenadorias (CARRANO e SPOSITO, 2003).

Esses novos organismos são alocados de formas variadas na estrutura administrativa do Estado. Alguns estão ligados diretamente ao chefe do executivo, mas é comum que estejam alocados em algumas Secretarias, como na Assistência Social, Educação, Esporte e Lazer.

Observa-se que muitas das coordenadorias/assessorias, como assinalou Sposito (2007), são produtos, por um lado, de resposta às juventudes partidárias que pressionavam as campanhas eleitorais para a criação de espaços no Poder Executivo voltados para a juventude. Por outro lado, a criação desses organismos vem ao encontro da abertura da ação do Poder Executivo Municipal, mediante a pressão de grupos que possuem como bandeira o tema da diversidade, para tratar de temáticas, como das mulheres, dos negros, das pessoas com deficiência, dos idosos e da população LGBT.

O papel principal a ser desempenhado por essa nova institucionalidade seria articular e assegurar certa “transversalidade nas suas ações sob o ponto de vista do aparato público e, ao mesmo tempo, assegurar uma interlocução com os segmentos juvenis” (SPOSITO, 2003, p. 69).

Esses novos organismos têm tido como característica a presença de jovens na função de gestores. Porém, nem sempre as suas opiniões e propostas são aceitas porque trata-se de jovens propondo ações para jovens (LARROQUETTE, 2000).

Nesse sentido, um aspecto precisa ser levado em consideração: não é a presença de um gestor jovem que garantirá a formulação de políticas mais adequadas, sob pena de uma “naturalização e homogeneização da condição juvenil”. As pessoas que ocupam esse cargo, assim como nas demais pastas, devem ter um perfil qualificado para trabalhar com o caráter inovador das políticas (SPOSITO, 2003, p. 72).

A criação desses organismos no Brasil ocorre a princípio no âmbito do Poder Municipal. Diferente do que ocorreu em alguns países da América Latina, que primeiro

definiram na esfera federal o desenho institucional das ações voltadas para o público jovem (SILVA, 2006).

No Brasil o Governo Federal em 2004 criou o Grupo de Trabalho Interministerial que reuniu 19 ministérios. A esse grupo incumbiu-se a tarefa de realizar um diagnóstico da população jovem e levantar os programas federais voltados para o público juvenil. A recomendação do grupo foi a criação de uma secretaria que tivesse a missão de articular as políticas e ações existentes, implantar o Conselho Nacional de Juventude e desenvolver o ProJovem⁶. Em um primeiro momento, a Secretaria Nacional da Juventude foi criada por meio de medida provisória em fevereiro de 2005. Em 30 de junho de 2005, foi transformada na Lei 11.129.

Também em 2005 foi implantado o Conselho Nacional de Juventude. O conselho tem um caráter consultivo e possui como atribuição formular e propor diretrizes para a ação governamental. É formado por 20 membros do governo federal e 40 da sociedade civil.

No que tange à criação de organismos específicos para tratar dos assuntos da juventude na esfera local, são pioneiros os municípios de Goiânia, com a criação, em 1997, da Assessoria Especial para Assuntos da Juventude, e Santo André, com a Assessoria de Juventude e a implementação do Centro de Referência da Juventude, ambas em 1997. Ainda no mesmo ano, na cidade de Porto Alegre é criada a Assessoria de Juventude no interior da Coordenação dos Direitos Humanos, ligada ao Gabinete do Prefeito. Cabo de Santo Agostinho, na região metropolitana de Recife, criou em 1998 um organismo específico denominado Assessoria de Juventude.

No ano de 1999, é criada em Niterói a Coordenadoria da Juventude, mas não de forma oficial,. Também se observa a implantação de Centros da Juventude⁷, uma parceria entre o município e o governo federal, que propunha a criação de centros que pudessem servir como

⁶ O ProJovem é um programa do governo federal que cria oportunidades para a juventude brasileira, entre 15 e 29 anos, que vive em situação de vulnerabilidade social: fora da escola, sem qualificação profissional, sem horizontes. É missão do ProJovem justamente reintegrar esses brasileiros ao processo educacional, promover sua qualificação profissional, garantir auxílio financeiro durante a realização do Programa e assegurar o acesso a cursos de informática e ações de cidadania, esporte, cultura e lazer. Fonte: www.presidencia.gov.br Acessado em: 23 de julho de 2009.

⁷ No segundo mandato do governo FHC foi lançado o Programa Brasil Jovem do Ministério da Assistência e Previdência Social, que compreendia em ações de implantação dos Centros da Juventude e a capacitação de jovens de 15 a 17 anos como Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, mediante a concessão de bolsas. Os centros da juventude deveriam funcionar como polos de distribuição de informações sobre programas, projetos e serviços nas áreas da saúde, educação, trabalho, cultura, esporte, proteção, justiça e assistência social. Esses centros foram concebidos para serem de responsabilidade do governo local, dos jovens e da comunidade. O projeto previa repasses financeiros decrescentes, ao longo de quatro anos, por parte da Secretaria de Estado de Assistência Social, para determinado município ou estado.

polos de distribuição de informações de interesse dos jovens na área de educação, saúde, trabalho, cultura, etc. (CARRANO, 2007).

Em 2001, a Estância Turística de Embu das Artes, localizada na região metropolitana de São Paulo, cria a Assessoria de Juventude. Em 2003, atendendo às demandas da população jovem, a prefeitura inaugura o Centro de Referência da Juventude.

O município de São Paulo, em julho de 2001, cria a Coordenadoria Especial da Juventude –CEJ⁸, que a estabelece, no Artigo 79 da Lei 3.169/2001. Cabe a este órgão “coordenar e promover o desenvolvimento e a implementação de políticas e programas para juventude na cidade de São Paulo”. A Coordenadoria Especial da Juventude tem como objetivo, dentre suas atribuições, a articulação das demais secretarias do governo no tocante às iniciativas voltadas para os jovens. Para cumprir essa atribuição é essencial à Coordenadoria Especial da Juventude atuar junto com as demais pastas para que possa diagnosticar os projetos desenvolvidos por elas, no sentido de dar-lhes uma mesma linha política e evitar sobreposições de projetos, repetições de ações. Pode até mesmo sugerir programas aos órgãos do governo.

Durante a gestão de Marta Suplicy (2001-2004), a Coordenadoria da Juventude ficou subordinada ao gabinete da prefeita. Em 2005, com a criação da Secretaria Especial de Participação e Parceria no governo do Prefeito José Serra (jan/05-março/06), a Coordenadoria da Juventude e as demais coordenadorias⁹ ficaram a ela subordinadas. Logo no início da gestão, o Prefeito José Serra solicitou à Coordenadoria de Juventude a elaboração de um projeto de implantação de um equipamento voltado para a população jovem. Em março de 2006 foi inaugurado o Centro Cultural da Juventude¹⁰.

Além da Coordenadoria da Juventude o município de São Paulo conta com Auxiliares de Juventude¹¹ que estão alocados nas 31 subprefeituras. Os Auxiliares de Juventude deveriam ser o elo de comunicação entre a Coordenadoria Especial da Juventude e as regiões da cidade e, ao mesmo tempo, representar a descentralização do poder na realização de ações locais que respeitassem as especificidades dos jovens. Por meio dos Centros de Coordenação

⁸ Para um estudo mais aprofundado das ações da CEJ na gestão 2001-2004, referir-se a Sposito e Arantes e Silva (2007).

⁹ Coordenadoria da Mulher, Coordenadoria do Negro, Coordenadoria dos Assuntos da Diversidade Sexual e Coordenadoria do Idoso.

¹⁰ Um capítulo dessa dissertação foi dedicado à apresentação deste equipamento e de como nasceu a ideia de construção do mesmo.

¹¹ A Lei 13.682, de 15 de dezembro de 2003, instituiu os centros de coordenação de assuntos de juventude nas 31 subprefeituras, que deveriam ser ocupados por gestores nomeados pelo subprefeito e que são denominados Auxiliares de Juventude.

dos Assuntos da Juventude¹² seria possível executar ações pontuais e de longo prazo de acordo com as necessidades dos bairros atendidos por cada subprefeitura.

Em pesquisa¹³ realizada entre agosto de 2005 e março de 2006 foi possível verificar que das 31 Subprefeituras existentes na cidade de São Paulo, quatro ainda não possuíam Auxiliar de Juventude nomeado e nem em processo de nomeação; 13, designaram representantes, isto é, deslocaram funcionários de suas funções de origem ou, o que é mais provável, esses funcionários acumularam funções. Apenas 14 subprefeituras contavam com Auxiliar nomeado.

Em sua pesquisa “Gestão municipal de políticas públicas dirigidas à juventude e possíveis aproximações com a promoção da saúde” Andrade (2009) tentou estabelecer contato com os auxiliares de juventude para verificar se os mesmos em suas ações “poderiam possibilitar a aproximação da saúde pública e a reflexão a respeito dos princípios e estratégias da promoção da saúde” (p. 7). A autora afirma que teve dificuldades para contatar os auxiliares: “...chamou a atenção a dificuldade para estabelecer contato com os Auxiliares da Juventude. Houve situações em que o cargo era desconhecido dentro da própria subprefeitura” (p. 62).

Outro dado apresentado por Andrade (2009), que se aproxima da pesquisa realizada entre agosto de 2005 e março de 2006, é que a maioria dos auxiliares não exerce somente a função de Auxiliar de Juventude. Muitos deles ocupavam outros cargos, conforme relata a pesquisadora: “Nas entrevistas, um motivo apontado para essa dificuldade de contatá-los foi o fato de não ocuparem exclusivamente a função, acontecendo isso em somente uma subprefeitura” (p. 62).

Na cidade de São Paulo, também em 2001, foi criada pela Câmara Municipal de São Paulo a Comissão Extraordinária Permanente de Juventude. A criação dessa comissão acenou para o ganho de visibilidade por parte do Poder Legislativo dos temas relativos à juventude. Durante a gestão municipal 2001-2004, a Comissão tinha por objetivos sistematizar propostas, apoiar projetos de interesse da juventude e acompanhar programas em execução na cidade que tivessem impacto na vida da população juvenil.

Na gestão 2005-2008, a Comissão de Juventude foi preservada; porém, em meados de 2008 passou a chamar-se Comissão Extraordinária de Defesa dos Direitos da Criança, do

¹² Local em que o Auxiliar de Juventude deveria ficar alocado dentro da subprefeitura. Esses Centros de Coordenação não foram criados e os Auxiliares da Juventude ficam em diferentes espaços, como Coordenadoria de Assistência Social, Coordenadoria de Esportes, etc.

¹³ Pesquisa de Iniciação Científica “Juventude, Escolarização e Poder Local: um estudo da nova institucionalidade do poder público municipal”, realizada sob a orientação da Profa. Dra. Marília Sposito.

Adolescente e da Juventude. Perde a sua especificidade de atuação na área da juventude e, principalmente, perde espaço para pautar as questões da juventude, uma vez que os movimentos ligados à defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes são historicamente mais organizados e ocupam com suas pautas a agenda da Comissão.

Além de contar com a CEJ e com os Auxiliares de Juventude alocados nas 31 subprefeituras, em fevereiro de 2008 o município de São Paulo foi contemplado com a criação do Conselho Municipal da Juventude, pela Lei 14.687, vinculado à Coordenadoria Especial da Juventude. Em setembro do mesmo ano, o Decreto 49.983 regulamentou a Lei.

O Conselho é um órgão de decisão autônoma e de representação paritária entre o governo municipal e a sociedade civil, composto por 34 membros. Os membros do poder público foram indicados pelas Secretarias de Cultura, Educação, Participação e Parceria, Esporte, Verde e Meio Ambiente, Saúde, Trabalho, Assistência e Desenvolvimento Social, Governo Municipal, Comissão de Juventude da Câmara Municipal, Coordenação das Subprefeituras. Também compuseram o conselho 5 auxiliares de juventude e um representante da CEJ que presidiu o Conselho. Os representantes da Sociedade Civil foram eleitos em Assembleia.

Para concorrer às eleições para o Conselho, podem se candidatar jovens com até 29 anos e representantes de organizações juvenis. Há duas vagas para organizações de apoio, cujos candidatos não precisam ser jovens. No que diz respeito aos eleitores, qualquer munícipe com mais de 15 anos pode votar. Porém, é preciso realizar cadastro prévio no sítio da Coordenadoria da Juventude.

Em junho de 2009 foi realizada a primeira assembleia eleitoral do Conselho. O mandato dos indicados pelo poder público e dos conselheiros eleitos vai até maio de 2011. Essa primeira eleição contou com 973 eleitores, número baixo se for levado em consideração que residem na cidade de São Paulo aproximadamente três milhões de jovens com idade entre 15 e 24 anos. A baixa presença de eleitores traz indícios de que a divulgação da eleição não foi ampla e que, provavelmente, muitos moradores da cidade sequer saibam da existência desse Conselho.

Embora a cidade de São Paulo tenha esse aparato institucional para a realização de ações voltadas para juventude, observa-se que há uma grande instabilidade e desencontro de iniciativas por parte do Executivo e demais instâncias, como o Legislativo. A Coordenadoria da Juventude continua sem uma dotação orçamentária própria e com um quadro de funcionários escasso. O Centro Cultural da Juventude, maior projeto da prefeitura voltado para a população jovem, está subordinado à Secretaria Municipal de Cultura, pois entendeu-se

que para assegurar a continuidade da iniciativa, o equipamento deveria estar associado a uma secretaria-âncora, desvinculado da evidente instabilidade da Coordenadoria da Juventude.

Fragilidades dos novos organismos

Embora a criação desses organismos sejam práticas inovadoras por parte dos governos municipais no que diz respeito à tentativa de direcionar e qualificar as ações empreendidas para o público jovem, e também no intuito de ampliar a participação dos segmentos juvenis nas tomadas de decisão, o que se observa é a fragilidade dessas novas institucionalidades no desenvolvimento de suas atribuições.

São inúmeras as dificuldades encontradas por esses organismos. A maior fragilidade reside na ausência de dotação orçamentária e de uma equipe técnica que pudesse auxiliar as ações dos gestores. A não existência de orçamento para o desenvolvimento das ações faz com que essas assessorias/ coordenadorias tornem-se reféns e dependentes da vontade política das demais pastas. Desta forma, é constante a busca por parcerias dentro e fora do poder público. Também é comum que esses organismos contem com o trabalho voluntário de jovens para a execução de projetos e atividades (CARRANO, 2007; FISHER, 2007; ALMEIDA, NAKANO E ANCASSUERD, 2007).

Outro empecilho é o não lugar desses organismos na estrutura administrativa, o que gera a constante mudança de subordinação em diferentes secretarias. Isso dificulta a construção de ações e discursos consistentes sobre a população jovem. Um bom exemplo é o município de Santo André, pioneiro na criação de uma Assessoria de Juventude, que ao longo de sua existência sofreu com essa instabilidade. De acordo com Almeida, Ancassuerd e Nakano (2007), entre 1997 e 2000 a Assessoria ficou subordinada à Secretaria de Cidadania e Ação Social. Nos anos de 2001 e 2002, esteve na Secretaria de Participação Social. Em 2003, foi para a Secretaria de Habitação e Inclusão Social, onde ficou até fins de 2004, quando a Assessoria e a função pública de Assessor da Juventude foram extintas.

Tal decisão por parte do Executivo andreense derivou da necessidade de realizar uma nova reestruturação da máquina administrativa. Um novo organismo foi criado para conceber, assessorar e coordenar as ações públicas direcionadas aos segmentos juvenis. Esse novo organismo, denominado Núcleo de Políticas Públicas de Gênero, Raça/Etnia, Geração e da Pessoa com Deficiência, está alocado na Secretaria de Governo, que é responsável por

articular as ações dos diversos órgãos da administração pública (ALMEIDA, ANCASSUERD e NAKANO, 2007). Com a extinção da Assessoria da Juventude, os interesses da população jovem de Santo André precisam encontrar espaço na agenda do Núcleo de Políticas Públicas, tanto no que diz respeito a pautar as questões dos jovens, como no interior do organismo e nas demais secretárias.

No que diz respeito às atribuições desses organismos, muitas vezes acabam assumindo uma posição insular no interior da gestão municipal. Não lhes cabe nem o papel de mando e tampouco a coordenação (BANGO, 2003). O que lhes cabe é a função de assessorar e de executar. No entanto, tal função se vê prejudicada pela falta de orçamento e, principalmente, pela falta de legitimidade no interior da burocracia municipal para se articular com as demais secretarias a fim de criar transversalidade nas ações. Tal dificuldade, muitas vezes, advém da não unanimidade em torno da prioridade de ações para a juventude (SPOSITO e ARANTES E SILVA, 2007).

Por fim, é preciso destacar que uma das fragilidades dessas novas institucionalidades reside na dificuldade em ganhar visibilidade, tanto no interior da estrutura administrativa como diante dos segmentos e organizações juvenis. A gestão da Coordenadoria Especial da Juventude de São Paulo, na gestão 2001-2004, apostou na realização de grandes eventos e no estabelecimento de parcerias com empresas que tivessem como alvo o público jovem, para ganhar visibilidade (SPOSITO e ARANTES E SILVA, 2007).

Para que esses novos organismos possam de fato elaborar e executar ações específicas para a população jovem, é preciso que essas fragilidades sejam superadas, principalmente aquelas que dizem respeito aos recursos financeiros e humanos.

1.5 Grupos Juvenis e Equipamentos¹⁴ públicos: balanço do que já foi realizado

Além de compreender a diversidade da juventude e de suas trajetórias, é também necessário analisar os espaços e os tempos em que circulam os jovens. A escola foi considerada local privilegiado para a constituição da juventude, pois acredita-se que é na instituição escolar que os jovens irão expandir a sua interação com o outro, ultrapassando a fronteira entre o público e o privado.

O ingresso no sistema oficial de educação é o primeiro passo decisivo fora do ambiente familiar. A criança quando ingressa na escola, segundo Parsons (1968), possui a

¹⁴ Equipamento aqui é entendido como um espaço onde são reunidos e oferecidos ao público diferentes serviços e acesso a bens materiais e simbólicos, além de promover a sociabilidade entre aqueles que o frequentam.

autossuficiência como um fator de predisposição ao seu nível de independência. A escola seria um agente de socialização cuja função é treinar as personalidades individuais para assumir os papéis adultos.

Parsons (1968) pondera que é no ambiente socializador da escola que os grupos juvenis se formam. Também é nesse espaço que as experiências com os pares de sexo diferente também ocorrem.

No entanto, nos dias de hoje não é possível dizer que o espaço escolar é o único local para a convivência entre os jovens, pois a condição juvenil não se resume à preparação para a vida adulta. A juventude deve ser entendida hoje como um momento de intensas experimentações e de caminhos de construção de oportunidades de inserção na sociedade. Ainda é um período de formação, mas que ocorre em múltiplos espaços e agenciamentos. É, então, imprescindível que sejam disponibilizados mecanismos para que os jovens possam ampliar as referências para suas buscas, para que possam viver suas trajetórias com qualidade de vida e, com isso, ampliem suas possibilidades de inserção. Esses mecanismos de apoio devem estar além do espaço educativo escolar.

É possível dizer que as diferentes situações e trajetórias vividas pelos jovens ampliam também a demanda por equipamentos públicos. São diversos grupos dos mais variados estilos (culturais, religiosos, políticos, etc.) que buscam locais onde possam se expressar, desenvolver suas atividades e intervir em suas realidades.

Segundo Sposito (1994), as reivindicações por equipamentos de consumo coletivo datam dos anos 1970, com os movimentos populares de base urbana. Nos anos 1980 e início dos anos 90, “os cenários diversos de conflitos sociais trazem outros atores, formas de apropriação e uso do espaço urbano, redes de sociabilidade e novas imagens da conflitividade social na cidade” (1994, p.162).

Diante disso, os espaços públicos e de consumo, como ruas, praças e equipamentos, são ocupados pela presença de inúmeros agrupamentos coletivos juvenis. Foi possível constatar em estudo anterior¹⁵ que além da criação de organismos específicos na estrutura administrativa dos municípios, em algumas localidades houve também a demanda pela criação de Centros de Referência da Juventude.

Nos municípios de Santo André e em Embu das Artes a criação desses Centros foi reivindicada por coletivos formados por jovens, fossem eles de juventudes partidárias, envolvidos na Pastoral da Juventude, no movimento estudantil, ou jovens do movimento *hip*

¹⁵ Projeto Juventude Escolarização e Poder Local

hop, entre outros. Já no município de São Paulo, o que se observou é que a demanda por equipamentos por parte dos agrupamentos juvenis é difusa, uma vez que não houve movimento por parte dos jovens no sentido de pressionar os organismos existentes responsáveis pela articulação de ações de interesse dos jovens e nem na Comissão Extraordinária de Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude.

Ao realizar um breve levantamento¹⁶ sobre a existência de equipamentos como centros de referência, casas da juventude ou espaços jovens nos municípios das regiões administrativas do Estado de São Paulo foi possível constatar que 14 municípios possuem esses equipamentos¹⁷.

Do mesmo modo que ocorreu com as Assessorias/Coordenadoria/Secretarias de juventude, a maioria desses espaços receberam como gestores pessoas jovens, muitos oriundas de juventudes partidárias.

O município de Santo André, em 1997, foi um dos primeiros a criar um Centro de Referência da Juventude - CRJ. A sua criação se deu mediante a demanda de diferentes jovens que participavam de diversos grupos ou movimentos – juventudes partidárias (PT e União da Juventude Socialista – USJ); Pastoral da Juventude, movimento estudantil, jovens do movimento *hip hop*, *punks*, *skatistas*, grafiteiros, entre outros.

As reivindicações por parte dos coletivos andreenses estiveram presentes em dois momentos: durante a discussão do plano de governo do candidato Celso Daniel, e no Fórum da Juventude. Ao final de 1998, segundo Almeida (2001), as atividades do Fórum da Juventude foram se esgotando e se esvaziando. Quando o CRJ foi inaugurado, já não havia uma participação significativa em suas atividades pelos jovens proponentes.

O CRJ de Santo André, embora fosse um equipamento municipal, foi concebido pelos jovens para ser um espaço onde a sociedade civil e os grupos juvenis pudessem ter autonomia na gestão. Caberia ao poder público, então, disponibilizar o espaço físico, recursos financeiros, materiais e alocar uma equipe de trabalho permanente.

Mediante parceria com a Ação Educativa, uma organização não governamental da cidade de São Paulo, a formatação do CRJ pôde ser concretizada. O projeto elaborado em

¹⁶ Para a obtenção dos dados foi consultada a publicação “Encontros regionais de políticas públicas de juventude: resultados e perspectivas”, organizado pela Coordenadoria Estadual de Programas para a Juventude e pela Fundação Prefeito Faria Lima – Cepam. Essa publicação é o resultado dos 14 encontros regionais realizados nos meses de fevereiro e maio de 2008, que contou com a participação dos 645 municípios paulistas. Esses encontros visaram mapear as ações desenvolvidas pelos governos locais voltadas para a população jovem e apresentar a Coordenadoria Estadual de Programas para a Juventude. Para atualizar os dados, foi acessado no dia 23 de julho de 2009 o sítio www.juventude.sp.gov.br, que reúne informações dos municípios.

¹⁷ Embu das Artes, Itapevi, Santo André, São Caetano do Sul, São Paulo, Campinas, Limeira, São Carlos, Santa Fé do Sul, Ribeirão Preto, Barretos, São Vicente, Santos e Jacareí.

parceria com a ONG foi desenhado no sentido de que o Centro fosse um espaço que possibilitasse a

invenção de formas de expressão, de meios de articulação, de formas de interlocução e de relações entre os grupos juvenis e entre esses e os demais sujeitos. Também buscava-se possibilitar o encontro de experiências entre os jovens e coletivos juvenis já existentes, bem como servir de suporte para a expressão da pluralidade e diversidade, dando sustentação à possibilidade de uma vivência democrática e educadora (ALMEIDA, ANCASSUERD e NAKANO, 2007, p. 251).

A primeira dificuldade enfrentada para a implantação do CRJ foi a falta de recursos orçamentários para a construção de um espaço. A solução adotada foi alugar um prédio na região central da cidade. Esse prédio, além de abrigar o Centro de Referência, também foi sede do Projeto Andrezinho Cidadão, voltado para atender crianças, adolescentes e jovens em situação individual e social de risco, e do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente. O uso polivalente dificultou a atuação do CRJ. Em 2000, o prédio passou a ser ocupado somente pelo Centro (ALMEIDA, ANCASSUERD e NAKANO, 2007).

O CRJ foi objeto de disputa de jovens organizados em torno de partidos ou movimentos, que tinham como objetivo privatizar e até mesmo aparelhar o espaço. Foi necessária uma avaliação e reorganização do projeto para que, por meio de uma agenda mais densa, fosse possível uma diversidade maior de jovens e sociabilidades (ALMEIDA, ANCASSUERD e NAKANO, 2007).

O Centro foi apropriado de diversas formas. Além dos jovens de partido e de movimentos estudantis, também contou com a presença de jovens envolvidos com atividades de lazer e cultura. Diante da escassez financeira e de funcionários, o CRJ contou com o trabalho de jovens voluntários para manter o funcionamento das atividades. Para muitos jovens, esse espaço configurou-se apenas como um lugar de passagem, enquanto não estavam absorvidos pela escola ou inseridos no mercado de trabalho (ALMEIDA, ANCASSUERD e NAKANO, 2007).

Com a extinção da Assessoria de Juventude em 2004, o Centro de Referência da Juventude foi vinculado ao Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer. As primeiras ações tomadas foram: transferência do CRJ para um espaço público municipal, deslocamento da escassa dotação orçamentária para a Secretaria, indicação de um profissional concursado do quadro da prefeitura e a realização de debate com grupos juvenis para a elaboração de um plano plurianual de ações.

O município de Embu das Artes, também devido às reivindicações de grupos juvenis organizados, em 2001 cria o seu Centro de Referência da Juventude. Assim como o CRJ de Santo André, até 2003 o novo equipamento ocupou o espaço da Casa de Juventude de Embu –

Caju. O uso combinado gerou diversos conflitos, principalmente pela demanda dos coletivos juvenis em desvincular a imagem do jovem ao do adolescente em conflito com a lei.

Instalado em um novo equipamento na região central da cidade, o CRJ de Embu ganhou visibilidade e tornou-se um espaço de referência para a juventude local, “pois nele aconteciam apresentações artísticas e culturais, encontros e discussões sobre temas de interesse dos jovens” (SPOSITO e CARVALHO E SILVA, 2007, p. 391). Em 2004, o CRJ é criado por Lei Municipal e passou a ser um programa da Assessoria de Juventude de Embu das Artes. As ações do Centro estão fundamentadas nos seguintes eixos: formação, informação, convivência e reflexão.

O Centro de Referência de Embu das Artes desenvolveu uma série de programas e ações na área da capacitação profissional, da saúde, de incentivo cultural e de lazer. Essa diversidade de ações possibilitou que a apropriação do CRJ pelos jovens ocorresse de diversas maneiras. Alguns jovens procuraram o equipamento por conta dos projetos desenvolvidos que ofereciam bolsa; no entanto, quando completavam 18 anos, esses jovens não podiam mais participar do projeto e enfrentavam as dificuldades de locomoção para frequentar as demais atividades do CRJ. Outros jovens buscaram o equipamento devido às possibilidades de execução de seus projetos culturais através do oferecimento de recursos financeiros. O Centro tornou-se um ponto de encontro de diversos jovens, organizados ou não.

O município de São Caetano do Sul inaugurou em junho de 2008 o Centro de Referência da Juventude Estação Jovem. Está localizado na região central da cidade e foi construído no andar superior de um terminal de ônibus. Não existem muitos dados desse mais novo equipamento da Região Metropolitana de São Paulo. Porém, seus objetivos se assemelham aos Centros já existentes: instituir um espaço de lazer e convívio, fomentar as ações culturais, facilitar o acesso à informação de interesse dos jovens e criar um observatório jovem. Este Centro, além de possuir espaços dedicados à área cultural, conta com quadras poliesportivas.

Em 1999, a Coordenadoria de Juventude do município de Niterói instalou em um Centro Social Urbano (Cesu), no bairro popular da Ilha da Conceição, o projeto do Centro da Juventude¹⁸. O projeto ocupava uma sala do Cesu, não possuindo dotação orçamentária suficiente para o desenvolvimento das oficinas de violão e percussão que lá eram ministradas. Os interessados em participar da oficina precisavam adquirir o próprio instrumento (CARRANO, 2007).

¹⁸ Vide nota 5.

Mesmo com a ausência de recursos financeiros, de infraestrutura, de funcionários e de uma agenda permanente de atividades, o Centro da Juventude da Ilha da Conceição configurou-se como um espaço importante para o exercício da sociabilidade e da criação de laços de amizade para os jovens. Segundo Carrano (2007), o Centro de Juventude:

foi pensado e definido pelos gestores como espaço para agregar grupos juvenis em torno de um aparelho cultural capaz de constituir esfera pública de participação e diálogo que também pudesse atrair os novos atores coletivos juvenis da denominada “cena cultural” da cidade. Os objetivos do Centro da Juventude no âmbito da cidade de Niterói eram duplamente determinados: no âmbito cultural havia a intenção de atrair grupos já existentes e criar novos grupos a partir da convivência coletiva neste espaço cultural público; no âmbito político, pretendia-se criar canal renovado de diálogo entre o poder público municipal e os novos atores culturais juvenis. Na prática o que ocorreu foi a constituição de um único grupo no Centro da Juventude da Ilha da Conceição, articulado em torno exclusivamente da oferta de serviços artístico-cultural. (p. 363)

Os Centros de Juventude do município de Santo André, Embu das Artes e Niterói possuem alguns aspectos que os aproximam e também os distanciam uns dos outros. No caso dos municípios de Santo André e Embu das Artes, houve grande pressão por parte dos agrupamentos juvenis na criação dos Centros de Referência de Juventude. Nestes dois municípios, a Juventude do Partido dos Trabalhadores estava presente, assim como jovens do movimento estudantil e do *hip hop*. Em ambos, também houve a participação de jovens envolvidos com práticas culturais. Já o Centro da Juventude da Ilha da Conceição, em Niterói, foi fruto de uma parceria entre os governos federal e municipal.

Os três Centros, em um primeiro momento, foram alocados em espaços onde era necessária a divisão das instalações com outros projetos municipais, geralmente ligados às Secretarias de Assistência e Desenvolvimento Social. O uso combinado nesses três Centros prejudicava as ações por eles empreendidas, principalmente no sentido de desvincular a imagem do jovem como problema social. Em 2000, três anos após a criação do Centro de Referência em Santo André, o prédio passou a ser ocupado somente pelo Centro. Em 2004 o CRJ de Santo André saiu do prédio alugado que ocupava desde sua criação, sendo transferido para o Parque Escola, um espaço público com 50.000 m², implantado em 1997 para trabalhar com as questões socioambientais¹⁹.

Em Embu das Artes, o CRJ, a partir de 2003, passou a ocupar parte de um prédio ocioso na região central, que anteriormente havia sido destinado para a criação de um museu. O mesmo não ocorreu com o Centro de Juventude de Niterói, que permaneceu alocado em uma sala de 12m² do Centro Social Urbano – Cesu, sendo que antes ocupava um espaço maior

¹⁹ Para maiores informações consultar: <http://www.santoandre.sp.gov.br/guiadeservicos>. Acessado em 05/06/2010.

que foi perdido para a Secretaria de Saúde. Segundo Carrano (2007), “o prédio do Cesu era ocupado por várias secretarias e autarquias municipais que pouco se comunicavam e empreendiam acirrada disputa pela utilização dos espaços” (p. 352).

Além de esses Centros estarem alocados em instalações que não foram concebidas para recebê-los, fato que marca o imprevisto da ação pública, também possuíam escassos recursos financeiros e materiais para a manutenção e execução de suas ações. Dos três, somente o Centro de Referência de Embu tinha assegurado pelo Executivo Municipal recursos financeiros e humanos para o desenvolvimento de seus programas e ações. Tanto o CRJ de Santo André, como o Centro da Juventude da Ilha da Conceição possuíam poucos recursos financeiros para a execução de suas ações, sendo que o trabalho voluntário dos jovens era o que garantia o funcionamento desses espaços. Sobre a ação voluntária dos jovens, Almeida, Ancassuere e Nakano (2007) realizam algumas ponderações no que diz respeito ao ponto de vista dos jovens envolvidos nessas ações:

Sobre a ação voluntária de atores sociais individuais ou coletivos em espaços constituídos e mantidos pelo poder público, é importante analisá-la não apenas do ponto de vista das responsabilidades e funções do Estado, mas também a partir dos pontos de vista dos sujeitos que a ela se dedicam –seus conteúdos, suas orientações e funções sociais, ou ainda daqueles que delas se beneficiam [...] Se, do ponto de vista do governo andarense, a ação voluntária implicou repassar, aos usuários do CRJ, responsabilidades e funções que era dele, já para os jovens a ação era ressignificada, obtendo orientações diversas. A partir dela os jovens se empenharam no desenvolvimento de uma “função expressiva” que vislumbrava a integração de uma “rede de iguais” (p. 254).

Por fim, outro aspecto está no fato de que nos três Centros foi estabelecido um canal de diálogo com os jovens que os frequentavam, principalmente no sentido de atender, na medida do possível, as demandas trazidas por eles. A relação estabelecida entre os funcionários desses espaços e os jovens era constituída por laços de amizade, escuta e respeito entre eles.

As experiências apresentadas de criação de espaços/equipamentos específicos para a população jovem demonstram que não basta somente a “boa intenção” dos gestores municipais em atender as reivindicações dos segmentos juvenis organizados. Faz-se necessário que o tema da juventude e a importância da criação desses equipamentos ganhem legitimidade política. A criação desses locais precisa estar atrelada à criação de uma dotação orçamentária própria, que permita a contratação de uma equipe técnica e de recursos materiais para se alcançar os objetivos.

Capítulo 2: O Centro Cultural da Juventude da Cidade de São Paulo

2.1 Quando tudo começou

Em abril de 2005, o então Prefeito da cidade José Serra solicitou à Coordenadoria Especial da Juventude que elaborasse um projeto para a construção de um equipamento que concentrasse suas ações para atender a população jovem do município. De abril a junho do mesmo ano, esse organismo centrou esforços na elaboração desse projeto, e em agosto de 2005 foram iniciadas as obras do Centro Cultural da Juventude - CCJ.

Há uma questão importante para a escolha da construção de um equipamento voltado para a juventude no município de São Paulo que não pode ser negligenciada. O trabalho empreendido por Luciana Guimarães, na época Coordenadora de Juventude, junto às secretarias e principalmente a sua atuação contra a política empreendida pelas subprefeituras de apagar os grafites na cidade, a aproximou do então Prefeito José Serra. Luciana questionou a contradição existente no interior da esfera pública, uma vez que a Coordenadoria Especial da Juventude legitimava o grafite enquanto arte de rua, mantendo em suas ações reuniões periódicas com jovens grafiteiros, enquanto a Secretaria das Subprefeituras estava implementando o projeto apelidado pelos artistas de rua de “cidade cinza”, que consistia em pintar de cinza os grafites que coloriam os muros da cidade. A posição da Coordenadora contra a ação empreendida pela Secretaria das Subprefeituras possibilitou que ela fosse conversar com o Prefeito sobre o assunto. A partir de então, Luciana Guimarães estabeleceu um canal de comunicação direto com o Prefeito e ganhou a sua confiança, o que possibilitou que a questão da juventude passasse a ocupar um lugar diferente na agenda do Prefeito. O que se observa é que foi a relação pessoal entre a Coordenadora e o Prefeito que incidiu sobre a decisão de construir um Centro voltado para a população jovem.

O terreno que abrigaria o novo equipamento municipal localizava-se no bairro de Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte da cidade. Em 1988, O Ex- Prefeito Janio Quadros iniciou a construção de um sacolão no local, mas por questões sanitárias, como por exemplo a proximidade de um cemitério e de um hospital, a obra foi interditada. Em sua gestão, Marta Suplicy realizou a licitação para que neste mesmo terreno fosse implantado um Centro de Convivência e Cidadania. No entanto, o projeto não foi executado.

Foram 7 meses de construção. No dia 27 de março 2006, o Centro foi inaugurado, a princípio, como Centro de Cidadania da Juventude²⁰, sendo alterado seu nome em junho do mesmo ano para Centro Cultural da Juventude.

Tal rapidez deu-se por três razões: a primeira é que o CCJ entrou para a agenda de projetos estratégicos e prioritários do Prefeito José Serra. Segundo a coordenadora de juventude,²¹ naquele momento, o Prefeito elegeu a construção deste equipamento como uma ação prioritária e estratégica, pois tinha conhecimento de que no município de São Paulo ainda não havia nenhuma ação mais consistente, como a criação de um Centro público, voltado para a população jovem, como já havia ocorrido nos municípios de Santo André e na Estância Turística Embu das Artes. Além disso, existia também uma discussão, no âmbito das organizações da sociedade civil, iniciada pelo Programa Juventude da Ação Educativa em meados dos anos 1990, sobre a necessidade de se construir na cidade de São Paulo um Centro que atendesse às demandas dos jovens.

A segunda razão, é que foi possível utilizar boa parte da estrutura da obra que havia sido construída e estava abandonada desde o final da década de 1980, no governo de Jânio Quadros. A terceira reside no fato de que na gestão da Prefeita Marta Suplicy já havia sido realizada uma licitação²² para a construção de um equipamento no local. Desta forma, o grande desafio foi adaptar o projeto deixado da gestão anterior para contemplar o projeto atual.

Com a saída do Prefeito José Serra, assumiu a prefeitura o Vice-Prefeito Gilberto Kassab, do Partido Democratas – DEM, o qual não operou nenhuma alteração na Secretaria de Cultura, o que garantiu a permanência da direção do Centro Cultural da Juventude e de seus funcionários, mesmo após sua reeleição, em 2008.

²⁰ O Decreto Nº 46.994 de 10 de fevereiro 2006 (Anexo A) cria o Centro de Cidadania da Juventude, subordinado à Secretaria Especial de Participação e Parceria. O Centro foi inaugurado em 27/03/2006. Devido à grandeza do projeto do Centro de Cidadania da Juventude, e por suas atividades terem um enfoque cultural, em 22 de junho de 2006 foi assinado o Decreto Nº 47.388 de transferência (Anexo B) do Centro para a Secretaria Municipal de Cultura, com sua denominação alterada para Centro Cultural da Juventude.

²¹ Essa informação foi obtida por meio de entrevista realizada em agosto de 2005 com a Coordenadora da CEJ para a coleta de dados para o projeto “Juventude Escolarização e Poder Local: um estudo da nova institucionalidade do poder público municipal”.

²² Licitação é o procedimento administrativo para as compras ou serviços contratados pelos governos, seja federal, estadual ou municipal. É a fase mais demorada para que um projeto saia do papel, pois envolve uma série de procedimentos burocráticos que visam garantir a transparência do uso do dinheiro público. Fonte: www.conlicitação.com.br, acessado em 05/06/2010.

2.2 O CCJ e suas adaptações: a marca do imprevisto

As adaptações empreendidas trouxeram alguns problemas à infraestrutura do equipamento, principalmente no que diz respeito ao isolamento acústico. O projeto anteriormente proposto²³ e licitado na gestão 2000-2004, compreendia a construção de um Centro de Convivência e Cidadania. A sua arquitetura era semelhante a um CEU²⁴ porém, em menores proporções. Esse projeto previa a construção de uma quadra de esportes, de um anfiteatro, biblioteca, diversas salas de oficina e telecentro. Suas paredes seriam de alvenaria e possuiria somente dois andares.

A primeira adaptação foi substituir as paredes de alvenaria por divisórias de vidro. A proposta era garantir a transparência e visibilidade das salas. Só receberam paredes de tijolo o anfiteatro e o estúdio, para a garantia de acústica. Optou-se por fazer quatro andares (térreo, mezanino, primeiro e segundo subsolos). No lugar de uma quadra de esportes, foi construído um teatro de arena que sofre com problemas de acústica, uma vez que o orçamento licitado não era suficiente para fazer o tratamento adequado.

No térreo, também foi construído o anfiteatro que sofreu poucas adaptações do projeto original. A principal adaptação foi a escolha por uma plateia móvel, o que possibilita diversos usos do anfiteatro. Porém, a falta de uma plateia com inclinação dificulta a visão dos expectadores que se sentam ao fundo do espaço.

No mezanino, foram construídas a arquibancada do teatro de arena, uma área expositiva, que é pouco utilizada, os camarins do anfiteatro e uma pequena copa. Os banheiros desse andar hoje são vestiários para as equipes de limpeza e manutenção.

No primeiro subsolo, local onde no projeto original estava prevista a edificação da biblioteca, do telecentro e de diversas salas de oficinas, foi dada preferência para a construção de uma ampla área de convivência, uma sala de oficinas destinada à elaboração de projetos, uma sala de reuniões (que em 2008 passou a ser ocupada pela equipe de monitoria que recebeu novos monitores), e mais três salas que foram ocupadas, uma pela equipe de planejamento e manutenção predial, outra pela equipe de redes sociais, e outra pelos monitores, até outubro de 2008.

²³ Doravante será designado como projeto original.

²⁴ “O **Centro Educacional Unificado (CEU)** é um complexo educacional, esportivo e cultural caracterizado como espaço público múltiplo. Os CEUs contam com um Centro de Educação Infantil (CEI) para crianças de zero a três anos, uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) para alunos de quatro a seis anos e uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF), que também oferece Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Todos os CEUs são equipados com quadra poliesportiva, teatro, playground, piscinas, biblioteca, Telecentro e espaços para oficinas, ateliês e reuniões. Os espaços são abertos à comunidade, inclusive nos finais de semana.” Fonte: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/>. Acessado em 03/08/2010.

A construção de uma biblioteca e a instalação do telecentro foram mantidas, mas com algumas alterações. A biblioteca recebeu um *home theater*²⁵, cujas paredes são divisórias sem tratamento acústico, e uma estação com computadores para a realização de pesquisas e trabalhos escolares.

A grande inovação foi a decisão de construir um segundo subsolo. Esse novo andar recebeu uma sala para oficinas e um ateliê (ambos de divisórias com “janelas” de vidro). Também foi construído um estúdio com paredes de alvenaria, mas sem o tratamento adequado de acústica, o que limita seu uso no dia a dia do centro, uma sala de edição de vídeo e outra sala destinada à realização de oficinas de vídeo e de produção musical.

Ainda no segundo subsolo, foi construída uma área para abrigar uma lanchonete com balcões e pias, mas sem o encanamento de gás e de ventilação, requisitos essenciais para a implantação de uma lanchonete. Por fim, esse piso recebeu um refeitório e as salas dos demais funcionários.

Embora a licitação deixada pela gestão anterior tenha garantido a rapidez da execução das obras, as adaptações necessárias trouxeram ônus para o dia a dia do CCJ. A limitação mais grave diz respeito à acústica. Não é possível realizar simultaneamente gravações no estúdio e oficinas na ilha de edição. O mesmo vale para a realização de shows no teatro de arena, pois atrapalha as atividades da biblioteca. Enquanto não é autorizada uma reforma nesses espaços pela Secretaria de Cultura, a equipe do Centro e os usuários lidam com as limitações do espaço.

De acordo com os documentos cedidos pela direção do Centro²⁶, a proposta de construção do Centro Cultural da Juventude foi pensada a partir do acúmulo das discussões realizadas por meio de encontros, seminários e grupos de trabalho, pelas organizações da sociedade civil²⁷ sobre as prioridades do trabalho com a juventude. Além das áreas temáticas que mais interessam aos e às jovens, como educação, saúde e emprego, e que demandam políticas públicas a serem supridas pela ação das secretarias específicas, os estudiosos do tema da juventude e os setores que trabalham com a temática também destacam a necessidade de um Centro capaz de reunir informações a respeito da juventude e sobre a produção que é realizada pelos próprios jovens. Com base nessas discussões, o CCJ foi construído.

²⁵ No início de 2010 o *home theater* foi extinto e no local foi construída uma HqTeca para abrigar os quadrinhos.

²⁶ No próprio Centro Cultural da Juventude há uma pasta que reúne todos os documentos, relatórios de pesquisas sobre a região, convocatórias e atas de reunião que foram realizadas ao longo da concepção e construção. Qualquer pessoa pode consultar esses documentos, basta agendar e solicitar à direção do CCJ.

²⁷ Exemplos de organizações que trabalham com a temática da juventude e possuem acúmulo de discussão são: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, Fundação Friedrich Ebert, Programa Aprendiz Comgas, Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC, Instituto Sou da Paz, entre outras.

Também foram consultadas pesquisas sobre os distritos que cercam o equipamento e realizadas reuniões com os moradores dos bairros próximos para pensar o projeto. Alguns moradores queriam que fosse construída uma Faculdade de Tecnologia – FATEC ou um Poupatempo, ou mesmo um espaço destinado à terceira idade. Diante dos anseios dos moradores, foi necessário um processo de sensibilização da necessidade de trazer para o bairro um equipamento que oferecesse para a população em geral, mas principalmente para a população jovem, um espaço de acesso à cultura, ao lazer, à informação, espaço para convivência, etc. A Coordenadoria Especial da Juventude contou com a ajuda de grupos juvenis e jovens da região para a sensibilização dos que eram contrários à construção de um equipamento para o público jovem.

Embora as discussões com a população local tivessem ocorrido, houve uma determinação por parte do poder público de que ali seria construído um centro para a juventude. As ações que nele seriam realizadas ainda não tinham sido definidas e nem estava determinado, durante a construção, que a atuação do Centro teria um viés voltado para a promoção de atividades artísticas e culturais, pois ainda estava em debate no interior das instâncias decisórias da prefeitura se o equipamento seria ou não transferido para a Secretaria de Cultura. No entanto, mesmo sem essa definição e respeitando o projeto original, foi mantido o anfiteatro, a biblioteca e criado novos espaços que já acenavam para a consolidação de um centro cultural na região.

Desta forma, o Centro foi pensado mais para ser um espaço adaptável, levando em consideração suas características físicas. Não tinha como objetivo atender as demandas, mesmo que estas fossem trazidas pelos jovens, que não fossem vinculadas à área cultural. Com a transferência, em junho de 2006, para a Secretaria de Cultura, os projetos passaram então a ser concebidos tendo como foco as dimensões artística e cultural, o que engessou as possibilidades de os projetos executados pelo Centro responderem a demandas que fossem de responsabilidade de outras secretarias.

Antes de prosseguir, faz-se necessário definir cultura e explicitar qual é o entendimento de cultura da Secretaria que influenciou os programas e projetos do CCJ. Segundo Williams (2007), a palavra cultura é uma das mais difíceis de definir, devido ao seu desenvolvimento histórico em diferentes línguas europeias e por ser utilizada “para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis” (p.117).

Mintz (2010) em seu artigo “Cultura: uma visão antropológica” define cultura como:

uma propriedade humana ímpar, baseada em uma forma simbólica, relacionada ao tempo, de comunicação, vida social, e a qualidade cumulativa de interação humana, permitindo que as ideias, a tecnologia e a cultura material se "empilhem" no interior dos grupos humanos.

Williams (2007) ao buscar uma definição para a palavra cultura por meio do esforço de periodização e evolução do uso e periodização da palavra apresenta-nos três categorias amplas e ativas de uso:

(i) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do S18; (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, desde Herder e Klemm. Mas também é preciso reconhecer (iii) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. Com frequência, esse parece ser hoje o sentido mais difundido: cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema (p.121).

A partir das categorias apresentadas por Williams, é possível inferir que a Secretaria de Cultura do município de São Paulo, assim como a maioria das secretarias de cultura, sejam elas municipais, estaduais ou federais, operam com o significado de cultura relacionado às manifestações artísticas, estejam elas no campo das artes cênicas, artes plásticas, artes visuais, literatura, música, etc. Desta forma, o Centro Cultural da Juventude, ao definir seus programas e projetos, teve como direcionamento o entendimento da cultura enquanto manifestação artística, embora tenha aberto espaço para o acesso às mídias digitais e às atividades de leitura por meio da biblioteca.

Diante do que foi apresentado, fica evidente que a construção do Centro Cultural da Juventude não foi decorrência de um amplo e sistemático diagnóstico sobre demandas e formas de atendimento aos jovens do município. Do mesmo modo, a localização derivou do aproveitamento de um espaço já disponível e não do estudo de regiões que evidenciassem a necessidade de um equipamento desse feitio. Podemos dizer que o que possibilitou a existência do CCJ foi a conjunção de algumas disponibilidades físicas, traduzidas no prédio em construção, e a pressão de gestores voltados para o tema da juventude. Mesmo tendo como marca a ausência de um planejamento estratégico em torno das ações voltadas para os jovens da cidade de São Paulo, o Centro recebeu todo o aparato de recursos financeiros e humanos para garantir a sua existência. Além disso, aos poucos, conquistou uma inserção institucional no interior da Secretaria de Cultura, dando visibilidade às práticas e produções culturais dos jovens.

2.3 O CCJ e sua implantação: modelos de Gestão

Para a implantação do Centro Cultural da Juventude, a Prefeitura de São Paulo estabeleceu uma parceria com o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável – CIEDS²⁸, uma organização não governamental. Iniciou-se então, a gestão compartilhada do Centro entre a prefeitura e a ONG, que teve duração de março de 2006 a outubro de 2008.

O CIEDS ficou encarregado de contratar a equipe de programadores, os técnicos (de informática, som e luz), a equipe de produção e a equipe de monitoria. Além disso, até dezembro de 2006 foi o CIEDS quem efetuou o pagamento dos cachês dos artistas,icineiros e palestrantes contratados pelo Centro. A partir de janeiro de 2007, todas as contratações relacionadas à programação do equipamento passaram a ser enviadas para a Secretaria de Cultura, que passou a efetuar o pagamento e dar o aval, autorizando a contratação. O CIEDS continuou encarregado pelo pagamento dos funcionários que trabalhavam na elaboração e execução das atividades.

A gestão compartilhada tinha como principal característica a divisão da equipe em funcionários da prefeitura e funcionários contratados pelo CIEDS. Desta forma, os cargos de direção (diretor geral, diretor de programação, diretor administrativo e diretor de comunicação) eram exercidos por funcionários com cargos comissionados da prefeitura. Já a equipe do setor administrativo era composta majoritariamente por funcionários concursados. Os programadores, técnicos (luz, som e de multimeios) e monitores eram contratados pelo CIEDS.

As equipes de segurança e de limpeza, ambas terceirizadas, até dezembro de 2006 estiveram sob a responsabilidade da Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha, que efetuava o pagamento. Em 2007 a Secretaria Municipal de Cultura assumiu essa responsabilidade. Em meados de 2007 teve início um movimento por parte da direção do CCJ para que a equipe de programação e os técnicos também ocupassem cargos comissionados²⁹, ou seja, deixassem de ser contratados pelo CIEDS.

²⁸ O CIEDS é uma organização social sem fins lucrativos, de utilidade pública federal, fundada em 1998, com sede na cidade do Rio de Janeiro e filiais em São Paulo e em Minas Gerais. O CIEDS desenvolve projetos voltados para todas as faixas etárias. Possui quatro áreas de atuação, sendo que uma delas consiste em prestar assessoria para órgãos públicos em políticas públicas e gestão social.

²⁹ Na Prefeitura de São Paulo há dois modelos de funcionários públicos: os concursados e os comissionados. Os funcionários concursados são aqueles que se submeteram ao concurso público e foram aprovados, ocupando a cadeira para qual se candidatou. Estes funcionários possuem um plano de carreira na Prefeitura, podendo até mesmo ocupar um cargo comissionado. Os funcionários comissionados são aqueles contratados, geralmente por meio de indicação, sem terem prestado concurso. Sua contratação não possui nenhum vínculo empregatício. A

Era de fundamental importância que o Centro encontrasse outra maneira para contratar seus funcionários, uma vez que o convênio com o CIEDS estava chegando ao fim e já havia sido renovado duas vezes. Foi apresentada à área de recursos humanos da Secretaria de Cultura a descrição do perfil dos funcionários que trabalhavam no CCJ, com o intuito de verificar se a própria secretaria já possuía funcionários com o mesmo perfil. Diante da negativa, a solução encontrada foi elaborar um projeto de Lei criando o CCJ e os cargos, pois somente com o decreto de 2006 não seria possível, e nem constitucional, a criação desses cargos.

Os cargos que seriam criados pelo projeto de Lei não incluíam a equipe de monitores³⁰. Para a equipe de monitoria, pensou-se em um projeto com o objetivo de oferecer uma formação em temáticas culturais aos jovens durante dois anos. A direção, com a ajuda do CIEDS escreveu um projeto de lei para a criação do programa Jovem Monitor. Esse projeto de lei foi votado e aprovado no dia 23 de julho de 2009.

Por volta de agosto de 2007, a direção do equipamento passou a elaborar o projeto de lei que criaria o CCJ, elevando-o ao status de departamento da Secretaria da Cultura, o que possibilitaria a criação de cargos para compor a equipe, bem como maior visibilidade no interior do governo local. O projeto de lei demorou aproximadamente um ano e seis meses para ser elaborado e aprovado pela Câmara. Enquanto isso, o convênio com o CIEDS chegou ao fim em outubro de 2008, não podendo mais ser renovado. Para solucionar o problema de contratação dos programadores e técnicos, o Prefeito Gilberto Kassab autorizou, provisoriamente, o uso de cargos comissionados de diferentes secretarias.

Como o projeto de lei do programa Jovem Monitor ainda estava sendo avaliado pelas demais secretarias, em especial pela Secretaria de Trabalho, a solução encontrada foi realizar um convênio com o Instituto Tomie Ohtake³¹ para a realização de um piloto do Programa

qualquer momento este funcionário pode ser desligado da função exercida. O cargo que ocupo no Centro Cultural da Juventude é comissionado. Somente a equipe administrativa possui funcionários concursados.

³⁰ Os monitores são responsáveis por acompanhar as atividades da programação, elaborando relatórios das atividades que monitoram. É por meio dos relatórios que os programadores são informados do número de participantes e qual a percepção deles sobre as atividades. Além disso, os monitores são responsáveis por realizar os atendimentos que ocorrem na recepção, internet livre, laboratório de idiomas e de pesquisa e na biblioteca.

³¹ O Instituto Tomie Ohtake é um equipamento cultural privado instalado em um complexo empresarial na região de Pinheiros. Conta com 7.500 m2 para exposições de artes plásticas, arquitetura e design, salas específicas para ateliês, seminários e documentação, restaurante, livraria, loja de objetos e mais 6.500 m2, ainda em construção, para dois teatros e um cinema que contemplarão música, artes cênicas e áudio-visual. Fonte: <http://www.institutotomieohtake.org.br>. Acessado em 08 de agosto de 2009.

Jovem Monitor, no qual os monitores que já trabalhavam no CCJ e outros que foram contratados testassem a proposta e pudessem continuar empregados.

Esse programa consiste em aliar a formação dos jovens - por meio de oficinas culturais, palestras, workshop, visitas monitoradas a outros equipamentos culturais - com o trabalho de monitoria realizado no Centro. Os jovens recebem uma bolsa salário de R\$ 650,00, vale transporte e cesta básica. Possuem uma jornada de trabalho de 30 horas, sendo que todas as segundas-feiras, em um período de 8h, os jovens se reúnem no Instituto Tomie Ohtake para receber a formação. E as demais 22horas são de trabalho no CCJ.

Em janeiro de 2009, a Lei nº 14.875 cria o Centro Cultural da Juventude e seu quadro de cargos de funcionários de provimento em comissão.

No início, o CCJ contava com 70 funcionários. Houve um rearranjo na equipe e nas divisões de função, o que ocasionou a diminuição da equipe. Atualmente, 54 pessoas trabalham no CCJ, distribuídas nos seguintes cargos: 3 diretores (geral, programação e administrativo), 1 assistente de programação, 4 programadores, 4 técnicos (informática, vídeo, estúdio e som/luz), 1 coordenador da equipe de monitoria e 28 monitores, 4 técnicos administrativos, 1 advogado (responsável por verificar e analisar os processos de contratação artística), 1 secretária, 1 contador, 2 responsáveis pela comunicação e 2 responsáveis pelas equipes de manutenção (são os responsáveis por dialogar com a equipe de limpeza, manutenção e segurança. Essas equipes são todas terceirizadas).

2.4 Espaços, funcionamento, objetivos, programas e projetos

Foto 1– Espelho d'água e fachada do CCJ

O Centro Cultural da Juventude possui uma área de 8.000 mil metros quadrados. Suas instalações estão distribuídas em um prédio de quatro andares. A primeira visão que se tem, ao chegar ao portão de entrada do CCJ, é do espelho d'água (Foto 1) que atualmente, por problemas de infiltração, está sem água. Também se vê a fachada do CCJ com suas “paredes” de vidro que, para surpresa de muitos, nunca foi alvo de depredações.

A entrada para o equipamento é realizada pelo piso térreo. À esquerda de quem entra, está o teatro de arena (Foto 2). Este é o espaço mais utilizado pelos grupos de dança e teatro. Organizações não governamentais com grupos grandes de jovens também usufruem desse espaço. Ao centro, as escadas de acesso para os demais andares (Foto 3); e à direita, fica a entrada para o anfiteatro (Fotos 4 e 5) e *foyer* do anfiteatro (Foto 6).

Foto 2 – teatro de arena

Foto 3 – escada de acesso

O anfiteatro é o local onde são realizados os shows, as exhibições de filmes, espetáculos e oficinas teatrais e de dança. Quando não é ocupado pela programação do CCJ, é utilizado pelos grupos juvenis, escolas e organizações da sociedade civil. O *foyer* do anfiteatro foi

projetado para ser um espaço expositivo. Porém, quando não há exposições, é utilizado pelos grupos de teatro, dança e até mesmo para a realização de oficinas.

Foto 4 – Palco do Anfiteatro

Foto 5 – Plateia do anfiteatro

Foto 6 – Foyer do anfiteatro

Ainda no piso térreo, como em todos os demais andares, há uma varanda (Foto 7). Esse espaço, a partir meados de 2007, ganhou novas formas de utilização. Na impossibilidade de utilizarem o teatro de arena e o anfiteatro, os coletivos de dança e de teatro passaram ensaiar e treinar na varanda. .

Foto 7 –Varanda do piso térreo

No primeiro subsolo estão localizadas, do lado esquerdo, a internet livre (Foto 8), a área de convivência (Foto 9), a sala de projetos, salas de alguns funcionários que trabalham direto com o público e a alameda Arte de Rua (Foto 10). A alameda Arte de Rua é um espaço expositivo destinado à a prática do grafite. Mas, assim como a varanda, é solicitada pelos grupos na impossibilidade de utilizarem espaços convencionais.

Foto 8 – Internet Livre

Foto 9 – Convivência

Também nesse andar está o “espaço RPG” (Foto 11). Esse espaço é ocupado pelos jovens que praticam essa atividade. . Fica embaixo da escada de acesso (vide Foto 2), sendo que os próprios funcionários do CCJ batizaram esse espaço com esse nome. No entanto,

quando há a necessidade de o Centro utilizar o local para o desenvolvimento de alguma atividade, os jovens precisam se deslocar para outro espaço, que geralmente é o da convivência.

Foto 10 – Alameda Arte de Rua

Foto 11 – "espaço RPG"

Ao lado direito está a biblioteca (Fotos 12 e 13). Ficam em seu interior o espaço sarau (Foto 14), os laboratórios de pesquisa e de idiomas.

Foto 12 – Acervo biblioteca

Foto 13 – área de estudos

Foto 14 – Espaço sarau

No segundo subsolo, o primeiro espaço que se vê é o mirante (Foto 15), espaço aberto do CCJ, com mesinhas de jogos e um grande banco. Nesse local, as pessoas podem fazer um lanche ou simplesmente observar o pôr do sol. Também é um espaço de múltiplos usos, pois na impossibilidade de ocuparem as instalações do interior do CCJ, muitos grupos solicitam o mirante para desenvolver suas práticas culturais. O CCJ também ocupa esporadicamente esse espaço com alguns shows e com o sarau junino.

Foto 15 – Mirante

Seguindo pelo corredor do lado esquerdo, está a sala de oficinas e o ateliê (Foto 16). Esses espaços são, com frequência, usados para ensaios de grupos de teatro e para reuniões. Mais à frente, está a ilha de edição de vídeo e de áudio, e o estúdio (Foto 17). Nesse mesmo andar, no sentido oposto, está a “lanchonete”³² (Foto 18), o refeitório e uma área com divisórias onde trabalham os programadores, a equipe de comunicação, o diretor e os funcionários da administração.

Foto 16 – Ateliê

Foto 17 – Estúdio

³² O projeto do CCJ previa uma lanchonete. No entanto, a cozinha não possui a infraestrutura necessária para a sua instalação. Será preciso uma reforma e adaptação. Enquanto isso, o espaço é utilizado para a realização de oficinas de culinária.

Foto 18 – “Lanchonete”

O horário de funcionamento do Centro é de terça a sábado das 10h às 22h e aos domingos e feriados das 10h às 20h³³.

Os objetivos institucionais do CCJ são³⁴:

- I. Promover atividades culturais e estimular a produção artística;
- II. Produzir e divulgar informações de interesse dos jovens;
- III. Ampliar a formação, o conhecimento, as oportunidades e as habilidades que auxiliem na inserção social dos jovens;
- IV. Criar alternativas de lazer e convívio;
- V. Articular-se com entidades e instituições ligadas à cultura e ao universo da juventude, bem como integrar e apoiar as iniciativas locais.

O Centro iniciou as suas atividades com a população no dia 10 de abril de 2006; até o final desse mês, o seu horário de funcionamento era das 13h às 18h, pois ainda não possuía uma programação regular e nem estava com todos os funcionários contratados. Nesse primeiro mês, as atividades da programação foram as seguintes: sessões de cinema, durante a semana, e aos domingos; duas apresentações teatrais com grupos da região; uma apresentação de ballet de uma escola da região; mesas de RPG; oficinas de *street dance* ministradas pelos grupos da região; uma batalha de b.boy, organizada pelos frequentadores; uma oficina de yoga; e debate sobre sexualidade e juventude.

No seu primeiro mês de funcionamento em 2006, as atividades foram, em sua maioria, propostas e organizadas pelos grupos juvenis que acompanharam as reuniões organizadas pela

³³ Os serviços de biblioteca, laboratório de idiomas, laboratório de pesquisas e internet livre de terça a sábado encerram-se às 20h e aos domingos e feriados, às 18h. De 3ª a sábado, das 20h às 22h; e aos domingos e feriados, das 18h às 20h continuam funcionando os espetáculos teatrais, oficinas e agendamentos.

³⁴ Essas informações foram retiradas do blog do CCJ: <http://ccjuve.prefeitura.sp.gov.br/> acesso em 20 de junho de 2009

Coordenadoria Especial da Juventude. Essas reuniões eram chamadas de “Fórum de Participação da Comunidade”.

No mês de maio do mesmo ano, foi realizada uma reunião com o Fórum, na qual a direção do CCJ solicitou aos participantes que indicassem duas atividades prioritárias para serem programadas pelo equipamento.

As atividades prioritárias apresentadas foram divididas em atividades culturais – shows, teatro, cinema, exposições, exposição de artesanato, eventos musicais, jogos, brincadeiras e festivais musicais; oficinas – desenho, quadrinhos, leitura, reciclagem, artesanato, artes plásticas, comunicação (rádio, TV, vídeo e jornal), literatura, música, política, trabalho, filosofia e sexualidade; juventude – construção de um banco de dados com histórico e perfil dos diferentes grupos juvenis da região, encontros para jovens deficientes, exposição de produtos dos jovens e uma rede de projetos propostos para os jovens; cursos – profissionalizante (mecânico e padreiro), computação, informática e web site; esporte – karatê, artes marciais, futebol, basquete e capoeira.

A partir dessas propostas, os programadores do CCJ elaboraram um projeto de programação para ser executado nos meses de junho, julho e agosto.

No mês de maio, a agenda de atividades do CCJ teve como mote o tema do Meio Ambiente. Esse tema havia sido indicado pelos membros que participaram da reunião do Fórum em abril. Porém, sem tempo hábil para a organização de uma programação consistente, o tema meio ambiente foi abordado principalmente por meio de sessões de cinema e pela apresentação de documentários especializados no *home theater* da biblioteca, além de uma seleção especial de livros e sítios com foco no tema.

A programação do mês de maio, assim como a de abril, contou com a participação dos jovens do RPG, que aos finais de semana ministravam oficinas para iniciantes, além das exhibições de filmes e dos serviços de biblioteca e internet. Em maio, o horário de funcionamento passou a ser das 10h às 18h.

No mês de junho, a programação estava mais estruturada. Foi executado o Projeto Copa, que consistiu na transmissão dos jogos da copa do mundo. Aproveitando a temática da Copa do Mundo, foram realizadas atividades denominadas de “Dia do País”. Estas atividades apresentaram aos frequentadores do CCJ indícios da cultura típica de cada país adversário do Brasil. Foram apresentados o “Dia da Croácia”, o “Dia da Austrália” e o “Dia do Japão”. Neste mês, o CCJ iniciou as suas primeiras parcerias com os consulados, que emprestaram materiais explicativos, vídeos e exposições.

Neste mês também foi realizada a Semana do Meio Ambiente, que consistiu de palestras e debates. Foi nesse mês que os equipamentos de luz e som foram instalados, tanto no anfiteatro como no teatro de arena. A chegada desses equipamentos possibilitou a contratação de espetáculos teatrais.

No dia 23 de junho, foi publicado no Diário Oficial do Município o Decreto número 47.388, que transferia o Centro de Cidadania da Juventude para a Secretaria de Cultura, sendo sua denominação alterada para Centro Cultural da Juventude. Essa transferência foi um marco importante, pois a programação do CCJ passou a ter um direcionamento para a área cultural. Desta forma, boa parte das sugestões apontadas no Fórum de participação da comunidade, como a realização de atividades esportivas e profissionalizantes teriam poucas chances de serem desenvolvidas, uma vez que a rubrica orçamentária da Secretaria Municipal de Cultura é destinada somente à contratação de atividades com finalidade artística e cultural.

Em julho, o Centro apresentou uma programação mais consistente. Foram destaques as apresentações teatrais com companhias de teatro renomadas e a exposição de obras de artistas plásticos da região. Também foi colocado no espaço de convivência um tabuleiro gigante de xadrez e disponibilizados jogos de mesa para os frequentadores. Foi realizado o projeto “Amostra Grátis” proposto por grupos juvenis da região. A programação desse projeto ocupou os cinco finais de semana entre os meses de julho e agosto com atividades ininterruptas. Neste mês, o horário de funcionamento mudou para: de terça a sábado das 10h às 20h; domingos e feriados das 10h às 18h.

De agosto a dezembro de 2006, o Centro foi consolidando a sua programação. As sessões de cinema ganharam dias e horários fixos na agenda, com o objetivo de criar uma rotina e permitir que o público memorizasse os dias de exibições. A biblioteca e o laboratório de multimeios – estúdio e ilha de edição de vídeo e som - passaram a ter uma agenda programática mensal, com oficinas, gravações, entre outras atividades.

Nesse período, foram realizadas reuniões, que no início eram semanais, passando posteriormente a ser quinzenais, com os jovens envolvidos no movimento *hip hop*, ligados ao grafite e, também, com os jovens jogadores de RPG. Esses diferentes grupos foram denominados “núcleos” pela equipe do CCJ. Cada “núcleo” tinha um dia específico de reunião, onde apresentavam suas propostas de projetos para o CCJ. Nem todas as propostas eram acatadas.

As reuniões com o Núcleo de RPG deram origem aos Encontros de RPG, que se tornaram uma programação anual do CCJ. O núcleo de Arte de Rua sugeriu que fosse criado um espaço expositivo só para grafiteiros; dessa sugestão foi criada a Alameda Arte de Rua. O

núcleo de *hip hop* apresentou várias propostas. Algumas foram realizadas ainda em 2006, como o evento “Sampa *hip hop* e juventude” em agosto. A princípio era a equipe do Centro quem marcava as reuniões e decidia a pauta. Esperava-se que, aos poucos, os próprios jovens fossem tomando conta dos encontros e o equipamento passasse a ser o local de encontro desses grupos. Em 2007, somente o Núcleo de RPG deu continuidade as suas reuniões com uma dinâmica diferente e com um número reduzido de participantes. O núcleo de Arte de Rua passou a ser o curador do projeto Alameda Arte de Rua, realizando encontros de curadoria que podem ou não acontecer no CCJ. O núcleo de *hip hop* se desarticulou totalmente.

Em setembro de 2006, iniciaram-se as atividades da biblioteca, voltadas para o vestibular, que foi nomeado de 9 ½ Semanas de Literatura. Para garantir a presença de participantes nessa programação, durante o mês de agosto foram visitadas escolas de Ensino Médio e de educação de jovens e adultos. Essas visitas tiveram um retorno positivo. Neste mês, também foi realizado o primeiro seminário denominado Juventude e Políticas Públicas.

Nos meses de outubro e novembro, a programação do CCJ manteve uma estrutura que consistiu na apresentação de espetáculos teatrais, sessões de cinema, oficinas, serviços de biblioteca e internet. Em dezembro, o equipamento encerrou as atividades do ano com uma programação extensa de shows, oficinas, *workshops*, debates e palestras com a temática da cultura independente. Essa atividade possibilitou que o centro ganhasse visibilidade para além dos distritos da região norte.

O ano de 2006 foi fundamental para que o CCJ pudesse estruturar a sua programação. As ações para 2007 foram pensadas a partir dos erros e acertos das atividades desenvolvidas no ano anterior. Algumas atividades foram mantidas, como as sessões de cinema, os espetáculos teatrais, os shows, as atividades voltadas para o vestibular, o encontro anual de RPG, a alameda Arte de Rua, o Mês da Cultura Independente, entre outras. Novas ações foram criadas, como a seleção de projetos de jovens para ocupação dos espaços do Centro, as oficinas de edição de vídeo e de produção musical, as gravações no estúdio, o empréstimo das instalações e equipamentos para os grupos de jovens e organizações da sociedade civil.

Para possibilitar um melhor entendimento das atividades realizadas e relacioná-las com os objetivos do CCJ apresentados anteriormente, a equipe de programação criou programas “guarda-chuva” que abrigassem as atividades que já existiam. Essas atividades passaram a ser os projetos desses programas.

Os programas e projetos serão apresentados a seguir. Cabe ressaltar que alguns projetos sofreram alterações e outros não existem mais. Em 2008, havia 9 programas e 31 projetos; em 2009, havia 9 programas e 25 projetos³⁵.

A programação do equipamento é planejada anualmente, uma vez que a dotação orçamentária da prefeitura é votada no segundo semestre de cada ano. Então, para garantir o seu orçamento anual é necessário que a programação do ano seguinte esteja pronta e com estimativas de orçamento. Isso não impede que durante o ano novas atividades sejam realizadas e que as atividades planejadas sejam canceladas, abrindo espaço na programação para novas ações. Por mês, o Centro Cultural da Juventude tem um gasto com a programação de aproximadamente R\$ 50.000,00.

Programas e projetos desenvolvidos em 2009:

1. *A Hora e a Vez do Vestibular*: programa voltado para os interessados em ingressar no Ensino Superior. Os projetos desse programa visam à ampliação da formação e conhecimento dos jovens. Para participar dos projetos listados a seguir, os interessados precisam efetuar inscrição na recepção do CCJ ou por e-mail.
 - a) *9 ½ Semanas de Literatura*: são realizados ciclos de palestras durante o ano, aos sábados, sobre as obras literárias selecionadas pelos vestibulares da USP, Unicamp e Unesp. O público majoritário desse projeto é composto por jovens estudantes do Ensino Médio ou de cursinhos preparatórios para o vestibular, mas o projeto também conta com a participação de pessoas interessadas em literatura. Esse projeto iniciou-se no segundo semestre de 2006. Nessa primeira edição, os participantes eram em sua maioria moradores da região. A partir de 2007, jovens moradores de outras regiões da cidade começaram a frequentar as palestras. Em 2009, por meio de uma parceria com o Sistema Municipal de Bibliotecas, as palestras passaram a ocorrer também em bibliotecas de diferentes regiões da cidade. Neste ano, cerca de 33 ouvintes por encontro, sendo que foram realizadas 22 palestras no ano.
 - b) *Criação Literária*: oficinas de redação são realizadas com o objetivo de possibilitar aos interessados o aprimoramento de suas habilidades na construção de textos. Como no projeto anterior, procuram essa oficina os jovens interessados em ingressar no Ensino Superior. No entanto, esse não é um pré-requisito para participação no projeto. Desta forma, jovens interessados

³⁵ As informações sobre os programas e projetos foram consultadas no Kit Institucional do CCJ e na Publicação realizada pelo Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável – CIEDS.

em aperfeiçoar a sua escrita também frequentam as aulas. Participaram dessas atividades 5 jovens que iriam prestar o vestibular.

2. *Aventura dos Idiomas*: o objetivo deste programa é apresentar a diversidade cultural e gastronômica dos países que são abordados.

a) *Que país é este?*: trata-se de projeto que focaliza diversos aspectos, como história, política, economia, cultura e sociedade do país que está sendo apresentado, durante um mês, por meio de oficinas, palestras, *wokshops* e exibição de filmes, que são realizadas geralmente aos sábados e domingos. Para participar das atividades oferecidas por este projeto, os interessados deverão efetuar inscrição prévia na recepção do CCJ ou por e-mail. Nas atividades desse projeto, há um público com idade bem diversificada, porém são mais frequentadas por jovens, moradores ou não da região. No geral, o público que acompanha esse projeto é usuário do laboratório de idiomas. Em 2009, foram realizadas duas edições do projeto, em junho e setembro. Na primeira edição, participaram das atividades 162 pessoas e na segunda, 56.

b) *Laboratório de Idiomas*: por intermédio da Secretaria Municipal de Relações Internacionais, o CCJ reuniu material didático e multimídia sobre o idioma, cultura e o modo de vida de diversos países que possuem representações diplomáticas em São Paulo. Desta forma, são disponibilizados materiais autodidáticos dos seguintes idiomas: alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, japonês, hebraico, chinês e árabe. O laboratório possui 8 computadores. O serviço está disponível de terça a sábado das 10h às 19h e aos domingos das 10h às 17h. Cada pessoa tem direito a duas horas de uso por semana. Para utilizá-lo, é preciso efetuar inscrição com os monitores da biblioteca, conforme os horários e dias disponíveis. Ao término de cada módulo, é preciso fazer nova inscrição.

O laboratório pode ser utilizado por pessoas com idade acima dos 14 anos. Abaixo dessa idade, precisam estar acompanhadas por adulto responsável. O laboratório de idiomas tem uma procura grande, principalmente por jovens. Porém, também é significativa a presença de pessoas acima dos 30 anos. Em 2009, o laboratório teve uma média de utilização de 174 pessoas por mês. É um serviço muito procurado diariamente, mas a procura se intensifica aos finais de semana.

3. *Encontros e Reflexões*: trata-se de um projeto que incentiva a troca de informação entre o público e debatedores, artistas e palestrantes convidados. Também permite a reflexão de temas de interesse da juventude.

a) *Café Cultural*: promove encontros temáticos em que um convidado desenvolve uma reflexão sobre algum tema relativo à filosofia, ciência cultural, religião ou política que seja de interesse dos jovens. Após a exposição, o público conversa sobre o assunto entre si e com o convidado. É realizado um encontro por mês, geralmente aos sábados.

Para participar é necessário efetuar inscrição na recepção do CCJ ou por e-mail. No geral, participa dessa atividade um público jovem. Dependendo do tema que é abordado, um público com idade acima dos 30 anos também participa. Geralmente, a escolha do assunto é orientada pela demanda do público que frequenta a biblioteca e sugere temas para os monitores e bibliotecárias. Em 2009, participaram desse projeto uma média de 34 pessoas por mês.

b) *Diálogos*: trata-se de um projeto que traz para o centro do debate uma personalidade publicamente reconhecida para compartilhar suas trajetórias pessoais, apresentando aos participantes detalhes dos caminhos percorridos e das dificuldades superadas. Uma personalidade por mês é convidada para participar do projeto. O encontro ocorre geralmente aos domingos.

Para participar, é necessário efetuar inscrição na recepção do CCJ ou por e-mail. Os participantes desse projeto possuem um perfil jovem; porém, dependendo da personalidade que virá contar a sua história, o espaço é ocupado por um público com idade mais avançada. Esse projeto também recebe sugestões dos jovens, que por vezes indicam as personalidades que gostariam de ouvir. Em 2009 foram realizadas 8 edições do projeto, que recebeu em média 32 pessoas a cada encontro.

c) *CCJ Visita*: este projeto disponibiliza transporte e monitoria para a visitação de outros espaços culturais da cidade e do Estado de São Paulo. É realizada uma visita por mês.

Para participar, é necessário efetuar inscrição na recepção do CCJ. A possibilidade de visitar um espaço cultural atrai muitas pessoas. Logo nas primeiras visitas, o público jovem não se interessou tanto. Foram os pais e mães que usufruíram do projeto como possibilidade de levar seus filhos para

passar. Após alguns meses de existência do projeto, os jovens passaram a acompanhar as visitas, ocupando o lugar no ônibus de muitas crianças e pais. Porém, ainda é significativa a participação do público inicial nesse projeto, pois muitos inscritos desistem de ir, vagando espaço no ônibus. Por volta de 33 pessoas por mês foram às visitas.

- d) *Sarau*: a cada dois meses um sarau temático é promovido na biblioteca do CCJ. Os interessados nos temas propostos podem se inscrever com os monitores da biblioteca para apresentar seus textos, performances, etc. Um público diversificado acompanha os saraus. Há a presença marcante de grupos de teatro e dança. Mas os jovens poetas são os que mais se sobressaem nos momentos reservados para declamar. A partir de 2008, a gestora da biblioteca passou a convidar grupos culturais que frequentam o CCJ para organizar os saraus em parceria. Os grupos juvenis que frequentam o CCJ e os próprios usuários informalmente sugerem os temas para o sarau. Nem sempre as sugestões são acatadas. O Sarau é a atividade da biblioteca mais procurada. Em 2009, participaram em torno de 150 pessoas em cada uma das 6 edições.

- e) *Juventude e Políticas Públicas*: todo ano um seminário é realizado com o objetivo de fomentar a discussão a respeito das ações com foco na juventude desenvolvidas pelo poder público ou não. Para participar do seminário é preciso inscrever-se na recepção ou por e-mail.

O público-alvo desse projeto são os gestores, tanto da esfera pública como do terceiro setor, que estão envolvidos e pensam em ações voltadas para o público jovem. Mesmo sendo esse o público prioritário, principalmente os gestores do poder público, há uma baixa presença deles nos debates. Diante disso, a partir do segundo seminário o Centro ampliou o convite para demais pessoas, em especial para os grupos juvenis. Em 2009 somente 90 pessoas participaram do Seminário. O número baixo de participantes fez com que a direção avaliasse se em 2010 o seminário seria ou não realizado.

- f) *Semana Temática*: este projeto concentra em uma única semana uma programação variada de atividades sobre um mesmo tema. As atividades incluem palestras, debates, oficinas e exposições. São realizadas duas semanas temáticas, uma em cada semestre. Os interessados em participar das atividades da semana temática precisam efetuar inscrição na recepção do CCJ ou por e-mail. As semanas temáticas contam com a participação de um público bem

diversificado e por possuir diferentes atividades, é muito procurada. Em 2009 foram realizadas 4 Semanas, sendo que a do mês de agosto, cujo tema foi fotografia, contou com a participação de 240 pessoas. A média de participação por edição foi de 99 pessoas.

4. *Artes Cênicas*: apresentação de espetáculos teatrais e de dança por companhias profissionais e amadoras. Para assistir aos espetáculos é preciso retirar ingresso com 1h de antecedência.

- a) *Temporadas de Artes Cênicas*: mensalmente, uma companhia renomada, selecionada por edital, realiza apresentações aos sábados às 20h e aos domingos às 18h30. O Centro Cultural da Juventude possui um público cativo de teatro. Em sua maioria são jovens que moram na região. No entanto, dependendo da companhia que está em cartaz, moradores de outras regiões também vão ao espetáculo. As peças teatrais em 2009 reuniram por volta de 31 pessoas por apresentação, sendo que foram realizados 42 espetáculos neste ano.

- b) *Teatro, Dança e Música Vocacional*: projetos do Departamento de Expansão Cultural da Secretaria Municipal de Cultura que reúne oficinas de orientação e apresentação de espetáculos teatrais e de dança. Para participar das oficinas é preciso realizar inscrição na recepção do CCJ. Para assistir aos espetáculos teatrais e de dança, que ocorrem as terças feiras às 20h, é preciso retirar ingresso com 1h de antecedência.

No geral, os jovens que participam das oficinas são moradores da região. Neste projeto é mais evidente a presença majoritária das mulheres, principalmente na dança. Em 2009, o CCJ estava com duas turmas de dança, duas de teatro e uma de música. Entre uma oficina e outra oscila o número de participantes, embora para cada oficina de dança e teatro aproximadamente 70 pessoas se inscreveram. Mas no final, a média de participantes por turma é de 25 jovens.

Todas as terças feiras, em 2009 a partir de julho, um grupo formado durante as oficinas ou orientado pelo Vocacional se apresenta no CCJ. Geralmente, o público que assiste a essas apresentações é de jovens que frequentam as oficinas de teatro, mas também muitos familiares e amigos dos jovens que estão se apresentando. Como essas apresentações trazem grupos de todas as regiões da cidade, há um número grande de jovens de outros bairros. Escolas da região também costumam reservar ingressos para levar seus alunos,

principalmente quando o espetáculo está baseado em uma obra literária. Em 2009, a média de expectadores foi de 64 por apresentação. Neste ano, foram realizados 17 espetáculos.

5. *Audiovisuais*: programação de mostras de cinema pensada pelos programadores do CCJ, ou mostras realizadas no CCJ por outros programadores.

- a) *Mostras de Cinema*: programação regular de cinema apresentada de forma articulada ou não com os temas que são focalizados pela programação mensal do CCJ. Essas mostras ocorrem às quartas e quintas feiras às 20h. Os filmes são escolhidos pela gestora de difusão cultural. Ela recebe sugestões dos frequentadores do cinema quando eles a abordam pelos andares do equipamento, ou deixando recadinhos na caixa de sugestão que fica na recepção. Na maioria das vezes, as sugestões são acatadas. Para assistir aos filmes exibidos, os interessados precisam retirar ingresso com 1h de antecedência.

No geral, o público das mostras de cinema são moradores da região e frequentadores assíduos do CCJ. No entanto, as sessões de cinema não são tão procuradas. Em 2009, foram realizadas 40 exibições e assistiram aos filmes exibidos por volta de 14 pessoas em cada sessão.

- b) *Mostras realizadas no CCJ*: o Centro estabeleceu parceria com instituições ou projetos que realizam mostras anuais. Os atuais parceiros do CCJ são: Mix Brasil, Mostra Ticket de Cinema Brasileiro, Mostra do Áudio-Visual Paulista e Festival Internacional de Documentário *É Tudo Verdade*. Cada mostra acontece em um mês diferente, de acordo com o calendário do parceiro. Algumas mostras possuem um público específico, como por exemplo, o público LGBT tanto da região como de outras, frequenta a mostra Mix Brasil. No geral, essas mostras atraem os cinéfilos, jovens ou não, de toda a cidade. Em 2009 as mostras reuniram um público de 20 pessoas por sessão, sendo que foram realizadas ao total 32 exibições.

6. *Artes Visuais*: trata-se de um projeto que promove exposições que chegam ao Centro por meio de seleção de projetos e parcerias.

- a) *Alameda Arte de Rua*: galeria dedicada aos jovens artistas de rua. Nela são expostas técnicas variadas de grafite, stencil, lambe-lambe, entre outras. A cada 4 exposições, o CCJ publica um catálogo com o registro das obras e release dos artistas. Os interessados em expor seu trabalho nessa galeria

precisam submeter sua proposta à curadoria do projeto. Durante todo o ano o equipamento recebe projetos. Quando se aproxima a troca de exposição, esses projetos são apresentados em reuniões da curadoria, que fazem a seleção. Em 2009, três projetos foram executados. Em cada abertura de exposição participam cerca de 100 pessoas. Não foi possível saber o número de pessoas que visitam a exposição, uma vez que o Centro não possui livro de visitas.

- b) *Exposições*: este projeto, além de abrigar exposições oferecidas por parceiros, como Centro Cultural da Espanha em São Paulo e órgãos da Secretaria Municipal de Cultura, em 2009 realizou uma seleção de propostas na área das artes visuais – pintura, desenho, gravura, escultura, fotografia, vídeo, performance e instalação - de jovens artistas por meio de edital. Dos 12 projetos inscritos, foram selecionadas 6 propostas, sendo 3 finalistas e 3 suplentes. O edital dá prioridade para os projetos apresentados por jovens com idade entre os 18 e 29 anos. O primeiro projeto aprovado propôs a exposição de oratórios japoneses. O segundo, a exposição de fotos e desenhos realizados com fotos de revistas em suportes encontrados nas lixeiras, como pedaços de madeira, de espelho, entre outros. O último aliava exibição de vídeo com telas de grafite. O valor pago por cada exposição selecionada foi R\$ 2.000,00.

7. *Faça você mesmo*: esse programa reúne projetos que valorizam a cultura do Faça Você Mesmo, ou seja, incentiva a produção cultural e artística dos jovens por meio de editais, empréstimo do espaço e dos equipamentos.

- a) *Ocupação de Espaço*: projetos apresentados pelos jovens são selecionados por meio de edital e recebem recursos financeiros e organizacionais para sua concretização. Os projetos podem apresentar iniciativas e linguagens diversas e entram na programação do CCJ.

Os grupos juvenis, da região ou não, são os que mais apresentam propostas para essa seleção. As atividades propostas devem ser realizadas durante um mês. Isso possibilita que mais projetos sejam selecionados e os recursos, mais bem distribuídos. Em 2009, o recurso oferecido foi no valor de R\$ 1.500,00, e foram selecionados 12 projetos.

- b) *Agendamentos*: permite aos jovens, ONGs e instituições governamentais utilizar os espaços e recursos do CCJ que não estejam sendo utilizados pela programação, para a execução de seus projetos, mediante o agendamento que deve ser realizado na recepção com no mínimo 15 dias de antecedência. Esse é

de fato o projeto mais procurado pelos jovens, em especial pelos grupos. Em 2009 foram realizados 751 atividades, sendo que a maioria foi proposta por grupos juvenis. Os agendamentos reuniram 9.700 pessoas ao longo do ano, sendo que, por mês, reunia cerca de 810 pessoas no CCJ.

- c) *Mês da Cultura Independente*: no mês de outubro são realizadas atividades, como palestras, *workshop*, shows e oficinas, com o objetivo de demonstrar a viabilidade de gerar produtos culturais sem que estes estejam dependentes da indústria cultural ou eventuais patrocinadores. Participam dessas atividades produtores culturais independentes e jovens simpatizantes dessa cultura. Em 2009 foram realizadas 30 atividades, entre shows, palestras e oficinas. As palestras e oficinas reuniram um número pequeno de pessoas, por volta de 15 participantes. Já os shows traziam para o CCJ cerca de 140 pessoas, sendo que foram realizadas 14 apresentações musicais.

8. *Lab C*: O Laboratório de Multimeios do CCJ é formado pelo estúdio de gravações musicais, pelas ilhas de edição de vídeo e áudio e pela sala de oficinas. O Lab C disponibiliza o estúdio e as ilhas gratuitamente. As oficinas que nele são oferecidas desenvolvem uma metodologia voltada para a execução de “obras finais” colaborativas, como cartazes, capas de discos, curtas metragens, documentários, etc. Para utilizar o estúdio e as ilhas de edição é preciso preencher na recepção do CCJ uma ficha de solicitação de agendamento e aguardar contato telefônico para confirmação.

- a) *Internet Livre*: inclusão digital com a oferta de um complexo de computadores com 16 estações conectadas à internet. O usuário precisar ser maior de 14 anos e efetuar um cadastro munido de RG. Menores de 14 anos podem utilizar os serviços, desde que sejam acompanhados por um responsável. Cada pessoa usar a internet por 30 minutos, até duas vezes no dia. Quando não há fila, o usuário pode permanecer até 1h e acessar a rede mais que duas vezes no dia. Em 2009 por dia 98 pessoas utilizaram a internet neste espaço.
- b) *Criando Mundos*: trata-se de um projeto que oferece oficinas, fomentando a constituição de núcleos de produção de vídeo e animação gráfica. Para participar das oficinas é preciso efetuar inscrição na recepção do CCJ. No geral, participam das oficinas oferecidas por este projeto jovens estudantes de artes gráficas e vídeo. O número de vagas para essas oficinas é reduzido e a fila de espera, na maioria das vezes, é grande. Geralmente as oficinas ocorrem

duas vezes por semana e durante dois meses. Em 2009 foram realizados 27 oficinas nesse projeto, que atenderam em média 8 jovens.

- c) *Núcleo de produção musical*: este projeto possibilita o acesso à ilha de edição de áudio e de todo o aparato tecnológico, bem como softwares específicos para a produção e pós-produção musical. Para participar das oficinas é preciso efetuar inscrição na recepção do CCJ. Os participantes dessas oficinas são em sua maioria jovens músicos interessados em produzir seus próprios discos. As oficinas atraem tanto moradores da região como de outros lugares da cidade. Em 2009 não foram realizadas oficinas do Núcleo de Produção Musical. Somente as ilhas foram agendadas que recebia por volta 6 pessoas por mês.

9. *Musicais*: este programa dedica-se à realização de shows e audição musical por meio do estúdio.

- a) *Ao Vivo no CCJ*: todo último domingo do mês é realizado um show com grupos consagrados e que possuem forte adesão do público jovem. Esses shows geralmente contam com a presença de jovens de diversos lugares da cidade. Quando é uma banda mais antiga quem faz show os ingressos são disputados entre os fãs jovens e os fãs das gerações anteriores. Em 2009 foram realizados 15 shows que contaram com uma média de 200 pessoas por show.
- b) *Escuta*: trata-se de um projeto que realiza produção e gravação de músicas no estúdio do CCJ. É um trabalho de audição musical que visa à descoberta de novos grupos que tenham potencial para compor a programação do Ao Vivo no CCJ.

Geralmente são os grupos musicais formados por jovens que procuram o Projeto Escuta. Em 2009 foram realizadas aproximadamente 120 gravações no estúdio.

- c) *Sexta Sonora*: este projeto aposta na apresentação intimista que garante a proximidade entre os artistas e o público. Em cada sexta feira do mês um gênero musical é apresentado: *jazz*, *rock*, *rap* e *samba*.

Esse projeto teve início em meados de 2008. Os shows de *jazz*, a princípio, contavam com um público muito reduzido, se comparado com o público dos demais shows. Atualmente, as apresentações dos grupos de *jazz* contam com aproximadamente 50 expectadores, que em sua maioria são moradores da região. Os grupos de *rock* também reúnem um público significativo. Já os shows de *rap* e *samba* não atraem tanto o público, embora seja grande a presença

de adeptos desses estilos musicais na região norte. Em 2009 foram realizados 33 Sextas Sonoras, em cada show havia por volta de 38 expectadores.

Além de sua programação mensal, o Centro Cultural da Juventude disponibiliza dois serviços; são eles:

1. *Biblioteca*: dispõe de espaço de leitura, varanda, sinal wi-fi para conexão livre à internet, espaço sarau e *home theater* com acervo audiovisual. Os acervos do CCJ ainda não estão disponíveis para empréstimo. Somente no final de 2008 chegaram as estantes e o software de catalogação. O *home theater* pode ser agendado tanto para se assistir ao acervo existente, como para material externo. Em 2009 o acervo do CCJ ainda não havia sido disponibilizado para empréstimo. Ele foi consultado por 16.209 pessoas, com uma média 54 pessoas por dia. Não há registros de quantas pessoas utilizaram o espaço de leitura.
2. *Laboratório de Pesquisa*: possui 10 computadores. O objetivo é possibilitar aos frequentadores o uso da internet para consulta de pesquisas escolares, busca de emprego, etc.. Nele não é permitido acessar salas de bate-papo, orkut, etc. O tempo de uso é de uma hora. Pode ser agendado com um dia de antecedência. Também é possível agendar para grupos, ONGs e escolas. Nesses casos, é preciso reservar com uma semana de antecedência. Em 2009, cerca de 50 pessoas utilizavam o laboratório de pesquisa por dia.

Estrutura programática que gera rotina

Para consolidar a sua programação e também o público frequentador do Centro, o corpo de gestores criou uma grade programática, que posteriormente originou o folder da programação, onde foram afixadas atividades e atrações culturais. O objetivo era estabelecer dias e horários de atividades para que aos poucos o público memorizasse a programação oferecida. Portanto, além da programação composta por oficinas, palestras, shows, espetáculos, etc., o Centro também oferece alguns serviços: biblioteca, laboratório de idiomas e de pesquisa, que funcionam conforme apresentado a seguir.

Grade dos Serviços Fixos Janeiro a Dezembro 2009

Domingo 10h-18h	Teça-feira 10h-20h	Quarta – feira 10h-20h	Quinta – feira 10h-20h	Sexta – feira 10h-20h	Sábado 10h-20h
Internet Livre	Internet Livre	Internet Livre	Internet Livre	Internet Livre	Internet Livre
Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca
Laboratórios de pesquisa e idiomas	Laboratórios de pesquisa e idiomas	Laboratórios de pesquisa e idiomas	Laboratórios de pesquisa e idiomas	Laboratórios de pesquisa e idiomas	Laboratórios de pesquisa e idiomas

Por meio de observações realizadas entre outubro e novembro de 2009, foi possível verificar que a **internet livre** era um dos serviços mais procurados pelas pessoas que iam ao CCJ e era utilizada por dois tipos de frequentadores. No primeiro tipo enquadram-se jovens entre 15 e 17 anos. Estavam no CCJ no período da manhã, alguns iam para jogar, outros para acessar Orkut, MSN, Youtube, entre outros sítios de relacionamento, em busca de entretenimento. O segundo grupo é de pessoas com idade entre os 18 e 40 anos. Começavam a chegar por volta das 13h, mas até as 18h ainda era possível encontrá-los no CCJ. Os que se encontravam na faixa etária acima dos 25 anos eram pessoas que trabalhavam no comércio no entorno do Centro; muitos aproveitavam o horário de almoço para acessar o e-mail e até mesmo os sítios de relacionamento. Aqueles com idade entre 18 e 25 anos eram estudantes, buscavam entretenimento, assim com os jovens do primeiro grupo.

Aos finais de semana não havia essa divisão por idade e horários. Os grupos etários se mesclavam, sendo que pela manhã, tanto no sábado como no domingo, não havia muita demanda para o uso da internet. A partir das 12h, a procura pelo serviço aumentava, chegando a formar fila de espera. No final de semana era comum ver a presença de pais e mães com seus filhos com idade abaixo dos 14 anos

Já a **biblioteca**, composta pelo espaço de leitura e estudos, pelo laboratório de pesquisa e laboratório de idiomas, e pelo acervo de livros, DVDs e CDs, além de um espaço aconchegante mobiliado com sofás e *puffs*, também oferecia uma ampla programação. Os dois espaços que sempre contavam com público eram o laboratório de pesquisa e o espaço de leitura e estudos. Embora a biblioteca recebesse um público diverso, era utilizada majoritariamente por estudantes em preparação para os vestibulares. Eles ocupavam as mesas

do espaço de leitura e estudos, tanto durante a semana como aos finais de semana. Estavam sempre em duplas ou grupos maiores. Geralmente chegavam logo na abertura do CCJ e ficavam até o final da tarde. Aos domingos pela manhã, acompanhavam as palestras do programa a *Hora e a Vez do Vestibular*, que traziam aspectos das obras exigidas pelo vestibular da UNESP, FUVEST e Unicamp.

Havia também um publico de usuários que chamava a atenção. Eram jovens homens que iam até o CCJ com seus computadores portáteis para acessarem a internet por meio da rede sem fio disponível na biblioteca.

Os laboratórios de pesquisa e de idiomas eram bem utilizados. O público era diverso e se assemelhava aos usuários da internet livre. Pela manhã, era maciça a presença de jovens entre 14 e 18 anos. No período da tarde, adultos com idade entre 30 e 50 anos dividiam o uso com os mais novos.

No que diz respeito à grade fixa de programação, na Tabela 2 apresento um exemplo, tomando como referência o mês de julho de 2009. Nesta tabela, são apresentadas as atividades que ocorriam nos meses regulares; em alguns meses, como por exemplo, o mês de outubro, que se consolidou como o mês da cultura independente, havia uma intensificação de shows, excluindo a realização de espetáculos teatrais.

Conforme podemos verificar na Tabela 2, às segundas-feiras, embora o Centro estivesse fechado, o estúdio de gravação funcionava das 10h às 18h, gravando grupos musicais que se inscreviam no Projeto Escuta. No mês, eram atendidas quatro bandas. Durante a semana, também eram realizadas gravações, que acabavam sofrendo com a interferência sonora das demais atividades. Desta forma, na segunda-feira ocorriam as gravações de maior fôlego e com bandas que iam gravar pela primeira vez. Nos demais dias da semana, o estúdio era utilizado para gravações pequenas e pontuais, por exemplo, grupos que precisavam somente colocar a voz na base musical que já estava pronta.

Ainda usando como exemplo a Tabela 2, verificamos que não havia um equilíbrio no número de atividades que eram oferecidas por dia. Enquanto na terça-feira eram realizadas três atividades³⁶, às quartas e sextas-feiras era ofertada somente uma atividade no período da noite, sendo exibição de filme e show, respectivamente. Às quintas-feiras era realizada oficina de dança Vocacional e exibição de filme, ambas no período noturno. Aos sábados e domingos também eram oferecidas, por dia, duas atividades, sendo oficinas no período da manhã e

³⁶ As atividades realizadas no estúdio de gravação não foram incluídas.

apresentações cênicas à noite, com exceção do terceiro final de semana, quando eram realizados os projetos Diálogos, Café Cultural e CCJ Visita.

Na Tabela 3, apresento os agendamentos realizados no mês de outubro 2009. Como o CCJ possui horários vagos na sua programação, esses espaços são preenchidos com atividades propostas por grupos formados por jovens frequentadores do Centro Cultural da Juventude, ou por projetos propostos por jovens que foram aprovados pelo Edital de Ocupação do CCJ. Este último caso aplica-se ao evento Liga dos Beats, realizado no dia 17, ou por projetos aprovados pelo Programa VAI, como a Oficina de Vídeo, que ocorria aos sábados e domingos, e a Oficina Histórias e Contos de RPG, realizada nas tardes de sábado. Os três exemplos de atividades citadas eram incorporados à programação “oficial” do Centro e eram divulgadas no folder da programação, com destaque para a origem das atividades, isto é, deixava-se claro que as atividades não tinham sido pensadas previamente pela equipe gestora.

Tabela 1 – Exemplo de grade de Programação fixa Pensada pelos Gestores – Mês Referência Julho 2009

			Quarta – feira 01 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Exibição de Filme	Quinta – feira 02 10h- 18h Gravação no Estúdio 18h30 – 21h30 Oficina de Dança Vocacional 20h Exibição de Filme	Sexta – feira 03 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Sexta Sonora	Sábado 04 10h-13h Oficina de Teatro Vocacional 20h Espetáculo Teatral
Domingo 05 10h – 13h Oficina de Dança Vocacional 18h Espetáculo Teatral	Segunda-feira 06 10h- 18h Gravação no Estúdio		Quarta – feira 08 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Exibição de Filme	Quinta – feira 09 10h- 18h Gravação no Estúdio 18h30 – 21h30 Oficina de Dança Vocacional 20h Exibição de Filme	Sexta – feira 10 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Sexta Sonora	Sábado 11 10h-13h Oficina de Teatro Vocacional 20h Espetáculo Teatral
Domingo 12 10h – 13h Oficina de Dança Vocacional 18h Espetáculo Teatral	Segunda- feira 13 10h- 18h Gravação no Estúdio	Terça – feira 07 10h- 18h Gravação no Estúdio 15h – 18h Oficina de Teatro Vocacional 15h-21h Orientação Música Vocacional 20h Toda Terça Tem Teatro - Projeto Vocacional	Quarta – feira 15 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Exibição de Filme	Quinta – feira 16 10h- 18h Gravação no Estúdio 18h30 – 21h30 Oficina de Dança Vocacional 20h Exibição de Filme	Sexta – feira 17 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Sexta Sonora	Sábado 18 10h-13h Oficina de Teatro Vocacional 13h CCJ Visita 15h Diálogos 20h Espetáculo Teatral

Domingo 19 10h – 13h Oficina de Dança Vocacional 15h Café Cultural 18h Espetáculo Teatral	Segunda- feira 20 10h- 18h Gravação no Estúdio	Terça – feira 21 10h- 18h Gravação no Estúdio 15h – 18h Oficina de Teatro Vocacional 15h-21h Orientação Música Vocacional 20h Toda Terça Tem Teatro - Projeto Vocacional	Quarta – feira 22 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Exibição de Filme	Quinta – feira 23 10h- 18h Gravação no Estúdio 18h30 – 21h30 Oficina de Dança Vocacional 20h Exibição de Filme	Sexta – feira 24 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Sexta Sonora	Sábado 25 10h-13h Oficina de Teatro Vocacional 20h Espetáculo Teatral
Domingo 26 10h – 13h Oficina de Dança Vocacional 18h – Show Ao Vivo no CCJ	Segunda- feira 27 10h- 18h Gravação no Estúdio	Terça – feira 28 10h- 18h Gravação no Estúdio 15h – 18h Oficina de Teatro Vocacional 15h-21h Orientação Música Vocacional 20h Toda Terça Tem Teatro - Projeto Vocacional	Quarta – feira 29 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Exibição de Filme	Quinta – feira 30 10h- 18h Gravação no Estúdio 18h30 – 21h30 Oficina de Dança Vocacional 20h Exibição de Filme	Sexta – feira 31 10h- 18h Gravação no Estúdio 20h Sexta Sonora	

Tabela 2 – Agendamentos realizados em outubro de 2009 por espaço utilizado

Espaço Agendado	Grupos e dias da semana					
	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	Domingo
Arena	18h – 21h30 Ensaio grupo The Funk's Men - dança de rua. (Todas as terças-feiras do mês)	18h – 21h30 Ensaio grupo Identidade em Movimento - dança contemporânea (Todas as quartas-feiras do mês)			10h -13h30 Ensaio grupo Identidade em Movimento - dança contemporânea (Todos os sábados do mês)	
Anfiteatro		17h-19h Reunião Habi Norte – 14/10/2009	19h-20h Ensaio Grupo Embatucadores – Percussão Corporal 28/10/2009	10h-13h Ensaio Grupo Corpo em Rito – dança contemporânea (Em duas sextas-feiras do mês)		
Varanda		18h – 21h30 Ensaio grupo The Funk's Men - dança de rua. (Todas as quartas-feiras do mês)	18h – 21h30 Ensaio grupo The Funk's Men - dança de rua. (Todas as quintas-feiras do mês)			
Sala 11					14h-18h Oficina de Vídeo-Grupo Cineteia Projeto VAI (Todos os sábados do mês)	14h-18h Oficina de Vídeo- Grupo Cineteia Projeto VAI (Todos os domingos do mês)
Espaço RPG				18h – 21h30 Núcleo de RPG (em duas sextas-feiras do mês)	14h -18h Oficina: Histórias e Contos de RPG -Núcleo de RPG (Todos os sábados do mês)	
Foyer do anfiteatro					17h-21h Ensaio Grupo Corpo em Rito - dança contemporânea 10/10/2009 10h-13h Ensaio Grupo Corpo em Rito - dança contemporânea 17/10/2009 16h-20h Ensaio Grupo Corpo em Rito- dança contemporânea 24/10/2009	10h-13h Ensaio Grupo Corpo em Rito- dança contemporânea 11/10/2009 10h-13h Ensaio Grupo Corpo em Rito- dança contemporânea 18/10/2009

2.5 Uma “mirada” nos arredores do CCJ

O Centro Cultural da Juventude está próximo ao Largo do Japonês, um centro comercial da região equipado com restaurantes, bares, mercado, bancos, Posto Móvel da Polícia Militar, diversas lojas e uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, inaugurada em 2009. Do lado oposto a esse centro comercial, encontra-se o Hospital Maternidade e o Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha, uma lanchonete McDonald's, um posto de gasolina, uma escola particular que oferta desde o Ensino Fundamental I ao Ensino Médio e o Cemitério da Vila Nova Cachoeirinha, o qual possui uma ampla praça arborizada com banquinhos espalhados e um playground para as crianças. Durante o dia, a praça é frequentada por crianças acompanhadas ou não pelos responsáveis e por jovens que por vezes se revezam entre o CCJ e a praça. Ao anoitecer, a praça ainda acolhe alguns jovens. Por volta das 22h, a calçada da praça passa a ser o local de trabalho de garotas de programa e travestis.

Em frente ao CCJ, além de algumas residências, há alguns estabelecimentos comerciais, como despachante, duas concessionárias de automóvel, o *Bahiana's Bar*, frequentado pelos lojistas da região, principalmente das Casas Bahia. Nesse estabelecimento é servido almoço, sendo que alguns funcionários do CCJ almoçam lá; outros o frequentam após o expediente. Também é o local onde os jovens que vão aos shows no Centro Cultural se reúnem e consomem bebidas, aguardando a hora de entrar, ou então celebram o término de alguma atividade.

Há, também, uma lanchonete improvisada em uma garagem de uma residência, que vende salgados por R\$ 0,70. Essa lanchonete atende ao público que frequenta o CCJ e também aqueles que estão na rua, de passagem. Os jovens que não consomem bebidas alcoólicas aproveitam o preço módico do salgado para esperar o início dos shows.

Mais adiante, há um bar que concentra um grupo de pessoas mais velhas, não sendo tão movimentado como o *Bahiana's Bar*. Durante o dia, serve almoço e à noite é um ponto de encontro de travestis e garotas de programa. Assim como os demais bares e lojas que se estendem ao longo da avenida, este estabelecimento também foi construído no interior de uma garagem.

Há várias maneiras de acesso ao CCJ. Para os que não residem tão perto, mas ainda estão na redondeza (Limão, Casa Verde, Freguesia do Ó e Cachoeirinha), é possível chegar ao Centro da Juventude de ônibus ou minivan, que podem ter como ponto final o terminal de ônibus da Vila Nova Cachoeirinha, que fica atrás do CCJ, ou que seguem para a Lapa, para a

região central (Praça do Correio, Largo do Paissandu e terminal Princesa Isabel) ou para o Metrô Vila Madalena³⁷.

A oferta de coletivos que servem a região onde o CCJ está alocado é farta, permitindo que haja uma maior diversidade do público frequentador.

³⁷ É possível, também, encontrar ônibus que passam no CCJ, partindo do Metrô Barra Funda e do Metrô Santana. De Pinheiros sai o ônibus Cohab Jardim Antartica/Pinheiros. Para quem vai de carro, o caminho mais fácil é pela Marginal Tietê, entrando na ponte da Freguesia do Ó, sentido Cachoeirinha e seguindo pela Avenida Inajar de Souza.

Capítulo 3: Os caminhos da pesquisa

3.1 Desenhando o trabalho de campo: primeiros passos

Para dar início às atividades de campo, foi necessário que eu realizasse um exercício de “desencantamento” em relação ao Centro, para que pudesse apreendê-lo como o objeto de pesquisa. Foi um exercício árduo, uma vez que participei da concepção e da execução do que seria o CCJ após a sua inauguração, desde a definição dos seus princípios e diretrizes, como seria o atendimento ao público, a programação que o equipamento iria oferecer, entre outros. Era necessário que eu conseguisse olhar por detrás da grandiosidade que havia criado em meu imaginário e só após esse exercício foi possível definir e delimitar o problema de pesquisa.

Criadas condições iniciais para esse distanciamento, uma vez que ele exige uma atitude de vigilância permanente, o segundo passo foi ganhar a confiança dos grupos selecionados para a aplicação do questionário. Como trabalhava em uma área onde o meu contato com os coletivos era intenso, tinha uma relação de proximidade muito grande. Era a responsável pela recepção de seus projetos e por seu encaminhamento às áreas adequadas, agendando, também, os espaços que pretendiam utilizar, entre outras atribuições. Logo quando os procurava para perguntar se poderiam responder um questionário de perfil do grupo, deixava claro que era uma pesquisa de mestrado e que não tinha nenhuma relação com o meu trabalho no CCJ. Deparei-me com dois tipos de reação a essa minha explicação inicial: alguns grupos ficaram mais aliviados e responderam as questões sem fazer avaliações do CCJ; enquanto outros, durante a aplicação do questionário insistiam em tecer considerações sobre o Centro e esclarecer dúvidas sobre o seu funcionamento. Um dos grupos até me entregou um projeto musical para que eu levasse para a apreciação e possível contratação. A primeira reação foi mais constante e esteve presente entre os membros dos grupos que frequentavam o CCJ mais assiduamente.

De julho de 2008 a abril de 2009 apliquei um questionário envolvendo 29 grupos com o objetivo de levantar o perfil, os usos e atividades que realizavam no Centro Cultural da Juventude, bem como sua frequência em outros equipamentos. A escolha dos grupos foi baseada em uma observação prévia, de modo a identificar os estilos culturais dos coletivos que utilizavam os espaços do CCJ e as formas de usos que efetuavam. Além disso, foi possível verificar que o Centro possuía um projeto denominado Agendamento de Espaços, que permitia o uso de suas instalações e de seus equipamentos em horários e dias que não

estivessem ocupados com a programação. Este projeto foi a porta de entrada para que os coletivos juvenis procurassem o Centro para definir usos a partir de seus interesses.

Os estilos culturais identificados nessa primeira observação foram: teatro, dança de rua, literatura, música (*rap*, rock, samba, *reggae*, MPB e *jazz*) e jogadores de RPG³⁸. Os grupos que atuavam na área teatral buscavam o CCJ para a realização de ensaios. Já os de dança de rua, além de treinarem e ensaiarem no Centro, também percebiam o Centro Cultural da Juventude como um espaço propício para a troca entre os pares e a realização de eventos. O mesmo ocorria com os grupos que se reuniam para jogar RPG.

No que diz respeito aos grupos musicais, estes realizavam atividades pontuais no equipamento, isto é, iam ao Centro para utilizar o estúdio para gravação e dificilmente retornavam para usufruir de sua programação ou utilizar algum serviço.

Após essa primeira incursão, que me permitiu conhecer os tipos de grupos que utilizavam o CCJ, teve início a elaboração do questionário e o processo de identificação dos entrevistados. O interesse era aplicar o questionário com os grupos que estivessem sempre no CCJ, como os grupos de teatro, dança de rua, de literatura, audiovisual, RPG e também com os grupos musicais que gravavam no estúdio.

Para identificar os que sempre estavam no equipamento utilizei a ficha de solicitação de agendamento de espaço. Os grupos preenchiam essa ficha mês a mês, solicitando o uso de determinado espaço e equipamento durante um determinado período. Por meio dessas fichas foi possível saber a frequência ao Centro e também ter acesso ao nome e telefone de um dos integrantes. Parte dos grupos também foi identificada por meio de observação no próprio CCJ. Essa observação auxiliou na identificação do grupo de literatura e de audiovisual³⁹.

Para localizar os grupos musicais, consultei o banco de dados do Centro, que registra aqueles que já gravaram no estúdio e também solicitei ao técnico de áudio a indicação de alguns coletivos.

No início de junho de 2008 o questionário-piloto foi aplicado em três grupos, sendo dois de dança de rua e um de teatro, com o objetivo de verificar possíveis inconsistências e

³⁸ O **Role-playing game** (RPG, traduzido como "jogo de interpretação de Personagens") é um tipo de jogo em que os jogadores assumem os papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente. O progresso de um jogo se dá de acordo com um sistema de regras pré-determinado, dentro das quais os jogadores podem improvisar livremente. Fonte: www.rederpg.com.br. Acessado em 1 de agosto de 2009.

³⁹ Um grupo de audiovisual é aquele que faz uso de imagens visuais para a realização de suas atividades. Geralmente realizam exibições de filmes em locais públicos e em regiões em que a população não tem acesso a esse tipo de entretenimento. Também realizam oficinas e buscam realizar suas próprias produções cinematográficas.

realizar os ajustes necessários. Poucas questões necessitaram de ajustes e foi possível iniciar a aplicação do questionário ainda em junho de 2008.

Em outubro de 2009 iniciei as observações no Centro, com o objetivo de apreender as atividades que eram realizadas pelos grupos, se eles utilizavam os serviços do CCJ e frequentavam a programação oferecida. Além disso, era interesse verificar se todos continuavam frequentando o CCJ e com qual periodicidade. As observações mais sistemáticas foram realizadas do dia 27 de outubro de 2009 a 07 de novembro de 2009. Realizei uma pausa para verificar se as observações realizadas até aquele momento estavam sendo satisfatórias. Retomei as observações no dia 24 de novembro, seguindo até o dia 20 de dezembro, último dia de atividade no Centro.

Primeiros contatos e pedras no caminho

Para contatar os grupos e agendar os encontros foi preciso utilizar algumas estratégias, uma vez que alguns números de telefone que constavam no cadastro das fichas de agendamentos estavam desatualizados e nem todos preenchiam a ficha, aproveitando-se do agendamento dos outros grupos. Desta forma, o recurso utilizado foi contatá-los diretamente no dia em que estariam no CCJ.

Os grupos mais fáceis de localizar foram os que se dedicavam à prática da dança de rua. Alguns estavam todos os dias no Centro e aos finais de semana um número significativo de coletivos se reunia a partir das 14h. Em um sábado, apliquei o questionário em cinco grupos. Para realizar a aproximação, precisei da mediação de um jovem dançarino com quem o contato havia sido estabelecido previamente. Essa mediação foi necessária, uma vez que os grupos de dança de rua são formados majoritariamente por homens e a presença de uma mulher, principalmente para a realização de uma pesquisa⁴⁰, poderia ser um incômodo para eles. Na hora em que foi anunciada a minha presença e solicitado que um dos integrantes de cada grupo respondesse ao questionário, foi perceptível que um jogava para o outro a responsabilidade de responder pelo grupo. Porém, em alguns grupos já havia um integrante que falava pelo coletivo.

⁴⁰ Além do possível incômodo por eu ser uma pesquisadora mulher, também temia que o fato de que a minha inserção profissional no CCJ pudesse atrapalhar o meu contato com os grupos. Para minha surpresa, muitos dos integrantes não sabiam do meu vínculo de trabalho com o CCJ. No instante em que percebia que desconheciam meu vínculo, explicava minha situação e reforçava a finalidade da pesquisa desligando-a de qualquer interesse do próprio CCJ.

Com os grupos de teatro o contato também foi estabelecido pessoalmente. Eles ensaiavam no Centro geralmente no final da tarde, após o horário de trabalho e de escola, ou aos finais de semana, quando todos os integrantes estavam livres. Fui aos ensaios e marquei com os grupos para aplicar o questionário no próximo encontro deles. O mesmo procedimento foi adotado com os participantes do RPG que se reuniam todos os sábados após as 14h para jogar.

Dois grupos ligados à produção literária também responderam ao questionário. O Instituto Sala 5⁴¹ realizava as atividades do projeto aprovado pelo Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais – VAI⁴². O grupo Literatura Suburbana se dedicava a literatura periférica⁴³, realizando saraus e oficinas em diversos locais da zona norte. Ambos foram contatados por telefone.

A aplicação do questionário com os grupos musicais teve início em janeiro de 2009. Contatar esses grupos foi um grande desafio, pois interessava localizar grupos que haviam utilizado o estúdio em 2006, para verificar se continuavam utilizando o equipamento. Novamente esbarrei no impasse dos contatos desatualizados do CCJ. Diante dessa dificuldade, recorri à memória do técnico de áudio do estúdio e consegui algumas referências por meio dele. Desta forma, com alguns grupos o contato foi realizado por telefone, com outros por e-mail. Duas das entrevistas com grupos musicais foram realizadas em barzinhos onde eles estavam se apresentando. Uma foi realizada na casa de um dos integrantes e o restante no próprio Centro.

⁴¹ O Instituto Sala 5 é uma organização juvenil situada na Região da Brasilândia, que desde 2001 desenvolve formações e intervenções comunitárias, contribuindo para a expansão das perspectivas de jovens, incentivando-os a gerarem oportunidades e desenvolvimento social, educacional e econômico para si mesmos e suas comunidades. Antes de se consolidarem como uma organização da sociedade civil era um coletivo com alguns integrantes que receberam formação da organização internacional Artemisia, que investe no desenvolvimento no campo de negócios sociais no Brasil. Com uma lógica inovadora para empreender negócios que visam primordialmente reduzir as desigualdades socioeconômicas, aposta no desenvolvimento de jovens empreendedores através de programas e propostas de atuação diversas. A organização desenvolve um programa chamado Jovens Empreendedores, no qual oferece formação e destina recursos financeiros para os grupos selecionados. Foi com esses recursos que o grupos de jovens conseguiu alugar uma sala em um pequeno centro comercial da região, daí surgiu o Instituto Sala 5. (Luiz Flávio – Diretor do Sala 5). www.sala5.org Acesso em: 01 de junho de 2009.

⁴² “O Programa Para Valorização de Iniciativas Culturais – VAI integra a estrutura administrativa da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. O projeto de lei que deu origem ao programa é de autoria do vereador Nabil Bonduki. Foi aprovada pela Câmara a lei Municipal 13540/03, regulamentada pelo decreto 43.823, que permitiu a elaboração do primeiro edital de chamamento de grupos interessados. O objetivo do programa é apoiar financeiramente projetos elaborados por jovens – embora seja possível também o apoio a pessoa jurídica – sobretudo nas camadas de baixa renda”. (Maria do Rosário – Coordenadora do VAI)

⁴³ Literatura periférica ou marginal exprime uma corrente literária que tem como principais escritores moradores da periferia. Em seus escritos, esses autores visam a apresentar e denunciar para seus leitores aspectos do cotidiano, como a violência e a força do tráfico. Mas também buscam valorizar aspectos positivos da periferia, da solidariedade, modos de falar, entre outros. Fonte: <http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/245.htm>. Acessado em 06/07/2010.

Os espaços onde foram realizadas essas entrevistas interferiram no momento de aplicação do questionário. Essa interferência foi notada principalmente nas entrevistas realizadas nos bares. Ambos os grupos solicitaram para que eu chegasse 30 minutos antes da entrada deles para show.

Na primeira entrevista,⁴⁴ cheguei antes do horário combinado, o meu interlocutor ainda não estava no local. Sentei e esperei. O barzinho ficava na região de Pinheiros, zona Oeste da cidade. Ele chegou após uns 15 minutos e, junto com seu companheiro, montou os equipamentos. Aguardei que fizessem a afinação dos instrumentos e depois de uns 30 minutos de espera, começamos a conversar. Como ele já sabia que eu trabalhava no CCJ durante a aplicação do questionário, interrompeu-me três vezes para fazer críticas ao equipamento. A cada interrupção, ouvi atentamente às críticas e sugestões e repetia que não estava lá trabalhando, que poderíamos marcar uma reunião de trabalho, mas que naquele momento era muito importante para a minha pesquisa que ele respondesse ao questionário. Demorei 40 minutos para realizar a entrevista. Ao final, ele me entregou uma proposta de show para que levasse para o Centro. Além das interrupções realizadas pelo meu interlocutor, havia uma música de fundo e pessoas conversando ao nosso redor. Também éramos interpelados por amigos dele que chegavam para cumprimentá-lo.

A segunda entrevista⁴⁵ foi realizada em um barzinho na zona norte, próximo ao metrô Santana. Quando cheguei, minha entrevistada já estava lá, porém pediu para que aguardasse o término da aula que ela estava ministrando no local. A aula passou do horário e restou 15 minutos para que eu pudesse aplicar o questionário, enquanto ela jantava um sanduíche antes do início do show. O pouco tempo fez com que ela respondesse as questões prontamente, sem se alongar ou falar sobre o CCJ, já que ela sabia que eu trabalhava lá.

A entrevista realizada na casa da integrante do grupo Camiranga foi muito rápida. Apliquei o questionário em menos de 20 minutos. Eu não estava à vontade em ir à casa da entrevistada. Só aceitei, pois a sugestão partiu dela e seria o único horário que ela poderia me atender. Ela estava tranquila para responder às questões e deixou transparecer que o fato de receber uma pessoa estranha na sua casa não lhe afetava em nada. Consegui fazer com que ela não percebesse o meu incômodo, de modo a não atrapalhar a pesquisa.

Os questionários aplicados no CCJ foram realizados fora do meu horário de trabalho, pois assim assinalava para os grupos que o meu expediente havia terminado, e que estava com eles como pesquisadora. Com a maioria dos grupos, o momento de aplicação do questionário

⁴⁴ O grupo entrevistado foi o B3 Orgão Trio.

⁴⁵ O grupo entrevistado foi o Gabi e seus camaradas.

ocorria de forma descontraída, diferenciando da minha relação profissional com eles, o que apontava que havia conquistado a confiança deles

Os grupos juvenis e os diferentes estilos que circulam pelo CCJ

O questionário aplicado estava dividido em três blocos de perguntas. No primeiro, buscou-se apreender aspectos da formação do grupo e de seus membros como: escolarização, idade, trabalho, etc.

O segundo, dedicou-se a entender os usos que os grupos faziam do CCJ e com qual periodicidade, além de identificar se eles utilizavam ou não os serviços e se frequentavam ou não a programação promovida pelo Centro.

O terceiro interessou-se por mapear se os grupos utilizavam outros equipamentos, quais atividades eram realizadas neles e a frequência.

A seguir, são apresentadas algumas tabulações do questionário de perfil; as demais foram anexadas ao documento.

Com o objetivo de auxiliar a leitura e possibilitar a melhor identificação dos grupos entrevistados e seus estilos o Quadro 1 oferece uma síntese dos grupos.

Quadro 1

Nome do Grupo	Estilo	Ano de Formação	Nº de Integrantes	Composição quanto ao sexo
Street Son	Dança de Rua	1993	13	Somente homens
K.I.D.S Clan	Dança de Rua	2003	7	Somente homens
Stylo Loko	Dança de Rua	2004	13	Maioria homem
The Funk's Men	Dança de Rua	2004	2	Somente homens
Nature Soul	Dança de Rua	2006	10	Somente homens
Acid Popping	Dança de Rua	2008	2	Somente homens
Killer School	Dança de Rua	2008	7	Somente homens
Corpo em Rito	Dança contemporânea	2007	8	Maioria mulher
Cia Meses	Teatro	2005	6	Igualdade entre os sexos
Camaleão	Teatro	2006	6	Maioria mulher

Projeto Preto	Teatro	2007	7	Maioria homem
Paladinos	Teatro	2008	22	Maioria mulher
Aliado A	Música – <i>rap</i>	1998	1	Somente homens
Ca.Ge.Be.	Música – <i>rap</i>	1999	4	Maioria homem
Bandoleiro	Música – <i>rap</i>	2002	1	Maioria homem
Maderit	Música – <i>rap</i>	2005	3	Somente homens
Na humilde crew	Música – <i>rap</i>	2006	6	Maioria homem
Deportados	Música – <i>Rock</i>	2001	5	Somente homens
Embatucadores	Música – percussão corporal	2003	10	Maioria mulher
Jah Solution	Música – <i>reggae</i>	2004	5	Maioria homem
Camiranga	Música – Samba	2006	4	Maioria homem
B3 Orgão Trio	Música – <i>jazz</i>	2006	3	Somente homens
Gabi e meus camaradas	Música – <i>jazz</i>	2006	3	Maioria homem
Reticências	Música – MPB	2008	4	Maioria homem
Cine Barracão	Audiovisual	2006	1	Somente homens
Sala 5	Literatura	2001	35	Igualdade entre os sexos
Literatura Suburbana	Literatura	2007	7	Maioria homem
Regicidas	Anarco RAP	2006	2	Somente homens
RPG	Jogo	2006	13	Maioria Homem

Dos grupos entrevistados, conforme mostra a Tabela 1, sete dedicavam-se à prática da dança de rua e 1 à dança contemporânea. Das 11 companhias de teatro que ensaiavam no CCJ, 4 foram entrevistadas. Os 2 coletivos que atuavam na área da produção literária também participaram dessa primeira fase da pesquisa. Dos 81 grupos que já gravaram no estúdio do CCJ entre os anos de 2006 e 2008, 25 eram de *rap*, sendo que 5 desses grupos responderam ao questionário. Dos grupos musicais de outros gêneros, 7 responderam ao questionário,

sendo que: 2 são de *jazz*; 1 de *samba*; 1 de *MPB*; 1 de *rock*; 1 de *reggae* e 1 de *percussão corporal*. Por fim, 1 grupo de audiovisual foi entrevistado, 1 de *RPG* e 1 *Anarco RAP*⁴⁶.

Tabela 1 – Número de grupos entrevistados por estilo.

Estilo	Nº. de grupos
Dança de Rua	7
Dança Contemporânea	1
Teatro	4
Literatura	2
<i>Rap</i>	5
Música (outros gêneros)	7
Anarco RAP	1
Audiovisual	1
RPG	1
Total	29

O ano de formação dos grupos varia entre 1993 e 2008 (Tabela 2). Há uma concentração de formação de grupos em 2006, ano de inauguração do CCJ. Num primeiro momento, isso poderia indicar que o Centro da Juventude estaria estimulando a sua formação; no entanto, dos 8 grupos formados em 2006, somente o Núcleo de RPG foi constituído no CCJ. Os grupos formados a partir de 2006 são em geral os musicais, as companhias de teatro e os de dança de rua.

Os coletivos de dança de rua que se constituíram em 2008 (Killer School e Acid Popping); a Cia de teatro Paladinos e o grupo musical Reticências afirmaram ter sido formados no Centro. Os integrantes da Cia. Paladinos se conheceram durante a oficina do Teatro Vocacional⁴⁷ e os integrantes da Banda Reticências, na orientação do Projeto Música Vocacional. O coletivo de dança de rua Killer School disse que os integrantes, antes de se constituírem como um grupo, se encontravam nos ensaios de dança de rua que ocorriam no

⁴⁶ O Regicídio Está Por Vir é um grupo da família dos Anarco RAP. Esse grupo constrói as suas letras de rap apoiados na ideologia anarquista. Para visualizar melhor o que canta esse novo “movimento” segue uma letra de música do grupo: “Cuidado patrões, cuidado senhores capitalistas, cuidado cachorros do sistema, o regicídio já começou, suas cabeças vão rolar, e sobre seu sangue iremos construir um mundo melhor, seus crânios servirão de cinzeiro e suas peles ficaram penduradas em nossas paredes/ Queimaremos você e seu dinheiro verme parasita, e nos aqueceremos nesta fogueira/Dos subúrbios mais fétidos, sujos e violentos iremos subverter para travar esta ultima batalha, lutaremos até o fim; se morrermos, morreremos de pé/ Cuidado senhores burgueses, pois saímos dos subúrbios para caçar, e suas cabeças estão à prêmio!/ Um dos cidadãos pobres que você explorou, hoje é o mesmo que te queimará vivo amanhã!/ Ps: seu deus não te salvará!”. Fonte: http://oregicidioestaporvir.blogspot.com/2008_07_01_archive.html. Acesso em dia 01 de agosto de 2009.

⁴⁷ O teatro vocacional é um projeto do Núcleo Vocacional do Departamento de Expansão Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. O objetivo dos projetos desenvolvidos pelo Núcleo é “formar novos grupos e proporcionar expressão e consequente reflexão através das artes, além de orientar e dinamizar a produção dos grupos já existentes”. Além do teatro vocacional, o Núcleo também conta com o dança e música vocacional. Fonte <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=6135> acesso em: 29 de junho de 2009.

equipamento aos finais de semana. Já o grupo Acid Popping afirmou que os integrantes se conheceram no CCJ.

Os coletivos mais antigos formaram-se na década de 1990, sendo 1 da dança de rua e 2 de *rap*. Aqueles constituídos entre 2001 e 2005 são em sua maioria grupos musicais seguidos pelos de dança de rua.

Tabela 2 – Ano de formação dos grupos

	Frequência
1993 – 1999	3
2001- 2003	5
2004 – 2005	6
2006	8
2007	3
2008	4
Total	29

Durante a aplicação do questionário, identifiquei três grupos formados somente por um integrante (Tabela 3). Surpreendi-me com tal constatação de que somente uma pessoa formava um grupo. Um dos grupos, o Cine Barracão (audiovisual), disse que no início era formado por 14 pessoas, mas que, devido às dificuldades pessoais dos integrantes e também por impossibilidade de realizarem as atividades, só restou um integrante que buscava realizar as exposições em parceria com outros coletivos e instituições. Ele manifestava interesse em aumentar o grupo, ou até mesmo se juntar a outro que atuasse na mesma área..

Os grupos Aliado A e Bandoleiro, ambos de *rap* também compostos por somente um integrante, disseram contar com a participação de amigos e outros grupos na realização de shows e na gravação de músicas. O integrante do Aliado A disse que no início cantava com um primo dele, mas que agora eles não encontravam horário para cantarem juntos.

O núcleo O Regicídio Está Por Vir (*rap*) possuía 2 integrantes, mas disse que no início contava com mais membros. Assim como os integrantes do grupo Cine Barracão (audiovisual), os membros desse núcleo também se afastaram. O interessante desse núcleo é que mesmo morando em regiões distantes (zona norte e na zona sul) eles realizavam atividades com frequência.

Esses grupos (Aliado A, Bandoleiro, O Regicídio está por vir e Cine Barracão) possuíam como traço de sua sociabilidade a instabilidade na formação dos grupos, aliado à flutuação do número de participantes.

Os grupos de dança The Funk's Men e Acid Popping⁴⁸, ambos da dança de rua também contavam com 2 integrantes. O que pude observar é que o número de membros de grupos que se dedicavam ao estilo de dança *popping* não era superior a dois. Eles costumavam se organizar em duplas para elaborar e ensaiar coreografias que seriam utilizadas em apresentações ou então em campeonatos.

Havia uma regularidade no número de integrantes dos grupos de dança de rua que se dedicavam ao estilo *break*⁴⁹. A quantidade de membros variava entre 7 e 15 jovens.

Já os grupos musicais (*rap*, *reggae*, MPB, *rock* e *jazz*) são formados por até 5 integrantes.

Das 4 companhias de teatro entrevistadas, 3 possuíam entre 6 e 7 integrantes. O grupo de teatro Paladinos contava com 22 integrantes. Esse número elevado de membros pode ser explicado pelo fato de eles terem se formado a partir de uma oficina que contava com aproximadamente 30 participantes.

Por fim, temos a organização juvenil Sala 5⁵⁰ que contava com 35 integrantes. O número elevado de participantes pode ser explicado pelas inúmeras atividades que realizavam. Eles possuíam uma sede onde eram oferecidos cursos e oficinas para os jovens da região.

Tabela 3- Número de integrantes

	Frequência
1 integrante	3
2 a 5 integrantes	11
6 a 10 integrantes	10
11 a 15 integrantes	2
mais de 15 integrantes	2
Total	29

⁴⁸ Esses grupos se dedicam ao estilo *popping* que é uma das vertentes da *street dance*. Surgiu na Califórnia na década 1970 e a música que embala as suas coreografias é o *funk*. Chegou ao Brasil na mesma época que o *break* e difundiu-se entre os jovens. Os movimentos executados no *popping* se assemelham aos movimentos mecânicos de um robô. *Popping* significa estalo das articulações. Os dançarinos de *popping* são chamados Poppers. Eles se apresentam com roupa social, boina e colete (Noronha; Pires e Toledo, 2007).

⁴⁹ O *break* é outra vertente do *street dance* e integra um dos quatro elementos do *hip hop*. Nos Estados Unidos ganhou visibilidade em 1981 e expandiu para o mundo. No Brasil esse estilo de dança passou a ser praticado em 1983. Em São Paulo o espaço utilizado pelos b.boys inicialmente foi a Rua 24 de maio, no centro da cidade. Perseguidos pelos lojistas, os dançarinos adotaram um novo local, desta vez a estação São Bento de Metrô. A partir da década de 90, os dançarinos passaram a ocupar outros espaços, como por exemplo, a estação Conceição de metrô.

⁵⁰ Vide nota 3.

3.2 A participação das mulheres

Interessava-me saber se os grupos possuíam em sua formação membros de ambos os sexos (Tabela 4). O que identifiquei com a aplicação do questionário, foi que nenhum dos coletivos era formado somente por mulheres.

Duas companhias de teatro, o grupo de dança contemporânea e o de percussão corporal⁵¹ possuíam em sua constituição mais mulheres que homens. Desses grupos, que são formados por maioria de mulheres, o que mais representa a participação delas em grupos juvenis é o coletivo de dança contemporânea Corpo em Rito. Somente um homem no momento da aplicação do questionário participava e duas irmãs coordenavam as atividades realizadas. No entanto, a presença quase exclusiva de mulheres nesses coletivos não é indicador de que a participação de mulheres em grupos juvenis, que não seja em formas tradicionais como o teatro e a dança, esteja aumentando.

Aqueles que eram formados somente por homens, ou por maioria de homens, eram em geral grupos de *rap*, musicais e de dança de rua.

O que pude inferir desses primeiros dados é que as mulheres ainda não conquistaram pleno espaço em determinadas práticas culturais, como na dança de rua e nos grupos de *rap*. O que observei nos grupos que frequentam o CCJ, é que as mulheres ainda aparecem como coadjuvantes nesse tipo de coletivo (namoradas ou companheiras, principalmente dos b.boys).

Tabela 4 – Formação do grupo por sexo

	Frequência
Somente integrantes homens	13
Maioria Homens	10
Maioria mulheres	4
Igualitário	2
Total	29

3.3 Idade, Escolaridade e Trabalho

A Tabela 5 apresenta a frequência de grupos com integrantes por faixa etária e a Tabela 6 indica o número de grupos que possuem membros estudantes. Na primeira tabela, observei que havia uma concentração de coletivos com membros jovens com idade entre 19 e 24 anos. O estilo que mais contava com a presença desses jovens era o de dança de rua. Os integrantes, que possuíam idade inferior a 15 anos, estavam inseridos nos coletivos de teatro,

⁵¹ Corpo em Rito (dança contemporânea), Camaleão e Paladinos (teatro) e Embatucadores (percussão corporal).

literatura, RPG e dança contemporânea. Nessa amostra havia poucos grupos formados por integrantes com mais de 29 anos, sendo que esses coletivos são os musicais (samba, *rap* e *jazz*) de teatro (Projeto Preto), de literatura (Sala 5) e de dança (The Funk's Men).

Tabela 5 –Número de grupos com integrante por faixa etária*

FA de grupos	
menores de 15 anos	5
15 a 18 anos	13
19 a 24 anos	20
25 a 29 anos	16
com mais de 29 anos	9

**múltipla escolha*

Em relação à escolaridade dos grupos, na Tabela 6 verifica-se que 21 grupos possuíam integrantes estudantes. Os coletivos que contavam com o maior número de integrantes ainda estudantes eram aqueles que praticavam a dança de rua, teatro, *rap* e RPG.

Somente em 8 grupos os membros não eram estudantes. Quatro coletivos eram da área musical (2 de *rap*, 1 de *jazz* e 1 de *reggae*), 1 do audiovisual, 1 de teatro e 2 de dança (1 de dança de rua e 1 de dança contemporânea).

Tabela 6 – Número de grupos com membros estudantes

	Frequência
Possui membros estudantes	21
Nenhum dos membros estuda	8
Total	29

A maioria dos jovens integrantes dos grupos havia concluído o Ensino Médio, porém no momento de aplicação do questionário não tinham a perspectiva de cursar o Ensino Superior. Esses jovens eram dos grupos de *rap* (Tabela 2 e 3 – Anexo D).

O único membro do grupo de *rap* Aliado A, com idade entre 25 e 29 anos, não havia concluído o Ensino Fundamental. Ele disse que estava aguardando vaga em uma escola próxima a sua casa para voltar a estudar. Afirmou sentir dificuldades devido a sua baixa escolaridade, pois as pessoas para quem entregava suas letras não conseguiam entender o que escrevia.

Onze grupos contavam com pelo menos um integrante com Ensino Superior completo ou em andamento e, em geral, eram as companhias de teatro, os de dança e os grupos de música.

Também era significativo o número de integrantes com o Ensino Superior incompleto. Por meio do questionário aplicado, não foi possível identificar se esses jovens haviam apenas trancado a matrícula na faculdade para depois retomar os estudos, ou se desistiram.

Em relação ao trabalho, a Tabela 7 mostra que 26 grupos possuíam membros trabalhadores. Na Tabela 8, podemos observar que em 15 grupos todos os membros trabalhavam. No geral, seus estilos são teatro, literatura, musicais, dança de rua e *rap*.

Os grupos Paladinos (teatro), Reticências (música) e Stylo Loko (dança de rua) possuem poucos integrantes trabalhadores. Esses coletivos possuem um número elevado de membros na faixa etária dos 15 e 18 anos. São jovens que se encontram absorvidos pela escola, sem intenção de ingressar no mercado de trabalho. Um dos membros do grupo Reticências disse que estava para completar 18 anos e que então começaria procurar emprego.

Os dois jovens que eram de grupos que no momento contavam com somente um membro não trabalhavam (Cine Barracão (audiovisual)⁵² e Bandoleiro (*rap*). Todos os integrantes do grupo Nature Soul (dança de rua) eram estudantes e não estavam procurando emprego.

Tabela 7 – Número de grupos com membros trabalhadores

	Frequência
Possui membros trabalhadores	26
Nenhum dos membros trabalha	3
Total	29

Tabela 8 – Número de grupos por membros trabalhadores

	Frequência
Todos trabalham	15
A maioria trabalha	8
Poucos trabalham	3
Não trabalham	3
Total	29

⁵² Em outubro de 2008, o único membro desse grupo começou a trabalhar na equipe de monitoria do Centro Cultural da Juventude.

Os dados apresentados permitem inferir que o Centro Cultural da Juventude não atua na perspectiva da moratória social, isto é, suas ações não têm o objetivo de retardar a entrada dos jovens no mercado de trabalho por meio do oferecimento de bolsas. Esta filosofia da moratória social permeia muitos projetos da prefeitura de São Paulo, como os projetos implementados pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho⁵³ e pela Secretaria de Assistência Social⁵⁴, os quais possuem como exigência que o jovem esteja frequentando a escola ou tenha concluído o Ensino Médio, mas que esteja desempregado. A maioria dos integrantes dos grupos que utilizava o CCJ trabalhava e frequentava o Centro durante o seu tempo livre.

O Centro tem como meta auxiliar a inclusão social do jovem por meio da garantia do direito de acesso à cultura. Desta forma, os projetos desenvolvidos no Centro têm a cultura como fim e não como meio para se atingir outros objetivos.

As ações governamentais direcionadas para públicos específicos, moradores de regiões periféricas, geralmente possuem uma metodologia de trabalho que visa principalmente, no caso dos programas e projetos voltados para o público jovem, ora à capacitação para a inserção no mundo do trabalho, aliada à elevação dos níveis de escolaridade, ora a ocupar o tempo livre, o que muitas vezes é realizado com atividades culturais ou esportivas. O Centro apresenta uma alternativa diferente, pois privilegia a expressão cultural e o lazer como direitos.

⁵³ Esta Secretaria possui 8 projetos que visam a atender jovens com idade entre 16 e 20 anos, residentes no município de São Paulo, que estejam matriculados em cursos vinculados ao sistema nacional de ensino ou que tenham concluído o Ensino Médio. Esses jovens precisam estar desempregados e não recebendo o seguro desemprego, ou devem pertencer a famílias com renda familiar de até ½ salário mínimo (acho que é per capita). O valor da bolsa é de R\$ 263,92 ou de R\$ 586,50. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/ acessado em 08/07/2010.

⁵⁴ Esta Secretaria implementa o projeto Ação Jovem para jovens entre 15 e 24 anos, que vivem em regiões de alta concentração de pobreza; têm Ensino Fundamental e/ou Médio incompletos (EJA ou curso técnicos) que estão fora da escola formal ou em risco de abandoná-la. Inclui também aqueles que se encontram em regime de Liberdade Assistida. O valor do benefício mensal é de R\$ 60,00. Para permanecer no projeto o jovem deve ter frequência escolar de 85%, ter aprovação escolar, frequentar as atividades complementares oferecidas pelo município e caso seja gestante, comprovar a frequência às consultas pré-natal. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/. Acessado em 08/07/2010

3.4 O Centro Cultural da Juventude: “quintal” dos grupos

Perguntei aos grupos se os integrantes moravam perto do CCJ (Tabela 9). Como perto e longe são conceitos que variam de pessoa para pessoa, considerei que moravam perto aqueles que demoravam até 25 minutos para chegar ao equipamento a pé.

Os grupos de samba Camiranga, de *jazz* B3 Orgão Trio e o de *rap* Bandoleiro não possuíam nenhum integrante que morasse perto do CCJ. Cada um deles conheceu o Centro de forma diferente. A banda de samba soube da existência do equipamento por meio de um integrante que foi contratado para ministrar uma oficina de construção de instrumentos de percussão em 2006. O grupo de *jazz* foi contatado por um parceiro do CCJ, o Jazz nos Fundos⁵⁵, para se apresentar no projeto Sexta Sonora. Já o grupo de *rap* conheceu o Centro por intermédio de um grupo com quem mantinha relações de amizade.

Os coletivos para os quais o Centro era o “quintal” de suas casas ou que a maioria dos membros morava perto eram, no geral, os grupos de dança de rua, literatura, RPG, *rap*⁵⁶, teatro⁵⁷ e musicais (*rock*, *reggae*, MPB e percussão corporal).

Tabela 9 – Número de grupos com integrantes que moram próximo ao CCJ

	Frequência
Todos	11
Maioria	9
Minoria	6
Ninguém	3
Total	29

A Tabela 10 apresenta um número grande de grupos que conheceram o Centro por meio de amigos e/ou familiares. Esses coletivos eram dos estilos musicais (*reggae* e *rap*), teatro, RPG, dança de rua e audiovisual. Na maioria desses grupos os integrantes eram moradores da região. E mesmo aqueles que moravam longe, como era o caso do grupo Bandoleiro (*rap*), também conheceram o centro por intermédio de um amigo que morava na região.

Esse dado revela o quanto o famoso “boca a boca” é importante para a divulgação dos serviços oferecidos pelo poder público. Por outro lado, também aponta para a existência do repasse de informações de interesse comum entre os coletivos do mesmo estilo. Durante a

⁵⁵ Jazz nos Fundos é uma casa noturna que localizada na região de Pinheiros. Como o próprio nome já diz, é uma casa especializada em receber grupos de *jazz*. Com a intenção de promover uma programação de *jazz* o Centro Cultural da Juventude contatou o Jazz nos Fundos para que eles indicassem grupos para se apresentar no CCJ.

⁵⁶ Maderit, Ca.Ge.Be. e Aliado A.

⁵⁷ Paladinos, Cia Meses e Projeto Preto.

aplicação do questionário com os grupos de dança de rua, foi recorrente a afirmação de que foram avisados por grupos que já conheciam e frequentavam o Centro de que era possível encontrar no equipamento um local para ensaios.

Há também aqueles que disseram ter acompanhado as reuniões que antecederam a construção do equipamento, realizadas pela Coordenadoria Especial da Juventude: Sala 5 (literatura), Cia Meses (teatro), Ca.Ge.Be. (*rap*), Deportados (musicais) e Literatura Suburbana (literatura).

Tabela 10 – Como conheceu o CCJ

	Frequência
Amigos/familiares	18
Acompanhou a construção	5
Passou em frente	4
A trabalho	2
Revista “Em Cartaz”	1
Total	29

3.5 Periodicidade das atividades

A Tabela 11 apresenta a periodicidade com que os coletivos se reuniam ou realizavam atividades na época da pesquisa. A banda de *jazz* Gabi e meus Camaradas disse que não realizava reuniões, uma vez que seus integrantes não moravam perto uns dos outros. Às vezes se encontravam horas antes de realizarem algum show. Quando havia necessidade, marcavam uma reunião entre eles, mas nunca com todos os integrantes juntos.

Os coletivos que possuíam uma periodicidade maior de encontros e de realização de atividades eram, em sua maioria, os grupos musicais e de dança de rua.

Tabela 11 – Periodicidade que os grupos se reúnem

	Freq.
Mensal	2
Quinzenal	1
Semanal	11
2 a 3 vezes por semana	12
Diária	2
Não se reúnem	1
Total	29

3.6 Os sem sede e a utilização dos espaços públicos

Dos 29 grupos entrevistados somente o Sala 5 (literatura) e a Banda Jah Solution possuíam sede própria (Tabela 12). Sendo que o Sala 5 alugava uma sala em um prédio comercial em um bairro da Brasilândia.

O Núcleo de RPG se reunia no CCJ. Como ele se formou a partir de reuniões realizadas pelo Centro em 2006, os membros começaram a ocupar um espaço que ficava no segundo piso para jogar RPG e realizar as oficinas do VAI. Esse espaço ficava sob a escada de acesso a esse piso, sendo que até o Núcleo começar a utilizá-lo, era um local pouco aproveitado pela programação do Centro. O Núcleo demandava do CCJ um espaço onde pudesse realizar as suas atividades, sem ser incomodado ou incomodar outros frequentadores enquanto jogavam. Também desejavam que esse espaço tivesse a sua identidade, isto é, que fosse um local que tanto a equipe do CCJ, como quem frequentasse o espaço soubesse que ali jovens se reuniam para a prática do RPG. O grupo Desejava deixar o material utilizado para os jogos armazenados no espaço, para isso solicitou à direção do Centro um armário com chave para que pudesse guardar os materiais. O armário não foi disponibilizado pela direção, uma vez que não havia armários que não estivessem em uso pela CCJ.

O espaço recebeu uma decoração com artefatos e personagens da idade média⁵⁸. Embora o espaço tivesse sido dedicado para o Núcleo de RPG, quando havia a necessidade de utilizar o espaço para outras atividades do CCJ, o Núcleo era contado pela equipe do Centro e avisado de que o local receberia uma atividade da programação e que o Núcleo teria que ocupar a área de convivência. Além do uso realizado pelo equipamento, outros frequentadores também usufruíam do espaço, por ser mobiliado com mesas grandes, ideais para reunir grupos de estudantes e até mesmo reuniões.

O grupo de *rap* Ca.Ge.Be. considerava como sede um “escadão” que fica na Vila Brasilândia, local onde realizavam as exposições de vídeo e shows.

Tabela 12 – Número de grupos que possuem sede própria

2.1.	Frequência.
Com sede própria	2
Sem sede própria	27
Total	29

A Tabela 13 apresenta como os grupos, por não possuírem sede, utilizavam espaços variados para a realização de suas ações. Durante a aplicação do questionário foi possível

⁵⁸ Estes objetos foram construídos em uma oficina realizada em 2008 que teve o objetivo de criar artefatos de decoração para o Encontro de RPG realizado em novembro deste mesmo ano.

inferir que os dois coletivos que possuíam sede também faziam uso de equipamentos públicos para o desenvolvimento de algumas atividades. O fato de possuírem sede permitia a esses coletivos ter uma melhor dinâmica de trabalho no que dizia respeito à realização de reuniões de equipe e também de atividades que reunia um número reduzido de participantes, como oficinas. Para a realização de grandes eventos, como os realizados pela Sala 5, os grupos buscavam lugares com uma estrutura maior que pudesse abrigar um número grande de pessoas. Outro fator que fazia com os grupos buscassem espaços públicos, reside no fato de eles poderem divulgar o trabalho que realizavam para um público maior e diversificado dos que habitualmente atingiam em suas sedes.

Esses dados também revelam que o Centro Cultural da Juventude, embora ainda tivesse pouco tempo de existência, passou a ser um local onde 20 grupos podiam realizar suas atividades culturais. Os estilos que se reuniam ou realizavam atividades neste equipamento eram em sua maioria da dança de rua, do teatro, do RPG, do *rap*, grupos musicais (*reggae* e MPB) e de literatura. No entanto, somente três coletivos dependiam exclusivamente do Centro para realizarem seus encontros, eram eles: Acid Popping (dança de rua), Paladinos (teatro) e Reticências (música). Embora de estilos diferentes, o que aproximava esses grupos e talvez o que justifique o fato de eles terem somente o CCJ como local para se reunirem, é que os três foram formados no CCJ, seja no âmbito de oficinas, como o grupo musical e o de teatro, seja no espaço dedicado aos ensaios de dança de rua, quando os membros do grupo de dança se conheceram.

É importante ressaltar que desses 20 grupos que indicaram o CCJ como ponto de encontro, 8 grupos apontaram mais dois locais em que se reuniam, sendo que 3 são da dança de rua (Street Son, Stylo Loko e Nature Soul), 2 de *rap* (Maderit e Na Humilde Crew), o grupo de teatro Projeto Preto, o de audiovisual Cine Barracão e o de literatura Sala 5.

Os estilos que elegeram a casa de um dos integrantes para ensaios e realização de reuniões no geral, foram os grupos de *rap* (3), musicais (3) e teatro (2) e dança de rua (2). O Núcleo de RPG e o Literatura Suburbana também utilizam a casa de um dos membros para realização de atividades.

Tabela 13 – Locais de encontro dos grupos*

	FA. Grupos
CCJ	20
Na casa de algum integrante	13
Escola	6
Associação de bairro/moradores	4
Centro Esportivo da Prefeitura	3
Casa de Cultura	2
Organização Não Governamental	3
Aluga Estúdio Particular	2
Em casas de show	2
Centro Comunitário	1
Biblioteca	1
Igreja	1
Centro Cultural São Paulo	1
Parque Horto Florestal	1
Tendal da Lapa	1
Academia de Ginástica	1
“Escadão” do Bairro	1
Sede Própria	1
Total	64

**questão de múltipla escolha*

A escola era utilizada por seis grupos de estilos bem diversificados: 2 de dança de rua, 1 de *rap*, 1 de literatura, 1 de audiovisual e 1 de música.

É possível dizer que a procura pelas escolas por grupos de jovens teve um crescimento devido ao programa Escola da Família⁵⁹, implantado em agosto de 2003 pela Secretaria Estadual da Educação. Esse programa abre os portões das escolas aos finais de semana, onde são oferecidas oficinas gratuitas e espaços para a prática de esportes e realização de atividades culturais. Os grupos que citaram a escola como local em que realizam suas atividades disseram fazer uso dela nos finais de semana. No entanto, os grupos não estavam na condição de bolsistas ministrando oficinas; simplesmente aproveitavam a abertura da escola e realizavam seus ensaios lá.

Como é possível notar, os grupos possuíam várias alternativas de espaços para a realização de suas atividades, porém mesmo com tamanha diversidade o que se verificou foi

⁵⁹ O programa Escola da Família é fruto de uma parceria entre o Governo do Estado e as instituições de Ensino Superior. A Secretaria de Estado da Educação custeia 50% do valor da mensalidade do curso de graduação, até o limite de R\$ 267,00 (duzentos e sessenta e sete reais), e o restante é assumido pelas instituições de Ensino Superior. Como contrapartida, os bolsistas desenvolvem, nos finais de semana, atividades compatíveis com a natureza de seu curso de graduação, e/ou de acordo com as suas habilidades pessoais, em escolas estaduais ou municipais (dos municípios conveniados) do Estado de São Paulo,

que a utilização desses locais é menor, sendo realizada somente quando não resta nenhuma das primeiras opções, com o CCJ, as escolas e/ou a casa de um integrante.

3.7 Ano de chegada e perfil dos usos no Centro Cultural da Juventude

A princípio, queria saber em que ano os grupos começaram a frequentar o CCJ. Pela aplicação do questionário com os 29 grupos, constatei que há dois momentos em que um número significativo de coletivos se aproximou do equipamento (Tabela 11). O primeiro foi em 2006, ano de inauguração do Centro. Nesse ano, 15 grupos começaram a frequentar o equipamento. Em geral, os estilos que estabeleceram contato em 2006 foram os de dança de rua, de música, de *rap*, de literatura, de audiovisual e de teatro.

O segundo momento foi em 2008, quando 11 coletivos se aproximaram do Centro. Há uma regularidade dos estilos que se aproximam do CCJ, pois os que passaram a frequentar o equipamento em 2008 são, em sua maioria, os mesmos de 2006: dança de rua, musicais, teatro, e *rap*.

É possível dizer que a procura maior pelo centro em 2008 seja resultado dos empréstimos da infraestrutura e dos equipamentos (som, data show, microfone, etc.) que começaram a ocorrer com maior intensidade no final de 2007, quando o Projeto Agendamento de Espaço foi consolidado.

Tabela 14 – Ano que o grupo começou a frequentar o CCJ

Ano	FA
2006	15
2007	2
2008	11
2009	1
Total	29

Os grupos que passaram a frequentar o CCJ depois do segundo semestre de 2007 herdaram as conquistas realizadas por aqueles que começaram a utilizar o equipamento ainda no seu primeiro ano de existência. Até meados de 2006, a equipe do Centro não sabia como se relacionar com os grupos e as demandas trazidas por eles, principalmente no que dizia respeito à utilização dos equipamentos. A partir de 2008 o Centro já havia consolidado uma política de agendamento de espaço, com regras claras no que se referia à disponibilidade dos espaços do Centro e também de seus equipamentos para que os grupos pudessem utilizá-los.

Quando indagados sobre quais motivos levaram o grupo a procurar o CCJ (Tabela 15), 15 escolheram como primeira opção a possibilidade de utilizar as instalações do Centro para a

realização das atividades. Esse foi o principal motivo e os estilos que foram em busca dessa disponibilidade eram no geral os musicais, de teatro, de dança e de *rap*.

Tabela 15 – Motivos que levaram os grupos a frequentarem o CCJ*

	1ª. opção	2ª. opção	3ª. opção
Utilizar as instalações para realização das atividades do grupo	15	4	4
Serviços disponíveis (Internet, biblioteca, <i>home theater</i> , lab. pesquisa, lab. Idiomas)	4	-	-
Programação	8	-	-
Outro motivo	2	2	-

**questão de múltipla escolha.*

A frequência com que os grupos realizavam as atividades no Centro pode ser analisada na Tabela 16. Identifiquei que 4 coletivos não se reuniam no CCJ, apenas realizaram atividades pontuais. Três desses coletivos são musicais, que utilizaram o estúdio do equipamento para gravação e, uma vez encerradas as atividades, não voltaram a se reunir no Centro. Um dos motivos, talvez o principal, para que os grupos musicais não utilizassem o CCJ para desenvolver suas ações rotineiras, esteja no fato de o estúdio do Centro Cultural não estar disponível para a realização de ensaios⁶⁰.

Outro motivo, esse apresentado pelo grupo de samba Camiranga, reside no fato de a programação do CCJ não contemplar todos os gêneros musicais em sua programação de show. O que fez com que seus integrantes não contatassem o Centro para verificar a possibilidade de realizarem uma apresentação.

Tabela 16 – Periodicidade com que o grupo se reúne no CCJ

	FA de grupos
Semanalmente	9
2 a 3 x semana	7
Diário	5
Não utiliza	4
Mensal	1
Quinzenal	1
Outras	2
Total	29

⁶⁰ Essa foi uma decisão da direção do Centro Cultural da Juventude. Duas razões são apresentadas para justificá-la. “A primeira diz respeito a pouca acústica do estúdio, o que impossibilita o seu uso permanente uma vez que há o vazamento de som que prejudica as demais atividades que são realizadas no mesmo andar. A segunda razão foi a de se optar pelo oferecimento de um serviço de gravação e produção musical que não é oferecido em nenhum outro espaço gratuitamente” (Miguel – Responsável pelo estúdio do CCJ).

Eram poucos os coletivos que se reuniam todos os dias. Três eram da dança de rua⁶¹. Os grupos de teatro se reuniam uma ou duas vezes por semana. Dois grupos iam durante a semana (Paladinos e Projeto Preto), os outros aos finais de semana (Cia Meses e Camaleão).

Em geral, os coletivos de dança de rua se encontravam de duas a três vezes por semana. Além disso, iam aos sábados e domingos para encontrar os demais grupos. Nesses dias, embora o objetivo também fosse treinar, nem sempre conseguiam fazê-lo, pois o aparelho de som precisava ser dividido por aproximadamente 15 grupos.

Essa interação entre os grupos ocorria com maior frequência entre os coletivos de dança de rua. Era comum apenas um grupo de dança de rua agendar o espaço, isso gerava um sub-agendamento, pois outros grupos também ensaiavam, aproveitando-se da solicitação realizada por outro coletivo. O uso conjunto acenava para a utilização informal do espaço, uma vez que o Centro não possuía mecanismos para registrar aqueles que não haviam solicitado agendamento. O que pude verificar durante a aplicação do questionário com os grupos “sub-agendados” foi que eles não sabiam que era possível fazer a solicitação, por meio do preenchimento de uma ficha na recepção, para utilizarem o espaço em dias e horários que fossem favoráveis para o grupo.

Entre os grupos de *rap* também era comum haver a interação entre os mesmos, pois possuíam a prática de convidar outros coletivos para gravar uma faixa de música juntos. Já os grupos de audiovisual e de literatura, interagiam com outros grupos, porém essa interação só ocorria no interior do CCJ, quando um deles realizava alguma atividade.

Os grupos de teatro estavam sempre concentrados em ensaiar os seus próprios espetáculos; para tanto, procuravam agendar espaços mais reservados.

Os grupos formados por apenas um integrante, como o Cine Barracão (audiovisual) e o Aliado A (*rap*), realizavam atividades relacionadas à sua prática cultural todos os dias, seja escrevendo suas letras, no caso dos grupos de *rap*, seja editando ou selecionando vídeos para serem exibidos. No entanto, quando necessitavam realizar alguma atividade que fosse além das rotineiras, como gravação e a exibição de vídeos, precisavam se ajustar à agenda de seus parceiros.

Havia também o interesse em saber quais atividades realizavam quando estava no CCJ. A Tabela 17 apresenta as respostas dadas pelos grupos em primeira, segunda e terceira opção. Como pude verificar, 15 grupos iam ao CCJ para ensaiar e treinar. Os grupos que

⁶¹ The Funk's Men, Stylo Loko e Nature Soul.

realizavam essas atividades no CCJ são aqueles que se dedicavam ao teatro, dança e à percussão corporal.

Tabela 17 – Atividades que os grupos realizam ou realizaram no CCJ*

	FA de grupos 1^a. opção	FA de grupos 2^a. opção	FA de grupos 3^a. opção
Ensaio/ treino	15	-	-
Reunião/ elaboração de projetos	4	9	-
Gravação e produção de áudio	7	3	1
Pesquisa/ Estudo	-	2	2
Realizar oficinas	2	-	-
Jogar RPG	1		
Finalização de vídeos	-	1	-

**questão de múltipla escolha*

A Tabela 18 apresenta os espaços que foram previstos pela equipe do CCJ de serem disponibilizados para os grupos e demais pessoas, instituições, etc. E a Tabela 19 apresenta os locais que foram ressignificados pelos grupos e passaram a ser disponibilizados para uso.

Tabela 18 – Espaços do CCJ previstos para uso *

	FA de grupos que utilizam
Arena	14
Estúdio	11
Anfiteatro	8
Sala de oficinas	7
Sala de projetos	4
Home Theater	4
Ilha de Edição	4
Sala de oficinas de edição e produção musical	3
Espaço Sarau	2
Ateliê	2
Sala de reuniões	1
Auditório da biblioteca	1

**Múltipla escolha*

O espaço Arena era o mais utilizado, 14 grupos realizavam atividades lá. Todos os grupos de dança de rua utilizavam esse local. Por ter uma área ampla e um piso ideal para as coreografias, era o local indicado para que a prática da dança ocorresse. Os grupos de teatro também faziam uso do espaço. Para eles, não era um espaço adequado para os ensaios por ser grande e não ter uma boa acústica. Os coletivos de literatura faziam um uso mais esporádico.

Já o anfiteatro, embora fosse o espaço mais cobiçado pelos grupos, por ter um bom isolamento acústico e também garantir a privacidade, era uma das instalações do CCJ que menos estava disponível para o uso, pois sempre estava ocupado com a programação do

Centro, como os espetáculos teatrais, cinema e shows. Mesmo com a pouca disponibilidade, os grupos de teatro, na maioria das vezes, realizavam lá os ensaios.

Outro local de grande utilização era o estúdio; 11 grupos disseram já tê-lo utilizado. Todos os grupos musicais, exceto o Reticências e os Embatucadores, já gravaram faixas de música e até mesmo um CD completo, como é o caso dos grupos de *rap* Maderit e Ca.Ge.Be. O grupo Literatura Suburbana (literatura) também havia passado pelo estúdio e o Na Humilde Crew (*rap*) realizou oficinas de DJ e produção musical do projeto “Mais Clássicos Hip Hop” que foi contemplado pelo VAI.

A sala de oficinas era utilizada pelos grupos de teatro quando o espaço Arena e o Anfiteatro não estavam disponíveis.

O *home theater* era utilizado quando os grupos queriam assistir a algum vídeo que auxiliaria na pesquisa que estavam realizando.

A sala de projetos era pouco procurada pelos grupos. O objetivo dessa sala era servir de apoio para os jovens ou grupos de jovens que precisassem elaborar projetos. Atualmente, ela é utilizada como sala de oficinas que faziam uso de software livre.

A ilha de edição também era pouco utilizada por esses grupos com os quais o questionário foi aplicado. Somente quatro desses grupos de estilos diferentes utilizaram essa instalação: Cine Barracão (audiovisual), Ca.Ge.Be (*rap*), Sala 5 (literatura) e Projeto Preto (teatro).

Na Tabela 19 estão os espaços que foram ressignificados pelos grupos e que a equipe do CCJ não havia previsto para utilização. A varanda e o *foyer* do anfiteatro são dois desses espaços mais utilizados. Eles apareceram como alternativa de uso, que foi proposto pelos coletivos, quando nenhum dos espaços (arena, anfiteatro e sala 11) estava disponível. A varanda era geralmente utilizada pelos grupos de dança, mas também já passaram por lá os grupos de teatro. Já o *foyer*, a antessala do anfiteatro, era muito procurado pelos grupos de teatro e o grupo de percussão corporal. Mas os grupos de dança às vezes o utilizavam. Nela foi instalada uma extensão para conexão de aparelhos eletrônicos para atender às necessidades dos ensaios e treinos.

O convívio foi um espaço ressignificado a princípio pelo Núcleo de RPG onde, em 2007, realizou o seu encontro anual, pois o espaço utilizado geralmente por eles não comportaria o número de pessoas que participavam do evento.

A proposta do convívio era oferecer um espaço onde as pessoas pudessem conversar, jogar, paquerar, etc. O objetivo de realizar o encontro nesse espaço era possibilitar que os não jogadores de RPG pudessem presenciar e até mesmo se interessar pelas atividades realizadas

pelo Núcleo de RPG. O grupo Literatura Suburbana também já utilizou o convívio para realizar um Sarau com o mesmo objetivo do Núcleo de RPG, o de aproximar os demais usuários do Centro de suas atividades.

O Mirante, uma das áreas externas com bancos e mesas, também era usado por grupos de teatro, dança e musicais quando não havia nenhum outro espaço disponível.

O Espaço RPG era utilizado pelos grupos de RPG e também por outros frequentadores. Como foi dito anteriormente, esse espaço localiza-se embaixo da escada de acesso ao primeiro piso. Os grupos de RPG foram convidados a se retirarem da biblioteca, pois quando jogavam lá atrapalhavam os demais usuários. Os jogadores reivindicaram então um local onde pudessem jogar, sem serem incomodados ou motivo de incômodo. Criou-se então o espaço RPG com algumas mesas e cadeiras.

A Alameda era um corredor expositivo que possuía suas paredes grafitadas. Ficava no primeiro piso, onde estavam a biblioteca e a internet livre. Foi utilizada pelo grupo de dança contemporânea após o fechamento dos serviços de internet livre, que ocorria às 20h. Com esse serviço fechado, diminuía a circulação dos usuários nesse piso e a visitação à exposição que estava grafitada na parede da Alameda. O grupo podia permanecer no local até o encerramento total das atividades do CCJ, que ocorria às 22h.

Tabela 19- Espaços ressignificados pelos grupos*

FA de grupos	
Varanda	6
Foyer do anfiteatro	4
Mirante	3
Convívio	5
Alameda	1
Espaço RPG	1

**Múltipla escolha*

Outro aspecto que também interessava revelar, era se a presença dos grupos no CCJ permitiria ou não a eles se envolverem na sua programação como parceiros⁶² (Tabela 20) e também com a programação em si (Tabela 21). O que identifiquei foi que 12 dos grupos já haviam realizado atividades em parceria com o CCJ. E que 16 já se apresentaram na grade de programação do Centro.

⁶²Parceria é entendida quando ambas as partes interessadas organizam juntas uma atividade que fará parte da programação do equipamento.

No geral, os estilos que já foram parceiros na realização de atividades foram RPG, dança, *rap*, literatura, audiovisual e teatro⁶³.

O número de grupos que já se apresentaram no CCJ é elevado. Alguns coletivos foram contratados pelo CCJ, como aconteceu com os grupos de *jazz* e *rap*⁶⁴. Outros se apresentaram por meio dos projetos do Vocacional Música e Teatro⁶⁵. Também teve aqueles que foram convidados para se apresentarem na programação do CCJ, como ocorreu com o grupo de teatro Projeto Preto e com os grupos de dança de rua Street Son, Stylo Loko e The Funk's Men. Por fim, também houve coletivos que foram contemplados pelo Programa VAI⁶⁶ e tiveram suas atividades inseridas na programação do Centro.

Tabela 20 – Grupo realizou atividade em parceria com o CCJ

	FA
Sim	12
Não	17
Total	29

Tabela 21 – Grupo se apresentou na programação do CCJ

	FA
Sim	16
Não	13
Total	29

3.8 Perfil dos usos em outros equipamentos

Neste bloco de perguntas busquei apreender se os grupos utilizavam outros equipamentos antes de frequentarem o CCJ, com que periodicidade faziam uso e se após começarem a utilizar as instalações do Centro, continuaram usando esses locais.

O que identifiquei (Tabela 22) é que 25 coletivos utilizavam outro equipamento e que 8, depois que começaram a frequentar o CCJ, deixaram de utilizá-lo (Tabela 23). Os estilos que deixaram de utilizar os demais equipamentos foram, no geral, RPG, dança de rua, música (*rap* e *reggae*), teatro e audiovisual.

⁶³ Dança contemporânea (Corpo em Rito), Rap (Ca.Ge.Be., Maderit e Na Humilde Crew), Dança de rua (Stylo Loko, The Funk's Men, K.I.D.S Clan), audiovisual (Cine Barracão), teatro (Cia Meses) e Núcleo de RPG.

⁶⁴ *Jazz*: Gabi e meus camaradas e B3 Orgão Trio; Rap: Ca.Ge.Be., Badoleiro e Maderit.

⁶⁵ Musicais (Reticências e Embatucadores) e teatro (Cia Meses e Paladinos)

⁶⁶ Dança contemporânea (Corpo em Rito), Literatura (Sala 5) e Rap (Na Humilde Crew).

Os coletivos que disseram não utilizar outro equipamento são os que se formaram em 2008 no CCJ: Killer School e Acid Popping (dança de rua), Paladinos (teatro) e Reticências (musical).

Tabela 22 - Número de grupos que utilizavam outros equipamentos

	FA
Sim	25
Não	4
Total	29

Tabela 23- Número de grupos que ainda utilizavam os outros equipamentos após começarem a utilizar o CCJ

	FA
Sim	17
Não	8
Total	25

Na Tabela 24 podemos verificar os equipamentos que foram e ainda eram utilizados por alguns grupos. Ao fazer uma breve comparação entre os equipamentos que eram utilizados naquele momento (Tabela 13) com os que foram utilizados, observamos que a escola deixou de ser procurada por 4 coletivos (RPG, os grupos de dança de rua The Funk's Men e Nature Soul e de *rap*, o Aliado A) e a igreja por três (de literatura Sala 5, de *rap* Aliado A e de dança contemporânea Corpo em Rito). Por outro lado, aumentou o número de coletivos que utilizava a casa de um integrante para realizar suas ações.

Para os 17 coletivos que continuavam utilizando esses equipamentos, é possível dizer que o Centro Cultural da Juventude era mais um local que acolhia os grupos e suas atividades, mas também acenava para a possibilidade de participação efetiva na elaboração da programação. Além disso, o uso dos outros equipamentos era mais instável, como a escola, ou permaneciam na esfera do privado, como o uso da casa de algum integrante. Neste caso, para esses grupos o CCJ também oferecia uma estabilidade e segurança para o uso e realização das atividades.

A aplicação desse questionário também salientou que os equipamentos públicos, mesmo sendo conhecidos por sua burocracia, eram os que disponibilizavam suas instalações para a realização das atividades dos grupos juvenis.

Ao comparar a frequência atual dos grupos a esses equipamentos com a frequência das atividades realizadas no CCJ (Tabela 25), verifiquei que os coletivos vão mais ao Centro que em outros equipamentos.

Tabela 24 - Equipamentos utilizados antes do acesso ao CCJ *

	FA
Escola	10
Casa de algum integrante	7
Associação de bairro/ moradores	5
Igreja	4
Não utilizavam	4
Casa de Cultura	3
Organização não governamental	3
CEU	2
Centro Comunitário	2
SESC	2
Alugam estúdio	2
Centro Cultural São Paulo	1
Biblioteca	1
Centro Esportivo da Prefeitura	1
Tendal da Lapa	1
Parque da Juventude	1
Academia de Ginástica	1
Parque Horto Florestal	1
“Escadão” da Brasilândia	1
Casas de Show/bares	1

**múltipla escolha*

Tabela 25 – Periodicidade de utilização de outros equipamentos e do CCJ

Outros equipamentos	FA	CCJ	FA
Semanalmente	6	Semanalmente	9
2 a 3 x semana	6	2 a 3 x semana	7
Quinzenal	-	Quinzenal	1
Mensal	2	Mensal	1
Diário	1	Diário	5
Outro	2	Outras	2
não utiliza	12	Não utiliza	4
Total	29	Total	29

Uma das questões finais diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos grupos (Tabela 26). Em geral, eles apontaram como principal obstáculo a escassez de recursos financeiros.

Embora os coletivos utilizem o CCJ ou outros equipamentos para a realização de suas atividades, os grupos de teatro (Cia Meses e Camaleão), musicais (Reticências, Camiranga, Gabi e meus camaradas, B3 Orgão Trio e Embatucadores), de *hip hop* (Na Humilde Crew) e de dança de rua (Killer School, Street Son e K.I.D.S Clan) apontaram a falta de espaço para desenvolver as suas ações.

Tabela 26 – Dificuldades enfrentadas pelos grupos para a realização de atividades*

	FA
Falta de recursos financeiros	23
Dificuldades para reunir todo grupo	12
Falta de espaço para realizar as atividades	11
Falta de local que aceite o gênero musical que tocam.	2
Falta de dedicação dos integrantes do grupo	2
Falta de um circuito da cena <i>rap</i>	1
Dificuldades de locomoção	1
Nenhuma	1

**múltipla escolha*

3.9 Formação dos grupos e requisitos para participação

Havia interesse também em mapear, neste primeiro momento do trabalho de campo, quais razões levaram os grupos a se formarem e saber quais eram os requisitos para participar do coletivo. A Tabela 27 apresenta a tabulação das respostas dadas pelos grupos quando indagados sobre os motivos que levaram a formação do grupo.

Segundo 11 grupos⁶⁷ o desejo de realizar ações, ensaiar e colocar em prática ideias comuns foi suficiente para que o grupo fosse formado. Para três coletivos, o que moveu a sua criação foi a vontade de atender às demandas da comunidade em que vivem. Desta forma, o interesse do grupo Cine Barracão era realizar exposições de vídeos em locais públicos, para aqueles que não possuíam condições de ir a salas de cinema. Já o grupo de teatro Cia. Meses realizava intervenções teatrais pelo bairro, enquanto que o Instituto Sala 5 em sua sede realiza projetos diversos, como oficinas de inglês, espanhol, teatro, história em quadrinhos, entre outras. Também em sua sede possui uma biblioteca circulante e espaço de leitura.

⁶⁷ Núcleo de RPG, Dança (Street Son, K.I.D.S. Clan Nature Soul, Corpo em Rito), RAP (Na Humilde Crew, Maderit, Ca.Ge.Be., Núcleo de Atividade o Regicídio está Por Vir), Música (Jah Solution) e Literatura (Literatura Suburbana)

Tabela 27 – Por que o grupo foi formado

	FA Grupos
Interesse em realizar ações, ensaiar e colocar em prática ideias comuns	11
Atuar na comunidade para atender as suas demandas	03
Tornar-se profissional	03
Não é um grupo. Realiza atividades em parceria	03
Criar/apresentar um estilo (musical/dança) que se difere dos demais	02
Formado a partir de uma apresentação cultural ou para criar uma	02
Formado a partir de atividade no CCJ	01
Outros	04
Total	29

Já os grupos de dança Acid Popping e The Funk's Men, e a Cia Paladinos de teatro visavam tornar-se profissionais. As atividades desses grupos eram focadas na criação de coreografias e espetáculos para serem comercializados. Desses grupos, o único que já havia comercializado um espetáculo era o The Funk's Men.

Os grupos de *rap* Bandoleiro e Aliado A, ambos formados por somente um integrante, disseram que não eram um grupo e buscavam realizar atividades em parceria. Por fim, o grupo musical Reticências formou-se a partir do Projeto Música Vocacional que era realizado no CCJ.

Quando indagados sobre o que era preciso fazer para participar do grupo, (Tabela 28), 11 responderam que bastava ter interesse⁶⁸, isto é, não existia nenhuma exigência, segundo eles. Outros 7 disseram que não estavam abertos para a entrada de novos integrantes⁶⁹, uma vez que o grupo já estava completo e as atividades já estavam sendo realizadas. De todos os grupos, foram as bandas musicais que declararam não estar em busca de novos integrantes.

É importante apontar que os grupos de dança de rua apresentaram respostas diversas sobre a entrada de novos integrantes no grupo. Alguns responderam que bastava ter interesse; outros dois disseram que era preciso que a pessoa soubesse dançar, enquanto um disse que não queria novos integrantes. Tal diversidade de respostas para grupos que possuem a mesma prática cultural aponta para o fato de que os jovens não agem e pensam da mesma forma. Cada grupo possui suas particularidades e interesses, caindo por terra a tendência que existe de homogeneizar os jovens, principalmente quando estes estão no domínio do lazer. Segundo

⁶⁸ Núcleo de RPG, rap (Maderit, Ca.Ge.Be. e Bandoleiro), Dança (Acid Popping, K.I.D.S Clan e Street Son), Audiovisual (Cine Barracão), Musicais (Embatucadores e Deportados) e grupo de teatro Camaleão.

⁶⁹ Dança (Kiler School), Teatro (Cia. Meses e Paladinos), Música (Banda Camiranga, B3 Orgão Trio, Banda Reticências e JAH Solution)

Pais (1990 p. 591) o terreno do lazer é apropriado para derrubar o mito da juventude homogênea, pois é nele que as diferentes culturas juvenis se fazem presentes, abrigando diversidades no interior de um mesmo estilo.

Tabela 28 – O que é preciso para fazer parte do grupo

	FA Grupos
Ter interesse	11
Não está aberto para a entrada de novos integrantes	07
Não tem exigência	03
Precisa saber dançar	02
Precisa ser convidado pelo grupo	02
Ter o pensamento parecido com o do grupo	02
Outros	02
Total	29

Enquanto alguns grupos não possuem requisitos rígidos para a entrada de novos integrantes, para participar dos grupos Corpo em Rito e Literatura Suburbana era preciso receber um convite. Já o grupo de teatro Projeto Preto e o de *rap* Na Humilde Crew disseram que o candidato a novo integrante deve ter o pensamento parecido, não igual, com os demais integrantes. Disseram que promoviam uma conversa para saber quais seriam as intenções do candidato, e só depois diziam se era possível ou não a permanência deste no grupo.

O levantamento do perfil dos grupos permitiu algumas descobertas. A principal delas foi saber da existência de grupos formados por somente um integrante. Tal fato revela a instabilidade dos coletivos formados por jovens, uma vez que esses grupos, logo no início da sua formação eram constituídos por um número maior de pessoas, como foi o caso do coletivo de audiovisual Cine Barracão que chegou a contar com 14 membros, mas no momento de aplicação do questionário, contava com apenas um integrante. Por um lado, esse fato revela a instabilidade dos grupos, mas também mostra a capacidade que possuem em buscar parcerias para não deixarem de realizar suas atividades, como ocorre com os grupos de *rap* Aliado A e Bandoleiro, sendo que o único integrante deste grupo é morador do município de Carapicuíba e se deslocava até a zona norte para gravar em parceria com o grupo de *rap* Ca.Ge.Be.

Outro dado importante diz respeito às mudanças que os grupos impuseram ao Centro, fazendo com que a direção disponibilizasse para uso espaços que não estavam previstos. Isso demonstra que, embora seja pequena, há uma relação de diálogo e próxima entre os coletivos e o CCJ, que também foi construída a partir da persistência dos grupos em utilizarem os espaços e as instalações do Centro. O que culminou em uma política de agendamento de

espaço implementada em meados de 2007, que favoreceu os grupos que passaram a utilizar o Centro a partir desse momento. A procura pelas instalações do Centro nem demandou que se realizasse uma divulgação específica, pois a solidariedade entre os grupos, principalmente entre os de dança de rua, musicais, teatro e dança, se encarregou de divulgar a possibilidade do uso. Isso é muito interessante, uma vez que eles estavam dispostos a compartilhar entre eles os horários e espaços disponíveis. Entre os grupos de dança de rua, era comum os sub-agendamentos, enquanto alguns se encarregavam de se enquadrar na burocracia que era preencher a ficha de solicitação de espaço, outros se aproveitavam do espaço por eles conseguido.

Com o levantamento do perfil, também foi possível identificar grupos que estavam mais consolidados, como o Sala 5 que realizava uma série ações, mesmo com poucos recursos, na pequena sala que alugavam no bairro do distrito da Brasilândia. O mesmo pode-se dizer do grupo de *reggae* Jah Solution, que além das atividades relacionadas à música, desenvolviam oficinas de diversas práticas culturais voltadas para crianças e adolescentes em um bairro também da zona norte. Esses dois grupos possuíam sede para a realização de suas atividades, no entanto buscavam outros locais, como o CCJ, para realizarem eventos que pudessem reunir um número maior de pessoas e também divulgar o trabalho por eles realizado para um público que geralmente não atingiam em suas ações cotidianas.

O que se constatou também como característica desses grupos, é que a presença das mulheres ainda é pequena, principalmente nos grupos de dança de rua e de *rap*. Durante a aplicação do questionário com os grupos de dança de rua, que foi realizada durante os ensaios, era que as meninas, quando estavam lá, apenas assistiam aos treinos, quando muitas vezes estavam acompanhando seus namorados.

No que diz respeito à idade dos integrantes dos grupos, verificamos que apenas 5 grupos possuíam membros com idade abaixo dos 15 anos. A maioria dos grupos contava com integrantes, ou com idade entre 19 e 24 anos (20 coletivos), ou com idade em 25 e 29 (16 grupos). A maioria dos membros desses grupos trabalhava; porém muitos não estudavam e utilizavam o período da noite durante a semana e as tardes nos finais de semana para realizarem suas atividades. Os coletivos que se enquadravam nessas características eram os de dança de rua e musicais.

De modo geral, podemos dizer que os grupos que frequentavam o CCJ na época da pesquisa possuíam integrantes com escolaridade elevada. Dos 29 grupos, 11 possuíam pelo menos um integrante com curso superior completo, sendo os grupos de teatro, de dança de

rua, dança contemporânea e musicais, em especial a Banda Camiranga, que dos seus 4 integrantes, 3 já haviam concluído o Ensino Superior.

O trabalho também marcava a vida desses grupos. Somente 3 grupos não possuíam membros inseridos no mercado de trabalho no momento de aplicação do questionário, sendo eles Cine Barracão (audiovisual), Aliado A (*rap*) e Nature Soul. Somente nesse último, os integrantes não estavam em busca de trabalho, pois ainda encontravam-se absorvidos pelo mundo da escola.

A maioria dos grupos morava próximo do CCJ. Somente três bandas musicais não possuíam nenhum integrante que morava perto do Centro. Dessas três, duas estiveram no Centro Cultural da Juventude somente uma vez; o grupo Camiranga esteve durante a gravação no estúdio e a banda B3 Orgão Trio, durante uma apresentação musical que realizaram no Centro.

O Núcleo de RPG, de todos os outros grupos, era o que mais dependia do Centro para a realização de suas atividades, também foi o que mais conseguiu se estabilizar recebendo apoio do CCJ para a realização dos encontros que organizavam. Outros dois grupos, o Paladinos (teatro) e o Reticências (música) também dependiam dos horários e espaços disponíveis no Centro para realizarem seus ensaios.

Embora os grupos tivessem apontado diferentes espaços onde já haviam realizado atividades, o que verificamos é que dos 18 espaços elencados, 3 eram mais utilizados: o CCJ, a casa de um dos integrantes, ou a escola. A escola, por ser um equipamento público mais presente nos bairros, é muito procurada por 6 desses coletivos para a prática de suas ações. No entanto, o espaço privado da casa foi indicado por 13 grupos como o espaço privilegiado, talvez não o mais adequado para eles se reunirem. Quando indagados sobre quais foram os motivos que os levaram a procurar o Centro, 15 grupos responderam, como primeira opção, a possibilidade de utilizarem as instalações do Centro. Isso revela o quão escasso são os espaços públicos disponíveis para que os coletivos formados por jovens possam desenvolver suas ações. Diante disso, o que é possível inferir é que a escola, mesmo com sua rigidez, ainda é um espaço onde os jovens podem vivenciar momentos de sociabilidade com seus pares.

Quando questionados sobre as dificuldades enfrentadas para garantir a sobrevivência do grupo, a falta de espaço para a realização de suas atividades ficou em terceiro lugar das preocupações, sendo indicada por 11 grupos. Para 23 grupos a maior dificuldade enfrentada dizia respeito à falta de recursos financeiros para concretizarem suas ações. Em segundo lugar nas respostas dadas, apareceu a dificuldade para reunir todos os membros dos grupos; esse problema foi apontado por 12 coletivos.

Por fim, podemos destacar que a maioria dos jovens, ao se organizarem nos coletivos que responderam ao questionário, estavam mais interessados em realizarem a mesma prática cultural, fazendo do tempo em que estavam juntos um momento de descontração, de trocas de experiências, ou seja, vivenciando esses espaços de experimentação.

No entanto, para os grupos Cine Barracão, Sala 5 e Cia Meses de teatro, o que moveu a criação deles foi a vontade de atuar na região onde moravam, com o intuito de atender e suprir as demandas por ações culturais daquela população. Já para o grupo de teatro Paladinos e os de dança de rua, The Funk's Men e Acid Popping, o que imperava era o desejo de se profissionalizarem e venderem os seus espetáculos.

A diversidade de motivações que fizeram com que esses jovens se reunissem em grupos revela a necessidade que existe de que os jovens deixem de ser enxergados pela população e pelos gestores públicos como grupos homogêneos. É necessário que seja valorizada a heterogeneidade de práticas juvenis, tanto no âmbito da cultura como em outras esferas da sociedade.

3.10 Frequência dos grupos no Centro Cultural da Juventude: relatos de observação

Durante o período de observação, interessava verificar com que frequência os 29 grupos que responderam ao questionário sobre perfil do grupo estavam no Centro. Classifiquei os grupos em três categorias⁷⁰: os que estavam no CCJ entre 2 e 4 vezes na semana (Tabela 29); os que estavam pelo menos 2 vezes na semana (Tabela 30) e os que não frequentavam mais o Centro (Tabela 31). Para melhor visualização, organizei essas informações em tabelas de acordo com essas categorias.

⁷⁰ Às vezes não estava o grupo completo, mas os integrantes que lá estavam realizavam atividades que visavam contemplar o grupo como um todo.

Tabela 29 - Frequência de 2 a 4 vezes por semana

Grupo	Estilo
Núcleo de RPG	RPG
Corpo em Rito	Dança contemporânea
The Funk's Men	Dança de Rua
Stylo Loko	Dança de Rua
Acid Popping	Dança de Rua
Ca.Ge.Be.	<i>Rap</i>
Banda Reticências	MPB

O Núcleo de RPG estava no CCJ todos os sábados desenvolvendo o projeto RPG e Cultura, aprovado pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais. Realizavam duas oficinas, uma voltada para iniciantes e outra para os que já dominavam o jogo. E toda 2ª e 4ª feira no mês, realizava o Friday Night Magic⁷¹. Os integrantes do Núcleo de RPG não realizavam no Centro nada que não estivesse relacionado ao RPG e as oficinas do Projeto do VAI.

Assim como o Núcleo de RPG, as integrantes do grupo de dança contemporânea Corpo em Rito estavam no CCJ pelo menos duas vezes na semana. Algumas de suas integrantes apareciam no Centro Cultural, sempre no final da tarde. Uma delas geralmente estudava no espaço de leitura da biblioteca enquanto aguardava as demais pessoas. Mas elas não tinham o hábito de utilizar os serviços oferecidos ou participar da programação do CCJ enquanto grupo. Faziam isso individualmente, e quando faziam. No início do mês de novembro a frequência delas aumentou, isso porque estavam desenvolvendo um projeto expositivo no CCJ que havia sido contemplado pelo edital de Ocupação Exposição do próprio equipamento. Também estavam ensaiando para as duas apresentações que fariam no Centro, ambas no mês de novembro e em ocasiões diferentes: a primeira compôs a semana da dança da programação do CCJ e a segunda foi na abertura da exposição.

Os grupos The Funk's Men e Stylo Loko, ambos da dança de rua, se uniram e formaram um único grupo. Nem todos os integrantes, no período em que realizei as observações, iam ao Centro para treinarem. Mas sempre havia entre 3 e 5 integrantes. Estavam lá às terças, quintas e sextas feiras. Chegavam sempre no final da tarde, por volta das

⁷¹ Ver nota 4.

17h, e ficavam até as 21h30. Estavam presentes nos finais de semana no espaço Arena para os ensaios de dança, que reuniam um número maior de grupos. Eles também iam ao Centro somente para os treinos e ensaios; um ou outro descia para utilizar a internet, ou quando davam uma pausa no treino, ou enquanto aguardava a chegada dos demais.

Era raro encontrar juntos os dois integrantes do grupo de dança de rua Acid Popping. Somente um deles ia com maior frequência ao Centro para a realização dos treinos. Em um sábado, a sua dupla estava com ele, onde juntos treinavam alguns movimentos. Como não é possível se sustentar por meio da dança, alguns jovens com o passar do tempo, quando começavam a trabalhar, a estudar e até mesmo namorar, acabavam diminuindo o ritmo dos ensaios e também da frequência ao CCJ. Esses fatores também foram responsáveis pela diminuição do número de jovens do grupo The Funk's Men e Stylo Loko.

O grupo de *Rap* Ca.Ge.Be. pelo menos duas vezes por semana estava no CCJ, ora para gravar, ora para finalizar o que havia começado em outro dia. Quando não fazia nenhuma dessas coisas, lá estava somente para conversar com o técnico do estúdio. Há uma relação de confiança entre o técnico do estúdio e o grupo, pois este consegue utilizar o estúdio na ausência daquele.

Em novembro o Ca.Ge.Be. utilizou, em um sábado, o anfiteatro do CCJ para a gravação do seu vídeo-clipe. Iniciaram às 10h e concluíram somente às 20h. Iriam retomar a gravação em dezembro, no mesmo dia em que receberiam a premiação do Hip Hop C.U.B.A.⁷²

Por fim, outro grupo que estava toda a terça feira para receber a orientação do Vocacional música era a Banda Reticências. Neste dia todos os integrantes da Banda estavam presentes. Nos demais dias da semana, estava pelo menos um dos integrantes. Um dos membros dessa Banda também fazia aulas de dança às quintas feiras a noite. Ele era o que mais frequentava o CCJ.

Tabela 30 - Pelo menos duas vezes por semana

Grupo	Estilo
Literatura Suburbana	Literatura Periférica
Street Son	Dança de Rua
K.I.D.S Clan	Dança de Rua
Nature Soul	Dança de Rua
Killer School	Dança de Rua
Embatucadores	Percussão Corporal
Maderit	<i>Rap</i>

⁷² Essa foi a primeira edição de premiação do *hip hop* Cuba (Coletivo Urbano em Busca Cultural de Afro-Brasileiro).

O coletivo que se dedica à literatura periférica (Literatura Suburbana) pelo menos uma vez por semana estava no CCJ. Esse é um coletivo muito ativo na região e em 2009 teve a sede dele inaugurada. Tal sede ficava em uma escola pública localizada na região da Vila Brasilândia. Geralmente vão ao CCJ para utilizar a biblioteca e até mesmo acompanhar alguma programação que o Centro oferece, mas não faziam isso com frequência. Dos sete membros do grupo, iam ao equipamento só dois deles.

Os grupos de dança de rua (Street Son, K.I.D.S Clan, Nature Soul e Killer School) estavam no Centro pelo menos duas vezes por semana. Geralmente apareciam em um dia na semana e aos sábados. Não os via utilizando os serviços, ou até mesmo participando de alguma programação. Estavam no Centro Cultural somente para treinarem seus passos.

Já o grupo Embatucadores (percussão corporal) voltou a ter o espaço da escola para ensaiar. Iam ao Centro pelo menos uma vez por semana, quando necessitavam de uma acústica melhor. No mês de novembro de 2009, foram contratados para realizarem um workshop de percussão corporal seguido de uma apresentação.

O grupo de *rap* Maderit também continuava indo ao CCJ de uma a duas vezes por semana. Na verdade, somente um dos integrantes desse grupo ia com essa frequência. Geralmente estava lá para auxiliar nas gravações que o grupo, também de *rap*, Ca.Ge.Be. realizava no estúdio do Centro.

Na Tabela 31 estão os grupos que não freqüentavam mais o CCJ durante a realização das observações não sistemáticas. Todos os grupos de teatro que responderam ao questionário de perfil não frequentavam mais o Centro, por motivos diversos. O grupo de teatro Projeto Preto havia encerrado a sua pesquisa e o espetáculo já estava pronto para ser apresentando. O grupo havia marcado uma data em janeiro de 2010 para apresentarem o resultado da pesquisa no Centro Cultural. Já os membros do grupo Camaleão não conseguiram mais conciliar a agenda dos integrantes do grupo com os dias e horários disponíveis oferecidos pelo Centro; desta forma, tiveram que buscar outro local para os ensaios. Os grupos Cia. Meses e Paladinos tiveram seus grupos desfeitos em meados de 2009.

A maioria grupos de *rap*, com exceção do grupo o *Regicídio Está Por Vir*, que mesmo sem realizar as atividades do grupo no CCJ, um dos integrantes do grupo, o que mora na zona norte, ia ao Centro para utilizar seus serviços. Os demais grupos musicais (Banda Camiranga, Gabi e meus camaradas, Jah Solution e B3 Orgão Trio) no momento da aplicação do questionário já não utilizavam mais o espaço do CCJ.

Tanto o Instituto Sala 5 (literatura), como o Cine Barracão (audiovisual) após a conclusão das atividades que estavam desenvolvendo no Centro no período em que o

questionário foi aplicado, não procuraram o equipamento para nenhuma outra atividade. Uma das razões para que o grupo Cine Barracão não realize as atividades no CCJ, pode residir no fato de seu único integrante compor a equipe de monitoria do Centro Cultural da Juventude.

Tabela 31 - Não frequenta mais o CCJ

Grupo	Estilo
Na Humilde Crew	<i>Rap</i>
Aliando A	<i>Rap</i>
Cine Barracão	Audiovisual
Cia. Meses	Teatro
Cia. Paladinos	Teatro
Projeto Preto	Teatro
Camaleão	Teatro
O Regicídio esta por vir	Anarco Hip Hop
Instituto Sala 5	Literatura
Camiranga	MPB
Deportados	<i>Rock</i>
Jah Solution	<i>Reggae</i>
B3 Orgão Trio	<i>Jazz</i>
Gabi e meus camaradas	<i>Jazz</i>

Durante o período que foi dedicado à observação das atividades dos grupos, a periodicidade com que iam ao CCJ e, principalmente, verificar se os integrantes dos grupos, fosse na companhia dos pares ou sozinhos, utilizavam os serviços e frequentavam a programação oferecida pelo Centro, o que constatei foi que a maioria dos grupos de fato buscava e demandava do Centro Cultural da Juventude somente a infraestrutura que possuía e a disponibilização dos equipamentos, como o aparelho de som, no caso dos grupos de dança de rua e contemporânea, e a aparelhagem de gravação do estúdio, muito procurado pelos grupos de *rap* Maderit e Ca.Ge.Be. Este último gravou a parte das músicas do seu segundo álbum, Maria Madalena, no estúdio do CCJ e em novembro de 2009 utilizou o anfiteatro do Centro para gravar o vídeo clipe do grupo.

Os coletivos, quando reuniam todos os seus integrantes, dedicavam-se as suas atividades e só, esporadicamente, alguns dos seus integrantes utilizavam os serviços como a biblioteca e a internet livre, como faziam poucos dos integrantes do grupo de dança contemporânea Corpo em Rito e do coletivo Literatura Suburbana.

Os grupos de dança de rua eram os que mais estavam presentes no CCJ, e seus integrantes eram os que menos usufruíam da programação e dos serviços oferecidos pelo centro. Eles eram os mais resistentes em acompanhar as programações de dança, como uma JAM de dança contemporânea que foi realizada em novembro. Os funcionários do CCJ os

convidaram para participar dessa programação, mas somente os integrantes do grupo Acid Popping aceitaram o convite. Também participaram da JAM as integrantes do grupo Corpo em Rito.

Nos finais de semana os grupos de dança de rua dividiam o espaço e o aparelho de som entre si. Os próprios grupos estabeleceram regras para determinar por quanto tempo cada um poderia colocar o seu CD para tocar. O grupo The Funk's Men/ Stylo Loko ia até o CCJ somente para treinar os movimentos, deixando de disputar o equipamento de som com os demais grupos. Um dos integrantes do grupo citado relatou que às vezes os integrantes dos diferentes coletivos de dança de rua que utilizavam o CCJ para os treinos e ensaios, se desentendiam, sendo que o principal ponto de discórdia era o uso do aparelho de som. Nunca ocorreram agressões físicas, pois os demais integrantes sempre interferiam antes que chegasse a esse ponto.

Os grupos de dança de rua estavam sempre quietos no canto deles, dificilmente interagiam com outros coletivos que também estavam no CCJ. Dos 7 grupos de dança de rua que responderam ao questionário de perfil, somente os grupos The Funk's Men/Stylo Loko e o Acid Popping arriscaram fazer essa interação. O primeiro grupo interagiu com a turma da oficina de dança contemporânea do projeto Vocacional. Juntos, criaram uma coreografia, onde passos do *break* foram incluídos. Eles chegaram a se apresentar no Centro Cultural da Juventude em novembro de 2009. O segundo grupo, Acid Popping, um dos seus integrantes passou a se reunir com as meninas do grupo de dança contemporânea Corpo em Rito. Elas pediram para que ele as ensinasse alguns passos do Popping, pois estavam interessadas em inserir na nova coreografia elementos da dança de rua.

Outro dado apreendido durante as observações é que o CCJ se configurava como um local de trânsito para alguns grupos, isto é, enquanto as instalações atendiam as necessidades dos coletivos, eles frequentaram o Centro, como foi o caso dos grupos Na Humilde Crew (*rap*), o de literatura Sala 5 e a companhia de teatro Projeto Preto. Os dois primeiros utilizaram os espaços do CCJ durante a realização dos projetos aprovados pelo VAI. Quando o projeto foi encerrado, não procuraram mais pelo CCJ. O mesmo ocorreu com o grupo Projeto Preto, que utilizou o espaço para o desenvolvimento da pesquisa e ensaios do espetáculo que estavam concebendo. Quando este foi concluído, o coletivo deixou de utilizar o CCJ. Com muita cautela, também é possível dizer o mesmo dos grupos musicais que iam ao Centro Cultural para gravarem no estúdio. Após a gravação, eles não retornavam ao CCJ, salvo alguns como o Maderit e Ca.Ge.Be citados. O grupo de percussão corporal Embatucadores também diminuiu a sua frequência ao Centro depois que a reforma na escola

onde ensaiavam ficou pronta, uma vez que para os integrantes do grupo era melhor que os ensaios ocorressem na escola, pois todos moravam próximos a ela.

Os grupos de teatro foram os que mais se mostraram fragilizados durante a observação, sendo que dois deles, Paladinos e Cia. Meses, já não existiam quando iniciei com as observações. Dos grupos que ensaiavam lá, o único que conseguiu concretizar a sua pesquisa que resultou em um espetáculo teatral foi o Projeto Preto. O grupo Camaleão deixou de ensaiar no CCJ devido às dificuldades que tinham de conciliar os dias e horários de todos os integrantes com os dias e horários disponíveis para ensaio no Centro. Para eles, era muito importante continuarem ensaiando no Centro; no entanto, não conseguiram lá permanecer. Talvez fosse preciso que o Centro Cultural buscasse dar prioridade, no que diz respeito aos agendamentos das salas, para os grupos que estivessem em fase de conclusão dos espetáculos, nem que para isso deixasse de suprir a demanda de outros grupos.

As constatações realizadas por meio do levantamento do perfil desses grupos e das motivações que fizeram com que esses jovens a se associassem para o desenvolvimento de atividades culturais comuns, permitiram que fosse realizada uma categorização dos mesmos, apoiados em definições apresentadas por Reguillo (2000). Esta autora, após um trabalho exaustivo de revisão bibliográfica de pesquisas e artigos e a partir da sua própria prática de investigação propôs uma categorização com o propósito de apontar as especificidades das diversas manifestações e expressões sociais que os jovens assumem nos dias de hoje. Reguillo apresenta quatro concepções que considerou chave:

- Agrupamento: compreende a reunião de jovens; no entanto, essa reunião não supõe uma organização rígida, sendo que o que dá sentido a existência do grupo são as condições de espaço e tempo;
- Coletivo: é a reunião de jovens em torno de um projeto ou atividade que compartilham e julgam importante. Nesta forma de associação, exige-se uma organização mais rígida;
- Movimento juvenil: nesta concepção, o que reúne os jovens é a presença de um conflito e de um objeto social que esteja em disputa, que faça com que os jovens estejam presentes no espaço público. Exige deles um planejamento e organização estratégica, podendo implicar na aliança com outros coletivos ou grupos;
- Identidades Juvenis: nesta categoria se enquadram os grupos de estilo tão estudados pelo Center for Contemporary Cultural Studies de Birmingham. São grupos de jovens que possuem uma proposta identitária, como os *punks*, *skinheads*, entre outros.

A partir dos conceitos trazidos por Reguillo é possível classificar a maioria dos grupos que frequentavam o CCJ nos dois primeiros conceitos apresentados pela autora: agrupamento e coletivo. Segue um quadro com a divisão dos grupos entrevistado de acordo com os conceitos:

Quadro 2 – Divisão dos Grupos Entrevistados

Agrupamento	Coletivo
Street Son – Dança de Rua	Corpo em Rito – Dança Contemporânea
K.I.D.S Clan – Dança de Rua	Projeto Preto – Teatro
The Funk's Men/Stylo Loko - Dança de Rua	Ca.Ge.Be. – <i>RAP</i>
Nature Soul- Dança de Rua	Maderit – <i>RAP</i>
Acid Popping- Dança de Rua	Camiranga -
Killer School- Dança de Rua	Jah Solution – <i>Reggae</i>
Paladinos – Teatro	B3 Orgão Trio – <i>Jazz</i>
Camaleão – Teatro	Sala 5 – Literatura
Cia Meses – Teatro	Literatura Suburbana – Literatura
Deportados – <i>Rock</i>	
Reticências – MPB	
Na Humilde Crew – <i>RAP</i>	
Aliado A – <i>RAP</i>	
Bandoleiro – <i>RAP</i>	
Gabi e meus camaradas – <i>Jazz</i>	
Núcleo de RPG – Jogo	
Cine Barracão – Audiovisual	
Regicidas – <i>RAP</i>	
Embatucadores – Percussão Corporal	

O que se observa é que dos 29 grupos, a maioria pode ser classificada como agrupamento de jovens. A existência desses grupos está aliada às condições do espaço e do tempo que em um determinado momento foram propícios para que a associação entre os jovens existisse. Embora alguns grupos, como o Acid Popping e The Funk's Men/Stylo Loko, ambos de dança de rua, tivessem como mola propulsora para a sua existência o desejo de se profissionalizarem, eles ainda não estavam organizados de forma a alcançarem isso. Os dois

integrantes do grupo Acid Popping mal conseguiam encontrar dias e horários para os treinos e ensaios; o mesmo ocorria com o grupo The Funk's Men/ Stylo Loko, que passou a contar com um número grande de integrantes após a união dos dois.

Os demais grupos de dança de rua, embora tivessem uma rotina de encontros para treinos e desejassem participar de campeonatos, faziam isso enquanto tinham tempo livre. Todos os integrantes desses grupos somente se reuniam com maior frequência quando iriam participar de campeonatos; passado o campeonato, os treinos com todos juntos eram mais difíceis.

Os grupos de teatro Paladinos, Cia. Meses e Camaleão também estavam à mercê do tempo e do espaço disponível para que seus integrantes se reunissem. O Cia. Meses, o que tinha tempo de existência maior, em fins de 2009 chegou ao fim. Seus integrantes já não possuíam disponibilidade para realizarem os ensaios e pensarem em novos espetáculos. A existência do grupo dependia do tempo livre de cada um, embora eles tivessem um projeto em comum. O Paladinos nem conseguiu definir qual era o projeto comum; os integrantes começaram a faltar nos ensaios e os poucos integrantes que queriam levar a cabo a ideia de um grupo, de se profissionalizar, também esmoreceram e pararam de se reunir.

A banda de *rock* Deportados, em fins de 2009, também chegou ao fim. Seus integrantes já não dispunham de tempo para os ensaios. Era uma banda de fundo de garagem formada por amigos que, nas horas vagas, juntavam-se para tocar. No entanto, a música não era prioridade na vida deles, sendo mais um passatempo, espaço para a descontração e diversão dos integrantes.

O grupo Reticências ainda não havia criado uma rotina própria de ensaios. A organização do grupo girava em torno das orientações do Projeto Música Vocacional. Era necessária a presença de um mediador para que o grupo desse prosseguimento as suas ações. O que garantia a existência da banda era o projeto de orientação da Prefeitura; sozinhos, eles ainda não conseguiam caminhar e consolidar o grupo.

A Banda Gabi e Seus Camaradas, embora tivesse uma dimensão profissional, não possuía uma organização rígida. Os encontros ocorriam somente se houvesse necessidade e nunca reuniam todos os integrantes. Encontravam-se, muitas vezes, somente na hora do show.

Os Embatucadores, grupo de percussão corporal, era formado por estudantes do Ensino Fundamental II, tendo como “líder” o professor de música que durante as aulas ministradas na escola convidou os alunos para formar um grupo. Eles ensaiavam pelo menos duas vezes por semana e já haviam realizado uma série de apresentações. Porém, os integrantes dedicavam ao grupo somente o seu tempo livre, embora fosse interesse deles se

apresentarem e mostrarem o trabalho que tinham, o tempo disponível para o grupo estava atrelado a não ter outras atividades. Isso não significa que eles não fossem comprometidos com as atividades, mas que as regras e a exigência para a participação eram flexíveis, uma vez que a maioria dos integrantes encontrava-se absorvidos pelas obrigações escolares.

O Núcleo de RPG tinha como principal objetivo jogar e fazia isso no tempo livre deles, embora se encontrassem pelo menos duas vezes na semana para jogar. No entanto, os encontros ocorriam de forma descontraída, sem regras ou exigências para a permanência no jogo, embora todos os integrantes estivessem comprometidos com as atividades do Núcleo.

Os grupos de *rap* Aliado A e Bandoleiro, e o Cine Barracão (audiovisual) formados por apenas um integrante, nem podem ser classificados como agrupamentos, uma vez que agrupamento pressupõe a participação de mais de uma pessoa. No entanto, pela história deles, que no início eram formados por mais pessoas, eles podem ser exemplos de como o tempo e o espaço determinam o período de existência de muitos grupos. Mesmo insistindo em manter as atividades que realizavam, dependiam da disponibilidade de tempo de outros.

Também se encontrava fragilizado o grupo O Regicídio Está Por Vir. Formado por apenas dois integrantes, a distância entre eles dificultava a realização de encontros rotineiros. Tinham uma forma de se organizar mais livre e dependiam de parcerias com outros grupos, geralmente mais estruturados, para realizarem suas ações.

Aqueles que foram classificados como coletivos eram dotados de uma organização mais rígida que os enquadrados como agrupamentos. Estes também possuíam metas claras para a existência do grupo, sendo que os encontros que realizavam tinham como objetivo consolidar o projeto que os integrantes tinham em comum. Desta forma, eles não estavam condicionados ao tempo, embora muitos trabalhavam e precisavam se desdobrar no seu tempo livre para cumprir com os compromissos assumidos com o grupo.

Os grupos de *rap* Maderit e Ca.Ge.Be, e a banda de *reggae* Jah Solution, além dos projetos relacionados à música, também realizavam outras atividades, estas com foco nas demandas dos jovens das regiões onde moravam. O Maderit desenvolvia o Projeto Quilombos Urbanos – PQU, cujo foco era desenvolver ações, por meio de palestras ou oficinas que despertassem nos participantes o interesse pela luta pela moradia. E o Ca.Ge.Be. realizava exposições ao ar livre de filmes para moradores do bairro Jd. Peri, na zona norte. A Banda Jah Solution realizava diversas oficinas no Centro de Integração da Cidadania - CIC Norte, no bairro Jova Rural da zona norte.

A Banda Camiranga tinha como foco principal a realização de shows. Para tal, realizavam ensaios semanais e também se reuniam além dos dias de ensaio para a composição

das músicas e melodias. Embora não conseguissem sobreviver da música, realizando outras atividades profissionais, seus integrantes dedicavam-se para a manutenção da banda e todos tinham como projeto comum inserir o Camiranga no circuito de shows. O mesmo ocorria com o grupo de *jazz* B3 Orgão Trio, que era formado por pessoas mais velhas e estavam na estrada desde 2006. Realizava shows pelo menos uma vez por semana, garantindo a estabilidade da banda.

Os grupos Literatura Suburbana e Sala 5 podem ser colocados no topo no quesito organização. O Sala 5 realiza reuniões semanais e possui uma sede que alugam. Desenvolve diversos projetos e promove oficinas voltadas para adolescentes e jovens. Também publica a Revista Menisquência, cujo objetivo é ser uma ferramenta de formação, integração e manifestação da expressão criativa de 30 jovens da região noroeste de São Paulo (distritos de Brasilândia, Taipas e Vila Nova Cachoeirinha), com idade entre 16 e 24 anos⁷³.

O Coletivo Literatura Suburbana também realiza projetos no distrito de Brasilândia, cujo objetivo é trabalhar com a questão da música, literatura e questões étnico-raciais. Realizam atividades principalmente nas escolas da região.

Tanto o grupo de teatro Projeto Preto, quanto o de dança contemporânea Corpo em Rito estavam organizados de tal forma que garantia a continuidade e a consolidação dos grupos. Seus integrantes estavam empenhados em se profissionalizarem e apresentarem seus espetáculos em todas as oportunidades que apareciam. Realizavam encontros constantemente, tanto para a pesquisa quanto para os ensaios.

De modo geral, é possível dizer que o Centro era um espaço propício para os agrupamentos juvenis, sendo que estes eram os que mais estavam presentes no CCJ. Já para os coletivos, o Centro era percebido como um apoiador, no sentido de possuir uma infraestrutura que pudesse auxiliar os coletivos no desenvolvimento de suas ações, porém, estes não perderiam força caso o CCJ não disponibilizasse tais recursos. Já os agrupamentos dependem mais do espaço do Centro Cultural da Juventude para a sua sobrevivência, mas isso não significa que eles não existiriam sem o CCJ. Pelo contrário, por exemplo, a maioria dos grupos de dança de rua já existia antes mesmo da construção deste equipamento.

No Capítulo 4 será apresentada a análise das entrevistas realizadas com os grupos: Núcleo de RPG, Literatura Suburbana e Camiranga. Esses grupos atuam em frentes diferentes da área cultural e possuem formas peculiares e intrínsecas de se relacionarem com o Centro

⁷³ Fonte: www.menisquencia.com.br. Acessado em 10/07/2010.

Cultural da Juventude. O conteúdo das entrevistas trouxe achados importantes para a pesquisa e permitiu a compreensão melhor dos grupos formados por jovens.

Capítulo 4: Os grupos e o Centro Cultura da Juventude: uma relação construída

Neste capítulo, apresento a análise do material empírico levantado por meio de entrevistas qualitativas semiestruturadas, realizadas com três grupos que utilizaram ou utilizavam o Centro Cultural da Juventude para a realização de suas atividades no período da pesquisa. Os critérios para a escolha dos grupos apoiaram-se nas diferentes formas de uso e na intensidade com que estes coletivos frequentavam o CCJ no período da pesquisa. Interessava também que esses grupos possuíssem desenhos de atuação cultural diferentes, pois permitiria averiguar como o Centro se relacionava com essa diversidade. Os grupos entrevistados foram: Núcleo de RPG, Coletivo Literatura Suburbana e Banda Camiranga.

Com as entrevistas, busquei compreender a dinâmica de funcionamento dos grupos, seus objetivos, projetos que possuíam e a organização interna de cada um. Era de fundamental importância compreender as relações que estabeleciam com o Centro, tanto como espaço de formação, como de sociabilidade e ampliação de redes de contato. No que diz respeito ao uso de outros espaços, sejam eles culturais ou não, também busquei verificar essas relações, além de inferir se houve ou não alteração no uso desses locais com a possibilidade de utilizarem o Centro Cultural.

Num primeiro momento de análise, apresento as especificidades de cada grupo e por fim traço as semelhanças e diferenças entre eles.

4.1 “Divertimento em primeiro lugar”: O Núcleo de RPG

O Núcleo de RPG foi formado em 2006 dentro de uma área de atuação do CCJ, que logo da sua inauguração, visava à formação de núcleos a partir das afinidades de práticas culturais dos jovens que o frequentavam e que possuíam projetos, semelhantes ou não, para serem desenvolvidos no Centro⁷⁴. Havia o interesse, por parte da equipe de programação, em promover o encontro entre os diferentes grupos para que estes decidissem qual proposta de evento seria realizada no Centro Cultural da Juventude. Eram realizadas reuniões semanais ou quinzenais, de acordo com a demanda dos grupos participantes.

⁷⁴ Em 2006, logo no início das atividades do CCJ, foram formados Núcleos com o objetivo de reunir jovens ou grupos de jovens que estivessem envolvidos em uma mesma prática cultural e que procuravam o Centro para apresentar seus projetos e propor atividades. A constituição desses Núcleos no Centro seguiu o modelo adotado pela Coordenadoria da Juventude, que em 2005 criou os fóruns temáticos. No Centro Cultural da Juventude, até o final de 2006, foram criados os Núcleos de RPG, *hip hop*, arte de rua e *reggae*. Somente o Núcleo de RPG sobreviveu com a virada do ano.

Dos três núcleos formados até o final de 2006 somente o Núcleo de RPG sobreviveu, os demais não deram continuidade às atividades, uma vez que, aos poucos, o Centro Cultural da Juventude passou da posição de organizador dos núcleos para a posição de recebedor das demandas, isto é, o CCJ entregou para os grupos participantes a função de se autogerirem. A autogestão funcionou para o Núcleo de RPG, no entanto o mesmo passou por grandes mudanças no que diz respeito aos seus participantes.

O Núcleo de RPG formou-se justamente porque o CCJ havia recebido alguns projetos de diferentes grupos para a realização de um encontro de RPG. O Centro, por meio da sua equipe de Redes Sociais, convocou todos os proponentes dos projetos que foram apresentados para que juntos pudessem elaborar um único projeto. Neste primeiro momento do Núcleo, participavam das reuniões aproximadamente 15 pessoas, conforme relata J. “Eu lembro que no primeiro evento tinha 15 pessoas para ajudar. Depois em diante foram 4, 5, 6 pessoas que vieram acabar ajudando.”

A composição do Núcleo alterou significativamente. Segundo E., o Núcleo atual é formado por 6 pessoas, todas do sexo masculino⁷⁵, que já jogavam antes e tinham, ou melhor, ainda têm um grupo de RPG chamado ORC. De acordo com E:

A formação do Núcleo mesmo não é a mesma que era antes. Acho que da formação do Núcleo original só eu permaneço. Aí, o restante a gente veio trazendo e a gente tá tentando formar de novo. A gente tem hoje 6 pessoas que fazem parte do grupo.

A relação de E. com os demais grupos que participavam das reuniões para a organização do encontro não se dava de maneira harmoniosa. Segundo o que ele relatou, sentia dificuldade em dialogar com os grupos:

Eu falava para eles como eles deveriam fazer e eles falavam que não era daquele jeito. Foi o que eu fiz... Primeiro evento em si eu deixei eles fazerem toda a programação e não me intrometi. Eles fizeram e eu só fui dando toque daqui, ajeitando ali, que foi durante as reuniões do Núcleo. E aí, depois do primeiro evento eles todos sumiram, porque eles viram que não era nada daquilo que eles imaginavam...Aí foi quando veio o J e o restante do grupo em si. Porque aí não dava mais para tomar conta sozinho.

No início de 2007, o Núcleo passou a contar com aproximadamente 12 pessoas, que se sensibilizaram com a possibilidade de os encontros de RPG não mais serem realizados no CCJ. Ainda nessa formação, após o primeiro evento, o Núcleo contava com membros de dois diferentes grupos, mas em meados de 2007, somente os integrantes do grupo ORC passaram a

⁷⁵ Houve também alteração na composição do grupo entre os anos de 2008 e 2010. Em 2008, quando o Núcleo respondeu ao questionário de perfil, contava com 13 membros, sendo a maioria de homens. Em 2010, esse número foi reduzido para 6 participantes, não havendo mais a presença de mulheres. Os integrantes estavam com idade entre 21 e 32 anos.

desenvolver as ações do Núcleo em parceria com a equipe do Centro. Atualmente, o grupo conta com seis pessoas, que são as “que sempre colocam a mão na massa”, conforme disse J.

A princípio, o Núcleo tinha como objetivo promover a divulgação do jogo de RPG, visando a sua expansão e também desmitificá-lo. Com o tempo, identificaram que a ideia de desmistificar o RPG não traria resultados, uma vez que nem todas as pessoas possuíam o conhecimento do que era o jogo de RPG. Diante desse fato, apontaram como principais objetivos de existência do grupo o divertimento de seus membros e a apresentação do RPG para aqueles que o desconheciam:

...muita gente não conhecia o RPG, né? Existia aquele pensamento de “Ah! Vamos tirar aquela impressão de que o RPG é magia negra”. Muita gente não sabe nem o que é RPG. Eu acho que é mais para divertimento, em primeiro lugar nosso...E em segundo apresentar mesmo o que é o RPG. Até que já veio até professor procurar a gente para ensinar, porque ele queria usar RPG na sua aula.

Ter como primeira motivação o desejo de desmistificar o RPG é compreensível, uma vez que em 2001, o jogo ganhou notoriedade devido a cenas de violência que tiveram como protagonistas jovens jogadores de RPG⁷⁶. Tanto a mídia nacional, como a internacional estabeleceu relação entre assassinatos e rituais do jogo, o que contribuiu para a criação de uma conotação negativa em torno dessa atividade lúdica.

No entanto, os membros do Núcleo, devido à constatação de que as pessoas não sabiam o que era o RPG, concentraram as ações do Núcleo em sua divulgação, por meio da realização de oficinas e encontros, e no próprio divertimento.

Durante os anos de 2008 e 2009, o Núcleo de RPG realizou projetos voltados para ministrar oficinas para iniciantes e programou torneios aprovados pelo Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais – VAI, o que possibilitou a eles difundir o RPG, principalmente apresentá-lo àqueles que nunca tinham ouvido falar do jogo. Durante a execução dos projetos, os seis membros do Núcleo concentravam suas ações na realização das oficinas, restando pouquíssimo tempo para seu próprio divertimento. As oficinas foram realizadas no CCJ aos sábados, das 14h às 18h, entre os meses de julho a novembro, prazo estipulado pelo VAI para que os projetos fossem desenvolvidos. Em 2009, além de realizarem oficinas aos sábados, começaram a realizar o Friday Night Magic na primeira e última sexta-feira do mês.

⁷⁶Em 2001, na cidade de Ouro Preto – MG, quatro jovens foram acusados de assassinar a facadas uma jovem durante um ritual satânico de RPG. Fonte: <http://www.dgabc.com.br/News/5753456/justica-absolve-acusados-de-matar-jovem-em-jogo-rpg.aspx>. Acessado em 13/04/2010.

No ano de 2010, o grupo não teve projeto aprovado pelo VAI, então voltou a se concentrar em suas próprias histórias e personagens, reunindo-se todos os sábados, como ocorria entre 2006 e 2007, e também todas às sextas-feiras. Durante os jogos, outras pessoas, que não faziam parte do Núcleo responsável pelas atividades, participavam das narrativas criando os seus personagens. De acordo com E e J., aos sábados eles iam ao CCJ para jogar mesmo:

De sábado a gente vem mais jogar mesmo. É sobra das oficinas. As pessoas que participaram das oficinas quiseram continuar jogando. São pessoas que gostaram e quiseram continuar e a gente vem todo sábado para que elas tenham com quem jogar. E de sexta é o desenvolvimento também das oficinas com relação ao Card Game, o Magic. A gente permaneceu aí vindo para o pessoal continuar vindo. E.

...a gente vem mesmo jogar, se aparecer mais alguém a gente abraça, joga e brinca...na verdade a gente só não vem mais porque o CCJ fecha cedo. J.

A fala de J. demonstra o desejo de que o CCJ tivesse o seu horário de atendimento estendido para além das 22h, pois o único dia em que conseguem se reunir a partir das 18h, durante a semana, é nas sextas-feiras, quando todos os integrantes possuem disponibilidade. Nos demais dias, há uma incompatibilidade de agenda de seus membros, sendo que estes só poderiam chegar ao Centro Cultural após as 18h, porém não era vantajoso para eles, uma vez que teriam que sair do Centro às 22h.

No Núcleo de RPG cada participante contribuía de alguma forma para a realização das atividades que o grupo desempenhava. Não havia uma hierarquia entre eles, nem uma definição de quem é responsável por determinada ação. Todos faziam de acordo com a disponibilidade de tempo que possuíam para se dedicarem às atividades do grupo, bem como pela capacidade que tinham para desenvolver as demandas que apareciam no dia a dia. Para a divisão das tarefas, também não existia a necessidade de se reunirem especificamente para isso, faziam a divisão durante os jogos. Para eles, a razão para que a forma de organização tivesse sucesso e satisfizesse suas necessidades resumia-se no fato de que todos faziam porque gostavam de se dedicar ao RPG: “É que na verdade, assim, só funciona porque todos os seis gostam daquilo que fazem. Porque o que acontece, se não gostar não vai fazer, não adianta insistir. Vai vim, vem na primeira vez e depois não vem mais”. E.

Para que pessoas de fora participassem do Núcleo que de fato se encarregava de realizar as ações do grupo, isto é, para que fossem envolvidos na tomada de decisões e não apenas participassem da mesa de jogo, era preciso que passassem a conviver com o grupo, estabelecendo vínculo de amizade:

Na verdade é a convivência, né? Convivência! A pessoa vem, começa a se enturmar, cria vínculo, porque querendo ou não, precisa ter um vínculo de amizade. Acho que naturalmente vai ficar no grupo. Como é uma coisa que não tem fim lucrativo nenhum, é por vontade de fazer mesmo, não adianta você pegar uma pessoa, que muitas delas pergunta “você ganha quanto para fazer isso?”. Eu não ganho nada. Então, às vezes a pessoa, ela acha que vai ganhar alguma coisa, ela vem criando isso. Você fala que não vai ganhar nada, ela já fica com o pé atrás. É por isso que eu falo que tem que ter aquele vínculo de amizade. J.

O grupo em si não necessitava de recursos financeiros para existir, uma vez que a principal atividade dele baseava-se nos jogos e nas narrativas criadas por seus membros:

O jogo em si não. A gente precisa de recurso quando tem oficina, tem evento. Aí sim, porque aí rola um material a mais. Para o jogo em si mesmo, não. Geralmente, cada um banca seu próprio custo, seu livro, seu baralho que é o Card Game. Geralmente o pessoal que vem de fora, não conhece e tá começando em uma mesa de RPG sente um pouco de dificuldade de não ter isso. Mas a gente empresta, dá apoio.

A estrutura do CCJ, com suas mesas e cadeiras, era suficiente para manter o grupo existindo. Porém, como o objetivo do Núcleo também era apresentar o RPG para um número cada vez maior de pessoas, nos anos de 2008 e 2009, apresentaram projeto para o VAI, o que possibilitou a compra de materiais para a realização de oficinas e compra de livros, que eram entregues como forma de prêmio para os ganhadores nos encontros de RPG. O Núcleo, em 2008, recebeu apoio financeiro do CCJ para a realização do encontro. Em 2006 e 2007, o apoio foi dado por meio de materiais de divulgação, equipamentos para projeção de vídeos e apetrechos para a decoração do espaço. Já em 2009, o Núcleo não solicitou verba para o CCJ, uma vez que incluíram os gastos com o encontro no orçamento do projeto aprovado pelo VAI.

É importante ressaltar que o Núcleo, enquanto grupo, ao buscar auxílio financeiro por meio de um edital, demonstra maturidade e um nível de organização, mesmo que a sua estrutura de funcionamento fuja dos moldes tradicionais reconhecidos pelos adultos. Conforme apresenta Pais (1990) em seu artigo Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica, mesmo que as culturas formadas por agrupamentos juvenis estejam distanciadas do sistema normativo, quando comparadas com as normas de funcionamento já conhecidas pelas gerações mais velhas, o que, na visão de muitos os tornam marginais, não significa que as suas ações sejam anômicas:

Ora o facto de as culturas juvenis aparecerem e poderem mesmo encontrar-se distanciadas de um dado *nomos* (conjunto de normas) – por isso são consideradas “anômicas” -, isto é, o facto de se encontrarem distanciadas de um universo de normas e valores do qual se supõe que as gerações mais velhas se sintam mais próximas, não significa que os jovens não consigam produzir seu próprio *nomos*, as suas próprias normas. (Pais, 1990; pag. 592)

Ainda no que diz respeito às normas, as narrativas criadas pelos jogadores de RPG eram carregadas de regras, sendo que estas eram previamente acordadas e aceitas pelos participantes. Segundo Mesquita (2007), “as regras servem para limitar as ações das personagens de modo que essas não façam tudo o que desejam diante das situações trazidas pelos mestres” (pag. 5).

Cada *rpgista* cria a sua personagem, dotando-a de características próprias, perfil psicológico, habilidades físicas e intelectuais, poderes, pontos fracos. A personagem é criada antes de começar o jogo e conforme a narrativa avança ela evolui. Cada partida pode durar dias, sendo de fundamental importância que todos os envolvidos estejam presentes em cada encontro, pois a história depende do empenho de todos. O próprio jogo de RPG impõe as regras sobre os participantes. Nesse sentido, indaguei se havia alguma forma de repreensão quando um dos membros não comparecia ao encontro, e se o não comparecimento deveria ser comunicado com antecedência. Responderam que era bom avisar e deram a entender que o próprio jogo se encarregaria de sinalizar que é preciso estar em todos os encontros:

A gente deixa mais pro lado do bom senso. Que nem eu como narrador, eu já sei que quando a pessoa, ela não vem participar, quando ela volta, ela sente a diferença da personagem dela para os outros. Porque as outras personagens foram evoluindo e elas ficaram para traz. Então, é ação e consequência, se você não vem, a sua personagem não evolui. Você vai ficando para traz na história. Aí quando vai ver certas coisas que a personagem dele poderia tá fazendo para ajudar o grupo, já não vai tá fazendo. E.

O Núcleo de RPG nunca precisou superar dificuldades de relacionamento entre seus membros para continuar existindo. Os membros do grupo também disseram que a questão dos recursos financeiros, ou melhor, a ausência de dinheiro, não interferia na dinâmica das atividades do grupo. Porém, o fato de durante dois anos terem se dedicado à execução das atividades propostas nos projetos contemplados pelo VAI, deixou em um dos participantes a sensação de que, em 2010, o Núcleo deixaria de existir, uma vez que em 2008 e 2009 todos os membros estavam mais empenhados em fazer com que as oficinas dos projetos acontecessem, restando pouco tempo para jogarem.

...quando a gente não participou nenhuma vez do VAI, normal. Acho que depois que a gente participou uma vez do VAI, conseguiu verba para fazer evento mesmo, girar legal, oficina e tudo. Eu acho que depois que acabou do ano passado, eu senti que ia esfriar mesmo e acabar. Mas foi só uma impressão minha, sempre teve a ajuda do CCJ nesses pontos de dinheiro, para comprar material para oficina. J.

O E. buscou em sua fala explicar o motivo que levou o J. a pensar que o Núcleo chegaria ao fim, uma vez que não receberiam mais o auxílio financeiro do edital:

...é que quando a gente entrou no VAI, apareceram várias pessoas interessadas, até por conta da divulgação em si. E aí depois, o que acontece: quando tem o VAI, a

gente fica empenhado no VAI e a gente acaba até parando de jogar, porque a gente começa a fazer as coisas e a gente deixa de lado o nosso próprio jogo. E como a gente parava de jogar, a gente acabou se distanciando. Aí ele viu o VAI parando, e aí ele falou “agora que os caras se distanciaram, a gente não vai conseguir reunir toda hora para jogar. E o que estava aproximando eram as oficinas, a obrigação de estar ali, de participar. Mas só foi uma impressão mesmo, não aconteceu.

Para 2010, o Núcleo solicitou a autorização e auxílio financeiro do CCJ para realizar um torneio de Magic Game no dia da Virada Cultural⁷⁷. A intenção do grupo é, pela primeira vez, realizar um evento que ocorresse durante a madrugada. No momento da realização da entrevista, o grupo havia recebido a autorização e a verba para a compra das premiações. Em 2010, o Núcleo previa também dar continuidade ao Friday Nigth Magic nas noites de sexta-feira, com o jogo aos sábados e com o Encontro de RPG no final do ano.

“O CCJ é no quintal de casa”: dentro e fora do Centro Cultural da Juventude

Núcleo e CCJ: primeiro contato, periodicidade das ações e demandas

Para o Núcleo de RPG, o primeiro contato com o CCJ se deu muito antes de o Centro Cultural da Juventude começar a ser construído. Ainda enquanto grupo ORC, um dos seus integrantes participava das reuniões promovidas, ainda na gestão da Ex-Prefeita Marta Suplicy, para a construção do Centro de Cidadania e Convivência. Ele fez parte da comissão de inauguração do projeto, quando este foi apresentado à população na Escola Municipal Tenente Aviador. Com a sua frequência a essas reuniões, pretendia interferir no projeto proposto, para que nele houvesse uma sala destinada para os jogadores de RPG:

Na verdade, quando eu entrei na parceria com o pessoal para fazer, a minha intenção era mesmo criar um point de RPG aqui. Eu conversei com o arquiteto, conversei com o pessoal que estava fazendo a planta “eu quero uma sala onde eu possa colocar o pessoal para jogar”. Aí, o pessoal disse “olha o CCJ vai ser enorme. O Centro de Cidadania vai ser enorme, você vai ter um espaço enorme para jogar. A intenção era ter um local onde eu deixasse o material, e ter uma pessoa que pudesse estar ali responsável por aquilo. Mas aí, a gente acabou vendo que ia ser inviável... E.

⁷⁷ A Virada Cultural insere-se na política de eventos da Secretaria Municipal de Cultura. O projeto foi inspirado nas noites brancas europeias, nas quais museus de cidades como Paris, Roma, Bruxelas e Madri permanecem, uma vez ao ano, abertos durante toda a madrugada. Desta forma, durante 24h, em dezenas de palcos montados no centro da cidade, CEUS e em outros equipamentos culturais públicos e privados, são apresentados gratuitamente programações culturais que atendem todas as idades. (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, Relatório de gestão 2005-2008. São Paulo: 2009).

Como tratado em capítulo anterior, a ex-prefeita Marta Suplicy não deu continuidade à efetivação do projeto, deixando pronto o processo de licitação. Com a entrada de José Serra e a retomada do projeto, que sofreu inúmeras modificações, as reuniões promovidas pela Coordenadoria da Juventude, segundo informações de E., foram transferidas para a subprefeitura da Casa Verde/Vila Nova Cachoeirinha/Limão, momento no qual ele perdeu o contato. O jovem acompanhou de longe a construção do CCJ e só se reaproximou após a inauguração.

A ideia de fazer desse novo equipamento um ponto de RPG ainda existia, por esse motivo. E. foi ao Centro para apresentar a sua proposta de encontro, quando foi convidado para formar um Núcleo de RPG:

Aí, eu vim para cá na inauguração. Eu fui procurar, eu lembro que no dia eu cheguei aqui e estava procurando o Coordenador Geral daqui, para saber como é que ia ficar, como é que ia ser, como é que eu podia apresentar os projetos. Foi aí que eu conheci o D. (monitor do CCJ), aí o D. me apresentou o pessoal da Redes...Eu vim para apresentar um projeto, um encontro de RPG que era para apresentar mesmo um novo espaço para jogar RPG. E foi aí que ela gostou e perguntou se eu toparia montar um Núcleo. E.

Após a realização do primeiro encontro, como já mencionado, a formação original do Núcleo se alterou, gerando a formação do grupo atual. Desde 2007, o Núcleo reserva as tardes de sábado para as reuniões no CCJ. Mesmo as atividades do projeto do VAI eram realizadas, até meados de 2009, somente aos sábados. A partir de julho de 2009, o Núcleo passou a ocupar também as noites de sexta-feira. No início, se encontravam somente duas sextas-feiras por mês; no ano de 2010, começaram a ir todas as sextas no período da noite, chegando por volta das 18h30 e permanecendo no espaço até as 21h30.

Como todos os integrantes do Núcleo trabalhavam, sobrava pouco tempo para se dedicarem ao RPG, restando-lhes somente os sábados e as noites de sexta. Por outro lado, durante a entrevista eles mencionaram o horário de fechamento do CCJ: “Na verdade, a gente só não vem mais porque o CCJ fecha cedo”. Hoje em dia, eles conseguem ficar no espaço de convivência às sextas-feiras até as 21h30 e, eventualmente, até as 22h. Mas até meados de 2009, quando o serviço de internet⁷⁸ encerrava suas atividades às 20h, o Núcleo de RPG, e quem mais estivesse no espaço, era convidado a se retirar. Só era permitida a permanência no piso térreo, onde localiza-se o espaço Arena e o Anfiteatro. No entanto, nesse andar não havia estrutura para que o grupo permanecesse, restando-lhes como única opção encerrar o jogo.

Outra questão levantada por eles, foi o fato de o CCJ fechar durante os dias de Carnaval. Desde 2008, o CCJ fechava nesse período, voltando a abrir suas portas na quarta-

⁷⁸ O espaço de convivência ocupa a mesma área que a internet livre.

feira de cinzas após o meio-dia. Isso prejudicava a atividade do grupo, fazendo com que eles se deslocassem para outro espaço, mais distantes de suas casas, para jogar.

... no Carnaval, por incrível que pareça, o CCJ não abriu, não sei por que motivo... É feriado, cultura, eu acho que tinha tudo a ver. E a gente ficou sem lugar para jogar. Aí a gente foi jogar na praça do cemitério, mas o pessoal achou que era muito perigoso, a gente teve que ir lá para o Horto Florestal. A falta que fez, veio todo mundo para jogar e a gente ficou sem espaço porque estava fechado. J.

Tanto a questão do horário de funcionamento, como o fato de o CCJ fechar no Carnaval, eram algumas das demandas que o grupo possuía em relação ao Centro. Acreditavam que, com o tempo, conseguiriam garantir que o Centro Cultural funcionasse durante o Carnaval, uma vez que a questão do horário já estaria resolvida.

O Núcleo também já havia pleiteado a aquisição de um armário para que pudesse guardar os livros que utilizava para jogar, ou então que esses livros ficassem na biblioteca e só fossem consultados por jogadores de RPG. Mas essa demanda não foi atendida pelo equipamento, uma vez que não era possível impedir que outros frequentadores tivessem acesso aos livros.

Eles também salientaram o problema de não poderem ingerir alimentos enquanto jogavam. Como chegavam no CCJ por volta das 14h, permanecendo até as 20h, gostariam de poder comer durante o jogo, evitando a interrupção do mesmo. Mas a proibição de ingestão de alimentos era uma regra que afetava a todos os frequentadores do Centro; desta forma, acreditavam que se a regra fosse alterada teria que ser para todos: “A gente entende, né? A gente imagina que se eles deixam a gente comer, com certeza vai aparecer outros e ‘por que eles podem? O que eles têm de diferente? No que eles são melhores que a gente?’ A gente não aceita a regra, mas a gente entende”. E.

A relação entre o Núcleo e o CCJ sempre se deu de forma harmoniosa. As demandas existiam, sim, mas o atendimento ou não das mesmas não impedia que o grupo continuasse realizando suas atividades no Centro. O Núcleo demonstrava também um entendimento para o não atendimento de suas demandas. Para J e E. “... tudo é impossível de se conseguir... tudo dentro do possível o CCJ atendeu”. “É assim, eu tenho o espaço, eu tenho a liberdade para fazer os jogos. Quando a gente quer fazer um evento a gente comunica e o CCJ deixa a gente fazer”.

O caminho que percorriam para propor atividades para o CCJ era simples. Primeiro, eles discutiam no grupo, depois apresentavam a ideia para a equipe gestora. Caso o setor responsável por dialogar com os grupos achasse a ideia interessante e passível de ser executada, o Núcleo redigia a proposta e a enviava por e-mail. Geralmente o Centro não

interferia na concepção, buscava inserir a proposta nos dias e horários disponíveis na grade de programação: “Na concepção, que eu me lembre, não, ela nunca deu pitaco, não, mas também se desse... Cronograma ela gosta de mexer. A gente não liga muito para isso não”.

A única interferência que houve do Centro na concepção de um de seus eventos foi em 2008. Para o encontro desse ano, eles propuseram que fosse realizado um baile de máscaras junto com o sarau do CCJ. Acreditavam que a pessoa responsável pela programação da biblioteca não tinha entendido a proposta deles, por isso, na última hora, desistiram de fazer o sarau em parceria.: “...Eu fiquei muito chateado com isso. A gente propôs uma ideia de sarau bem legal e no final, deram para trás com a gente” E.. Embora não tenha prejudicado o encontro, quando E. se lembrou do ocorrido, não escondeu o quanto esse episódio o havia chateado. Ao mesmo tempo, demonstrou que havia interesse em propor novamente essa parceria:

Foi uma interferência, mas não foi uma interferência que prejudicou o evento. É uma interferência que é assim, a gente quis somar junto, a gente achou que seria uma ideia legal até na divulgação do RPG e na divulgação em si do sarau. Mas não deu certo, em uma próxima vez, a gente tenta de novo. E.

O Centro Cultural da Juventude visto pela ótica do Núcleo de RPG

O fato de o Núcleo de RPG estar no Centro há quatro anos possibilitou a seus membros tecer comparações entre o que era e o que se tornou o CCJ. Entre o que deveria ser e o que realmente foi concretizado, mesmo que essas comparações estivessem ancoradas a elementos do cotidiano.

Quando indagados se com o passar dos anos a relação com o CCJ havia sofrido alguma alteração, eles levantaram alguns exemplos, como ter um espaço definido, serem atendidos quando solicitavam mais mesas para esse espaço, poder ficar até mais tarde e ser reconhecido pelos funcionários do CCJ:

Ah melhorou! No começo a gente não tinha espaço definido, hoje em dia a gente já tem. Já tem nosso espaço. Às vezes a gente quer uma mesa diferente lá a gente pede em duas semanas depois tá lá. Não conseguimos ainda fazer lanche lá, mas a gente ainda vai conseguir (risos). A gente não tinha liberdade, hoje em dia a gente já consegue ficar até mais tarde dentro do CCJ. Já existe um reconhecimento de todo mundo... Só o fato de deixar um senhor de idade e um doido aqui até meia noite fazendo escultura já é uma grande coisa. J.

Os exemplos apresentados por J. ilustram o estreitamento da relação entre o Núcleo e o CCJ. Ele resgata o fato de eles terem um espaço com número de mesas e cadeiras adequado para a prática de RPG. Também fala a respeito da organização e produção de cenário para o

III Encontro de RPG, realizado no final de 2008. Na ocasião, o Centro Cultural da Juventude contratou um artista plástico que ministrou oficinas com o objetivo de construir objetos cênicos; no entanto, próximo da data do evento, um dos objetos ainda não estava pronto. Por esse motivo, o oficinheiro e o E. ficaram no Centro até tarde da noite confeccionando a peça que faltava.

Embora enxergassem melhora na relação do CCJ com o grupo, para E. ainda faltava espaço para que os frequentadores e moradores da região participassem da elaboração da programação:

Na época, era metade poder público, metade pessoal da região que ia montar a programação que iria ter dentro do CCJ. Eu não vejo a participação em si. Então eu acho que o CCJ peca nisso, porque o CCJ poderia aproveitar as pessoas que participam, que vem, que costumam vir, para perguntar, para ver e criar essa programação em si.

Nesse momento, resgatou-se a ideia inicial de um fórum de participação popular que traria para o CCJ propostas e demandas da região a ser trabalhadas através da programação. As reuniões desse fórum foram realizadas até fins de 2006, quando os encontros ficaram cada vez mais esvaziados, até que foi desativado. Para E., houve um desvirtuamento da proposta inicial, uma vez que não foi dada continuidade, por parte da direção do CCJ, às reuniões do fórum de participação.

Por outro lado, para J., as pessoas não participavam mais da gestão da programação, ou por falta de divulgação de que isso era possível, ou por não terem interesse de fato em propor atividades:

Eu acredito o seguinte, eu acho que não existe...porque no nosso caso a gente dá palpite, a gente faz o nosso projeto, a gente interfere na programação diretamente do CCJ. Eu acredito que se não existe ainda é porque, ou é falta de divulgação ou é falta de interesse. Esses dois pontos têm. Que existe grupo lá fora, existe. Ou é falta de interesse dos grupos virem para dentro.

Essa questão da comunicação é o calcanhar de Aquiles do Centro Cultural da Juventude, uma vez que este possuía equipe reduzida e pouca estrutura para distribuir o material de divulgação pela região. Isso fazia com que o Centro ainda fosse desconhecido por muitos jovens moradores de áreas próximas ao equipamento. Segundo E. “tem gente que ainda passa em frente do CCJ e acha que é pago”. O J. relatou uma conversa que teve com um conhecido, também jogador de RPG:

Tipo aquele cara que está passando no terminal Vila Nova Cachoeirinha. Por que aquele cara nunca passou aqui? Tem gente que não conhece. Um dia desses eu estava com o M. “J: A gente vai fazer o evento lá de Magic. M: Ah! Onde que é? J: É no CCJ. M: Onde que é isso? J: É na parte de cima do terminal. M: Puta! Sério? Tem aquilo ali? J: Tem, de terça a domingo”...É por isso que eu falo, ou é falta de divulgação ou é falta de interesse.

Além da falta de estrutura do próprio CCJ, o Núcleo também reconhecia que não dependia somente do Centro, e que era preciso ter mais diálogo entre as demais secretarias da prefeitura para a divulgação da programação e dos serviços oferecidos no equipamento: “se tivesse integração entre as ferramentas da Secretaria de Cultura com transporte, saúde, educação, etc. Eu acho que só com isso, conseguia”.

Mas J. também aponta para a “falta de interesse” dos jovens da região em conhecer o CCJ. Para ele, é necessário que haja também interesse por parte dos moradores da região em se aproximar do Centro para conhecer o seu funcionamento e verificar o que lá é oferecido. Para exemplificar isso, ele usa como exemplo o próprio Núcleo: “Eu acredito o seguinte [...] porque no nosso caso a gente dá palpite, a gente faz o nosso projeto, a gente interfere na programação diretamente do CCJ” [...] que existe grupo lá fora, existe. Ou é falta de interesse dos grupos vir para dentro ou...”.

No que diz respeito ao uso do equipamento realizado pelas demais pessoas que frequentavam o Centro, E. e J. tinham opiniões diferentes. Para E., “a maioria das pessoas que frequentam o CCJ é por um motivo muito simples: ou é mexendo no microl, ou é ficar sentando ali fora, batendo papo. Ele não tem a ideia ‘olha eu vim aqui para aprender algo’”. Enquanto J. acreditava que esse perfil de usuário havia alterado, isto é, os frequentadores do CCJ faziam coisas para além do que o E. havia apontado: “Eu acho que hoje em dia já mudou bem esse conceito. No curso de idiomas, sempre tem gente lá, no de 3D também tem sempre nego ali dentro mexendo no computador. De dança, não sei como tá hoje em dia, mas tem sempre um cara tocando uma música lá”.

É interessante apontar que os membros do Núcleo dificilmente realizavam outra atividade no CCJ que não fosse jogar RPG. Quando indagados se frequentavam a programação e os serviços, responderam que faziam isso raramente. O E. contou que logo na abertura ele ia mais vezes ao Centro para ver alguma programação: “No começo eu frequentava muito as peças de teatro...Eu vinha muito, mas hoje eu não venho mais, porque além de não ter tempo, eu olho as peças e não me interessa”.

Já o J., disse utilizar a biblioteca e antes de ter acesso a internet na sua casa, usava muito o CCJ para isso. Lembra também que foi em dois saraus, no primeiro, foi para fazer um convite aos participantes; no segundo, foi para de fato participar do sarau. Para o J., o Centro deveria investir mais nas intervenções pelo espaço, trazendo para perto do público atividades como peças de teatro, ou seja, saindo da forma tradicional de programar e fazendo um melhor uso dos espaços disponíveis para atingir o público:

Eu acho que falta isso também dentro do CCJ, da ação entre o público, não o convite. Convite é uma coisa que você vai se quiser. Igual, existia antigamente o pessoal vinha com peças de teatro, dançando no meio do povo...Eu acho que certas coisas pode tentar, sim. Teatro não tinha que ser só no teatro; sarau não precisava ser só na biblioteca; podia ser lá na porta para que todo mundo que passasse na rua visse.

Para J. o Centro deveria investir em ações que dessem visibilidade a sua programação, que atraísse a população, que muitas vezes vai ao equipamento, mas não se atenta para a programação que ocorre nos espaços mais reservados, como o Anfiteatro e espaço sarau. Então, a realização de atividades fora desses espaços, onde o nos locais onde público geralmente fica, iria atraí-los para outras atividades.

Centro Cultural da Juventude: espaço de sociabilidade e alargador de redes de contatos.

Anteriormente aponte o fato de os membros do Núcleo de RPG irem ao Centro somente para jogar, não usufruindo das muitas atividades de lazer oferecidas no equipamento. No entanto, esse grupo não ia ao CCJ em busca de formas para se divertir; simplesmente buscava a estrutura do espaço, pois a diversão habitava nas personagens por eles criadas, nas histórias que eram narradas durante horas e na possibilidade de estar junto, momento em que podiam compartilhar interesses comuns. O jogo é lúdico e por meio dele, a sociabilidade entre os integrantes ocorria. O CCJ era para o Núcleo apenas o local onde a sociabilidade inerente ao ato de jogar RPG podia ocorrer.

A própria dinâmica do RPG exigia que ele fosse jogado em grupo. Os participantes precisavam ter interesses comuns para garantir a sobrevivência do jogo. No jogo de RPG, um jogador precisa do outro, isto é, um personagem só existirá se outro ali estiver para lhe fazer companhia e dar sentido a sua “vida”. Para Mesquita (2006) “o jogo de RPG facilita a sociabilidade de jovens jogadores que, muitas vezes, se conheceram formando grupos para jogar e, a partir de afinidades, tornam-se amigos” (pág. 80).

Embora o Núcleo buscasse estabelecer relações entre iguais, isto é, entre *rpgistas*, havia entre eles e os demais frequentadores um bom diálogo. Disseram que muitos deles se interessavam pelo o jogo e perguntavam o que era:

Muita gente vem e pergunta ‘o que é isso que vocês estão fazendo’, principalmente quando a gente está jogando Magic. O cara chega do lado ‘legal, tal, como é que funciona’. A gente explica, tem uns que querem jogar de qualquer forma, a gente dá um jeito. Mas, normal, acho que com os outros usuários nunca tivemos problema nenhum, de nenhuma forma.

Estar em um equipamento como o Centro Cultural da Juventude possibilitava esse diálogo com aquele que era diferente, permitindo que o Núcleo atingisse um dos seus objetivos que era difundir o RPG, uma vez que isso só era possível apresentando para os outros o jogo na prática, isto é, jogando: “É que o RPG tem esse problema, você não consegue divulgar ele se não for jogando. Vamos tirar a mesa, o que sobra? O jogador, mas o jogador sozinho em pé conversando não vai chamar a atenção de ninguém”. J.

Além de conseguir difundir o RPG aos frequentadores do CCJ, o fato de poderem utilizar a estrutura do Centro para a realização dos eventos também permitiu ao Núcleo se tornar reconhecido entre seus pares, tanto entre os grupos como eles, como entre os grandes organizadores de eventos.

O Núcleo teve sua rede de contatos ampliada, sendo que a principal delas foi com a Devir Livraria. A Devir é a maior distribuidora de livros-jogos no Brasil, tendo começado a importar livros e materiais sobre RPG em 1990. Devido ao grande sucesso, bem como ao crescimento do número de pessoas adeptas desse jogo, a Devir começou a traduzir e publicar os livros de RPG em português. A livraria promove o Encontro Internacional de RPG, campeonato de Magic: The Gathering, e apoia uma série de outros eventos por todo o Brasil.

Aos poucos, o Núcleo foi se aproximando da Livraria. O E. já conhecia a Devir e ainda com o grupo ORC tentou uma aproximação sem sucesso, “eles barravam muito os meus projetos”. Hoje, o Núcleo possui pleno apoio da livraria para a realização dos eventos: “Hoje em dia é apoio total, é só falar que a gente vai fazer...hoje em dia é Núcleo na terra e Deus no céu” J. e E.

Para E., foi o trabalho do Núcleo com o CCJ que permitiu essa aproximação com a Devir:

Do trabalho feito dentro do CCJ. Com o Núcleo e o CCJ. Porque eles não acreditavam que num espaço público...porque eles tinham um evento no Ibirapuera, mas por bobagem deles eles acabaram perdendo o espaço. Era um espaço que juntava 32 mil pessoas, assim muito fácil. Muito fácil mesmo. E aí, eles perderam esse espaço por bobagem, briga dentro deles com a prefeitura e aí, eles acabaram perdendo o espaço. Até que quando eu levei o projeto para apresentar para eles, que eu iria fazer aqui, eles falaram “mas você acha que vai rolar? Você acha que vai dar certo? Então, leva esse projeto aqui”. Eles começaram a querer enviar o projeto deles para que eu viesse fazer. Eu falei não. Eu vou criar o meu projeto e o meu projeto é esse. É dessa forma que o Núcleo vai agir, eu não vou seguir o passo de vocês. Agora, se vocês não querem apoiar, não tem problema. Eu só to trazendo para vocês saberem o que estou fazendo lá.

Pela fala do E., o primeiro contato com a livraria não foi fácil. Ele precisou se posicionar e não ceder ao desejo da Devir de empurrar para eles um projeto já pronto. O primeiro encontro, realizado em 2006, não recebeu o apoio deles, que só passaram a se

interessar pelo evento quando este passou a ser divulgado no folder do Centro e na revista Em Cartaz, da Secretária de Cultura.

A partir do apoio e da mediação da Devir, o Núcleo também passou a realizar o Dungeons & Dragons⁷⁹, o Magic: The Gathering⁸⁰ e o Friday Nigth Magic⁸¹, o que tornou o grupo e o CCJ conhecidos internacionalmente, pois essas modalidades de jogos foram lançados pela editora Wizards of the Coast. Essa editora é quem regulamenta e inscreve os locais para a realização dos torneios, que antes da interferência do Núcleo só eram realizadas em lojas:

Assim, o CCJ ajudou a gente em muita coisa. Antigamente, a Wizards e a Devir só faziam em loja, a gente de tanto insistir com o espaço. A gente começou marcando meio que na moita. Fazia o evento, marcava o endereço falando que era loja, aí eles mandavam...Até que um belo dia a Wizards deve ter perguntado para a Devir, e a Devir falou “Onde é que vocês marcam?” No Centro de Cultura, no CCJ. A gente mandou foto, mandou endereço. Aí desde então, todo local público tem direito de fazer...Aí a Wizards, ela trocou. Porque existem umas regras que todo organizador tem que seguir. Eles trocaram a regra, eles acrescentaram lojas, locais públicos e bibliotecas. Porque tinha esse problema, a gente marcava aqui e era local público. J.

Além desse reconhecimento fora do Brasil, o Núcleo de RPG se aproximou de outros grupos que também realizavam eventos, como o RPG Arautos⁸² e a Confraria das Ideias⁸³. Eles alertaram também para o fato de os jogadores da região começarem a frequentar o CCJ: “Jogadores da região também vieram. Pessoal de Magic, tem muita gente de Magic que mora na redondeza aqui que começou a participar mais aqui do CCJ. E tem muitos que me cobram ‘Ow, vai começar quando os eventos?’”.

O espaço que o CCJ oferecia para o Núcleo e a parceria estabelecida entre eles, possibilitou ao grupo ter um espaço fixo para viver seus momentos de lazer e diversão, sendo, portanto, um espaço ideal de sociabilidade e estreitamento dos laços de amizade entre seus membros, onde estes sentiam-se seguros e à vontade para criarem e viverem suas histórias. Por outro lado, o próprio equipamento foi beneficiado com a presença desses jovens lá e pelas

⁷⁹ Dungeons & Dragons (D&D) é um RPG de fantasia medieval. Possui um sistema de regras bem definido. O principal objetivo do jogo é atacar monstros à procura de objetos valiosos. Os jogadores criam personagens que interagem entre si e ganham pontos de experiência, tonando-se poderosos à medida que o jogo avança. (MESQUITA; 2006, pg. 40)

⁸⁰ Magic: The Gathering é um jogo de cartas colecionáveis criado em 1993, pelo matemático norte-americano Richard Garfield. Cada jogador utiliza um baralho criado por si para vencer o adversário. Em Magic, o jogador faz o papel de um planinauta — um poderoso mago que luta contra outros planinautas por glória, conhecimento e conquistas, com um arsenal de feitiços sob seu comando. Fonte: www.devir.com.br acessado em 24 de abril de 2010.

⁸¹ Ver nota de rodapé 33 Capítulo 3.

⁸² www.rpgarautos.com.br

⁸³ www.confrariadasideias.com.br

atividades por eles promovidas, pois com seus projetos, trouxeram para o Centro um público que não foi atraído pela programação oferecida diariamente.

“O pessoal pula o muro a gente tá no CCJ”: frequência e relação com outros espaços.

No início, antes de existir o Centro Cultural da Juventude, o grupo, ainda com a antiga formação e conhecidos como ORC, realizou alguns eventos em parceria com outros locais públicos. Em 1998 e 1999 com a Escola Estadual Olinda Leite, e em 2001 e 2002, com a Casa de Cultura Salvador Ligabue. Na Casa de Cultura, eles realizaram dois encontros e nas férias, ministraram oficinas. Em 2003, também tentaram realizar um evento na cidade de Caieiras, mas que foi cancelado um dia antes:

Então, em Caieiras não deu certo. A gente tinha apoio do prefeito de Caieiras. O evento foi todo programado, todo divulgado. Um dia antes do evento, eu liguei para lá para falar o horário que a gente ia tá chegando “Vocês não vão fazer porque vai ter um ato ecumênico aqui e vocês não vão poder fazer”. E.

Nessa época, para a realização dos eventos, eles contavam com o apoio de políticos: “Tinha o incentivo da Secretaria da Cultura, pelos... é que na época eu fazia o que, eu conhecia alguns deputados, vereadores e conversava com eles. Eles falavam vai lá, faz. A gente te dá alguma ajuda e você compra o que precisar e faz”. E.

Nesses espaços, o grupo somente realizava eventos. Para se reunir e jogar eles utilizavam a casa um dos outros e chegaram a usar também o espaço do CCSP:

No começo, a gente jogava em casa. A gente varava a noite jogando, mas aí, a gente percebe que incomoda, atrapalha. Por isso que a gente gostou muito quando apareceu o CCJ e a gente teve a oportunidade de criar aqui um espaço para jogar. E.

Perguntei se eles continuavam frequentando o Centro Cultural São Paulo - CCSP que fica na estação Vergueiro do metrô. O E. respondeu que foi poucas vezes e que foram expulsos de lá: “No começo, eu ia no Vergueiro, acho que eu fui três vezes no Vergueiro. Mas eles começaram a expulsar a gente da área, então, a gente parou de ir”. Para J., ir ao CCSP era perda de tempo: “Vou gastar 1h para ir no Centro Cultural Vergueiro, sendo que em 10min eu estou aqui”.

Após a inauguração do CCJ, o grupo se instalou lá e não passava pela cabeça ir em busca de outros espaços para jogar ou até mesmo realizar seus eventos. Na zona norte, eles citaram mais dois locais que alguns grupos utilizavam para jogar RPG: o Parque da

Juventude⁸⁴, que fica próximo à estação Carandiru de metrô, e o CEU Jardim Paulistano, que se localiza próximo ao CCJ, mas eles não frequentavam nenhum desses locais. Foram convidados para montar um grupo de RPG no CEU Jd. Paulistano no início de 2010, mas não aceitaram, uma vez que teriam que reduzir a frequência de atividades realizadas no Centro, pois é a rotina de jogos que assegura a existência e a continuidade de um grupo. Desta forma, para que o grupo fosse formado lá, eles teriam que se fixar no espaço e para isso, teriam que frequentar menos o Centro Cultural da Juventude, prejudicando o trabalho que ali haviam conquistado.

Durante a entrevista, eles apresentaram dois motivos para não jogarem em outros locais. O primeiro, diz respeito à questão do barulho que eles fazem enquanto jogam: “A gente faz muito barulho, principalmente quando a gente se empolga no jogo. Aí, o negócio quando fica empolgante o pessoal fala alto, berra, começa a fazer o seu personagem aparecer” E. O Centro e seus frequentadores já aprenderam a se acostumar com o barulho. No início, os jogos de RPG eram realizados dentro da biblioteca, rapidamente eles foram convidados a se retirar. Desde então, eles passaram a ocupar o espaço RPG e também o convívio.

O segundo motivo apresentado, é que para jogarem em outro espaço, eles teriam que diminuir a frequência de jogos no CCJ, ou até mesmo deixar de jogar lá. Isso iria esvaziar o Centro de jogadores de RPG, deixaria de ser um ponto de referência, uma vez que este só existe porque eles estão lá todas as sextas-feiras e sábados. O E. lembrou que em 2006, logo no início do Núcleo, o espaço Alameda ficava com as mesas lotadas de jogadores de RPG: “Teve uma época aqui, no primeiro ano do CCJ, aqui do Núcleo, a gente tinha aquela alameda lotada de mesas de RPG. O Núcleo ficou duas semanas sem vir, aí o pessoal para de vir porque não tinha nada”.

Há a necessidade de os grupos de RPG se fixarem em um determinado local para a realização das suas atividades e, principalmente, para a criação de rotina. Isso permite que outros grupos e pessoas que não estejam inseridas em um grupo estruturado visitem o local para jogar. É como se o Núcleo de RPG fosse o anfitrião do CCJ. É o grupo que atrai novas pessoas para o Centro e não o contrario.

Para eles, migrar para outro espaço demandaria percorrer novamente o caminho que já tiveram que percorrer para se estabelecerem no CCJ. Sair do Centro, para eles, era

⁸⁴O Parque da Juventude mudou a paisagem da zona norte ao substituir a casa de detenção Carandiru por uma grande área verde, com esporte, lazer e turismo. O novo complexo cultural e recreativo ocupa uma área de 240 mil m², com um projeto arquitetônico englobando três grandes espaços: o primeiro, de caráter esportivo e recreativo possui dez quadras poliesportivas, pista de skate, de patins e de corrida. Fonte: <http://www.sejel.sp.gov.br/parquedajuventude/> Acessado em 24/04/2010.

desconstruir o que já estava pronto: “...Eu acho que é desmontar aquilo que já está pronto e não saber se vai dar certo. Porque se a gente já está aqui 5, 6 anos e para começar do zero lá, é para daqui a 5 anos as coisas estarem funcionando lá”.

Conforme mencionado, o Núcleo apresentou ao CCJ uma proposta de realização de um torneio para acontecer durante a madrugada da Virada Cultural⁸⁵. Perguntei se eles buscariam outro espaço para realizar o evento, caso o Centro não fosse liberado. Responderam que provavelmente não buscariam outro espaço, pois consideravam difícil outro lugar aceitar o grupo de RPG, realizando o torneio durante a madrugada. Com o CCJ já havia uma relação de confiança estabelecida e por esse motivo, eles propuseram uma atividade com esse formato.

Para o J., o Núcleo só vai buscar um outro espaço quando o CCJ não apoiá-los mais:

Assim, um dia por cargas d'água o CCJ falar a partir de hoje vocês estão aí e cortar. Talvez a gente procure um CEU da vida para começar uma carreira nova lá dentro. Seria o caso do CCJ chegar e falar “a partir de hoje a gente não vai mais dar apoio nenhum para vocês”. Aí, a gente vai procurar um lugar que dá apoio.

O Núcleo, em certa medida, é coerente com seus objetivos. Se o desejo inicial era criar um ponto de RPG, não fazia sentido ir jogar em outros espaços, embora isso pudesse ajudar a difundir o RPG, um dos outros objetivos do grupo. O que foi possível identificar, é que o Núcleo não buscava somente a sua promoção, para eles era importante que o CCJ crescesse junto com eles: “A intenção é colocar o CCJ no circuito de Magic. A minha intenção é essa, ele vai ser conhecido lá fora e todo mundo vai saber que aqui dentro existem eventos oficiais. Já existe, esse aqui é oficial, só que agora eu quero ver se consigo uma coisa maior”.

⁸⁵ Ver nota de rodapé 77.

4.2 “A gente tem que cuidar da vida”: grupo Camiranga

O grupo de música Camiranga existia há cinco anos, sendo formado por quatro integrantes, três homens e uma mulher. Três possuíam Ensino Superior completo e um estava cursando. Todos os integrantes realizavam outros trabalhos, como de arte-educador e de professor de música, além da realização de shows com o grupo. A Banda Camiranga esteve no CCJ apenas em uma ocasião, para a utilização do estúdio de gravação.

A Banda nasceu do desejo de dois de seus integrantes, oriundos de Belo Horizonte (MG), de dar continuidade ao trabalho musical que realizavam em sua cidade natal. Com a participação de mais dois músicos, formaram um quarteto que passou a se dedicar à cultura afro-brasileira por meio das letras de suas músicas e oficinas

O principal objetivo da Banda Camiranga era conseguir se apresentar com frequência, no entanto não almejam a grande mídia, conforme disse F.:

A meta do grupo é conseguir tocar bastante e assim, a gente não tem aspirações muito absurdas, porque assim, a gente tem noção do tipo de som que a gente faz e que a grande mídia não combina muito. Pelo menos na situação atual cultural do Brasil, a gente está bem fora do padrão de música que vai para a mídia. A gente não tem a ilusão de achar que vamos tocar no rádio, que vamos ganhar cachês astronômicos, tocar no Faustão. Não é ilusão e não é vontade também, porque a gente sabe que não é a nossa praia. Então, a ideia é tocar bastante, conseguir passar mais em projetos para conseguir realizar as coisas que a gente tem.

Eles queriam entrar no circuito da música brasileira, embora este fosse menos divulgado, porem acreditavam ser bem rico e era o suficiente para manter o grupo vivo.

As atividades da Banda se resumiam a realizar ensaios e shows. Os ensaios com todo o grupo eram realizados uma vez por semana, enquanto os dois compositores se encontravam quatro vezes na semana. A média mensal de apresentações era de duas. No que diz respeito às oficinas, eles sentiam dificuldades em “vender” o pacote show e oficinas, embora as oficinas oferecidas por eles dialogassem entre si. Então, cada membro realizava suas oficinas separadamente e nem sempre de modo vinculado ao grupo:

Pois é, é difícil vender o pacote de oficinas enquanto grupo, porque aí a coisa acaba se transformando num evento maior. Porque são quatro componentes e cada um deles tem uma oficina diferente para dar. A gente tenta integrar essas oficinas, principalmente quando a gente está tratando da cultura afro-brasileira, que é a nossa praia. A gente consegue dar uma juntada nisso e fazer umas oficinas coletivas...A grande vontade da gente é conseguir mesmo junto, a gente ainda não conseguiu. E sempre tem “Ah! Mas essa a gente se interessa, as outras não, não tem muito a ver agora. E aí, acaba desmembrando, aí foge da proposta de pacote do show e oficinas em volta daquele tema.

O grupo Camiranga, assim como a maioria dos grupos musicais, possuía a esperança de conseguir um dia se sustentar por meio dos shows que realizavam. Esse desejo também estava presente nos jovens integrantes de grupos musicais acompanhados por Dayrell (2005).

Para superar as dificuldades, a Banda dividia as responsabilidades do grupo entre eles. Quem realizava mais trabalhos, recebia uma porcentagem maior. Esse era o caso da F., que respondia pela criação literária para os shows e pela composição, e do L., que coordenava o grupo, elaborava os projetos, compunha e até o início de 2010, era quem se encarregava de vender os shows. A ausência de um produtor era uma das grandes dificuldades enfrentada pelo grupo:

Geralmente quando você tem um grupo que pode contar com um produtor, com uma série de quesitos necessários para você fazer direito assim o trabalho, é mais fácil, porque você divide as funções, tem a remuneração para cada função e aquilo tudo sai bem tranquilo. Como a gente com essa série de dificuldades que eu to falando, e pela ausência de um produtor, a gente não tem ninguém que trabalhe, não tinha até então alguém que trabalhasse com a gente para venda, que é a principal coisa que a gente não sabe fazer e não tem tempo para fazer.

No entanto, essa dificuldade apresentada em nenhum momento fez com que o grupo pensasse em desistir de trabalhar juntos. Mas havia um único fator que preocupava a Banda: o fato de todos terem que “ralar para viver”, o que fazia com que o tempo disponível para os ensaios e realização de shows de todos os integrantes diminuísse: “Geralmente, é isso, como a gente tem que cuidar da vida, a gente geralmente não dispensa outros trabalhos que possam surgir e que possa ser proveitosos, quanto para o financeiro, como para currículo e tal. Então, isso às vezes dá umas distanciadas”.

O quesito dinheiro era um dos principais empecilhos para que a Banda Camiranga conseguisse realizar suas atividades. Os shows constituíam a principal fonte de renda para a manutenção do grupo. Porém, a Banda realizava poucas apresentações: “infelizmente a gente toca muito pouco, continua tocando muito pouco, então, esse dinheiro obviamente é escasso”. Também concorrem em editais, como o Programa de Ação Cultural- ProAC, da Secretaria Estadual de Cultura. Em 2007, a Banda foi contemplada por este edital. Desde então, continuava concorrendo nesse e em outros editais, mas nunca mais foi selecionada. Outra tentativa de angariar fundos foi com a produção de um CD para venda em 2007. Em fins de março de 2010, estava acabando a tiragem de mil exemplares, no entanto essa atividade também não podia ser considerada como uma fonte de renda, pois a maior parte dos CDs foi distribuída gratuitamente, principalmente para apresentar o trabalho da Banda e estabelecer contatos.

O número reduzido de shows que realizava,, o que resultava em escasso retorno financeiro, impedia também que a Banda aumentasse o número de músicos, segundo o que relatou F.:

Você estruturar um grupo grande, com as dificuldades de trabalho que a gente tem, isso é tudo muito complicado. Então, a gente acabou por optar de fazer uma coisa menor e ter mais, e poder contar mais com os componentes...O grande empecilho para que se entre mais gente geralmente é o dinheiro. A gente é um grupo que trabalha pouco, que consegue poucos shows e, então, obviamente a gente tem pouco dinheiro. Para entrar mais gente, nesse esquema que a gente tem de entrar assim bancando mesmo uma coisa de amor pela música, porque a pessoa vai acabar dependendo grande parte do tempo dela, precisa estudar, precisa uma série de coisas, sendo que o retorno financeiro não vai ser grande.

A forma de suprir a necessidade de arranjo ou harmonia em alguma música era realizada com a participação de um músico convidado, que recebia uma porcentagem do cachê. A falta de músicos não era um problema que afligia o grupo, uma vez que o quarteto realizava bons shows, mesmo somente com o L. para guiar a harmonia. Acreditavam que estava cada vez mais difícil encontrar pessoas que aceitassem trabalhar sem receber cachê para isso: “É muito difícil a pessoa comprar a ideia dessa forma que a gente comprou, de ‘ah! Vamos lá! Vamos fazer sem receber mesmo’. Então não sei, pode ser que aparece mais um maluco assim, mas está cada vez mais difícil. A gente não tem pensado muito nisso.”

O Centro Cultural da Juventude: o olhar de quem está distante

A Banda Camiranga se aproximou do CCJ por meio de um dos seus integrantes, que foi contratado para realizar uma oficina de construção de instrumentos musicais no equipamento. Nessa ocasião, ele soube que no estúdio do Centro Cultural da Juventude era possível realizar a gravação de algumas faixas de músicas. Isso despertou o interesse no grupo que logo se inscreveu para participar do Projeto Escuta.

A passagem da Banda pelo CCJ durou apenas um dia. Foram ao Centro em uma segunda feira, dia em que o equipamento se encontrava fechado para o público e que somente o estúdio de gravação funcionava. Nesse dia, gravaram duas músicas o que durou aproximadamente o dia todo. Depois, uma das músicas gravadas foi inserida no CD que compõe o kit institucional do próprio Centro Cultural.

Durante a aplicação do questionário de perfil do grupo, em 2009, questionei o motivo que levava os integrantes da Banda a não frequentarem o Centro. Naquele momento, a F. disse-me que o CCJ focava somente no gênero musical, *rap*, o que dificultava a possibilidade de eles estabelecerem uma aproximação mais efetiva com o espaço. Na entrevista realizada

em fins de março de 2010, a F. apresentou novos motivos, principalmente os inúmeros compromissos pessoais que dificultavam a ida deles ao CCJ e a outros espaços culturais que gostariam de frequentar:

Principalmente por essa questão que eu te falo, como a gente tem muita, assim, todos os quatro, nós temos vários grupos, nós participamos de vários grupos... mas pelo fato da gente não conseguir se sustentar pelo Camiranga a gente tem que fazer uma série de outras coisas. Então todos nós somos professores do instrumento que executamos, isso toma bastante tempo. Todos nós temos outros grupos eu, por exemplo, tenho outros mais dois grupos, além do Camiranga. O L. também. O L. trabalha com teatro, trabalha com o infantil. Eu trabalho com contação de histórias, com outro grupo. O R. trabalha com crianças, dá as oficinas dele, constrói os instrumentos dele, o que muito do tempo dele ele tá dentro do ateliê fazendo. O M. também, ele faz faculdade ainda, ele ainda não formou. Faz a faculdade, sabemos que toma tempo pra caramba. Dá aula também em uma escola de música e tem mais outros grupos também. Então a vida da gente é uma correria, aquela coisa louca de ter coisa para fazer o tempo inteiro...e aí, acaba acontecendo uma coisa meio cruel, porque tem alguns espaços que são como o CCJ, que são interessantes, mas que você não pode dedicar tempo ali...Então, a gente geralmente dá preferência a outras atividades por causa do dinheiro, e isso vai ficando para traz, não acontece só com o CCJ, tem outros lugares que era legal a gente manter um contato.

Em um primeiro momento, o fato de a F. ter me apresentado um motivo diferente do levantado em 2009 para os integrantes da Banda não frequentarem o CCJ, causou-me inquietação. Então, lembrei-a da nossa primeira conversa e a questioneei sobre o que ela havia falado e quais foram as razões que fizeram com que a Banda mudasse de opinião em relação à forma que o CCJ organizava a sua programação musical:

É! Naquela época, no início assim, quando a gente tava pertinho do dia que a gente fez contato, a gente percebeu um pouco isso. Depois começou também a coisa da comunicação do CCJ com a gente por e-mail, que a gente pode acompanhar mais ou menos o que tá acontecendo lá e eu vi a coisa se diversificou um pouco... Mas assim, isso eu acho que eu falei naquela vez, pesava ali na hora, porque era o que a gente tava vendo, mas não sei talvez. Ainda continua, eu vejo que o principal ali do CCJ é muito voltado para a cultura do adolescente. Tem muito pra formação desse público. Também muito em cima de cultura de música urbana, de *hip hop* e tal. Mas não sei se isso pode ser o principal obstáculo agora não...a dificuldade realmente hoje em dia é bem essa, falta de tempo.

A mudança de opinião revela que houve uma reflexão, por parte da Banda, de qual é a função do Centro Cultural da Juventude, vista pela F. como um espaço de formação para os mais novos. Na sua percepção, a cultura urbana adolescente e o *hip hop* era a proposta de atuação do CCJ. Mas tal reflexão só foi possível uma vez que os integrantes passaram a acompanhar, mesmo que virtualmente, as atividades do CCJ, verificando possíveis aproximações do que é apresentado lá com o trabalho musical que realizavam: “Outro dia vi uma coisa super parecida com a gente. Tem muita gente dizendo ‘Ah! O som do Kiko Dinucci tem a ver com vocês e tal’. Vi que ele fez apresentação lá”. É importante apontar que o grupo só passou a conhecer mais a programação do Centro por estarem no *mailing list* e receberem

informações das atividades. Após a ida deles ao equipamento em fins de 2006, nunca mais retornaram, nem enquanto grupo, nem individualmente.

A Banda se colocava em outra posição em relação aos jovens que frequentavam o Centro, uma vez que dos quatro integrantes, três estavam com mais de 29 anos. Além disso, o grupo, embora tivesse inúmeras dificuldades, já estava estruturado e certo do que desejava realizar, embora o anseio de viver da música, conforme já mencionado, se assemelhava com o sonho de muito jovem que se inicia na área musical. Desta forma, eles estavam em busca de lugares que pudessem pagar por suas apresentações, essa era a expectativa em relação ao Centro, ou seja, uma visão mais pragmática em torno das possibilidades de o equipamento oferecer melhores condições de atuação do grupo, não o enxergavam como um espaço para a troca de experiências, espaço de sociabilidade e ampliação da rede de amizades:

A gente chegou, gravou no estúdio, deixou lá o CD, viram a oficina do R. Então, eles conhecem mais ou menos o nosso trabalho. Talvez eles nos incluam em alguma coisa da programação, se eles fizerem alguma coisa. Pode ser um local que venha a nos chamar para estar mostrando o nosso trabalho. E aí isso acabou não acontecendo, as coisas foram seguindo.

Para o grupo, o fato de os integrantes terem ido ao CCJ, primeiro por meio da realização de uma oficina de construção de instrumentos musicais, realizada por um dos integrantes, e depois para a gravação de faixas musicais no estúdio, já possibilitaria aos gestores do equipamento ter conhecimento do trabalho por eles realizado. Desta forma, aguardaram um convite para a realização de um show musical. Como tal convite não ocorreu, ponderaram que o estilo musical da Banda não condizia com a programação do CCJ e não fizeram um contato mais efetivo com os gestores para verificar a possibilidade de uma apresentação do Camiranga no Centro. Além disso, o objetivo claro de atividades do grupo, que independia do apoio do CCJ, também contribuiu para que a Banda se distanciasse do Centro Cultural.

Embora o acompanhamento que a Banda fazia das ações do Centro fosse por meio dos e-mails enviados, isso não impediu que a F. tecesse considerações sobre o que os integrantes haviam acompanhado até o momento. Ainda na posição de grupo mais estruturado, disseram que na visão deles, a programação do CCJ estava se diversificando, elemento necessário para “um centro cultural voltado para jovens e para formação e ampliação do repertório cultural deles. É fundamental que ele tenha muita diversidade”. Também apontam para o fato de o Centro, em certa medida, buscar atender a demanda trazida pelos jovens, que mais uma vez, na visão do grupo, é a demanda pela cultural *hip hop*: “É difícil você fugir disso, negar isso. E também não tem porque, é um pedaço muito legal da produção cultural”.

Diante de suas relações mais instrumentais com o CCJ – uso do estúdio de gravação – o grupo não apresentou demandas no que diz respeito ao modelo de gestão do CCJ e como seria uma gestão ideal voltado para a juventude.

Periodicidade das ações e espaços utilizados

No início de 2010, o grupo realizava os ensaios semanais na casa de dois integrantes. Os encontros para ensaios para shows ocorriam na casa do L., que morava em uma ampla casa com edícula, onde ficavam guardados os equipamentos do grupo. Quando o ensaio era voltado para pequenos acertos, se encontravam no apartamento da F. Ela ressaltava a inadequação do espaço na casa do L. para os ensaios: “Não é o ideal, porque não é um estúdio. Não tem aquele revestimento de acústica e tal”.

Para todos os grupos musicais, o ideal seria realizar seus ensaios em um estúdio. Porém, não há pela cidade estúdios gratuitos e o único existente, que era o estúdio do CCJ, não estava aberto para a realização de ensaios. Essa é uma demanda reprimida que o Centro ainda não havia respondido e pela sua proposta de utilização do estúdio, mais voltada para a gravação dos grupos musicais e o lançamento de coletâneas com as músicas das Bandas gravadas no estúdio⁸⁶, não tinha o objetivo de abrir as suas portas para a realização de ensaios.

Em 2006, o grupo ensaiava em um galpão que chamava Raso da Catarina, localizado em um bairro da zona oeste da cidade. Ainda no mesmo ano, passaram a ensaiar no Instituto Brincante, espaço coordenado por Antonio Nóbrega⁸⁷, deixando de utilizá-lo em 2007.

A relação com o galpão Raso da Catarina se iniciou antes da criação da Banda, ainda quando os dois integrantes oriundos de Minas Gerais realizaram a sua primeira apresentação em São Paulo, em um sarau promovido pelo galpão. Além disso, eles realizavam uma série de atividades em parceria com o galpão. A F. contou que eles souberam do trabalho do Raso da Catarina e foram em busca de um espaço para ela e o L. se apresentarem: “A gente queria se apresentar num sarau e acabou virando praticamente uma parceria, porque a gente se apresentava em todo sarau. Isso gerou o que? As oficinas”.

⁸⁶O CCJ em lançou o selo CJ, projeto que visa lançamento de coletâneas musicais, todas elas sob licenças de livre circulação, as chamadas “Creative Commos”. Já foram lançados 5 álbuns. As coletâneas foram desde o *Jazz* até o *rap*.

⁸⁷ Antonio Nóbrega nasceu em Recife (PE), em 1952. É violinista desde criança e começou a sua carreira na Orquestra de Câmara de Paraíba em João Pessoa. Em 1971, convidado por Ariano Suassuna, passa a integrar, como instrumentista e compositor, o Quinteto Amorial. A partir de 1976 começa a desenvolver um estilo próprio de concepção em artes cênicas, dança e música. Em São Paulo, em 1992, com sua esposa Roseane Almeida, cria o Teatro Escola Brincante, com o objetivo de ser um local de valorização e promoção da cultura brasileira. Fonte: www.antonionobrega.com.br. Acessado em 03/08/2010.

Quando o quarteto se formou, veio à tona a necessidade de um espaço maior para os ensaios. Pelo fato de eles já manterem uma relação de amizade com o dono do local, fizeram uma proposta para ele: “Então tinha essa relação mesmo de amigos. E sabendo que o galpão tinha uma série de horários vagos a gente propôs pro A. ‘A., vamos fazer isso tal. É legal para você que entra um dinheiro e é legal para gente que aproveita bem um bom espaço”.

O contato com o galpão superou as expectativas do grupo, uma vez que a princípio os integrantes desejavam realizar uma única apresentação no sarau e isso se desdobrou em uma relação de amizade, em uma identificação de afinidades no trabalho realizado pelo grupo e pelo espaço: “Então, pelo fato de lá trabalhar uma cultura que a gente tava super pesquisando, super em cima dela, acho que gerou essa surpresa de superar expectativas, de acontecer mais coisas que vocês estava prevendo, esperando”.

No Instituto Brincante, o contato também foi estabelecido por meio da atividade profissional que um dos integrantes do quarteto desenvolvia lá e um convite dele para que Antonio Nóbrega e Rosane fossem assistir ao show da Banda no galpão Raso da Catarina: “a primeira coisa que a gente fez no Brincante foi um espetáculo, porque o Antonio Nóbrega nos viu fazendo um show no Raso da Catarina. Eles gostaram de verdade. E aí a Rosane jogou a ideia ‘Pô! Vocês podiam fazer lá no Brincante também”.

Após a realização do espetáculo, e devido à proximidade que eles estabeleceram com o local, o M., que desenvolvia oficinas naquele local e conhecia os horários vagos, propôs para o Antonio Nóbrega a sessão de um espaço para que a Banda pudesse ensaiar por meio do pagamento de uma pequena taxa. Eles passaram, então, a utilizar o local. Porém, a relação estabelecida não rendeu uma parceria sólida da mesma forma que ocorreu no galpão. O instituto Brincante possuía uma estrutura mais organizada e tinha “menos espaço para você se infiltrar, embora a gente tenha uma relação muito boa. A gente fez uma série de outros espetáculos, mas não rendeu para parte de oficinas como rendeu no Raso”.

Nesses dois locais, o uso do espaço foi possível mediante as relações de amizade e ao pagamento de uma taxa irrisória. Na época, somente eles utilizaram esses espaços para a realização de ensaios; acreditavam que com o passar dos anos, outros grupos também passariam ensaiar lá, como grupos de teatro e de percussão.

A Banda Camiranga ainda não estava inserida em nenhum circuito musical de apresentações. O circuito SESC foi apresentado como um dos circuitos que os integrantes gostariam de estar introduzidos, pelas vantagens que há em trabalhar com eles:

O circuito SESC, que a gente gostaria de estar mais dentro dele, é um lugar que você pode contar sempre. Porque tem uma boa estrutura de palco e som pra vocês se apresentar, mostrar o seu trabalho. Tem essa questão também de você não trabalhar

por bilheteria, que é complicado. Então, você tem lá a história do cachê e aí é bem bacana assim, a gente gostaria de tá mais dentro do circuito...Eu até imaginei que isso já deveria ter acontecido há muito tempo. Pelo tempo que a gente tá aqui, pelo tempo que a gente tenta e pela qualidade do trabalho eu acho um tanto estranho isso não acontecer com mais periodicidade.

Os shows realizados pela Banda aconteciam em bares como o Café Piu Piu, bar localizado na região do Bexiga que possui uma maneira, segundo a F., de se relacionar com a questão da música “é um bar, mas não é um botequinho. É uma casa que tem a cultura do cara sair, é um bar, o cara vai para beber, mas tem a cultura do show...Não é simplesmente um músico de boteco que fica lá tocando enquanto o povo se esgoela de gritar e não ouve”.

Em 2009 fizeram uma temporada de dois meses no bar Tocador de Bolacha, na Vila Madalena. A F. ressaltou que o dono do bar “só aceita assim, som bem legal mesmo, coisa que tem diferencial”.

Desde 2006 o grupo realizava apresentações, uma vez por ano, no Centro Cultural Casa de Dona Yayá que fica na Bela Vista. O Centro é um casarão tombado pelo patrimônio histórico e abrigava o Centro de Preservação e Cultura da Universidade de São Paulo. Também já se apresentaram na Casa das Rosas, museu do Governo do Estado destinado à poesia, algumas vezes, mas ressaltaram que foram eventos particulares organizados por pessoas e grupos que alugavam o espaço.

Embora a Banda já existisse há cinco anos, ainda estava buscando conquistar um espaço no circuito de música brasileira, e para os integrantes, o SESC era o melhor caminho, devido à estrutura que oferecia e também pelo cachê pago. Também no que diz respeito à realização de apresentação em bares, a Banda tinha preferência em se apresentar em estabelecimentos onde a cultura do show era cultivada pelo dono. A Banda continuava em busca do sonho que era um dia conseguir viver da própria música, sem ter que se desdobrar em inúmeras atividades para garantir o sustento.

A precária relação do grupo com o CCJ pode ser justificada pelo fato de a Banda Camiranga possuir como objetivo o desejo de se profissionalizar e de se inserir em um circuito cultural alternativo. Embora o Centro promova todos os anos o Projeto Outubro Independente⁸⁸, quando a programação do equipamento está voltada para contemplar os

⁸⁸ “O Projeto Outubro Independente visa a discutir a produção cultural independente feita no Brasil. Nos últimos anos, a cultura “do it yourself”, ou faça você mesmo, cresceu de forma substancial. Sem investimentos financeiros vultosos ou contratos com grandes gravadoras, vários grupos puderam viabilizar seu próprio trabalho desfrutando de certa autonomia. Hoje é possível gravar, mixar, editar e publicar obras sem se atrelar à indústria. Músicos, artistas visuais, desenhistas, produtores, escritores e atores se uniram para exteriorizar suas ideias. Entretanto, mesmo com a facilidade técnica, persiste o problema da distribuição e da divulgação. É com o

artistas que produzem cultura sem passar pela grande mídia, indústria fonográfica e editorial, que é a finalidade da Banda, o grupo Camiranga não participou de nenhuma das edições realizadas desde 2006.

Comparando as programações no mês da Cultura Independente realizadas desde 2006 até 2009, foi possível inferir que há a maior participação de Bandas do gênero *rock* nessas programações, com menor participação de grupos de *rap* e *reggae*, sendo nula a presença de bandas que toquem MPB ou percussão, como é o caso da banda Camiranga. Isso sinaliza que é necessário que o Centro busque contemplar todos os gêneros musicais, oferecendo oportunidade para grupos como o Camiranga.

4.3 “Acesso, Produção e Consumo”: Coletivo Literatura Suburbana

O Coletivo Literatura Suburbana em 2010 era formado por seis integrantes, que se responsabilizavam pelo desenvolvimento dos projetos, e tinham o auxílio de três voluntários. As seis pessoas são do sexo masculino com idade entre 19 e 25 anos. Todos trabalhavam, sendo que a maioria atua como educador social nas organizações da região. Somente um deles trabalhava no setor administrativo do Lions Club⁸⁹ da Vila Nova Cachoeirinha. Dois dos membros cursavam o Ensino Superior, um havia concluído. Os demais possuíam Ensino Médio completo. A área de atuação do grupo abrange os bairros do distrito da Freguesia do Ó/Brasilândia.

O Coletivo nasceu em maio de 2007. No início, era composto somente por dois integrantes e o mote inicial das ações do grupo era divulgar nas escolas a Lei 10.639/2003, que instituiu o ensino obrigatório da cultura negra, africana e afro-brasileira:

E aí, a gente começou fazendo isso foi meio que esporádico, meio que do nada assim. A gente já tinha uma articulação com o *hip hop*, já cantava, já tínhamos grupos já, e já tava nessa correria, mas não tinha nada formalizado. Então a gente organizou essa palestra que era um pouco falar da Lei, um pouco desmistificar as questões referentes à escravidão e apresentar a Lei tanto pros alunos como pros professores. No começo a gente bateu a cara em vários lugares e foi tomando corpo.

objetivo de dar voz a esses artistas, promovendo o intercâmbio cultural, que o Projeto Outubro Independente foi concebido”. Fonte <http://www.centrocultural.sp.gov.br/outubroindependente/>. Acessado em 25/01/10.

⁸⁹ “Os Leões fazem parte de clubes de serviço à comunidade, dedicados à ideia de que homens e mulheres que vivem numa comunidade estão na posição de saber quem precisa de ajuda e por que. Estes clubes locais, mais de 43.000, fazem parte da maior organização de clubes de serviço do mundo, com 1,4 milhão de associados servindo em 207 países e áreas geográficas. A Associação não tem nenhuma afiliação política e nem sectária”. Fonte: <http://www.lions.org.br/>. Acessado em 02/07/2010.

E aí teve a proposta... A gente fez esse ciclo no primeiro semestre, em específico no mês de maio

No primeiro semestre de 2007 o grupo realizou as palestras em aproximadamente oito escolas. Neste momento, a literatura ainda não era trabalhada pelo Coletivo. Nas suas palestras exibiam vídeos, realizavam apresentações musicais. Somente no segundo semestre de 2007, com a chegada de um novo integrante, que foi agregada às palestras a literatura com os textos que ele escrevia. Até o final do ano, com a divulgação das palestras por meio do famoso boca a boca entre os professores, o Coletivo foi procurado por nove escolas interessadas em receber esse tipo de formação.

Ainda em 2007, as ações do Coletivo não tinham uma organização formal, sentiam a necessidade de trabalhar nas escolas a questão do *hip hop*, da literatura periférica e do ensino afro, começando a se organizar para alcançar isso, mas nada institucional enquanto Coletivo. Eram somente três jovens interessados em atuar na comunidade onde viviam. Em 2008, devido à realização dos trabalhos nas 17 escolas, perceberam que era preciso se institucionalizar, mais no sentido de responder aos questionamentos das pessoas: “Quem são vocês? Vocês representam o que? Então no ano de 2008, a gente já começa com isso. Então, se cria o Coletivo Literatura Suburbana...E aí vem o Coletivo organizar a questão do *hip hop*, a questão da literatura periférica e o ensino étnico-racial”. Para trabalhar com a questão do *hip hop* e da literatura juntos, I. disse que já conhecia o trabalho de Ferréz⁹⁰, Sergio Vaz e Alessandro Buzo⁹¹, mas não os considerava como referência: “Referência, não, mas já conhecíamos o trabalho do Ferréz, Sergio Vaz e Alessandro Buzo, que participam de algumas intervenções que contemplam as duas temáticas. Além de o próprio *rap*, que nesse momento falava bastante da informação, da leitura.”

O Coletivo teve como referência os movimentos que estavam mais próximos, como relatou I.:

Nossa referência vem dos movimentos que estão próximos de nós, em especial o pessoal do Elo da Corrente⁹² e também dos Cadernos Negros⁹³ por trazerem bem

⁹⁰ Ferréz é escritor e em 1997, lança-se na literatura com um livro independente de poesias. Em 1999, funda com um grupo de moradores da zona sul o movimento cultural 1daSul. Torna-se conhecido em 2000 com a publicação do livro *Capão Pecado*, que ganha grande repercussão na mídia jornalística. Fonte: MAGALHÃES, 2008.

⁹¹ Alessandro Buzo é escritor, morador do Itaim Paulista, bairro da zona leste. É autor dos livros *O Trem* (2000), *Suburbano Convicto* (2004) e *Favela Toma Conta* (2008). É uma referência no campo da literatura periférica. Fonte: MAGALHÃES, 2008.

⁹² Elo da Corrente é um coletivo literário que atua no bairro de Pirituba/SP desde 2007, no movimento da literatura periférica. Realizam um sarau semanal e mantêm uma biblioteca comunitária. Além disso, realizam oficinas e recitais em escolas, centros culturais, universidades e espaços públicos de diversas regiões. Fonte: <http://elo-da-corrente.blogspot.com/>. Acessado em 10/07/2010.

vivos a questão da literatura periférica e negra. Sobre a frequentar o sarau da Cooperifa, oficialmente o Coletivo atua desde maio de 2007, porém, fomos na Cooperifa só no ano passado (2009), creio que por duas questões: a 1ª a locomoção, é muito longe das nossas casas e segunda, por optarmos em fortalecer outros movimentos e saraus menos famosos e bem estruturados.

Segundo I., a definição da identidade do grupo ocorreu com o desenvolvimento das atividades, receberam a ajuda de alguns professores das primeiras escolas com quem haviam estabelecido um primeiro contato e também com o grupo de dança afro Omo Aye:

A definição da nossa atuação, ela veio conforme o tempo e o desenrolar das atividades, até sou honesto em dizer que chegamos em um momento que vimos que desenvolvíamos atividade na área da literatura, *hip hop* e da questão afro, desde aí pensamos em atividades que dialogassem juntas das três temáticas, mas que fossem independentes também, como os projetos, escola da África, Produção suburbana e Reviva Rap. Contamos no início com a ajuda de alguns professores das escolas que íamos e em especial do grupo de dança afro Omo Aye, que além de nos ceder alguns materiais de pesquisas, ainda nos incentivava a procurar um trabalho mais profissional.

O Coletivo estava em busca da sua identidade. Pretendia, em 2011, se constituir como pessoa jurídica, mas ainda não sabia se seria como ONG, Oscip⁹⁴ ou empresa social. Estava pesando os prós e contras de cada modelo, buscando informações que pudessem capacitá-los a tomar tal decisão. Em setembro de 2009, participaram da quarta edição do seminário “Juventude e Políticas Públicas”, promovido todos os anos pelo Centro. Em 2009, as mesas visavam a discutir os fomentos federais, estaduais e municipais, além de apresentar aos grupos opções para se constituírem como pessoas jurídicas. Na mesa “Ações pós-fomentos: sustentabilidade para os grupos”, a palestrante apresentou as diferentes possibilidades de pessoa jurídica para os participantes, apresentando as características de cada uma delas. Nesta ocasião, o Coletivo pôde sanar algumas dúvidas e ficou com o contato da palestrante que presta consultoria para grupos que desejam se tornar pessoa jurídica.

Mas o intrigante é que o desejo de ter um grupo institucionalizado não residia somente no fato de eles terem um respaldo jurídico que lhes permitisse ser mais bem representados e os tornassem aptos para concorrer a alguns editais, licitações, etc., mas também preocupava

⁹³ O primeiro volume da série Cadernos Negros foi lançado em 1978. O material publicado nos Cadernos tem sido fonte para ensaios, teses e estudos diversos por parte de estudantes de Letras, pesquisadores e professores universitários. No campo estético, ou enquanto forma de resistência cultural, os Cadernos têm tido importância inegável e, proporcionando oportunidade para o exercício de criação literária diferenciada, possibilita que os descendentes de africanos passem de objeto a sujeito da escrita, enriquecendo ainda a discussão a respeito da questão racial. Fonte: www.uol.com.br/bayo/historico_cadernos_negros.htm, Acessado em 04/07/2010.

⁹⁴ Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público são pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos que recebem um certificado do Ministério da Justiça do Brasil, mediante o cumprimento dos requisitos estabelecidos na Lei nº 9.790/1999, para poderem estabelecer parcerias e convênios com os órgãos governamentais das três esferas de poder. Fonte: <http://portal.mj.gov.br>. Acessado em 02/07/2010.

muito o Coletivo a imagem que a sociedade e o poder público possuíam dos movimentos culturais:

É uma forma também que a gente está encontrando de nos organizar. Para tirar também aquele estereótipo, não sei se existe, mas acho que nos outros anos existia, o estereótipo dos coletivos culturais não serem organizados, de não terem, tipo assim, uma administração e de não se preocupar em se transformar em uma instituição. A.

Havia uma questão crucial para o Coletivo, que era pensar na missão da instituição que eles iriam abrir. Para eles, era claro que o trabalho deveria estar ancorado no acesso, produção e consumo de cultura, mas não tinham clareza de como isso poderia ser formalizado, uma vez que nunca tinham encontrado alguma organização que trabalhasse com esse foco, conforme explica I.:

Mas qual é talvez a questão. Que a gente trabalha com a garantia, que a gente já definiu no começo do ano que os nichos de trabalho, independente dos projetos, é o acesso, produção e consumo de cultura. E a gente tá pensando, não existe uma ONG, uma associação sem fins lucrativos que tenha, simples e puramente como definição isso. Então eles têm lá o atendimento o atendimento de jovens e adolescentes em, como se fala isso, alto risco de vulnerabilidade social e aí eles montam um projeto cultural que tenha esse foco. Ou senão, tem a entidade lá que faz um trabalho com criança e aí no meio ela tem uma oficina de teatro, oficina de dança, sabe? Então, não existe uma entidade que tenha como começo, meio e fim...

O desejo do Coletivo era possibilitar aos jovens moradores da Freguesia do Ó e da Brasilândia o acesso aos bens culturais, como ir a espetáculos teatrais e de dança. Era garantir um acesso legítimo reconhecido como direito, e não por meio de ingresso social, isto é, quando a apresentação era voltada somente para o público de baixa renda em horários não convencionais. Eles apontaram uma parceria com o Teatro Coletivo⁹⁵, em que levaram um grupo de jovens para assistir a um espetáculo: “É, não foi assim ah social! Que eles tivessem que distribuir apesar deles trabalhar com a lei Rouanet e eles tinham que distribuir. Mas foi ingresso comum...”

No que diz respeito à produção, a intenção era valorizar a produção de cultura local “desde os meninos que começam a grafitar, uns começam a dançar, os que começam a editar vídeo, essas coisas”. A proposta era garantir que esses produtores de cultura tivessem condições, tanto de formação, como financeiras de continuar produzindo. E o consumo é a possibilidade de “poder comprar um livro, degustar um livro, degustar um CD e tudo mais. É essa coisa ser de forma, não de forma um comercio, sabe? Ainda isso tudo é com fim de garantia de direito”.

⁹⁵ Teatro Coletivo localiza-se na Rua da Consolação, próximo a Av. Paulista. Foi criado para ser um espaço de popularização do circuito cultural e da pesquisa artística de ponta. Fonte: www.teatrocoletivo.com.br. Acessado em 02/05/2010.

A dificuldade para eles estava em como criar uma organização, seja ela ONG, Oscip ou empresa social, que pudesse trabalhar com a garantia de direitos. Imaginavam que o Coletivo pudesse ser o intermediário para que isso acontecesse: “... O Coletivo talvez não centrar, mas talvez ser um canal desse acesso, promover essa produção e promover esse consumo também. E aí, por meio de parcerias com o poder público, com o terceiro setor, com a sociedade civil, quem vier.”

O Coletivo a partir de 2008 teve o número de integrantes aumentado de três para seis pessoas. Em março de 2010, também contavam com a presença de cinco colaboradores, sendo um fotógrafo, um editor, um designer gráfico e duas pessoas que acompanhavam as atividades realizadas pelo Coletivo e pela publicação das matérias. A administração do grupo era realizada de forma coletiva. Eles possuíam os carros-chefes, que eram o *hip hop*, o ensino étnico-racial e a literatura periférica e em torno desses eixos, dividiam os projetos. Mas ficava sob a responsabilidade de duas pessoas a realização de duas atribuições fundamentais para a manutenção do Coletivo, que eram a comunicação e a administração, como informou I: “Mas hoje em dia as coisas são coletivamente. Acho que o único cargo específico que a gente tem é que eu cuido da comunicação e o A. cuida do administrativo. Não existe outra divisão, o restante é tudo, de fato, muito coletivo”.

O Literatura Suburbana trabalhava também com uma filosofia que consistia na formação de educadores, que poderiam atuar nos projetos do Coletivo e de mobilizadores sociais, que fariam uso do conhecimento adquirido com o Coletivo e o replicaria em outros espaços. Então, muitas pessoas ficavam por um tempo, seguindo depois o seu próprio caminho, sem se tornarem membros do grupo:

No ano passado, passaram pelo Coletivo o C. e o D. Então, eles passaram por um processo de formação, de articulação e hoje eles têm o próprio empreendimento social deles. Então, eles passaram, pegaram o que talvez a gente tinha para acrescentar e continuaram a caminhada deles.

Além de o grupo ter essa filosofia, ou seja, nem todos os jovens que passavam pelo Coletivo necessariamente tinham que continuar nele, também existia o fato de eles estarem temerosos com a entrada de novos integrantes. O I. apontava para a questão da responsabilidade, ao contar com colaboradores, a responsabilidade do Coletivo, que se resumia na realização das atividades e dos projetos, ficava só em cima dos seis. Esperavam que, aos poucos, os colaboradores fossem se inserindo no Coletivo e assumindo algumas responsabilidades, mas para isso era necessário um trabalho de inserção, não podia ser logo no primeiro contato, como diz I: “Hoje a gente tá, não selecionando, mas a gente não tá trazendo essas pessoas para dentro, pra dentro”.

Tal decisão foi resultado de uma dificuldade encontrada pelo grupo em 2009:

Contar para ela, porque a gente falhou o ano passado. A gente tentou trazer as pessoas para dentro, mostrar. Só que aconteceu aquele negócio, a zoninha. Aí todo mundo acha que era livre a entrada a saída, o pessoal sumia três meses, porque isso aconteceu, é fato e não dá satisfação. Aí, o projeto tá andando, o Réu ficava louco de um lado e eu ficava louco. E a, quem vai? Se comprometeu, some, desaparece. A gente entende que há esse problema também nos movimentos culturais. Então, a gente resolveu centrar em três pessoas, três, quatro pessoas de base e os restantes serem colaboradores. Ficou mais fácil e até que tá dando certo, né?

A falta de responsabilidade do jovem citado pelo A. balançou o grupo, pois esse jovem era o proponente do Coletivo no projeto que havia sido selecionado pelo programa VAI. Então, eles não tiveram que lidar somente com a ausência desse integrante na execução das atividades que havia assumido; tiveram que responder também pelo sumiço tanto do jovem, como do dinheiro do programa, no valor de 16 mil reais, direcionado para a implementação do projeto aprovado: “O pior, o pior do nosso stress nesses últimos tempos foi fazer a relação pública com o VAI. Estar articulando conversa para o Coletivo se manter num certo..., cria-se um status, então manter-se em um determinado status...”. Para que a relação com o VAI fosse restabelecida, eles tiveram que formalmente expulsar o jovem do Coletivo e encaminhar o documento para os técnicos do programa na Secretaria Municipal de Cultura.

Essa foi a grande dificuldade que o grupo até então havia enfrentado. Precisaram de um tempo para processar o que havia ocorrido, mas não cogitaram a hipótese de acabar com o Coletivo, como disse o I: “Não chegou a falar que deu, que parou tudo, sabe? Mas aí, o pessoal mais articulado precisou respirar um pouquinho, entender e aí, botamos toda a força nos últimos quatro meses do ano”. Tal atitude demonstrou a maturidade que o grupo havia alcançado em seus dois anos de existência. O Coletivo Literatura Suburbana não era formado por jovens que estavam se dedicando a ações culturais e sociais somente para ocupar o tempo livre, havendo uma dimensão militante importante nas ações do grupo. Para eles, todo o trabalho realizado durante esses anos compensava a decepção que tiveram com um dos integrantes e fez com que eles repensassem qual a melhor forma de agregar novas pessoas:

A gente viu que talvez tava dando a chave da porta para pessoas que talvez não estivessem preparadas para aquilo. Então, vamos primeiro trazer essas pessoas para um nível de colaboração, depois envolver elas um nível de responsabilidade, depois elas sendo partícipes do processo e aí essa responsabilidade ser assumida gradativamente e talvez essas coisas não aconteçam mais.

Eles buscavam resolver logo as dificuldades do dia a dia que apareciam, evitando assim, que a relação entre os membros estremecesse, uma vez que o alicerce do grupo era o clima de amizade que havia entre eles:

Então, mediando essas coisas para que , para que a gente estabeleça um clima de amizade também, porque como não é uma empresa não tem um laço obrigatório.

Tem um laço de lá de camaradagem, de um trabalho, sim é um trabalho...Mas é uma relação profissional que também ela só se estabelece por uma relação de amizade.

No caso do Coletivo Literatura Suburbana, era de suma importância que essas relações de amizade fossem reforçadas todos os dias, uma vez que o grupo desenvolvia três projetos no período da entrevista. O primeiro, e que desencadeou a criação do grupo em 2007, era o História da África. Nesse projeto, eram realizadas oficinas lúdicas e culturais com os adolescentes, com elementos das culturas afro-brasileira e africana. Com os professores, eram realizadas capacitações para que estes fossem preparados para incluir no currículo e nas aulas o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, conforme instituiu a Lei 10.639/2003. As capacitações eram oferecidas pelo grupo às escolas gratuitamente; estas, só precisavam garantir materiais de papelaria, como folhas, canetas, cópias reprográficas de alguns documentos utilizados pelo Coletivo, entre outros. Em 2010, o grupo pretendia publicar uma cartilha, mesmo que fosse digital, que reunisse o conhecimento produzido ao longo dos três anos de existência do projeto.

O segundo projeto era o Reviva Rap, cuja proposta era discutir o *rap*, visando reintegrá-lo à comunidade, por meio da realização de shows nas praças, nos bairros, nas escolas, além de fomentar a organização de grupos, pois o grupo entendia que “o rap está meio distante das comunidades”. Em 2010, o projeto Reviva Rap foi aprovado pelo programa VAI. Com a verba do VAI, eles pretendiam selecionar grupos para lançar uma coletânea com “uma rinha” de cada banda escolhida, além de realizar shows com essas bandas em locais públicos. Com a produção do CD, pretendiam criar meios para que os grupos pudessem, com a venda da coletânea, se autosustentarem.

O último projeto era o Poesia Suburbana, que tinha como principal objetivo lançar publicações em forma de livretos com poesias, contos e crônicas escritas por jovens escritores. Também realizavam oficina de produção literária. Em 2010 tiveram que diminuir o número de oficinas, uma vez que estavam com pouco apoio financeiro.

Para desenvolver os três projetos, o Coletivo contava com alguns meios para conseguir recursos financeiros. O primeiro era com a venda dos livretos produzidos pelo projeto Poesia Suburbana. A publicação, na época, era vendida pelo valor de R\$ 2,00 cada. Os poetas que publicavam se encarregavam de vender, sendo que uma parte ficava para eles e a outra era revertida para o Coletivo. Também vendiam a publicação nos eventos que realizavam. Em

2010, estavam com o apoio da Feira da Troca Solidária⁹⁶, que durante o ano disponibilizaria R\$100,00 por mês para que o Coletivo pudesse arcar com parte dos custos do projeto de poesia.

Para a realização das oficinas, também contavam com a ajuda das instituições que receberam a atividade. Geralmente, essa ajuda vinha com a compra dos materiais necessários. O Coletivo também inscrevia projetos para os editais como o do Programa VAI e o ProAc. Em 2009, mesmo não tendo sido selecionado pelo edital do ProAC, o Coletivo teve o apoio da Secretaria Estadual de Cultura, por meio do auxílio da assessoria de gênero e etnia. Também receberam alguns materiais que foram utilizados no projeto História da África. Segundo I., a parceria só “não pôde ser mais efetiva porque a gente tava em uma escola municipal e a atuação deles é a nível estadual. Então, como os governos não se inter-relacionam, mesmo sendo do mesmo governo, essas coisas acontecem”. Além de se relacionarem com a assessoria de gênero e etnia, se articularam com o responsável pelo ProAc – Hip Hop e articularam a realização de uma oficina de elaboração de projetos, em julho de 2009, que foi realizada no CCJ.

Em 2010, eles inscreveram o projeto Reviva Rap no VAI, que foi selecionado e parte do projeto seria realizado no CCJ. Quando não conseguiam nenhuma parceria, o trabalho voluntário era o que garantia a continuidade dos projetos: “Eu vou ser cru, tem uma parte que é voluntariada, outra parte que as entidades chegam com material e uma parte mínima autosustentável, que é a venda dos livros. Algumas oficinas que o recurso que é pago para gente oficineiro, a gente destina para o Coletivo”.

⁹⁶ A Feira de Trocas Solidárias é um espaço que tem o intuito de organizar e tornar permanente as trocas de mercadorias e serviços e saberes para o desenvolvimento de uma comunidade local. As entidades que realizam a feira são: Associação Minha Rua Minha Casa, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares Fundação Getúlio Vargas, Organização de Auxílio Fraternal e Programa de Extensão de Serviços às Comunidade – PESC USP. Tem o patrocínio do Instituto HSBC solidário. Fonte: <http://feiradetrocascentro.blogspot.com>. Acessado em 06/05/2010.

O Coletivo e sua rede de contatos: fora do CCJ

O Coletivo Literatura Suburbana possuía uma rede de parceiros para o desenvolvimento de suas ações. Para o grupo, quanto maior o número de lugares onde pudesse realizar os seus projetos, melhor, uma vez que a existência do Coletivo requeria que ele fosse reconhecido não somente entre seus pares, mas também pelas instituições. Ao longo dos seus três anos de existência, o Coletivo criou uma rede que incluía organizações não governamentais, escolas municipais, a Associação Minha Rua Minha Casa, o espaço Criança Esperança, o Centro Independente de Cultura Alternativa Social – CICAS e o Centro Cultural da Juventude. Diferente do Núcleo de RPG, o Coletivo construiu uma rede fora do CCJ, sendo este somente mais um parceiro, isto é, não dependia exclusivamente do Centro para a realização de suas ações.

Desde o segundo semestre 2007, o Coletivo possuía uma relação estreita com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Jd. Guarani. Foi lá que os integrantes do Coletivo iniciaram o desenvolvimento das oficinas do projeto Escola da África para alunos com idade entre 11 e 15 anos, além da formação dada aos professores. A presença do Coletivo na escola durante esses dois anos e meio possibilitou que fosse aberto um canal de diálogo do grupo com a direção, o que permitiu a interferência na proposta político pedagógica da escola, como contou I:

A nossa atuação está bem paralela com a escola Jd. Guarani, porque a gente começou no mesmo ano que ela, a gente só entrou no segundo semestre nela. Então, ela tem lá seus três anos, a gente tem dois anos e meio nela. Então, isso é bem bacana. E como o projeto tem dado resultado ali, por exemplo, a gente conseguiu o ano passado que na proposta político pedagógica da escola fosse incluída a questão da valorização da influência africana na sociedade brasileira. E aí, por consequência, gerou a capacitação dos educadores ali. A gente fez algumas formações e também a feira cultural deles, que foi totalmente baseada na influência africana.

Embora a relação com a EMEF Jd. Guarani fosse boa, foi na EMEF Morro Grande que eles vivenciaram, por alguns meses, o sonho de possuírem uma sede. Em 2009, o Coletivo articulou dentro, dessa escola, a criação de um espaço cultural em uma sala cedida pela direção. O grupo mobiliou o espaço; por meio da arrecadação de livros, formou uma biblioteca e passou a administrar o espaço. Realizava alguns eventos pontuais como saraus, shows e começaram a realizar oficinas de produção literária, grafite, entre outras. O desejo do coletivo era que esse espaço pudesse atender não somente os alunos da escola, mas que fosse um espaço cultural que estivesse aberto para a comunidade. No entanto, não foi o que aconteceu. A sala acabou se transformando em mais um “espaço pedagógico dentro do

programa pedagógico da escola, mas não estava sendo um espaço cultural que atendia a comunidade”, conforme relatou I.

O Coletivo, ao ver que a proposta que eles desenharam não tinha se concretizado, optou então por entregar à Coordenação Pedagógica a direção desse espaço. Embora o fato de entregar a administração tenha causado estranhamento até entre os membros do grupo, eles preferiram não entrar no embate com a direção da escola tentando impor o pensamento do grupo, que era a de oferecer atividades fora do turno de aula, que pudessem ser frequentadas tanto pelos alunos, como pelos moradores da região. Desejavam que aquele espaço fosse um ponto de encontro para os alunos, onde eles pudessem ter liberdade para expressar suas opiniões e se envolverem com atividades que não constassem na grade curricular da escola.

Embora houvesse divergência de opiniões, o Coletivo não se distanciou da escola, tanto que o projeto Reviva Rap, contemplado pelo programa VAI em 2010, teve como sede a EMEF Morro Grande. O coletivo, como relatou I, acreditava no espaço:

A gente fechou uma parceria de que caso o Reviva Rap fosse aprovado pelo VAI a sede ia ser lá. Então, é ali que a gente vai fazer as nossas reuniões...os equipamentos vão ficar lá e vai ter uma das oficinas que vai ser lá. Porque a gente acredita no espaço, a gente acredita que é bacana ter um espaço alternativo desse dentro da escola, independente que ele seja totalmente operacionado durante o período de aula. É legal ter uma sala lá que os alunos entrem e falem Oh! Mas não é o que a gente quer hoje, a gente não quer bancar isso, mas a gente quer potencializar isso, mas não integralmente. Até porque tinha uma ansiedade nossa dali a gente fazer a sede do coletivo, ter as reuniões, levar os parceiros para lá, fazer o espaço diário de trabalho, diário mesmo de trabalho.

Com as escolas, o Coletivo Literatura Suburbana tem um trabalho próximo, uma vez que o projeto-âncora deles é voltado para a área da educação. Em 2007, quando começaram a contatar algumas escolas para realizar as palestras do Projeto Escola da África, contaram que fizeram isso de maneira informal e com o tempo, foram sentindo a necessidade de formalizarem a conversa, fazendo uso de ofícios e até mesmo projetos, conforme relata I:

Quando a gente chegou foi bem tosco. Em maio de 2007 chegamos lá falando que a gente queria fazer a palestra, que o roteiro era esse e se vocês acreditar na gente deixe suas crianças na nossa mão, deixe seus adolescentes na nossa mão. E foi... Então, a organização era aquela que você chegava, dava a palestra e ia embora. E aí eles ficavam até perguntando de questão de ocupação de espaços. Então, às vezes a gente tem que ocupar de forma formal. Então, vai desde fazer um ofício até escrever um projeto. Então, a gente foi se articulando assim, foi bem espontâneo, foi uma evolução assim, eu diria que foi de fato uma evolução... Então, a gente vai, independente que a gente não seja constituído formalmente, mas a gente vai formal pedir esses espaços, porque a gente entende que essa relação tem que ser formal, não pode ser por amizade, porque não funciona isso.

Depois, o Coletivo passou a ser convidado para realizar as palestras nas escolas. O convite era feito ou por algum professor ou pela direção, como contou I: “Você ia numa escola lá pedir para eles para você dar uma palestra, hoje a escola liga para gente ‘então eu

fiquei sabendo do projeto Escola da África, como vocês fazem para ir nas escolas dar palestra?””.

O Coletivo possuía uma meta de trabalho nas escolas, ou seja, as oficinas eram oferecidas no horário pós-aula, como forma de os alunos reocuparem a escola com um enfoque diferente do que eles estavam acostumados. Para eles, foi muito emblemático o fato de conseguirem que os alunos ficassem quietos durante a palestra, uma vez que o silêncio hoje nas escolas é, em alguns casos, dificilmente alcançado dentro da sala de aula. O grupo inseriu a discussão de uma temática nova, tanto para os alunos como para os professores, que despertou o interesse de ambos.

Em 2009, estabeleceram novas parcerias, como a constituída com o espaço Criança Esperança e com a ONG Promove Ação Social para a realização do projeto Produção Suburbana, aprovado pelo VAI. Em 2010 dariam continuidade com as oficinas na Promove e realizariam os saraus do EJA na escola municipal Milton Campos.

Ainda em 2009, o coletivo se aproximou do Centro Independente de Cultura Alternativa Social – CICAS⁹⁷, onde realizou alguns eventos, sendo que no cronograma de ações para 2010, o CICAS era um dos locais onde haviam planejado a realização de algumas atividades. Também em 2009, o grupo iniciou um diálogo com a Associação Minha Rua Minha Casa, uma das organizadoras da feira de troca solidária. A parceria com a Associação se concretizou em 2010.

O contato com a Associação ocorreu durante a participação do Coletivo em uma Feira de Troca Solidária no primeiro semestre de 2009. Eles foram convidados para participar da feira e nessa ocasião, realizaram um sarau. No meio desse mesmo ano, foram convidados novamente para participar da feira, organizando as atividades culturais. Mas como estavam executando muitas atividades, foram enrolando até o início de 2010 para dar uma resposta ao convite:

A gente foi conhecer a feira, participou, tocou lá, fez um sarau. E aí no meio do ano, acho que foi quando o A. trouxe a proposta de que ela estava querendo articular alguma coisa assim. Eu falei “A, vai fazendo o lobby com eles lá, mas não dá para a gente fechar nada esse ano”. E o A. ia lá na feira, sorria, acenava, falava “a gente vai marcar uma reunião”. E ficava bem naquele lance, enquanto eu puder enrolar vocês eu vou enrolando. E aí em janeiro, quando a gente estava fazendo o nosso plano de trabalho, a gente virou e falou: “Beleza A., pode fechar uma reunião com o pessoal lá que a gente vai fechar a parceria”.

⁹⁷ Um grupo de jovens ocupou e recuperou as instalações de um Centro Comunitário que estava abandonado e lá passaram a oferecer atividades culturais, esportivas e de lazer para os moradores da região. Esses jovens organizaram uma biblioteca comunitária, construíram um estúdio de gravação e uma sala de cinema. Em março de 2010, o espaço completou 3 anos de existência. Todas as atividades oferecidas são gratuitas. O CICAS fica no bairro Jardim Julieta, na zona norte. Fonte: <http://projetocicas.blogspot.com>. Acessado em 04/07/2010.

O Coletivo Literatura Suburbana, em 2010, passou a ser o responsável pela organização das atividades culturais que seriam realizadas na Feira de Troca Solidária. Concretizar a parceria somente em 2010 foi mais interessante tanto para o coletivo como para a Associação, uma vez que no ano anterior o grupo ampliou a rede de contatos: “mas foi bacana porque até nesse meio tempo, no ano passado, aumentou a rede de contatos, então dá até para disponibilizar mais coisas”.

Para o Coletivo, a parceria com a Associação Minha Rua Minha Casa possibilitou trabalhar com a questão do acesso, produção e consumo com “um público que é totalmente marginalizado na área da cultura, que são os moradores de rua, em situação de risco”. Além de ampliar o raio de atuação, a parceria com a feira trouxe um pouco de sustentabilidade para o coletivo, conforme já mencionado, no que diz respeito à produção dos livretos: “e é bem bacana porque traz essa perspectiva também de apoio na questão dos livretos que é algo essencial para a gente na questão da sustentabilidade”. Outro ponto favorável, diz respeito ao contato que teriam com a temática da economia solidária, que na visão do grupo, iria auxiliá-los muito:

E para gente essa questão a economia solidária também é bem legal, porque a gente já vem há alguns anos mantendo o coletivo com uma verba quase, que a gente sabe que tem o dinheiro, mas a gente não sabe da onde vem. Essa é a realidade e a gente sobrevive. Então, isso na ótica da economia solidária para gente vai somar bastante. I.

O grupo em 2009 também estabeleceu uma parceria com a Manufatura da Cultura⁹⁸ que desenvolvia o projeto Cultura em Toda Parte, que tinha como objetivo “promover a igualdade de oportunidades no acesso às fontes de cultura e o pleno exercício dos direitos culturais pelos cidadãos”⁹⁹. Por meio desse projeto, a agência de soluções culturais disponibilizava semanalmente sete ônibus para os passeios. O coletivo levou para os passeios os jovens com os quais trabalhava na ONG Promove Ação Social.

O Coletivo Literatura Suburbana, ao longo dos seus três anos de existência, demonstrou capacidade de ampliar suas redes e locais de atuação para além do bairro onde residem, ganhando visibilidade e envolvendo outros grupos. A pergunta que fica é: de que forma o Centro Cultural da Juventude contribuiu com o grupo?

⁹⁸ Uma agência de soluções culturais, responsável pela formação de profissionais, agenciamentos artísticos, consultorias e prestação de serviços operacionais na área da cultura. Fonte: www.manufaturadacultura.art.br acessado no dia 09/05/2010.

⁹⁹ Definição retirada da fonte: www.culturaemtodaparte.art.br no dia 09/05/2010.

Centro Cultural da Juventude e Coletivo Literatura Suburbana: uma relação construída

O primeiro contato do coletivo com o Centro, foi com a “criação faraônica do CCJ”. O grupo não acompanhou de perto a construção, mas segundo I., não tinha como o “morador da zona norte passar e não ver o CCJ”. Somente no segundo semestre de 2007 o grupo procurou o Centro para a realização do evento Hip Hop Educação. Nesse evento, o Coletivo reuniu professores e alunos de escolas onde tinham ministrado oficinas e fizeram o encerramento do projeto Escola da África que finalizou as atividades em novembro do referido ano.

Embora a atividade tenha ocorrido de acordo com o esperado pelos membros do grupo, esse primeiro contato não se deu de forma harmoniosa, uma vez que, segundo I., tanto o coletivo como o CCJ ainda estavam engatinhando no estabelecimento de relações institucionais: “A gente ainda era cruzão e o CCJ também, independente de ter um ano, estava cruzão nas relações institucionais com os grupos da região e do entorno”.

Nesse ponto, o coletivo apontou para um ponto fraco do CCJ enquanto um equipamento que estava buscando formas de oferecer à população da região a possibilidade de utilizar as suas instalações, mas que ainda estava definindo como deveria ser esse uso e qual era a função de seus funcionários em relação à atividade que ali acontecia, mas que não era uma programação oficial do equipamento. Desta forma, a direção do CCJ não deixou as regras do jogo claras o suficiente para que aqueles que estavam do outro lado da máquina pudessem compreender. No dia do evento, os integrantes do Coletivo tiveram que organizar o espaço, retirando as cadeiras do local, pois os monitores do Centro não fizeram isso. Também não puderam utilizar todos os equipamentos do Centro Cultural, como as caixas de som e microfones; tiveram que usar os poucos recursos que possuíam, prejudicando o evento que haviam organizado.

Por outro lado, o Coletivo também admitia que eles não estavam totalmente mobilizados, o que também contribuiu para que não desfrutassem plenamente dos recursos a serem disponibilizados pelo Centro:

Então, foi bem conflituoso. A gente chegou no espaço enorme, espaço legal, que tinha estrutura, mas que a gente não pode desfrutar. E parte por nossa culpa de mobilização, porque a gente não estava mobilizado ainda totalmente para ocupar e desfrutar de tudo. E outra, por essa questão de não contato, de aproximação, pelo menos naquela época, com os grupos locais.

Insatisfeitos com a impossibilidade de utilizar de modo pleno os recursos que o Centro tinha para lhes oferecer, o Coletivo preferiu, ao invés de se distanciar e até mesmo difamar o

equipamento, se manifestar por meio de uma carta demonstrando o seu descontentamento, solicitando uma explicação para o fato de o grupo não ter tido o apoio da equipe do CCJ e também por não poderem utilizar, na totalidade, os recursos do local onde foi realizado o evento: “A gente chegou a mandar uma carta, uma manifestação formal sobre essas coisas. E aí foi onde se estabeleceu um laço com o CCJ. Então, beleza, a gente não está entendendo como que é a ocupação do CCJ, então como que é?”.

Para o grupo, ao longo desses três anos, a relação deles com o Centro sofreu alteração. A principal diz respeito à maneira como o Centro enxergava os grupos formados por jovens. Na percepção do Coletivo, o CCJ tratava todos aqueles que tinham intenção em realizar atividades no equipamento como clientes:

Eu acho que saiu daquela visão um pouco clientelista de “olha, tem o espaço aqui então eu estou te oferecendo isso”. Então, você é apenas mais um cliente cultural do Centro Cultural da Juventude, e passou a ser “Não. Você é um grupo que ocupa e você faz parte da história desse espaço. Querendo ou não você gere espaço para esse espaço tá aberto, então você tem voz aqui, você pode interagir”. E aí, eu acho que passou dessa relação do clientelismo, de oferecer um serviço, a procurar realizar esse serviço junto.

O Literatura Suburbana acredita que após o grupo ter enviado a carta para a direção do Centro, bem como o fato de terem recebido uma resposta, tornou-se possível uma aproximação entre eles, o que ampliou os canais de diálogo com toda a equipe, tanto que o I. considerava que a relação do Centro com o coletivo passou a ter um quê de pessoalidade, não no sentido de favoritismo, mas na sensibilidade do corpo de gestores em legitimar as ações desenvolvidas pelo Coletivo e também por outros grupos. Para ele, passou a existir a negociação: “E aí, as relações mudam, tem negociação, tem o abrir mão, o articular melhor”. Mas mesmo com essa relação pessoal entre o Centro e o Coletivo, este ainda propõe suas atividades formalmente, mesmo após sondar com a equipe do CCJ a disponibilidade de dia e horário para a realização da atividade: “Como a gente já sabe o caminho das pedras, então, a gente há primórdios sonda né? Então, manda a proposta formal”. Para o Coletivo, o “caminho das pedras” é antes de enviar a solicitação, eles conversam com a equipe de redes sociais do Centro para verificar se os dias e horários que eles necessitam estão disponíveis. Caso não estejam, buscam juntos, coletivo e CCJ, encontrar uma data que seja boa para ambas as partes.

Para o coletivo, “legitimar as ações” significava que havia um reconhecimento e respeito pela proposta do grupo, que retirava a atividade da posição de simples utilização do espaço para alçá-la o status de, em algumas ocasiões, programação do CCJ. Isso muda principalmente o tratamento que a equipe de monitores e de técnicos, que eram os responsáveis pela execução da atividade, dava ao evento que iria ocorrer. Durante a

entrevista, eles citaram como um bom exemplo de legitimidade o evento que realizaram em novembro de 2008 em homenagem a Luiz Gama:

Acho que uma das melhores intervenções foi da homenagem que a gente fez ao Luiz Gama. A gente não fez nada, o pessoal montou a exposição com a história do Luiz Gama, montou o banner que a gente fez, deixou isso bonitinho, arrumou a disposição da área de convivência. Então, é bem legal isso, acho que isso ajuda também, é fundamental.

Conforme a relação foi se estabilizando as demandas que o Coletivo possuía também foram progressivamente sendo respondidas pelo equipamento. O grupo, durante a entrevista, citou como demanda a inserção do release de suas atividades no material de divulgação, fato que começou a ocorrer somente em 2008. Na questão de estrutura material e de pessoal para o dia das atividades, o Centro também estava atendendo satisfatoriamente às necessidades. Tanto para o I. quanto para o A., isso acontecia, pois eles estavam realizando eventos pequenos, com um número reduzido de pessoas. Eram encontros voltados para reunir os jovens que haviam participado das oficinas de produção literária, sendo, portanto, um evento “praticamente fechado”: “A nossa demanda o que, tem sido um grupo pequeno. A gente fez um encontro de literatura, foi um encontro praticamente, veio o pessoal do CCJ, mas eu considere um encontro praticamente fechado”. Eles acreditavam que, talvez se fosse um evento maior, o Centro não conseguiria responder, embora acontecessem todos os anos dois campeonatos de dança de rua que envolvia aproximadamente 500 pessoas.

No entanto, mesmo concordando que o Centro vinha atendendo às necessidades apresentadas pelo coletivo, para o A. havia uma demanda que o CCJ ainda não tinha respondido: disponibilizar lanches para os participantes das atividades por eles promovidas. O oferecimento de lanche, aliado à participação de crianças, adolescentes e jovens em algum evento, seja ele de cunho cultural ou esportivo, é uma pratica comum em algumas ONGs e isso se refletia também em outras organizações, fossem elas formadas por jovens ou não. No primeiro ano de existência do CCJ, os seus funcionários, ao divulgar as atividades para que as ONGs e as escolas pudessem levar seus alunos ou jovens atendidos, eram questionados se o CCJ iria oferecer um lanche para aqueles que fossem. O Centro não possuía condições financeiras para a compra de lanches, o que justifica ser essa uma demanda reprimida.

O Coletivo distingue suas ações em atividades de formação, atividades de consumo e apresentação dos resultados. Para a realização do segundo tipo de atividade, o CCJ “é a primeira opção”, uma vez que era bem localizado, o que favorecia a vinda de um número maior de pessoas, por dispor de recursos técnicos para a realização de eventos que exigiam o uso de equipamentos de som e por fim, o CCJ possibilitava ao coletivo ter contato com um

público diverso e jovem do que ele costumava atingir com as atividades realizadas nas escolas e ONGs, conforme relatou I:

...porque geralmente esses eventos eles, a gente quer alcançar um público...Não é um evento de formação, é evento de consumo, de mostra. Então, o CCJ traz alguns recursos materiais de estrutura que é ótimo para o projeto. Ele traz a questão da localização e aí dá para dialogar com todos os atores poderem ter a opção de vim. E vamos supor, oito horas, dez horas, não tem problema. Enfim, acho que são esses os pontos, porque na maioria dos eventos que a gente faz, porque a gente não é muito de produzir evento, seja a primeira opção. E também, pela articulação que já tem, histórico do CCJ com a gente. A formalização do coletivo, ela vem muito intrínseca também com a questão do CCJ. Se organizar para ocupar esses espaços e acho que é por isso também que a gente ocupa esses espaços.

Ao questionar o Coletivo sobre suas demandas e até mesmo sobre o que eles entendem pela ocupação do CCJ pelos grupos da região, um de seus membros apontou para uma questão que diz respeito à forma de gestão da programação do equipamento. Para ele, o fato de o CCJ ter um planejamento anual das atividades e ter fixado dias e horários para a realização de determinadas programações, como toda sexta ter um show, aos finais de semana, ter espetáculo de teatro, etc. impossibilitava que o Anfiteatro, espaço mais cobiçado para o uso, fosse disponibilizado para os grupos da região, como explicou I:

A programação do CCJ, a grade que eles fazem que já vem de cima, que já tá posta. Dependendo da política de governo que continuar, já tem uma política de governo pré-estabelecida e aí diminui a atuação desses grupos que são diversas. Pelo o que tenho olhado, por fora tem articulação de quem? Tem dos meninos do *break*, tem articulação do pessoal do Elo da Corrente, da Brasa. Tem a gente tentando fazer intervenções, fazendo algumas intervenções, e por ventura outros grupos que vem. E talvez a atuação desses grupos fique marginalizada, ou muitos deles seja potencializada e outra não. Então isso é algo que talvez tenha que entrar em discussão, fomentar a discussão e problematizar de diversos ângulos. Por exemplo, se um grupo virar e falar “meu eu quero produzir um show, lançamento do meu CD aí”. Puta, para ele achar espaço nesse anfiteatro vai ser foda.

O Coletivo faz uma crítica à verticalidade do CCJ no que diz respeito à concepção da programação anual do Centro¹⁰⁰. Com objetivo de estabelecer uma rotina de programação, a equipe de programadores do equipamento pensou para o anfiteatro, e também para os demais espaços, uma grade de atividades que permitisse que os seus frequentadores memorizassem o que iria acontecer em cada dia da semana. Desta forma, restavam poucos dias e horários, principalmente aos finais de semana e durante a noite, que o anfiteatro estivesse livre e pudesse ser utilizado por grupos da região, sendo que o único critério para a utilização do anfiteatro era que este não estivesse ocupado com a alguma programação.

Embora o CCJ possuísse mecanismos para a inclusão de propostas de jovens ou grupo de jovens na sua agenda de programação, como por exemplo, a seleção de projetos a serem

¹⁰⁰ A programação anual do CCJ é definida pela equipe de gestores, que apresentam programações pensadas por eles e também as demandas apresentadas pelos frequentadores. No entanto, não há uma reunião oficial onde o CCJ possa ouvir os grupos da região sobre suas demandas e sugestões de programação.

desenvolvidos no equipamento, bem como a parceria com o programa VAI para receber os projetos selecionados, para os membros do coletivo, esses mecanismos não eram suficientes, uma vez que a programação pensada pelo corpo de gestores ocupava a maioria dos espaços e horários.

No entanto, ao mesmo tempo em que o Coletivo reivindicava mais horários livres na grade de programação do CCJ, eles também apontavam para a necessidade de responsabilizar o equipamento pelo planejamento da programação que nele era oferecida. Diante disso, o próprio coletivo Literatura Suburbana diminuiu o número de atividades no espaço:

Poxa, a gente fazer atividade todo, muitas atividades no espaço, você tira também um pouco a responsabilidade dos caras. Então, você imagina se todo mundo viesse propor atividade no CCJ, então a Secretaria Municipal da Cultura não precisava mandar ninguém, nem contratar ninguém, nem deslocar verba para nada. Desloca verba para água, luz, pagamento de funcionário, pagamento de outros serviços, mantém o espaço aberto e já era. Então, por consequência disso, também a gente entende também que você não fortifica o processo fazendo isso.

Quando perguntado como eles imaginariam um modelo de gestão ideal para um centro voltado para a juventude A. e I. apresentaram visões diferentes. Para A., o ideal seria que o CCJ constituísse um conselho gestor, que fosse formado pelos produtores culturais: “Então eu acho que eu vejo uma forma de um conselho gestor formado por uma base de pessoas que não seja tão articulada, outras que sejam articuladas. Outras que tenham um determinado status e outras que não tenham”. Esse modelo de gestão proposto por ele permitiria que os produtores culturais já renomados e aqueles que ainda estavam iniciando pudessem ser a voz dos grupos dentro do CCJ. O que provavelmente o A. não tinha conhecimento é que o primeiro decreto de criação do Centro já instituía a criação de um Conselho que seria consultivo e não gestor.

Cabe aqui ressaltar que o número de cadeiras no Conselho para a sociedade civil, desde a publicação do primeiro decreto, até a aprovação da lei que cria o CCJ foi diminuindo. O Decreto de criação 46.994/2006 dizia que o conselho seria composto por 12 conselheiros, sendo que 6 seriam representantes do poder público¹⁰¹ e a outra metade das cadeiras seriam ocupadas por representantes da sociedade civil, sendo que a escolha destes representantes ficaria a cargo do prefeito, que analisaria uma lista de nomes entregues a ele pela Secretaria de Participação e Parcerias.

O segundo Decreto 47.388/2006, que transfere o Centro da Secretaria de Participação e Parcerias para a Secretaria de Cultura, diminui o número de conselheiros de 12 para 10, sendo cinco cadeiras para representantes do poder público¹⁰² e cinco para representantes da

¹⁰¹ Das secretarias de Saúde, Educação, Esporte, Cultura, Trabalho e Coordenação das subprefeituras.

¹⁰² Das Secretarias de Cultura, Educação, Participação e Parcerias, do Centro Cultural São Paulo e da Subprefeitura da Casa Verde/Limão e Cachoeirinha.

sociedade civil, a serem escolhidos pelo Secretário Municipal de Cultura, a partir de lista elaborada pelos titulares da Secretaria Especial para Participação e Parceria, da Secretaria Municipal de Educação e da Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha.

Por fim, na Lei 14.875/2009, que cria o CCJ, há uma diminuição considerável no número de Conselheiros, de 10 passou para 9, sendo que 5 seriam do poder público e apenas 4 representantes da sociedade civil, sendo que na Lei não há o estabelecimento de critérios para a escolha dos mesmos. A Lei, assim como os decretos anteriores, previa a indicação de conselheiros suplentes tanto para as cadeiras do poder público, como para as da sociedade civil; no entanto, esses suplentes não precisavam ser necessariamente da mesma organização.

No dia 19 de outubro de 2009, foram publicados os nomes dos conselheiros no Diário Oficial, porém sem distinguir titulares e suplentes. Os representantes da sociedade civil eram Aracati - Agencia de Mobilização Social¹⁰³, Bijari¹⁰⁴, Instituto Sou da Paz¹⁰⁵, Radiola (TV Cultura)¹⁰⁶, Fundação Tide Setubal¹⁰⁷, Buriti Filmes¹⁰⁸, Capacitação Solidária¹⁰⁹ e CIEDS- Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Social. Segundo a Lei que cria o Conselho, as reuniões deveriam ocorrer, ordinariamente e obrigatoriamente uma vez a cada 3 meses, e extraordinariamente sempre que necessário. Até maio de 2010 nenhuma reunião havia sido realizada.

¹⁰³ A Aracati – Agência de Mobilização Social nasceu em 1999, da fusão de duas outras organizações com a missão de contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de participação juvenil no Brasil. Desde sua fundação, vem formando grupos de jovens e pautando a participação juvenil na sociedade brasileira. Fonte: www.aracati.org.br. Acessado em 12/05/2010

¹⁰⁴ Formado em 1997 por arquitetos e artistas, o Bijari é um centro de criação de artes visuais, design e vídeo atuando tanto para projetos culturais e de arte quanto para o mercado comercial corporativo. Fonte: www.bijari.com.br. Acessado em 12/05/2010.

¹⁰⁵ O objetivo do Sou da Paz é influenciar a atuação do poder público e de toda a sociedade frente à violência. O Sou da Paz implementa projetos nas regiões e com os públicos mais afetados pela violência, assessora governos na elaboração e implementação de políticas de segurança e mobiliza a sociedade sobre o tema. Fonte: www.soudapaz.org.br. Acessado em 12/05/2010.

¹⁰⁶ Radiola é um programa de música semanal da TV Cultura. O programa de uma hora é dividido em três blocos. A ideia é explorar o universo da produção musical artística atual a partir de entrevistas com artistas, cobertura de shows e festivais, reportagens sobre instrumentos, livros, discos e tudo o que gira ao redor da música. Fonte: www.tvcultura.com.br. Acessado em 03/08/2010.

¹⁰⁷ Criada em 2005, a Fundação Tide Setubal nasceu para ressignificar e inovar o trabalho pioneiro de promoção humana iniciado por sua inspiradora. O foco de atuação é a região de São Miguel Paulista, na zona leste da cidade de São Paulo. Fonte: www.ftas.org.br. Acessado em 12/05/2010.

¹⁰⁸ Buriti Filmes é uma produtora de audiovisual, que também realiza projetos que promovem exposições de filme em lugares onde não há salas de exibição e também desenvolve oficinas de audiovisual com jovens em diversas regiões do país. Fonte: www.buritifilmes.com.br. Acessado em 13/05/2010.

¹⁰⁹ A Capacitação Solidária foi criada em 1995 como uma associação civil, sem fins lucrativos, que capta recursos junto à iniciativa privada e pública e instituições nacionais e internacionais para o desenvolvimento de projetos de capacitação de jovens para o trabalho, propostos e executados por organizações da sociedade civil. Fonte: <http://www.transparencia.al.gov.br/ruthcardoso>. Acessado em 13/05/2010.

Diante do exposto, fica claro que o Conselho proposto pela Lei do CCJ não corresponde ao que o A. estava propondo de modelo de gestão para o Centro. Para ele, o Conselho deveria ser gestor e não consultivo, isto é, os conselheiros de fato deveriam gerir o equipamento, levando para a reunião as demandas trazidas pelos jovens. E o conselho deveria ser formado pelos produtores culturais da região uma vez que o espaço era dedicado à cultura.

Havia ainda outro fator que distanciava o conselho consultivo instituído pela Lei do conselho gestor proposto por A., que é o fato de não haver paridade entre os membros da sociedade civil e os membros do governo. Diante disso, é possível inferir que os representantes da sociedade civil estariam sempre em desvantagem nas tomadas de decisão. Aliado a isso, cabe ressaltar que um conselho consultivo pouco poderia decidir sobre os rumos da direção do CCJ, uma vez que as consultas poderiam se realizadas e a implementação só ocorreria caso a direção estivesse de acordo.

É justamente por essas e outras questões, que o I., diferente de A, não acreditava ser o conselho um modelo melhor de gestão. Para ele, o conselho era uma forma “para que a suposta democracia participativa” fosse estabelecida, uma vez que os conselhos existentes, na sua maioria, não eram deliberativos e nem consultivos. Para o I., o CCJ exercia uma função de garantia de direitos, por meio do acesso, da produção e do consumo de cultura que ele não tinha encontrado ainda em nenhum outro equipamento público, e isso para ele era muito importante, uma vez que era o próprio poder público exercendo a sua função: “Olha que ideia louca de garantia de direitos, o governo por si só garantindo o direito de acesso, produção e consumo de cultura, que é o dever dele. Às vezes eu penso se criar essas coisas é tentar reinventar a roda”.

Na visão de I., o caminho para que o CCJ tivesse uma boa gestão era o de se aproximar cada vez mais dos grupos formados por jovens:

Então, eu vejo o seguinte, a situação hoje do CCJ é, beleza está tendo a circulação do poder público com os grupos e está caminhando. Eu imagino que a gestão tem que seguir esse caminho, a não criar conselhos e tudo mais. Eu vejo mais e cada vez mais ir empoderando¹¹⁰ esses movimentos, esses grupos, essas pessoas. E aí ele cumpre com a missão dele de dar o acesso, de promover o consumo e dar suporte para a produção. Então se cria um conselho às vezes vai centralizar mais que hoje com a equipe do CCJ. Você tem a equipe de redes, sabe? Eu vejo o conselho hoje, talvez você vai tirar a responsabilidade do poder público de garantir a democracia no

¹¹⁰ *Empoderamento* é uma palavra adotada na linguagem utilizada pelas ONGs e organizações da sociedade civil, construída a partir da palavra inglesa *empowerment*, significando, “mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir e criar e gerir.”. COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. s/d. (mimeo).
http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf - Consulta feita em janeiro/2010.

espaço e aí você vai jogar a responsabilidade para a sociedade civil que quis ocupar o espaço dela.

Esse momento da entrevista em que o I. e o A. apresentavam seus pontos de vista sobre como seria um modelo de gestão ideal para o Centro Cultural da Juventude foi bastante rico. Embora eles apresentassem visões diferentes, ambos apontavam para a necessidade de o CCJ ampliar os seus canais de diálogo com os jovens, articulando-se com os diversos grupos da região.

Para o A., havia outro caminho sem ser a criação do conselho gestor, que seria por meio da formação “o outro caminho que sobrar é formação. Formação! Cursos, explicações, oficinas...Sobre como você criar um espaço público diferente, né? Esses negócios, ah! É assim, sou a favor desse caminho, que nem Paulo Freire”. Com essa sua fala, ele tinha como entendimento que o CCJ deveria realizar atividades para formar o público sobre como ele poderia inserir suas atividades na grade de programação do Centro e também de como esse público poderia gerí-lo. Para ele, caberia à direção do CCJ mobilizar os jovens frequentadores para que esses fossem participativos. No entanto, seria o papel do Centro Cultural da Juventude, enquanto poder público, criar mecanismos para mobilizar os grupos de jovens para que esses fossem mais participativos? Nesse sentido, I. ressaltou que um meio seria a realização de fóruns, no entanto acreditava que esse espaço seria um espaço de cobrança e não de construção : “vai fazer um fórum, mas vai ser um fórum o que? Um fórum de denunciismo?”

Já para o I., o Seminário Juventude e Políticas Públicas, realizado anualmente pelo CCJ, era para ele um espaço de diálogo estratégico para pensar em uma gestão melhor: “...seminário que vai discutir juventude e políticas públicas, então ele vai entender a política pública da juventude, às vezes municipal, então ele vai entender como essas políticas públicas se dão localmente, então ele vai saber se articular melhor com o CCJ”.

Outro aspecto apresentado pelo I., reside no fato de o Centro receber em suas instalações grupos que estão em diferentes graus de organização. Para ele, a forma do CCJ se relacionar com esses grupos precisa ser diferente, ressaltando para o papel de formação que o Centro Cultural da Juventude poderia desempenhar com os coletivos novos:

Então, mas aí o tratamento é diferente, né? Eu não posso exigir, é claro que aqui não tem isso, mas vamos supor que a regra de ocupação do espaço fosse um histórico de atividades. Beleza, a gente tem, e o grupo que está se mobilizado agora, que não tem? Por exemplo, eu sei redigir um ofício supostamente legalzinho e o cara que começou ontem que não sabe nem que merda é um ofício? Tem essa coisa, a política do CCJ opta por trabalhar com grupos mobilizados e grupos não mobilizados. E como um monitor trata um grupo que já tem um conceito do grupo que está chegando agora. E essas relações que são humanas e que aqui elas são institucionais.

Aqui é o poder público, aqui não pode haver o eu acho legalzinho o rosa e não gosto do vermelho.

Nesse ponto de formação, o A. acreditava que o Centro precisava investir em atividades de formação que ele classificou como burocráticas, que seriam aquelas realizadas por meio de oficinas: “tem o edital do CCJ tal, vamos preparar um grupo de pessoas para acessar isso? Vamos ajudar esse pessoal se organizar para acessar e tal?”. Já para o I., além da realização de atividades de formação, que na visão dele não precisavam ser formais, o auxílio do Centro poderia ser efetivado por meio das relações pessoais que deveriam ser estabelecidas entre a equipe e os jovens que buscavam o espaço. Caberia ao CCJ formar a sua equipe - gestores, monitores e seguranças - para que todos seguissem as mesmas diretrizes em relação ao tratamento e respeito que deveria ser dado para todos os grupos, fossem eles novatos ou veteranos.

E essa relação que nem eu falei tem a ver com o que a equipe pensa. Porque beleza, a equipe de redes sociais pode ter falado com o cara, e mesmo sabendo que o evento às vezes vai ser zoadado, fala com o cara e organiza tudo certinho. Só que o monitor não acredita, não valoriza aquela proposta e não potencializa aquilo, o grupo vai continuar desmobilizado, sem acessar isso, sem saber como acessar e sem saber fazer acontecer. E aí o processo de educação, de empoderamento, de produção cultural, ele cai por água abaixo e o CCJ não cumpre com a missão dele.

A entrevista realizada com o Coletivo Literatura Suburbana permitiu inferir que, mesmo com posições divergentes entre seus membros sobre qual seria uma gestão ideal para o Centro Cultural da Juventude, para o grupo era claro que a missão deste equipamento era promover, além do acesso aos bens culturais, a formação dos grupos dando-lhes suporte para que pudessem se organizar e aprender a interagir com a esfera burocrática do poder público.

Tal percepção foi construída ao longo da relação que fora estabelecida entre o corpo de funcionários e o coletivo. A frequência dos membros do Coletivo às atividades do equipamento também contribuiu para que o grupo tivesse essa percepção. Embora eles não fossem ao Centro todos os dias, pois todos trabalhavam e também realizavam durante a semana e aos finais de semana as atividades dos três projetos sob sua responsabilidade, os membros, quando tinham tempo livre, frequentavam a programação, como shows, espetáculos teatrais e palestras. Também utilizavam os serviços de biblioteca, internet livre, ilhas de edição, estúdio e o convívio para fazer reunião do grupo.

O grupo possuía uma boa relação com os demais usuários do equipamento e considerava que o fato de desenvolverem as atividades no CCJ e de frequentá-lo possibilitava a ampliação das suas redes de contatos.

Conhecemos vários grupos, o próprio CICAS, as meninas do Corpo em Rito e diversos outros grupos que a gente começou a fazer rede. O próprio coletivo aqui no

CCJ também é conhecido. O pessoal conhece, sabe quem a gente é, então essa relação é bacana. De usuário, de proponente de ações assim.

Para o I., o Centro Cultural da Juventude promovia essa ampliação de rede para o coletivo de duas maneiras. A primeira seria de forma espontânea, isto é, as pessoas se aproximariam deles para conhecer o trabalho por eles desenvolvido e que na ocasião estaria sendo realizado no Centro. A outra forma seria de maneira pensada pelo CCJ, ou seja, por meio da realização de atividades que envolva um determinado público que atua com a mesma prática cultural:

De forma totalmente pensada. Por exemplo, como nós conhecemos o Sarau Poesia na Brasa? Na Brasilândia, nossa comunidade. Foi conhecer como? Num evento no CCJ que teve o Marcelino Freire que é um escritor conhecido na literatura periférica. Então, vim assisti-lo e conheci o pessoal do Poesia na Brasa. Então, por exemplo, você tem o chamariz e no mais você vai conhecendo esses atores. Esses atores não são bichos, eles se falam, não tem jeito.

No caso do Coletivo, essas possibilidades de troca e ampliação de contatos ocorriam em diversas programações oferecidas pelo Centro, uma vez que trabalhavam com diferentes linguagens artísticas. O I. também citou o workshop de cabelo afro, programação oferecida em novembro de 2009, em comemoração ao mês da consciência negra, como mais uma atividade em que o coletivo teve a oportunidade de conhecer outras pessoas.

Para o grupo era de fundamental importância a ampliação das suas redes de contato, uma vez que pretendiam realizar suas atividades em diversos pontos do bairro, para apresentarem sua produção, principalmente em termos materiais, como os livretos produzidos pelo projeto Produção Suburbana e que nestes espaços poderiam ser consumidos por outros jovens interessados em poesias, gerando assim lucro para o grupo. Também em termos simbólicos, ou seja, com o objetivo de difundir a filosofia do grupo no que diz respeito ao acesso, produção e consumo de cultura.

4.4 Os grupos e os usos que fazem do CCJ: semelhanças e diferenças

Os grupos entrevistados, embora expressem manifestações culturais diversificadas, apresentam algumas semelhanças dentre as quais serão apresentadas seis: algumas dizem respeito à estrutura dos grupos e outras sobre o CCJ. A primeira semelhança diz respeito ao alicerce dos grupos, constituído pelas relações de amizade que uniam seus membros e que garantia que os coletivos não rompessem quando as dificuldades apareciam. A questão de se estabelecer um vínculo de amizade também foi apontada como um quesito importante para a

entrada dos novos membros, além de os interessados terem que compartilhar dos mesmos princípios do grupo, o que difere de terem a mesma opinião sobre os mesmo assuntos.

O Núcleo de RPG e o Coletivo Literatura Suburbana deixaram essa questão mais explícita nas suas falas. Para ambos, era importante que aqueles que almejavam se tornar membro do grupo passassem a conviver e conhecer a rotina de atividades, para só depois, no momento certo e necessário passassem a assumir mais responsabilidades. Isso para eles era importante, uma vez que o retorno material era praticamente inexistente, restando somente a satisfação pessoal, que para o Núcleo de RPG era o principal objetivo, juntos se reunirem para se divertirem enquanto jogavam e difundiam uma prática de lazer que tanto gostavam. Já para o Coletivo Literatura Suburbana, poder desenvolver projetos que eles entendiam que poderia melhorar a vida das crianças e jovens que na região residiam, era para eles a maior satisfação.

Já a banda Camiranga também nasceu de laços de amizade entre dois de seus membros. Depois eles alargaram os laços formando assim um quarteto. Embora não tivesse em mente incorporar novos músicos, sabiam que caso isso acontecesse, os candidatos teriam que partilhar da mesma filosofia do grupo, que se resumia em realizar muitos shows, mas sem a pretensão de ganhar grandes cachês e conseguir viver de música. Assim como os demais grupos, o que garantia a existência da banda era saber que todos os seus integrantes estavam ali porque gostavam do que faziam.

Justamente em razão de a base relacional ser forte, eles (quem? Todos os grupos?) evitavam as divisões hierárquicas apostando em uma gestão mais compartilhada. O Núcleo de RPG, dos três grupos, era o que mais exercia isso, uma vez que a divisão das tarefas era realizada de acordo com a disponibilidade e as habilidades que cada integrante possuía para contribuir com o grupo. No entanto, ficou evidente que a maioria das decisões adotadas ficava concentrada em dois membros, que eram os que dialogavam com a equipe do CCJ. Isso também acontecia com o Coletivo Literatura Suburbana, mas estes admitiam que havia algumas atividades, como comunicação e administração dos recursos, que estavam nas mãos de dois integrantes apenas. Porém, as decisões do Coletivo eram tomadas no coletivo. Nesses grupos sempre ocorre um núcleo mais ativo que aglutina e assume maiores responsabilidades.

O grupo musical Camiranga também apresentava uma gestão coletiva, mas as bandas possuem algumas especificidades que dizem respeito a algumas questões técnicas que não podem ser desempenhadas por todos os membros, como a composição das músicas e a criação de harmonia das letras. Por essa razão, a coordenação do grupo concentrava-se nas mãos de seus fundadores.. Eles eram responsáveis pelas composições e também assumiam outras

funções, como a de coordenação do grupo, responsável pela elaboração de projetos, venda dos shows, entre outras coisas.

A terceira semelhança identificada, e que de certa forma mais aproxima os grupos um dos outros, refere-se à ausência de recursos financeiros para o desenvolvimento de suas atividades. Nenhum deles possuía recursos próprios ou conseguiam retorno, por meio da venda do que produziam, isso mais especificamente no caso do grupo Camiranga e do coletivo Literatura Suburbana, levantar fundos para garantir a sustentabilidade dos grupos. Os integrantes da Banda tinham que se dedicar a outros trabalhos, uma vez que o número de shows que realizavam era pequeno e o cachê pago era muito baixo. O mesmo ocorria com os membros do Coletivo Literatura Suburbana, todos trabalhavam, geralmente como educadores em Ongs, tendo muitas vezes que colocar dinheiro do próprio bolso para a execução dos projetos. O Núcleo de RPG era o que menos sofria com a falta de recursos, pois isso não impedia que seus integrantes desenvolvessem a principal atividade do grupo que era jogar RPG.

Embora os projetos desenvolvidos pelo coletivo de literatura e pelo grupo musical não ocupassem na vida deles um lugar secundário, as atividades relacionadas a eles eram realizadas no horário livre de seus integrantes, uma vez que todos os integrantes precisavam garantir a sua própria sobrevivência. O RPG na vida dos membros do Núcleo também ocupava um lugar central, mas o encontro para a narrativa de novas aventuras era realizado também nos horários livres.

Ainda sobre recurso financeiro, os três grupos estavam em busca de obtê-lo e faziam uso do mesmo mecanismo: acessar os fomentos municipais e estaduais, como o Programa VAI e o ProAC. Todos eles já foram contemplados por algum desses fomentos, por exemplo, o Núcleo de RPG teve o fomento do VAI em 2008 e 2009. O Coletivo Literatura Suburbana foi contemplado também pelo programa VAI em 2009 e 2010. Já o grupo Camiranga, só teve acesso em 2007 ao ProAC, depois disso continuou concorrendo aos editais, mas até março de 2010, não tinha sido contemplado.

Indagando sobre o que os grupos pensavam que seria uma gestão ideal para um Centro Cultural voltado para a população jovem, tanto o Núcleo de RPG como o Coletivo Literatura Suburbana, embora os integrantes de ambos divergissem dos meios para se concretizar isso, acreditavam que o ideal seria ter uma gestão em que os jovens usuários ou não participassem mais na tomada de decisões, principalmente no que concernia à grade de programação do CCJ. Para eles, era importante que o corpo de gestores dialogasse mais com os jovens e com os grupos, a fim de atender demandas trazidas por eles.

Durante a entrevista, eles levantaram algumas formas de como abrir esse canal de diálogo, como foi possível verificar no exposto ao longo do capítulo, mas nenhum deles tinha uma solução ou algum exemplo ao ser seguido pelo CCJ. Não existe uma fórmula pronta para melhorar o canal de participação entre sociedade civil e poder público, mas é necessário que ambas as partes estejam interessadas em estabelecer esse diálogo e que o ambiente criado não seja apenas para denuncia e cobrança, como dito pelo I., do Coletivo Literatura Suburbana, mas que de fato seja um espaço de construção.

Para o I., o CCJ estava no caminho certo, sendo necessário ampliar a sua articulação com os grupos da região, tomando cuidado para não se centrar em uma agenda de programação que venha de cima para baixo:

O único asterisco que eu ponho nisso é essa questão de se tomar cuidado para gestão não se perder em coisas que vem de cima, que são programações já fechadas. Então, esse mês a gente vai ter na cidade fulano de tal que vai tocar no Centro Cultural Vergueiro, vai tocar no Itaú. Então, o CCJ entra nesse mapa cultural da cidade.

O A., também integrante do Coletivo de Literatura, levantou uma questão interessante, que de alguma forma se aproxima do tema de uma gestão ideal e de participação. Ele contou que foi difícil para ele aceitar que o Centro Cultural da Juventude não fosse um equipamento dedicado exclusivamente ao atendimento das demandas dos jovens da região, o que ele desejava, mas que o Centro tinha como meta atender a todos os jovens da cidade de São Paulo:

Uma dificuldade que eu tive para entender que o CCJ não é feito para Vila Cachoeirinha, Brasilândia, Freguesia. Ele é feito pro município. Então eu vou ter que aceitar que venha o cara de Pinheiros, que venha o Mauricinho da Paulista fazer aqui a atividade porque o espaço também é dele.

O desejo de ter um equipamento que atendesse às demandas dos jovens da região estava pautado na questão de que os jovens moradores de bairros periféricos tinham dificuldades de acessar os recursos culturais que os jovens de outras regiões, principalmente da região central e da zona oeste, não vivenciavam: “Sinto muito o coletivo apesar de ter essa articulação ainda não tem o acesso lá. Não tem como entrar lá pela porta da frente e falar assim ‘Oh! Nós vamos fazer o evento aqui’”. Para ele, o Centro seria o local onde as demandas da região ocupariam um espaço central, e não foi isso o que aconteceu, mais uma vez, os grupos da região teriam que disputar um espaço para participação efetiva na programação do CCJ.

O grupo Camiranga, por estar distante do Centro, acreditava que uma gestão ideal de um equipamento voltado para a população jovem deveria investir na diversidade de gêneros artísticos na sua programação, buscando atender as demandas existentes, mas inovando

possibilitando aos seus frequentadores o contato com artistas e linguagens que poderiam ser desconhecidos.

Por fim, para todos os grupos, o Centro era um espaço de socialização e também de sociabilidade. Com suas regras e procedimentos, o CCJ exercia uma função socializadora, uma vez que introduzia os jovens num mundo social específico com leis e códigos que precisavam ser interiorizados para que estes pudessem ocupar um lugar e serem identificados como aptos a usufruírem o que no equipamento era oferecido.

Nesse sentido, os grupos de RPG e de literatura aos poucos foram sendo socializados e inseridos na dinâmica de trabalho do CCJ. Esse processo, realizado pelo Centro, insere-se no que os sociólogos, como Berger e Berger (1977), classificam como socialização secundária, que “compreende todos os processos posteriores, por meio dos quais o indivíduo é introduzido num mundo social específico... e que se acha presente em experiências das mais variadas...” (pag. 214).

Esses autores também ressaltam que “os processos de socialização se realizam numa interação face a face com outras pessoas” (pag. 214), o que vai ao encontro do que um dos integrantes acreditava ser importante na relação entre o Centro e os seus frequentadores. Para ele, o CCJ auxiliaria mais na formação dos grupos se fosse estabelecida uma relação pessoal entre eles e os gestores. Cita que o Centro cumpriu um papel importante na organização do grupo, mas acredita que a relação do equipamento com os jovens não pode ser estabelecida somente por meio de uma ficha onde eles preenchem uma solicitação de espaço. É preciso que a equipe se envolva com os grupos e apresente para eles, de maneira informal, os caminhos necessários para que possam acessar o que é oferecido pelo Centro:

...eu sempre falo que, e eu sempre deixei isso bem duro que o CCJ foi uma das questões de organização do grupo, incluindo algumas coisas que a gente queria acessar e ainda quer acessar. Porém para gente foi fácil. Beleza! A gente teve outros caminhos e tudo mais. Mas o grupo que talvez só tenha o CCJ e um papelzinho lá descreva a sua atividade, e só isso não sirva? E aí talvez ele não cumpra com essa função de organizador, de educador... (I. Coletivo Literatura Suburbana)

Esse papel de formação que o CCJ realizava também foi percebido pelo Núcleo de RPG. Para seus membros, a interferência que a equipe de gestores fazia, fosse lendo os textos dos projetos por eles apresentados, fosse no cronograma de suas atividades, auxiliava-os a suprirem dificuldades de organização e apresentação de suas ideias para que outras pessoas pudessem compreendê-los. O Centro teve um papel importante para o grupo acessar o fomento do Programa VAI em 2008, por dois motivos. Como primeiro motivo, o Núcleo apontou que se não fosse o Centro, eles jamais saberiam da existência do VAI: “...foi através

do CCJ que eu fui conhecer o VAI...”. Em dezembro de 2007, o Centro foi um dos pontos onde o Programa VAI ofereceu uma oficina de elaboração de projetos, foi então que um monitor do CCJ falou sobre o programa e sugeriu que eles fizessem a oficina e escrevessem um projeto para concorrerem ao edital em 2008. O coletivo acatou a sugestão, e então o Centro, mais uma vez, exerceu o papel de formação, uma vez que funcionários da equipe do equipamento auxiliaram lendo o projeto e fazendo sugestões para que o texto fosse compreendido por pessoas que nunca ouviram falar em RPG.

A banda Camiranga, diferente dos outros grupos, não teve o Centro como um agente socializador, uma vez que seus membros estiveram somente uma vez no CCJ. Mas ressaltavam a importância do Centro Cultural como um espaço de socialização, uma vez que o público que mais frequentava o CCJ era em sua maioria jovens que, segundo a F., ainda estavam em formação: “Eu falo muito em adolescente e jovem porque é o público em formação que vai tá consumindo, comprando e formando opinião daqui a pouquíssimo tempo”. Cabe ressaltar que os integrantes da banda já tinham entre 30 e 35 anos, desta forma se distinguiram daqueles que ainda eram novos e que para eles precisavam de fato de um equipamento, como o Centro, que oferecesse para esses jovens conteúdos que eles talvez não acessassem em outros espaços.

Ao mesmo tempo em que os grupos apontaram o Centro Cultural da Juventude como um local de socialização, eles também viam no CCJ um espaço de sociabilidade, onde poderiam ampliar as suas redes de contatos e apresentar para os frequentadores suas ações enquanto grupo.

Durante a entrevista e as observações realizadas, foi possível inferir que o grupo que mais se beneficiava com a estrutura do CCJ como espaço de sociabilidade era o Núcleo de RPG, que toda sexta e todo sábado iam ao Centro para jogar. No ato de jogar, reencontravam os amigos e também faziam novas amizades, que só era possível mediante o ato de jogar, por meio da atividade lúdica que interessava para outras pessoas que por lá circulavam.

Já o grupo que se dedicava à literatura, ao frequentar a programação oferecida pelo Centro, teve a oportunidade de ampliar as suas redes de contatos, o que lhes possibilitava apresentar a produção por eles realizada em outros espaços, como no Sarau da Brasa, no CICAS, espaços também geridos por grupos juvenis. Fora o reconhecimento que conquistaram entre os jovens frequentadores do espaço, que conheceram o trabalho realizado por um grupo de jovens que conseguiram se inserir e realizar suas atividades em uma instituição social, as escolas, considerada por muitos como fechada para dialogar com iniciativas propostas pelos jovens.

Havia dois aspectos que distanciavam os grupos. O primeiro dizia respeito à importância que o Centro Cultural da Juventude ocupava na garantia para a realização das atividades enquanto espaço. Para a banda Camiranga, o CCJ não possuía uma relevância significativa, sendo para ela era mais um espaço onde poderiam apresentar o seu show, ampliando assim o seu circuito de apresentações.

Para Coletivo Literatura Suburbana, o Centro possuía uma infraestrutura adequada para a realização de algumas atividades, principalmente aquelas relacionadas ao consumo de cultura. Mas para o Coletivo, quanto maior fosse o número de espaços disponíveis para a realização de suas atividades, maiores seriam as chances de atingir seu objetivo, que era o de garantir o acesso, a produção e o consumo de cultura.

Enquanto para o grupo Literatura Suburbana o CCJ se configurava como mais um dos espaços interessantes para uso, sem ter a necessidade de se fincar raízes, para o Núcleo de RPG o Centro havia se transformado no ponto deles, sendo necessário que o grupo se fixasse e concentrasse todas as suas atividades no equipamento. O Núcleo alegava que era preciso criar uma rotina de encontros e que estes deveriam ser realizados no mesmo dia, no mesmo horário e principalmente no mesmo local. Desta forma, o Núcleo foi se apropriando do espaço oferecido pelo Centro e investiu em relações mais duradoras.

Por fim, o segundo aspecto trata sobre a forma como os grupos se relacionavam com o Centro Cultural da Juventude, especificamente no que diz respeito à obtenção de recursos financeiros. Dos três grupos, o Núcleo de RPG é o que possui a melhor relação nesse sentido. O fato de este grupo ter eleito o CCJ como o seu “lócus”, possibilitou-lhe ganhar um status diferenciado perante a equipe do Centro. A insistência do grupo e a realização em 2006 do primeiro encontro de RPG, que reuniu um número significativo de jovens no CCJ, atraíram os olhares da direção, que a partir de então incluiu na sua programação anual o encontro de RPG, destinando para isso recursos financeiros e materiais. Mesmo nos anos de 2008 e 2009, nos quais o Núcleo arcou com a maior parte das despesas com o dinheiro recebido pelos projetos aprovados pelo VAI, o CCJ havia destinado em seu orçamento, nesses dois anos, uma verba para garantir a realização do evento. Em 2010, o Núcleo não apresentou projeto para o programa VAI, mas estava ciente de que havia orçamento para a realização de suas atividades ao longo do ano. É evidente que o valor oferecido pelo CCJ não se compara à verba que eles conseguiriam caso tivessem o projeto aprovado pelo programa em 2010, cujo valor pago a cada projeto nesse ano foi de R\$ 26.500,00.

Como o Coletivo Literatura Suburbana não possuía essa relação, digamos, de dependência com o espaço do Centro, o desenvolvimento de suas ações não dependia

financeiramente do CCJ, sendo que o grupo tinha que arcar com as despesas existentes toda vez que realizava atividades do CCJ. O Coletivo podia contar com a disponibilização, por parte do Centro, dos equipamentos de som ou qualquer outro que necessitasse para a realização dos eventos. Contudo, se alguma programação do Centro precisasse utilizar, seja o espaço solicitado ou os equipamentos, o evento do Coletivo não teria prioridade, como acontecia com o Núcleo de RPG.

Isso não significava que o Coletivo não tivesse uma boa relação com o Centro e sua equipe, mas acenava para o fato do CCJ dar prioridade para as ações que fossem inovadoras na região, no sentido de atrair a atenção, uma vez que era o único equipamento público da zona norte que realizava os encontros de RPG, entrando assim em um circuito antes formado somente por livrarias.

Considerações Finais

As perguntas que motivaram a produção dessa dissertação giravam em torno de como um equipamento público, voltado para a população jovem, poderia auxiliar no fortalecimento das ações desenvolvidas por grupos juvenis, no que diz respeito a sua organização, atividades e coesão. Sendo para esses grupos, um importante espaço para a sociabilidade e alargador das redes de contato, sobretudo para os grupos envolvidos com práticas culturais que ainda não possuíam contornos de atuação política assegurada como as tradicionais formas de mobilização e organização dos jovens

A aplicação do questionário de caracterização dos grupos com os 29 coletivos buscou apreender as especificidades de cada grupo e as maneiras com que estes se relacionavam com o Centro Cultural da Juventude. Entendendo que muitos desses grupos já existiam antes da inauguração do Centro, e que já desenvolviam suas ações em outros espaços, públicos ou privados, interessava-me saber se o uso desses outros espaços cessaria ou diminuiria com a possibilidade de utilização do Centro Cultural da Juventude e de suas instalações. Além disso, tinha como hipótese que os integrantes desses grupos se beneficiariam dos serviços oferecidos e participariam plenamente da programação, uma vez que no bairro de Vila Nova Cachoeirinha as oportunidades de lazer e cultura são escassas.

O campo foi permeado de surpresas. O Centro Cultural da Juventude permitiu que me deparasse com outras formas de associação entre jovens, diferentes das clássicas, como os grupos de estilo centrados nas formas de expressão musical, mais tradicionalmente estudados, juventudes partidárias, entre outras. Os resultados revelaram também a instabilidade do número de componentes, pois alguns coletivos, no momento da pesquisa, eram formados por uma só pessoa, como o caso do Cine Barracão (audiovisual), Bandoleiro e Aliado A, ambos grupos de rap. Às vezes, eram constituídos apenas por duas pessoas, como o Núcleo de Atividade o Regícidio Está por Vir. Essas características acenaram para dois temas importantes. O primeiro diz respeito à capacidade que esses coletivos tinham de se articularem em parcerias para darem continuidade ao desenvolvimento dos projetos que acreditavam e julgavam importantes para suas vidas. O segundo, é que essas formas de agremiações revelaram instabilidades inerentes à dinâmica associativa, que não decorrem apenas da ausência de suportes para aumentar sua capacidade de ação. Podemos usar como exemplo o grupo Cine Barracão, que se dedicava às atividades de exibição de vídeos em locais públicos. No início, o grupo era formado por 14 integrantes, que com o passar do

tempo foram se envolvendo em outras atividades pessoais, restando-lhes pouco tempo para o grupo. O único integrante que restou era um frequentador assíduo do CCJ; frequentava oficinas de edição de vídeo e agendava com frequência as ilhas de edição para editar os vídeos que produzia. Em outubro de 2008, esse jovem passou a compor a equipe de monitores do Centro.

No entanto, essa instabilidade não era característica somente dos grupos com poucos ou somente um integrante. Em outros coletivos também foi observada a oscilação permanente quanto ao número de membros e, portanto, certa provisoriidade nos modos de agir. Tal como observado no perfil dos demais grupos, percebe-se que a maioria se caracteriza por uma falta de estabilidade no tempo e no espaço que, longe de ser um atributo negativo, exprime exatamente aquilo que se considera como típico da experiência juvenil: a ideia da experimentação. Buscam, na rotina dos equipamentos, na permanência das instituições e dos organismos algumas condições para a existência no interior da instabilidade que os caracteriza.

Outro aspecto revelado no trabalho de campo foi que os grupos, embora tivessem uma frequência ao CCJ de pelo menos duas vezes por semana, como era o caso dos coletivos de dança de rua, do grupo de percussão corporal Embatucadores e do grupo de rap Maderit, e de até quatro vezes por semana, como o coletivo de dança contemporânea Corpo em Rito e Núcleo de RPG, seus integrantes limitavam a ida ao Centro para a realização de suas práticas culturais. Pouquíssimos deles usufruíam dos serviços oferecidos pelo CCJ, sendo os mais procurados a internet livre e a biblioteca, como espaço de leitura e o laboratório de pesquisa. Tal fato lança por terra a hipótese de que eles participariam plenamente da programação oferecida.

A presença desses grupos no Centro Cultural da Juventude exigiu que sua direção efetuasse alterações nos espaços previstos para a utilização. Foi necessário que o CCJ ampliasse o rol de possibilidades de uso para o atendimento da demanda dos coletivos que lá estavam e dos novos que lá chegavam, ao saberem que era possível realizarem suas atividades. Os grupos de teatro e de dança de rua tiveram papel fundamental nessa operação. O mesmo não se observou no atendimento aos pleitos oriundos dos grupos musicais, pois o Centro não abriu as portas do estúdio para a realização de ensaios. Mesmo com essa reivindicação não atendida, era grande o número de grupos, da região ou não, que procuravam o CCJ para a gravação.

No que diz respeito à utilização de locais para a realização das atividades, o que se verificou foi que alguns grupos, com a possibilidade de utilizarem o CCJ, diminuíram a

frequência a esses equipamentos. Ressalta-se o uso da escola ou das casas dos integrantes como uma alternativa de uso de espaço pelos grupos.

Embora o CCJ tivesse como finalidade ser um espaço voltado para as sociabilidades e experimentação dos jovens, mais do que um espaço de socialização, o que a pesquisa revelou foi que o equipamento passou a desempenhar para esses grupos, e também para os frequentadores, um papel de formação ao criar mecanismos e regras de utilização dos espaços, que vão desde as exigências para a fruição de seus serviços, como a biblioteca e a internet livre, até as normas para uso de áreas específicas e da infraestrutura. Em certa medida, o CCJ contribuiu para que os grupos tivessem alguma organização, mesmo aqueles que se situavam no grau maior de informalidade, os agrupamentos, segundo o conceito proposto por Reguillo (2000). Diante das exigências dos gestores, era necessário que eles se planejassem.

A segunda fase da pesquisa de campo trouxe novas surpresas. A realização das entrevistas em profundidade com os grupos Núcleo de RPG, Camiranga e Literatura Suburbana foram de fundamental importância para entender as relações que o Centro Cultural da Juventude estabelecia com os diferentes grupos. Os critérios para a escolha desses grupos esteve apoiado nas diferentes formas de uso e na intensidade com que eles frequentavam o Centro. Também optei pela escolha de grupos que tivessem desenhos de atuação e práticas culturais diferentes, o que possibilitou verificar a maneira como cada um se relacionava com o CCJ.

A busca pela diversidade se revelou adequada para uma melhor compreensão da dinâmica das interações dos diversos coletivos. Uma diferença de formas de ação coletiva marca profundamente esses grupos e, provavelmente, o perfil de muitos que não foram entrevistados. O Núcleo de RPG estava articulado em torno do lazer e da sociabilidade. O segundo grupo, banda Camiranga, estava voltado para a atividade cultural rumo à profissionalização. O último, Literatura Suburbana, caracteriza-se por sua atuação militante.

Os grupos voltados para o lazer eram os menos exigentes, apenas criavam os problemas em torno do uso do espaço e da gestão das atividades. Suas demandas de algum modo foram atendidas, apesar de esses grupos não serem portadores de expressões artísticas ou culturais anteriormente previstas na proposta do CCJ.

No entanto, o centro não possuía nenhuma proposta clara para o segundo tipo de grupo, ou seja, aqueles que tentavam enveredar por uma atuação artística de cunho profissional. Dito de outra forma, não estavam previstos na proposta do CCJ o apoio e a criação de suportes que possibilitassem melhores condições de atividade para novos profissionais no mundo das artes e da cultura. Quais seriam as demandas desses grupos e de

que modo o poder público poderia ajudá-los a furar o cerco da indústria cultural e do mercado sob monopólio?

O grupo que atuava na área da literatura *underground* ou de periferia, apresentava um delineamento militante que buscava criar condições de autonomia e de sustentabilidade para efetivar sua ação: institucionalidade jurídica própria, um saber para lidar com a burocracia pública, ampliação das formas de gestão. Esse seria o tipo de grupo que tende a reivindicar uma maior participação e parceria no plano público político.

Os três grupos entrevistados se relacionaram com o Centro de maneiras bem peculiares. O Núcleo de RPG era o que mais dependia do CCJ para realização de suas atividades, principalmente no que se referia à utilização do espaço. Dos três, foi o único que conseguiu inserir na grade de programação do Centro Cultural da Juventude um evento que ocorria todos os anos, o Encontro de RPG. O Núcleo de RPG fez com que o CCJ alargasse o entendimento de cultura que permeava suas ações, abrindo espaço para o lúdico em sua grade de programação.

O fato de terem um local fixo para desenvolver suas ações permitiu ao Núcleo ser reconhecido internacionalmente, conseguindo levar para o Centro torneios de RPG que antes só eram realizados em lojas especializadas no jogo, como a livraria Devir. O Núcleo de RPG, com a ajuda do Centro, conseguiu alargar suas redes de relacionamento, aproximando-se de outros coletivos que também se interessavam pelo jogo de RPG.

O Coletivo Literatura Suburbana era mais independente, tanto que estava em busca da sua institucionalização. Seus membros estavam mais ocupados em realizar os projetos por eles executados. No CCJ não encontravam o público-alvo de suas ações localizado, de acordo com suas percepções, nas escolas. O Centro só era acionado quando o grupo tinha interesse em divulgar suas produções para outros públicos. A relação entre o Literatura Suburbana e o Centro foi construída. O primeiro contato foi permeado por conflitos, mas depois eles descobriram “o caminho das pedras”. Demandavam ao CCJ a realização de oficinas que pudessem capacitar a eles e outros grupos a terem acesso aos editais promovidos pelo CCJ, conforme disse A.: “Tem o edital do CCJ tal, vamos preparar um grupo de pessoas para acessar isso? Vamos ajudar esse pessoal se organizar para acessar e tal?”. Esse coletivo aprendeu a lidar com a máquina pública, encontrou um caminho para que ele e suas produções fossem respeitados. A frequência ao Centro Cultural da Juventude também ajudou ao grupo ampliar a sua rede de relacionamentos, contudo a interferência foi bem menor do que a que foi operada com o Núcleo de RPG.

Enquanto os grupos mencionados se relacionavam com o CCJ, a banda Camiranga esteve no Centro somente uma vez, quando utilizaram o estúdio para a gravação de algumas faixas musicais. O grupo ficou aguardando um convite dos programadores do equipamento para se apresentarem, convite esse que nunca ocorreu. O Centro, embora pretendesse oferecer possibilidades para a apresentação de grupos da cena independente, recebia em sua programação sobretudo os grupos de *rock* e *rap*, deixando de lado bandas de outros gêneros musicais, como a Camiranga, que também não queria se envolver com a grande indústria da música.

A aproximação da banda com o CCJ se deu virtualmente. O e-mail do grupo foi inserido na mala direta do Centro, só assim eles passaram a conhecer mais a programação do CCJ, chegando até a se identificar com uma das bandas que se apresentou e que possuía o mesmo estilo musical do grupo. A impressão que os integrantes do Camiranga ficaram do CCJ foi a de que as ações deste equipamento estava voltada para a “cultura do adolescente”. Para a banda Camiranga, o Centro não auxiliou na ampliação da sua rede de contatos, uma vez que a necessidade desse grupo era a de encontrar espaços onde a sua profissionalização fosse reforçada. A banda estava em busca de opções para suas apresentações e, assim, mostrar o repertório musical que possuíam e poderem viver de música.

Para o Núcleo de RPG e para o Coletivo Literatura Suburbana o Centro, além de ser um espaço para a sociabilidade, também assumiu aspectos formativos. Ambos tiveram que aprender a trilhar os caminhos, buscando entender as regras estabelecidas para que suas demandas fossem atendidas.

Dos três grupos, o que estava menos exposto à instabilidade e à oscilação da permanência de seus integrantes era o grupo Camiranga, por possuir uma dimensão profissional. Tanto o Núcleo de RPG, como o Literatura Suburbana ao longo de suas trajetórias perderam alguns integrantes. Essas oscilações, embora tenham abalado os grupos, não significou o término dos mesmos. Porém, deixaram seus integrantes mais cautelosos quanto ao repasse de responsabilidade para os novatos.

A pergunta que fica é se equipamentos públicos como este estão prontos para responder satisfatoriamente a demandas tão diferentes, independentemente dos estilos que permanentemente são propostos por esses coletivos juvenis?

As contribuições dos três grupos, por meio das entrevistas cedidas, revelaram que o Centro Cultural da Juventude ainda está engatinhando no que diz respeito ao estabelecimento de ações que possam atender a demandas de diferentes grupos formados por jovens. No

entanto, sinaliza que está no caminho, mas que ainda está distante de criar uma relação horizontal com os diferentes grupos.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n5/6. São Paulo, p. 25/36.maio/dez, 1997.

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ALMEIDA, E. Subúrbio, políticas culturais e identidades coletivas juvenis: mediações de Diadema. 1996. 316 Fls. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

ALMEIDA, E. Política pública para a juventude. 2001. 329 Fls. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

ALMEIDA, E., ANCASSUERD, M. P. e NAKANO, M. Novas e velhas questões na proposta de organismos específicos de gestão de políticas públicas para jovens: um estudo dos casos de Santo André e São Caetano do Sul. In: SPOSITO (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em regiões de cidades metropolitanas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007.

ALMEIDA, E. Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In SPOSITO (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

ANDRADE, E. A. de. Gestão municipal de políticas públicas dirigidas à juventude e possíveis aproximações com a promoção da saúde. 2008. 189 fls. Dissertação (Mestrado em Serviços de Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

ARIÈS, P. **Historia social da criança e da família**. São Paulo: LTC, 1981.

ATTIAS-DONFUT, C. Jeunesse et conjugaison de temps. **Sociologie et sociétés**, v 28, n 1, 1996.

BANGO, J.: Políticas de juventude na América Latina: identificação de desafios. In: FREIRAS, M. V.; PAPA, F. C. (orgs.). **Políticas Públicas: juventude em pauta**. Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

BERGER, P. L. e BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI & MARTINS (orgs.). **Sociologia e sociedade**, SP, Livros Técnicos e Científicos, 1975.

CARRANO, P.C.R. Jovens na cidade. **Rio de Janeiro: trabalho e sociedade**, Rio de Janeiro, Ano 1, Nº 1, 15-22. Ago.2001. Disponível em: http://www.iets.org.br/article.php3?id_article=353. Acesso em 06 Jul. 2010.

CARRANO, P.C.R. Ações públicas para jovens na cidade: a coordenadoria e o centro de juventude de Niterói. In: SPOSITO (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em regiões de cidades metropolitanas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007.

CLARKE, J., HALL, S. e JEFFERSON, T. Subcultures, cultures and class. In: HALL, S. e JEFFERSON, T. **Resistance through rituals**. 2. ed. New York: Routledge, 2006.

CLARK, G. Plaidoyer pour les puls de ski. Une critique des théories des subcultures jeunes. In: GLEVARECE, H. et Al. **Cultural Studies. Anthologie**. Paris: Armand Colin, 2008.

CORTI, A. P. e SOUZA, R. Os jovens e a vida pública. In: **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

COSTA, A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. s/d. (mimeo).

CIEDS. **Centro cultural da juventude**. São Paulo: Trombone Comunicação, 2008.

FEIXA, C. **De Jóvenes, bandas y tribus**. Antropologia de la juventud. S.A. Barcelona: Editora Ariel, 1999. Capítulo 3.

FISHER, N.B. Chegou a tua vez! Jovens na Correria por um mundo melhor: uma análise de programa municipal empreendido por jovens de Porto Alegre. In: SPOSITO (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em regiões de cidades metropolitanas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007.

FREIRE FILHO, J. Das subculturas às pós-culturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea. Jornal de comunicação e cultura**, vol 3 nº 1, 2005.

HADDAD, S. (Coord.) **Novos caminhos em educação de jovens e adultos – EJA**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007.

LARROQUETTE, A. I. Políticas locais de Juventud: una mirada al fondo del ojo. **Última Década**, n 12. Chile p 127-139, marzo, 2000.

LEVI, G., SHMITT, J.C. Introdução. In: **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (Da Antiguidade à Era Moderna, v. 1).

MAGALHÃES, L. S. Participação de jovens em grupos culturais e mobilidade no espaço urbano de São Paulo. 2008. 306 fls. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

MAGNANI, J.G.C. O circuito dos jovens urbanos. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da Usp, São Paulo, v. 17 n°. 2, p. 173-205, Nov. 2005

MATTELART, A. e NEVEU, É. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MINTZ, S. W. Cultura: uma visão antropológica. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, v. 14, nº 28, p. 225-239, Jan-Jun., 2010

NORONHA,F.; PIRES,P.; TOLEDO,R. Japas e manos (ou streeteiros e b.boys) na estação conceição do metrô.In. MAGNANI, J.C G; SOUSA, B.M. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25 nº105/106, 1990.

PARSONS, T. A classe como sistema social. In. BRITO, S. (org) **Sociologia da juventude III**: a vida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**, 06: 15-24, maio-dez., São Paulo, ANPED, 1997.

PEREIRA, A. B. Pichando a cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano. In: MAGNANI, J.C G; SOUSA, B.M. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Relações Institucionais. Coordenadoria Estadual de Programas para Juventude; FUNDAÇÃO PREFEITO FARIA LIMA – CEPAM. Coordenadora de Gestão de Políticas Públicas – Cogesp. **Encontros regionais de políticas públicas de juventude: resultados e perspectivas**. Elaborado por Mariana Montoro Jens, Juçara M.T. Rodrigues, Maria Niedja L. de Oliveira e Silvia R. da C. Salgado. São Paulo, 2008.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Cultura. **VAI – 5 anos**. São Paulo: SMC, 2008.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Cultura. **Relatório de gestão 2005-2008**. São Paulo: SMC, 2009.

SCHMIDT, João Pedro. **Juventude e política no Brasil: A socialização política dos jovens na virada do milênio**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

SILVA, F. A. e. Juventude, Escolarização e Poder Local: Um estudo da “Nova Institucionalidade” do Poder Público Local. In: **Série Iniciação Científica FEUSP**. São Paulo: FEUSP, 2006.

SPOSITO, M.P. A sociabilidade Juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**. Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5 (1-2): 161-178, 1993 (editado em 1994).

_____. Estudos sobre juventude em Educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n°. 5/6, 1997.

_____. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____. e CORTI, A.P.O. A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes. In: **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M.V.; PAPA, F.C. (orgs). **Políticas públicas de juventude: Juventude em pauta**. São Paulo: Cortez/Ação Educativa/Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2003.

_____.; e CARRANO, P.C.R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n° 24, p 16-39, set/dez. 2003.

_____.; e CORROCHANO, M.C. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n 2, Nov. 2005.

_____. Prefácio. In: DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: **Retratos da Juventude Brasileiras: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

_____. Espaços públicos e tempos juvenis. In: SPOSITO (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em regiões de cidades metropolitanas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007.

_____. e ARANTES E SILVA, F. Processos de legitimação de organismos emergentes: a Coordenadoria Especial de Juventude na Prefeitura de São Paulo (2001-2004). In: SPOSITO (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em regiões de cidades metropolitanas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007.

_____. e HARLEY, H. Novos desenhos institucionais nas ações públicas dirigidas a jovens da cidade de Embu das Artes. In: SPOSITO (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em regiões de cidades metropolitanas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa/FAPESP, 2007.

_____. Juventude e educação: interações entre educação escolar e a educação não-formal. **Educação e Realidade**. São Paulo, v 33, n°2, p. 83-98, jul/dez. 2008

_____. Estado da Arte sobre juventude: uma introdução. In: SPOSITO (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

VÁSQUEZ M. R. Reflexion sobre la experiencia de politica de juventud en Chile. **Ultima Decada**, n 12. Viña Del Mar, Chile p 91-102, marzo, 2000.

VILAR, M. E. V. e. Experiências juvenis e ações públicas dirigidas à juventude: artes e trabalho na transmissão geracional. 2007. 162 fls. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

WILLIAMS, R. Cultura. In: WILLIAMS, R. **Palavras chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZALUAR, A. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (org.). **Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

Sites Consultados:

Sala 5: www.sala5.org acesso em: 01 de junho de 2009

Centro Cultural da Juventude: CCJ: <http://ccjuve.prefeitura.sp.gov.br/> acesso em: 20 de junho de 2009.

Departamento de Expansão Cultural:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=6135> acesso em: 29 de junho de 2009.

Secretaria Nacional de Juventude: www.presidencia.gov.br acesso em: 23 de julho de 2009.

Coordenadoria Estadual da Juventude: www.juventude.sp.gov.br acesso em 23 de julho de 2009.

Rede RPG: www.rederpg.com.br acesso em: 1 de agosto de 2009

O Regicídio esta por vir: http://oregicidioestaporvir.blogspot.com/2008_07_01_archive.html acesso em: 01 de agosto de 2009

Tomie Ohtake: <http://www.institutotomieohtake.org.br> acesso em: 08 de agosto de 2009.

Centro Cultural São Paulo: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/outubroindependente/> acesso em: 25 de janeiro de 2010.

Parque da Juventude: <http://www.sejel.sp.gov.br/parquedajuventude/> acesso em: 24 de abril de 2010.

Teatro Coletivo: www.teatrocoletivo.com.br acesso em: 02 de maio de 2010.

Manufatura da Cultura: www.manufaturadacultura.art.br acesso em: 09 de maio de 2010.

Aracati – Agência de Mobilização Social: www.aracati.org.br acesso em: 12 de maio de 2010.

Bijari: www.bijari.com.br acesso em: 12 de maio de 2010.

Instituto Sou da Paz: www.soudapaz.org.br acesso em 12 de maio de 2010.

Fundação Tide Setubal: www.ftas.org.br acesso em: 12 de maio de 2010.

Buriti Filmes: www.buritifilmes.com.br acesso em: 13 de maio de 2010.

Capacitação Solidária: <http://www.transparencia.al.gov.br/ruthcardoso> acesso em: 13 de maio de 2010.

Prefeitura de Santo André: <http://www.santoandre.sp.gov.br/guiadeservicos> acesso em: 05 de junho de 2010.

www.conlicitação.com.br acesso em: 05 de junho 2010.

Lions Clube: <http://www.lions.org.br/> acesso em: 02 de julho de 2010.

Ministério da Justiça: <http://portal.mj.gov.br> acesso em: 02 de julho de 2010.

Centro Independente de Cultura Alternativa Social – CICAS: <http://projetocicas.blogspot.com> acesso em: 04 de julho de 2010.

Uol: Fonte: www.uol.com.br/bayo/historico_cadernos_negros.htm acesso em: 04 de julho de 2010.

Elo da Corrente: <http://elo-da-corrente.blogspot.com/> acesso em: 10 de julho de 2010.

Secretaria Municipal de Educação: www.prefeitura.sp.gov.br acesso em: 03 de agosto de 2010.

Antonio Nóbrega: www.antonionobrega.com.br Acesso em 03 de agosto de 2010.

Radiola: www.tvcultura.com.br. Acesso em 03 de agosto de 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A -- Perfil dos grupos entrevistados

- **Núcleo de RPG do CCJ**

Esse grupo foi formado em 2006 no próprio Centro Cultural da Juventude. Possui 13 integrantes, sendo que a maioria são homens. Seis de seus integrantes estão na faixa etária entre os 19 e 24 anos, quatro entre os 25 e 29 anos, dois entre os 15 e 18 anos e somente um possui idade inferior a 15 anos.

No que diz respeito à escolaridade, nove ainda estão estudando. Sete dos integrantes concluiu o ensino médio e dois ainda está cursando. Quatro membros estão no ensino superior, enquanto um ainda não concluiu o ensino fundamental. Dos treze jovens que integram esse grupo, doze estão trabalhando. Todos os integrantes do grupo moram próximo ao CCJ.

Em 2008 o núcleo de RPG realizou o projeto RPG e Cultura, que foi contemplado pelo Programa Para a Valorização de Iniciativas Culturais, no centro. O projeto consistiu na realização de oficinas e encerrou com um Encontro de RPG que é realizado em parceria com o CCJ desde 2006.

- **Street Son**

Grupo de dança de rua que se dedica ao estilo da dança Break¹¹¹. Foi formado em 1993 e na data da aplicação do questionário contava com 15 integrantes. O grupo é formado somente por homens. Oito de seus integrantes estão na faixa etária entre os 19 e 24 anos e 7 entre os 15 e 18 anos.

Três de seus integrantes ainda estudam. Oito concluiu o ensino médio, quatro o ensino superior, enquanto três ainda estão cursando o nível superior. Todos trabalham. Nove dos integrantes moram próximo ao CCJ, enquanto seis moram em Perus.

¹¹¹ O Break é uma das vertentes do street dance e integra um dos quatro elementos do Hip Hop. Nos Estados Unidos ganhou visibilidade em 1981 e expandiu para o mundo. No Brasil esse estilo de dança passou a ser praticado em 1983. Em São Paulo o espaço utilizado pelos b.boys inicialmente foi a Rua 24 de maio, no centro da cidade. Perseguidos pelos lojistas os dançarinos adotaram um novo local, desta vez a estação São Bento de Metrô. A partir da década de 90 os dançarinos passaram a ocupar outros espaços, como por exemplo, a estação Conceição de metrô.

Esse grupo dificilmente faz agendamentos em seu nome, utilizando dos agendamentos realizados por outros grupos e ensaiando aos finais de semana, quando o espaço é dedicado para a prática da dança.

- **K.I.D.S Clan**

Grupo de dança de rua que também se dedicada ao estilo da dança Break. Formado em 2003 e na data de aplicação do questionário possuía 7 integrantes. Seus membros são todos homens. Quatro de seus integrantes tem entre 19 e 24 anos, dois entre 15 e 18 anos e 1 entre 25 a 29 anos.

Dos sete membros três ainda estudam, sendo que dois estão cursando o ensino médio e um o ensino superior. Quatro possuem o ensino médio completo. Cinco dos integrantes trabalham. Todos moram próximo ao CCJ.

- **Killer School**

Grupo de dança de rua que se dedica ao estilo break. Formado em 2008 no próprio Centro Cultural da Juventude. No momento da aplicação do questionário o grupo contava com 7 integrantes do sexo masculino. Cinco dos integrantes tem idade entre 19 e 24 anos e dois entre 15 e 18 anos.

Cinco de seus integrantes são estudantes do ensino médio. Os outros dois concluíram o ensino médio. Cinco dos integrantes estão trabalhando. A maioria mora perto do CCJ.

- **Stylo Loko**

Grupo de dança cujo estilo é o break, formou-se em 2004. Quando foi aplicado o questionário contava com 13 integrantes. Embora seja um grupo misto, a maioria dos seus homens é do sexo masculino. Sete possuem idade entre os 19 e 24 anos, quatro entre os 15 e 18 anos, um entre os 25 e 29 anos e um tem menos de 15 anos.

Seis de seus integrantes são estudantes. Um estuda no ensino fundamental, um está cursando o ensino superior, quatro estão concluindo o ensino médio e sete já concluíram. Cinco estão trabalhando. A minoria mora próximo ao CCJ. Os demais moram na Zona Sul e com pouca frequência encontra com o restante do grupo no CCJ.

O Stylo Loko passou a frequentar o CCJ em 2007 e ao longo dos anos tornou-se um grande parceiro, junto com o The Funk's Men, na realização de eventos de dança.

- **The Funk's Men**

Grupo de dança de rua que se dedica ao estilo Popping¹¹². Formado em 2004 e no momento de aplicação do questionário era composto por 2 integrantes do sexo masculino. Não estão estudando e possuem o ensino médio completo. Ambos trabalham como educador em Centros de Criança e Adolescentes – CCA.

Frequentam o CCJ desde 2006 e ao longo dos anos se tornou um grande parceiro do centro na realização de programação voltada para o público da dança de rua.

- **Nature Soul**

Grupo de dança de rua que se dedica ao estilo break. Formado em 2006 e no momento de aplicação do questionário era composto por 10 integrantes todos do sexo masculino. Nove dos integrantes tem idade entre os 15 e 18 anos e um está na faixa etária dos 19 e 24 anos.

Nove são estudantes. Cinco está cursando o ensino fundamental, enquanto quatro cursa o ensino médio. Um integrante já concluiu o ensino médio. Nenhum trabalha. Todos moram perto do CCJ.

- **Acid Popping**

Grupo de dança de rua que se dedica ao estilo Popping. Formado em 2008 é composto por dois integrantes do sexo masculino. Um está entre os 15 e 18 anos e o outro entre os 19 e 24 anos. Um está cursando o ensino superior. O outro concluiu o ensino médio. Ambos estão trabalhando e moram perto do CCJ.

- **Corpo em Rito**

¹¹² Outra vertente da street dance. Surgiu na Califórnia na década 1970 e a musica que embala as suas coreografias é o Funk. Chegou ao Brasil na mesma época que o Break e difundiu-se entre os jovens. Os dançarinos de Popping são chamados Poppers. Eles se apresentam com roupa social, boina e colete (Noronha; Pires e Toledo, 2007)

Grupo que se dedica a dança contemporânea. Foi formado em 2007 e no momento de aplicação do questionário contava com oito integrantes. Sete de seus integrantes são mulheres. Seis possuem idade entre 19 e 24 anos e dois possuem idade inferior a 15 anos.

Nenhum de seus membros está estudando. Sendo que três possui ensino médio concluído, três ensino superior completo e dois incompleto. Todos trabalham e a maioria mora perto do CCJ. Apenas duas moram na Zona Sul.

O grupo começou a frequentar o CCJ no segundo semestre de 2007 para a realização do projeto que levava o mesmo nome do grupo que foi contemplado pelo Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais.

- **Cia Meses de Teatro**

Grupo de teatro formado em 2005. Quando o questionário foi aplicado contava com 6 integrantes, sendo três homens e três mulheres. Cinco estão entre os 19 e 24 anos e um entre os 15 e 18 anos. Todas estão estudando. Três estão cursando o ensino superior e um o ensino médio. Dois fazem curso de teatro na Escola Livre de Teatro do município de Santo André. Todos estão trabalhando. E a maioria mora perto do CCJ.

Esse grupo acompanhou a construção do CCJ, participando das reuniões realizadas na região pela Coordenadoria Especial da Juventude.

- **Cia de Teatro Paladinos**

Formado em 2008 e no CCJ. Seus integrantes participavam das aulas do Teatro Vocacional¹¹³. No momento de aplicação do questionário o grupo contava com 22 integrantes, sendo que a maioria é mulher.

Treze integrantes tem idade entre 15 e 18 anos. Sete tem idade entre 19 e 24 anos, um está na faixa etária dos 25 e 29 anos e outro tem menos de 15 anos.

Nove integrantes são estudantes. Oito estão cursando o ensino médio e um o ensino fundamental. Seis já concluíram o ensino médio e um o ensino superior. O integrante que respondeu ao questionário não soube informar o grau de escolaridade de seis membros do grupo. Sete integrantes são trabalhadores e todos moram perto do CCJ.

¹¹³ O teatro vocacional é um projeto do Núcleo Vocacional do Departamento de Expansão Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. O objetivo dos projetos desenvolvidos pelo núcleo é “formar novos grupos e proporcionar expressão e conseqüente reflexão através das artes, além de orientar e dinamizar a produção dos grupos já existentes”. Além do teatro vocacional, o núcleo também conta com o dança e música vocacional. Fonte <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=6135> acesso em 29 de junho de 2009.

- **Grupo Camaleão de Teatro**

Grupo de teatro formado em 2006. No momento em que o questionário foi aplicado contava com seis integrantes sendo a maioria mulheres. Três tem idade entre 19 e 24 anos e os demais entre 25 e 29.

Quatro são estudantes do ensino superior. Dois possuem o ensino médio completo. Todos estão trabalhando e a minoria dos integrantes mora perto do CCJ.

- **Grupo de Teatro Projeto Preto**

Esse grupo foi formado em 2007. No momento em que o questionário foi aplicado contava com sete integrantes. A maioria dos membros são homens. Seis dos integrantes tem mais de 29 anos e um tem entre 25 e 29 anos. Todos possuem ensino superior completo. Todos estão trabalhando. A maioria dos integrantes mora perto do CCJ.

- **Na Humilde Crew**

Grupo de Hip Hop formado no ano de 2006. É composto por seis integrantes, sendo que a maioria são homens. Cinco de seus integrantes tem idade entre os 19 e 24 anos e um está na faixa dos 25 e 29 anos.

É um grupo com nível de escolaridade alto. Cinco jovens estão cursando o ensino superior e um já o concluiu. Os seis integrantes estão trabalhando. A minoria mora próximo ao CCJ.

Esse grupo começou a freqüentar o CCJ em 2008 para realizar o projeto “Mais Clássicos Hip Hop” que foi contemplado pelo VAI. Esse projeto consistiu na realização de oficina e de um festival de Hip Hop.

- **Madeirit**

Grupo de Hip Hop formado em 2005. As suas músicas possuem letras que remetem a questão de moradia. Paralelo ao grupo musical mantém o Projeto Quilombos Urbanos que discute com a comunidade questões da urbanização.

O grupo é formado por três integrantes e todos são homens. Dois de seus integrantes tem mais de 29 anos e um está na faixa dos 25 e 29 anos.

Apenas um integrante é estudante e está cursando o ensino superior. Um possui o ensino médio completo e o outro trancou a matrícula na faculdade. Os três trabalham e todos moram perto do CCJ.

- **Ca.Ge. Be (Cada Gênio do Bem)**

Grupo de Hip Hop formado em 1999, conta com quatro integrantes, sendo três homens e uma mulher. Três de seus integrantes tem idade entre 25 e 29 anos e um tem mais de 29 anos.

Nenhum membro está estudando e todos concluíram o ensino médio. Dois dos integrantes trabalham e todos moram perto do CCJ.

- **Aliado A**

Grupo de Hip Hop formado em 1998. É composto por apenas um homem com idade entre 25 e 29 anos. Possui o ensino fundamental completo e está trabalhando.

- **Bandoleiro**

Grupo de Hip Hop formado em 2002. No momento de aplicação do questionário contava com um integrante do sexo masculino com idade acima dos 29 anos. Ele tinha ensino médio completo e estava estudando para o vestibular. Não estava trabalhando e mora em Carapicuíba.

- **Deportados**

Banda de Rock formada em 2001. No momento de aplicação do questionário contava com cinco integrantes homens. Quatro integrantes têm idade entre 19 e 24 anos e um está na casa dos 25 e 29 anos.

Dois são estudantes do ensino superior. Três concluíram o ensino médio. Todos trabalham e moram perto do CCJ.

- **Camiranga**

Grupo musical formado em 2006. Quando o questionário foi aplicado contava com quatro integrantes, uma mulher e três homens.

Três integrantes têm mais de 29 anos e um tem entre 25 e 29. Um integrante é estudante do ensino superior, os demais já concluí o superior. Os quatro membros trabalham e nenhum dos integrantes mora perto do CCJ.

- **B3 Orgão Trio**

Grupo de Jazz formado em 2006. No momento de aplicação do questionário contava com três integrantes homens. Todos tem mais de 29 anos. O primeiro contato que tiveram com o CCJ foi para se apresentar e depois utilizaram o estúdio para gravação.

Um dos integrantes é estudante do ensino superior. Um possui superior completo e o outro o ensino médio. Todos estão trabalhando e ninguém mora perto do CCJ.

- **Gabi e meus camaradas**

Grupo de Jazz formado em 2006. No momento de aplicação do questionário contava com quatro integrantes. A maioria dos membros são homens. Três tem mais de 29 anos e um está entre os 25 e 29 anos. Todos são graduados e estão trabalhando. A minoria mora perto do CCJ.

- **Reticências**

Grupo de MPB formado em 2008 no CCJ por meio do projeto Musica Vocacional do Departamento de Expansão Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. No momento em que o questionário foi aplicado contava com quatro integrantes. Sendo uma mulher e três homens.

Quatro dos integrantes têm idade entre 15 e 18 anos e um entre 25 e 29 anos. Um dos integrantes está cursando o ensino médio e os demais já o concluíram. Somente um está trabalhando e a maioria mora perto do CCJ.

- **JAH Solution**

Grupo de reggae formado em 2004. No momento de aplicação do questionário contava com cinco integrantes, sendo a maioria do sexo masculino. Todos têm entre 25 e 29 anos. Todos possuem o ensino médio completo e estão trabalhando. Os cinco integrantes mora perto do CCJ.

- **Embatucadores**

Grupo musical de percussão corporal formado em 2003. No momento de aplicação do questionário contava com dez integrantes, sendo oito mulheres e dois homens.

Oito de seus membros têm idade entre 15 e 18 anos. Um está na faixa etária dos 19 e 24 anos e outro tem entre 25 e 29 anos. Três dos membros são estudantes de ensino médio. Seis já concluíram o ensino médio e um possui superior completo. Seis dos integrantes trabalham. A maioria mora perto do CCJ.

O grupo foi formado e é liderado por um professor de música da escola pública. Todos os integrantes estudam na mesma escola. O grupo procurou o CCJ, pois a sala que utilizam para ensaio na escola foi reformada. Agora o grupo ensaia na escola e no CCJ.

- **Cine barracão**

Esse grupo foi formado em 2006 e seu objetivo é realizar exibições filmes. Inicialmente havia quatorze integrantes. Quando o questionário foi aplicado o “grupo” contava somente com 1 integrante e este afirmou que o grupo só existe porque ele busca parcerias para dar continuidade as suas atividades.

Esse único integrante é do sexo masculino, está na faixa etária entre os 19 e 24 anos e possui o ensino médio completo. Mora perto do Centro. No momento da aplicação do questionário ele não estava trabalhando, mas no final de 2008 foi contratado para trabalhar na equipe de monitoria do Centro Cultural da Juventude.

- **Literatura Suburbana**

Grupo que se dedica a literatura periférica e possui forte atuação nas escolas para que a Lei 10639/2003, que institui o ensino de História e Cultura Afro Brasileira em todas as escolas, seja cumprida pelos professores. Foi formado em 2007 e no momento em que o questionário foi aplicado contava com 7 integrantes. Embora o grupo seja misto, a maioria de seus integrantes é do sexo masculino. Cinco de seus integrantes possuem entre 19 e 25 anos e dois possuem menos de 15 anos.

Um dos integrantes possui ensino superior e dois estão cursando. Dois possuem o ensino médio completo e dois ainda estão cursando. Cinco dos integrantes estão trabalhando. A minoria mora perto do CCJ.

- **Instituto Sala 5**

O Instituto Sala 5 foi formado em 2001 por jovens que estavam interessados em oferecer atividades para a população que estava ao seu redor. É um grupo que possui apoio de organizações que investem no empreendedorismo social, como a Artemisia¹¹⁴.

Quando o questionário foi aplicado o grupo contava com 35 integrantes. O grupo é misto e afirmou que há um equilíbrio entre o número de membros homens e mulheres. Quatro dos integrantes tem idade entre 15 e 28 anos. Dez estão na faixa etária dos 19 e 24 anos. Outros 10 possuem entre 25 e 29 anos. Enquanto onze tem mais de 29 anos.

São estudantes 16 integrantes. Um está cursando o ensino médio, quinze estão cursando o nível superior e 19 já são graduados. A maioria dos membros mora perto do CCJ. Todos os integrantes trabalham, sendo que a maioria trabalha na própria instituição. Esse é um grupo muito peculiar, pois além de promover atividades para os jovens e crianças que moram na região, também gerou trabalho para esses jovens que se envolveram com os objetivos do grupo. Em 2008 o grupo foi contemplado pelo VAI, o que significa a aquisição de recursos financeiros para a realização das atividades e a manutenção do grupo.

¹¹⁴ A Artemisia é uma organização internacional que trabalha para o desenvolvimento do campo de Negócios Sociais no Brasil. Com uma lógica inovadora para empreender negócios que visam primordialmente reduzir as desigualdades socioeconômicas, aposta no desenvolvimento de jovens empreendedores através de programas e propostas de atuação diversas. Ela desenvolve um programa chamado Jovens Empreendedores, no qual oferece formação e destina recursos financeiros para os grupos selecionados.

- **Núcleo de atividades o Regicídio está por vir**

Grupo que se autodenomina anarquista. Foi formado em 2006 e no momento da aplicação do questionário contava com 2 integrantes homens. Um tem idade entre 15 e 18 anos e o outro está na faixa etária dos 19 e 24 anos.

Não são estudantes e ambos possuem o ensino médio completo. Um dos integrantes trancou a faculdade. Somente um dos integrantes trabalha. Um mora perto do CCJ e o outro na Zona Sul.

APÊNDICE B – Questionário Aplicado

Perfil do Grupo

1. Nome do grupo:

2. Qual o ano de formação do grupo?

3. O grupo se formou no CCJ?

1. () sim 2 () não

4. Por que o grupo foi formado?

5. O que é preciso para fazer parte do grupo?

6. Quantas pessoas fazem parte do grupo?

7. O grupo é misto?

1. () Sim 2 () Não

8. Os membros são em sua maioria?

1. () Homens 2. () mulheres 3. () Igualitário

9. Qual é a faixa-etária dos componentes? Múltipla Escolha

1. () de 15 a 18 anos. 1.1 Quantos? _____ 4. () Mais de 29 anos 4.1 Quantos? _____

2. () de 19 a 24 anos. 2.1 Quantos? _____ 5. () Menos de 15 anos 5.1 Quantos? _____

3. () de 25 a 29 anos. 3.1 Quantos? _____

10. Estudam? 1. () Sim 1.1 Quantos _____ 2. () Não 2.1 Quantos _____

11. Grau de Escolaridade dos membros do grupo:

1. () Ensino Fundamental Incompleto. 1.1 Quantos? _____

2. () Ensino Fundamental Completo.	2.1 Quantos? _____
3. () Ensino Médio Incompleto.	3.1 Quantos? _____
4. () Ensino Médio Completo/técnico	4.1 Quantos? _____
5. () Vestibulando .	5.1 Quantos? _____
6. () Ensino Superior Incompleto.	6.1 Quantos? _____
7. () Ensino Superior Completo.	7.1 Quantos? _____

12. Estão trabalhando?

1. () Sim. 1.1 Quantos? _____ 2. () Não. 2.1 Quantos? _____

13. Os membros do grupo moram perto do CCJ?

1. () Todos 2. () Maioria 3. () Minoria 4. () ninguém

14. Dentre as áreas de atuação, Qual a melhor se aplica à atuação de seu grupo?

1. () Música	9. () Esportes
2. () Dança	10. () Educação
3. () Teatro	11. () Gênero
4. () Audiovisual	12. () Etnia
5. () Artes Plásticas	13. () Político e/ou Partidário
6. () Religião	14. () Sexualidade
7. () Lazer	15. () Pessoas com deficiência
8. () Ação Social	16. () Outra. Qual _____

Atividades do Grupo

15. Qual a periodicidade das reuniões e atividades?

1. () 1 vez por semana	4. () mensal
2. () 2 vezes por semana	5. () diário
3. () quinzenal	6. () outra: _____

16. O grupo possui sede própria?

1. () Sim

2. () Não

17. Em qual (is) local (is) o grupo se reúne atualmente ou realiza atividades? (múltipla escolha)

1. () Centro Cultural da Juventude	9. () Escola
2. () Parque da Juventude	10. () Igreja.
3. () Centro Comunitário	11. () Centro Cultural SP
4. () Associação de Bairro/Moradores	12. () na casa de algum integrante
5. () Centro Esportivo da Prefeitura	13. () Outros _____
6. () Casa de Cultura	14. () Organização não Governamental
7. () Biblioteca	15. () aluga estúdio particular
8. () Sesc	16. () casa de shows

Perfil dos usos: no Centro Cultural da Juventude

18. Como o grupo conheceu o Centro Cultural da Juventude?

1. () Jornal

4. () Amigos/Familiares

7. () Passou em frente

2. () Internet

5. () Televisão

8. () acompanhou a construção do CCJ

3. () Escola

6. () Revista da SMC

9. () Outros _____

19. Em que ano o grupo começou a frequentar o CCJ?

1. () 2006

2. () 2007

3. () 2008

20. O que levou o grupo a frequentar o CCJ?

1. () a programação que oferece

2. () os serviços que oferece (Internet livre, biblioteca, home theater, lab. pesquisa, lab. idiomas)

3. () a possibilidade de usar as instalações para realização das atividades do grupo

4. () Outro motivo: _____

21. Quantas vezes por semana o grupo se reúne no CCJ?

1.() 1 vez por semana	4.() mensal
2.() 2 a 3 vezes por semana	5.() diário
3.() quinzenal	6.() outra: _____

22. Que atividades o grupo realiza no CCJ?

1.() Ensaio/treino	5.() finalização de vídeo
2.() reuniões/Elaboração de projetos	6.() Outros: _____
3.() Pesquisa /Estudo	
4.() Gravação e produção de áudio	

23. Quais espaços do CCJ o grupo utiliza?

1.() Anfiteatro	7.() Espaço sarau	13.() Estúdio
2.() Arena	8.() Sala 11	14.() foyer do anfiteatro
3.() Aquário	9.() Auditório da Biblioteca	15.() Varanda
4.() Sala de projetos	10.() convívio	16.() Alameda
5.() Mirante	11.() Ilha de Edição de Vídeo	17.() Espaço RPG
6.() Home Theater	12.() Sala 13 – oficinas	18.() Ateliê

24. De quais serviços oferecidos pelo CCJ o grupo ou seus integrantes utiliza?

1.() Internet Livre	3.() Lab. Idiomas	5.() Sala de Projetos
2.() Biblioteca	4.() Lab. Pesquisas	

25. Com que frequência faz uso dos serviços do CCJ?

1.() 1 vez por semana	4.() mensal
2.() 2 vezes por semana	5.() diário

3.(☐) 1vez a cada 15 dias	6. (☐) outra: _____	
--	--	--

26. Da programação do CCJ qual freqüentam?			
1.(☐)Palestras	3.(☐) Sarau	5.(☐)Cinema	7. (☐) Nenhuma
2.(☐)Teatro	4.(☐)Oficinas	6. (☐) Shows	

27. Com que freqüência?	
1.(☐) 1 vez por semana	4. (☐) mensal
2.(☐) 2 vezes por semana	5. (☐) diário
3.(☐) quinzenal	6. (☐) outra: _____

28. O grupo já realizou atividades em parceria com o CCJ? (dentro da grade de programação).	
1.(☐) Sim.	2.(☐) Não.

29. O grupo já se apresentou em atividades da programação do CCJ?	
1.(☐) Sim	2.(☐) Não

Perfil do uso: outros equipamentos

30. Antes de se reunirem no CCJ o grupo utilizava outro (s) equipamento (s) para realização de suas atividades? 1.(☐) Sim 2.(☐) Não	
--	--

31. Se sim, qual?	
1.(☐) Casa de Cultura	7.(☐) Escola.
2.(☐) Biblioteca Pública	8.(☐) Igreja.
3.(☐) Sesc	9.(☐)Parque da Juventude
4.(☐)Centro Comunitário	10.(☐)na casa de um dos integrantes
5.(☐) Associação de Bairro/Moradores	11.(☐)no CCSP
6.(☐) Centro Esportivo	12.(☐) outro _____

32. Com que frequência utilizava este (s) equipamento (s)?

1.() 1 vez por semana	4. () mensal
2.() 2 a 3 vezes por semana	5. () diário
3.() quinzenal	6. () outra: _____

33. Que atividades o grupo realizava nesse (s) equipamentos?

1.() Ensaio/treino	6. () Realizava oficinas
2.() reuniões/Elaboração de projetos	7.() Outros: _____
3.() Pesquisa /Estudo	8.() Show
4.() Gravação e produção de áudio	9.() Organização de eventos
5.() finalização de vídeo	

34. O grupo ainda utiliza esse(s) equipamento (s)?

1.() Sim

2.() Não

35. Se sim, com que frequência?

1.() 1 vez por semana	4. () mensal
2.() 2 a 3 vezes por semana	5. () diário
3.() quinzenal	6. () outra: _____

Dificuldades

36. Quais são as dificuldades enfrentadas pelo grupo ?

1.() Falta de espaço para realização das atividades

2.() Falta de recursos financeiros

3.() dificuldades para reunir todo o grupo

4.() nenhuma

5.() outras _____

APÊNDICE – C ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro entrevista 1 (para grupos com uso intenso e esporádico)

1. Como o grupo soube que havia a possibilidade de utilizar as instalações do CCJ para a realização de suas atividades?
2. O grupo encontrou dificuldades para utilizar os espaços e equipamentos do CCJ? Se sim, quais?
3. Como foi o primeiro contato com o CCJ para solicitar o espaço?
4. Atualmente com qual periodicidade tem utilizado o CCJ?
5. Quais atividades desenvolvem no espaço?
6. O fato de terem a possibilidade de utilizar um equipamento como o CCJ para o desenvolvimento de suas ações contribuiu para o fortalecimento e desenvolvimento do grupo?
7. Ter o CCJ como espaço para a realização de suas ações permitiu que o grupo tivesse acesso a outros equipamentos culturais, tanto públicos quanto privados?
8. Estar em um equipamento como o CCJ onde há diferentes grupos e pessoas ampliou as redes de amigos e de contatos?
9. O grupo se relaciona com os demais grupos e pessoas que frequentam o CCJ? Como se dá essa relação?
10. Os membros do grupo além de utilizarem o CCJ para o desenvolvimento de suas atividades também frequentam a programação oferecida e utilizam os serviços?
11. Como o grupo classificaria a sua relação com o equipamento? Seria apenas uso ou parceria para a efetivação de suas ações?

Roteiro de entrevista 2 (para grupo que usou por um pouco período de tempo e nunca mais voltou)

1. Como o grupo soube que havia a possibilidade de utilizar as instalações do CCJ para a realização de suas atividades?
2. O grupo encontrou dificuldades para utilizar os espaços e equipamentos do CCJ? Se sim, quais?
3. Por quanto tempo o grupo utilizou as instalações do CCJ?
4. Atualmente o grupo não utiliza mais o equipamento. Qual o motivo que fez com que o grupo não continuasse a utilizá-lo?
5. Os membros do grupo frequentam a programação do CCJ e fazem uso dos serviços oferecidos?
6. O fato de terem a possibilidade de utilizar um equipamento como o CCJ para o desenvolvimento de suas ações contribuiu para o fortalecimento e desenvolvimento do grupo?
7. Ter o CCJ como espaço para a realização de suas ações, mesmo que em um curto período de tempo, permitiu que o grupo tivesse acesso a outros equipamentos culturais, tanto públicos quanto privados?
8. Utilizar um equipamento como o CCJ onde há diferentes grupos e pessoas ampliou as redes de amigos e de contatos?

ANEXOS

ANEXO A – Decreto de Criação do Centro de Cidadania da Juventude

DECRETO Nº 46.994, DE 10 DE FEVEREIRO DE 2006

Cria o Centro de Cidadania da Juventude.

ROBERTO TRIPOLI, Presidente da Câmara Municipal de São Paulo, em exercício no cargo de Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei,

D E C R E T A:

Art. 1º. Fica criado o Centro de Cidadania da Juventude, subordinado à Secretaria Especial para Participação e Parceria, por meio da Coordenadoria da Juventude.

Parágrafo único. O Centro ora criado, espaço destinado ao segmento da juventude, objetiva promover:

- I - a disponibilização e produção de informações de interesse dos jovens;
- II - a ampliação da formação, do conhecimento, das oportunidades e das habilidades que auxiliem na inserção social dos jovens;
- III - o acesso e apoio às ações e atividades culturais da Cidade e da região;
- IV - a criação de alternativas de lazer e convívio;
- V - a articulação com as demais entidades e instituições ligadas ao tema, bem como a integração e apoio às iniciativas locais.

Art. 2º. Fica instituído o Conselho Consultivo do Centro de Cidadania da Juventude, com as seguintes atribuições:

- I - colaborar na implementação das políticas públicas fixadas para o Centro;
- II - propor diretrizes para o plano de atividades;
- III - auxiliar na avaliação dos resultados obtidos pelas parcerias e convênios firmados na área de atuação do Centro;
- IV - estimular o aperfeiçoamento do modelo de gestão;
- V - participar da elaboração de plano de sustentabilidade e captação de recursos para o Centro;
- VI - articular a participação em fóruns de aperfeiçoamento das atividades e gestão do Centro, com outras entidades da área, entidades locais e usuários.

Parágrafo único. Caberá ainda ao Conselho elaborar e aprovar o seu Regimento Interno e do Centro de Cidadania da Juventude, o qual será divulgado por portaria do Secretário Especial para Participação e Parceria.

Art. 3º. O Conselho Consultivo do Centro de Cidadania da Juventude será integrado por 12 (doze) membros, sendo 6 (seis) do Poder Público Municipal e 6 (seis) da Sociedade Civil, assim definidos:

I - o Secretário Especial para Participação e Parceria, que presidirá o colegiado;

II - um representante e respectivo suplente de cada um dos seguintes órgãos municipais:

a) da Secretaria Municipal de Cultura;

b) da Secretaria Municipal de Educação;

c) da Secretaria Municipal do Trabalho;

d) da Secretaria Municipal da Saúde;

e) da Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras;

III - pela Sociedade Civil, 6 (seis) representantes e respectivos suplentes.

§ 1º. Os membros do Conselho serão designados pelo Prefeito, sendo os representantes da Sociedade Civil escolhidos a partir de lista submetida pelo Secretário Especial para Participação e Parceria, e os representantes dos órgãos municipais indicados pelos Titulares das respectivas Pastas.

§ 2º. A Secretaria Executiva do Conselho caberá à Coordenadoria da Juventude, da Secretaria Especial para Participação e Parceria.

Art. 4º. O mandato dos membros do Conselho Consultivo do Centro de Cidadania da Juventude será de 2 (dois) anos, permitidas reconduções.

Parágrafo único. As funções dos membros do Conselho serão consideradas serviço público relevante, sendo vedada sua remuneração a qualquer título.

Art. 5º. O Conselho Consultivo do Centro de Cidadania da Juventude reunir-se-á, ordinariamente, uma vez a cada 2 (dois) meses, podendo as reuniões ser convocadas extraordinariamente por solicitação do Presidente do Conselho Consultivo do Centro de Cidadania da Juventude ou de, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) dos membros do colegiado.

Art. 6º. O Centro de Cidadania da Juventude realizará, semestralmente, fórum de participação de entidades, usuários e moradores da região, que se constituirá em espaço para debates, apresentação de críticas e sugestões, bem como para prestação de contas das atividades do Centro à população.

Art. 7º. O Centro de Cidadania da Juventude será instalado em próprio municipal situado na Avenida Deputado Emílio Carlos, nº 3.641, Distrito de Cachoeirinha, Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha.

Art. 8º. A Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha fica responsável pela infra-estrutura necessária ao funcionamento do Centro de Cidadania da Juventude, devendo licitar, contratar, acompanhar e fiscalizar os ajustes referentes a manutenção e conservação predial, limpeza, vigilância interna, manutenção dos elevadores, serviços de jardinagem, bem como pagamento das contas das concessionárias de serviço público e de acesso à Internet.

Parágrafo único. Para o atendimento das despesas mencionadas no "caput" deste artigo, a Secretaria Especial para Participação e Parceria repassará recursos financeiros à referida Subprefeitura.

Art. 9º. Ficam transferidos do Quadro Específico de Cargos de Provimento em Comissão de que trata o Decreto nº 45.751, de 4 de março de 2005, para o Centro de Cidadania da Juventude, da Secretaria Especial para Participação e Parceria, os cargos constantes da coluna "Situação Atual" do Anexo Único integrante deste decreto, no qual se discriminam as denominações, referências de vencimento, quantidades, partes e tabela e formas de provimento, com as alterações e as adequações necessárias, conforme o caso, previstas na sua coluna "Situação Nova".

Art. 10. A primeira providência do Conselho Consultivo do Centro de Cidadania da Juventude será a elaboração e aprovação do seu Regimento Interno e do Centro, cabendo à Coordenadoria da Juventude, da Secretaria Especial para Participação e Parceria, apresentar proposta inicial para discussão do colegiado.

Art. 11. Ficam transferidos:

I - do Quadro Específico de Cargos de Provimento em Comissão de que trata o Decreto nº 45.751, de 2005, para o Gabinete do Secretário, da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, 1 (um) cargo de Diretor de Divisão Técnica, Ref. DAS-12, de livre provimento em comissão, dentre servidores municipais portadores de diploma de nível superior reconhecido pelo órgão competente, com a denominação alterada para Assessor Técnico, Ref. DAS-12;

II - para o Quadro Específico de Cargos de Provimento em Comissão a que se refere o Decreto nº 45.751, de 2005, 1 (um) cargo de Assistente Técnico II, Ref. DAS-11, de livre provimento em comissão pelo Prefeito, dentre servidores municipais portadores de diploma de nível superior, do Gabinete do Secretário, da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente.

Art. 12. As despesas com a execução deste decreto correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 13. Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 10 de fevereiro de 2006, 453º da fundação de São Paulo.

ROBERTO TRIPOLI, Presidente da Câmara Municipal de São Paulo em exercício no cargo de Prefeito

JANUARIO MONTONE, Secretário Municipal de Gestão

GILBERTO TANOS NATALINI, Secretário Especial para Participação e Parceria

Publicado na Secretaria do Governo Municipal, em 10 de fevereiro de 2006.

ALOYSIO NUNES FERREIRA FILHO, Secretário do Governo Municipal

ANEXO B – Decreto de Transferência e nova denominação

DECRETO Nº 47.388, DE 22 DE JUNHO DE 2006

Dispõe sobre a transferência, nova denominação e reorganização parcial do Centro de Cidadania da Juventude, criado pelo Decreto nº 46.994, de 10 de fevereiro de 2006.

GILBERTO KASSAB, Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei,

D E C R E T A:

Art. 1º. O Centro de Cidadania da Juventude, criado pelo Decreto nº 46.994, de 10 de fevereiro de 2006, fica transferido para a Secretaria Municipal de Cultura, com sua denominação alterada para Centro Cultural da Juventude, e parcialmente reorganizado nos termos deste decreto.

Parágrafo único. A transferência prevista no "caput" abrange os cargos de provimento em comissão constantes do Anexo Único integrante do Decreto nº 46.994, de 2006, bem como os respectivos bens patrimoniais e acervo do Centro Cultural da Juventude.

Art. 2º. São objetivos institucionais do Centro Cultural da Juventude:

- I - promover atividades culturais e estimular a produção artística;
- II - produzir e divulgar informações de interesse dos jovens;
- III - ampliar a formação, o conhecimento, as oportunidades e as habilidades que auxiliem na inserção social dos jovens;
- IV - criar alternativas de lazer e convívio;
- V - articular-se com entidades e instituições ligadas à cultura e ao universo da juventude, bem como integrar e apoiar iniciativas locais.

Art. 3º. São atribuições do Conselho Consultivo do Centro Cultural da Juventude, instituído pelo Decreto nº 46.994, de 2006:

- I - colaborar na formulação da política cultural fixada para o Centro;
- II - propor diretrizes para o plano de atividades;
- III - auxiliar na avaliação dos resultados obtidos pelas parcerias e convênios firmados;
- IV - estimular o aperfeiçoamento do modelo de gestão;
- V - participar da elaboração de plano de sustentabilidade e captação de recursos;

VI - articular a participação da comunidade em fóruns de aperfeiçoamento das atividades e gestão do Centro, pelo convite a entidades culturais, de apoio a programas de juventude, entidades locais e representantes dos usuários.

Parágrafo único. Caberá também ao Conselho, como primeira providência, elaborar e aprovar o seu Regimento Interno, a ser divulgado mediante portaria do Secretário Municipal de Cultura.

Art. 4º. O Conselho Consultivo do Centro Cultural da Juventude será integrado por 10 (dez) membros, sendo 5 (cinco) do Poder Público Municipal e 5 (cinco) da Sociedade Civil.

§ 1º. O Poder Público Municipal será representado por membros dos seguintes órgãos municipais:

I - da Secretaria Municipal de Cultura;

II - da Secretaria Especial para Participação e Parceria;

III - da Secretaria Municipal de Educação;

IV - da Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha;

V - do Centro Cultural São Paulo, da Secretaria Municipal de Cultura.

§ 2º. O membro da Secretaria Municipal de Cultura no Conselho será o titular da referida Pasta ou seu representante, que presidirá o colegiado.

§ 3º. Os demais representantes do Poder Público Municipal no Conselho e respectivos suplentes serão indicados pelos titulares das Secretarias e da Subprefeitura referidas no § 1º deste artigo.

§ 4º. Os representantes da Sociedade Civil no Conselho e respectivos suplentes serão escolhidos pelo Secretário Municipal de Cultura, a partir de lista elaborada pelos titulares da Secretaria Especial para Participação e Parceria, da Secretaria Municipal de Educação e da Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha.

§ 5º. Os membros do Conselho, representantes do Poder Público Municipal e da Sociedade Civil, serão formalmente designados mediante portaria conjunta dos titulares das Secretarias e Subprefeitura envolvidas.

Art. 5º. A Secretaria Executiva do Conselho caberá ao Centro Cultural da Juventude.

Art. 6º. O mandato dos membros do Conselho Consultivo do Centro Cultural da Juventude será de 2 (dois) anos, permitidas reconduções.

Parágrafo único. As funções dos membros do Conselho serão consideradas serviço público relevante, vedada, contudo, sua remuneração a qualquer título.

Art. 7º. O Conselho Consultivo do Centro Cultural da Juventude reunir-se-á, ordinariamente, uma vez a cada 3 (três) meses, podendo as reuniões ser convocadas extraordinariamente por

solicitação de seu Presidente ou de, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) dos membros do colegiado.

Art. 8º. O Centro Cultural da Juventude realizará, semestralmente, fórum de participação de entidades, usuários e moradores da região, que se constituirá em espaço para debates, apresentação de críticas e sugestões, bem como para prestação de contas das atividades do Centro à população.

Art. 9º. O Centro Cultural da Juventude permanecerá funcionando na Avenida Deputado Emílio Carlos, nº 3.641, Distrito de Cachoeirinha, Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha.

Art. 10. Até o final do exercício de 2006, a Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha continuará responsável pela infra-estrutura necessária ao funcionamento do Centro Cultural da Juventude, cabendo-lhe licitar, contratar, acompanhar e fiscalizar os ajustes referentes a manutenção e conservação predial, limpeza, vigilância interna, manutenção dos elevadores, serviços de jardinagem, bem como efetuar o pagamento das contas das concessionárias de serviço público e de acesso à Internet.

§ 1º. Para o atendimento das despesas mencionadas no "caput", a Secretaria Especial para Participação e Parceria repassará recursos financeiros à referida Subprefeitura.

§ 2º. Até o termo final previsto no "caput", o atendimento das demais despesas do Centro Cultural da Juventude, tais como obras e contratação de terceiros, será integralmente suportado pelo orçamento da Secretaria Especial para Participação e Parceria.

§ 3º. A partir do exercício de 2007, as despesas com o funcionamento do Centro Cultural da Juventude onerarão as dotações para esse fim consignadas no orçamento da Secretaria Municipal de Cultura.

§ 4º. A Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha deverá encaminhar à Secretaria Municipal de Cultura, com no mínimo 60 (sessenta) dias de antecedência do término do prazo estabelecido no "caput" deste artigo, os processos administrativos relativos às contratações até então celebradas, para as providências de ordem contábil e jurídica no âmbito daquela Pasta.

Art. 11. As despesas com a execução deste decreto correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 12. Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogados o parágrafo único do artigo 1º, os incisos I a VI e parágrafo único do artigo 2º, bem como os artigos 3º, 4º, 5º, 6º e 10, todos do Decreto nº 46.994, de 2006.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 22 de junho de 2006, 453º da fundação de São Paulo

GILBERTO KASSAB, PREFEITO

JANUARIO MONTONE, Secretário Municipal de Gestão

JOSÉ ROBERTO NEFFA SADEK, Secretário Municipal de Cultura - Substituto

JOSÉ POLICE NETO, Secretário Especial para Participação e Parceria

Publicado na Secretaria do Governo Municipal, em 22 de junho de 2006.

ALOYSIO NUNES FERREIRA FILHO, Secretário do Governo Municipal

ANEXO C – Lei que cria o Centro Cultural da Juventude

LEI Nº 14.875, DE 5 DE JANEIRO DE 2009

(Projeto de Lei nº 252/08, do Executivo)

Dispõe sobre a criação do Centro Cultural da Juventude - CCJ, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, e de seu respectivo quadro de cargos de provimento em comissão.

GILBERTO KASSAB, Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 19 de dezembro de 2008, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º. Fica criado o Centro Cultural da Juventude - CCJ, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura.

CAPÍTULO I

DA ORGANIZAÇÃO, ATRIBUIÇÕES E COMPETÊNCIAS

Art. 2º. O Centro Cultural da Juventude compõe-se de:

- I - Gabinete do Diretor;
- II - Conselho Consultivo;
- III - Supervisão de Administração e Finanças;
- IV - Supervisão de Programação.

Art. 3º. O Centro Cultural da Juventude tem por atribuição conduzir ações orientadas prioritariamente para jovens com idade entre 18 e 29 anos, cabendo-lhe, em especial:

- I - promover o acesso e apoio às ações e atividades culturais da Cidade e da região;
- II - produzir e divulgar informações de interesse dos jovens;
- III - ampliar a formação, o conhecimento, as oportunidades e as habilidades que auxiliem na inserção social dos jovens;
- IV - criar alternativas de lazer e convívio;
- V - articular-se com entidades e instituições ligadas à cultura e ao universo da juventude, bem como integrar e apoiar iniciativas locais;
- VI - gerir o quadro de pessoal, os recursos orçamentários e financeiros, os contratos, convênios e outros instrumentos congêneres;
- VII - gerir os serviços administrativos e gerais de manutenção.

Parágrafo único. Sem prejuízo do disposto no "caput", o Centro Cultural da Juventude poderá promover o desenvolvimento de atividades e programas destinados a outras faixas de idade.

Art. 4º. A Supervisão de Administração e Finanças tem as seguintes atribuições:

I - executar e controlar os serviços de expediente, protocolo, tramitação de documentos e papéis, arquivo geral, reprografia, almoxarifado e transporte;

II - promover o levantamento das necessidades de compras e contratações de serviços, bem como propor a realização das respectivas modalidades de licitação;

III - formalizar termos de contratos, de parceria, de compromisso e responsabilidade e apólices de seguros, bem como de prorrogação, rescisão, aditamentos e quitações, responsabilizando-se pelo acompanhamento dos respectivos prazos;

IV - controlar os recursos materiais e gerir os recursos orçamentários, com a finalidade de atingir os objetivos do Centro;

V - planejar, manter e controlar as atividades relativas à gestão de pessoas;

VI - prestar serviços de zeladoria;

VII - providenciar a infra-estrutura necessária à realização da programação do Centro;

VIII - apoiar as produções dos espetáculos realizados, no que se refere a serviços de cenotécnica, iluminação, sonoplastia e projeção;

IX - supervisionar o serviço de bilheteria dos teatros e salas de espetáculos;

X - supervisionar o serviço de montagem de exposições;

XI - exercer outras atribuições que lhe forem cometidas, compatíveis com a sua área de atuação.

Art. 5º. A Supervisão de Programação tem as seguintes atribuições:

I - produzir, executar e controlar a agenda de programação artística e de oficinas e a utilização dos espaços;

II - realizar encontros e atividades culturais da programação, para o desenvolvimento, aprimoramento e participação dos jovens;

III - produzir, tornar disponível e construir acervo de informações e de produtos culturais de interesse e de realização de jovens;

IV - monitorar e avaliar as atividades da programação, por meio de relatórios ou instrumentos equivalentes;

V - definir os critérios para a elaboração dos editais de seleção de projetos, atividades, espetáculos e oficinas;

VI - exercer outras atribuições que lhe forem cometidas, compatíveis com a sua área de atuação.

Art. 6º. Compete ao Diretor do Centro Cultural da Juventude:

I - responder institucionalmente pelo equipamento;

II - aprovar e estabelecer as diretrizes para a condução política e administrativa do Centro, de acordo com a política de governo;

III - realizar o intercâmbio com as demais unidades da Secretaria Municipal de Cultura;

IV - responder pela execução orçamentária do Centro.

CAPÍTULO II

DO CONSELHO CONSULTIVO

Art. 7º. O Conselho Consultivo do Centro Cultural da Juventude tem as seguintes atribuições:

I - colaborar na implementação da política cultural fixada para o Centro;

II - propor diretrizes para o plano de atividades;

III - auxiliar na avaliação dos resultados obtidos pelas parcerias e convênios firmados na área de atuação do Centro;

IV - propor medidas para o aperfeiçoamento do modelo de gestão;

V - participar da elaboração de plano de sustentabilidade e captação de recursos para o Centro;

VI - acompanhar e monitorar as ações e atividades do Centro, inclusive quanto à aplicação dos recursos orçamentários;

VII - articular a participação da comunidade em fóruns de aperfeiçoamento das atividades e gestão do Centro, mediante convite dirigido a entidades culturais, de apoio a programas de juventude, entidades locais e representantes dos usuários.

Art. 8º. O Conselho Consultivo será integrado por 9 (nove) membros, todos com seus respectivos suplentes, na seguinte conformidade:

I - pelo Poder Público Municipal, 5 (cinco) representantes, sendo um de cada um dos seguintes órgãos municipais:

a) da Secretaria Municipal de Cultura;

b) da Secretaria Municipal de Participação e Parceria;

c) da Secretaria Municipal de Educação;

d) da Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha;

e) do Centro Cultural São Paulo, da Secretaria Municipal de Cultura;

II - pela sociedade civil, 4 (quatro) representantes.

§ 1º. A presidência do Conselho Consultivo será exercida pelo Secretário Municipal de Cultura ou seu representante, a quem caberá o voto de qualidade.

§ 2º. Os representantes e respectivos suplentes:

I - do Poder Público Municipal serão indicados pelos titulares dos órgãos referidos no inciso I do "caput" deste artigo;

II - da sociedade civil serão escolhidos mediante critérios a serem estabelecidos em regulamento.

§ 3º. Os membros do Conselho Consultivo serão designados pelo Secretário Municipal de Cultura.

§ 4º. A Secretaria Executiva do Conselho caberá ao Centro Cultural da Juventude.

Art. 9º. O mandato dos membros do Conselho Consultivo será de 2 (dois) anos, permitidas 2 (duas) reconduções.

Parágrafo único. As funções dos membros do Conselho serão consideradas como serviço público relevante, sendo, contudo, vedada sua remuneração a qualquer título.

Art. 10. O Conselho Consultivo reunir-se-á, ordinariamente e obrigatoriamente, uma vez a cada 3 (três) meses, e, extraordinariamente, sempre que necessário, com a presença da maioria de seus membros, mediante convocação de seu Presidente ou por solicitação de, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) dos seus componentes, dirigida à mesma autoridade.

Art. 11. Caberá ao Conselho Consultivo elaborar e aprovar o seu Regimento Interno, o qual será divulgado pelo Secretário Municipal de Cultura.

CAPÍTULO III

DA GESTÃO DO CENTRO CULTURAL DA JUVENTUDE

Art. 12. O Centro Cultural da Juventude realizará, semestralmente, fórum de participação de entidades, usuários e moradores da região, que se constituirá em espaço para debates, apresentação de críticas e sugestões, bem como para prestação de contas das atividades do Centro à população.

Art. 13. Para a consecução dos objetivos estabelecidos para o Centro Cultural da Juventude, com exceção das atividades gerenciais e administrativas, poderão ser firmadas parcerias por meio de convênios, termos de cooperação e outros ajustes similares com órgãos públicos, instituições de ensino e entidades não-governamentais, na conformidade da legislação em vigor.

CAPÍTULO IV

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 14. O Centro Cultural da Juventude será instalado em prédio próprio da Subprefeitura da Casa Verde/Cachoeirinha, na Avenida Deputado Emílio Carlos, nº 3.641, Distrito de Vila Nova Cachoeirinha.

Art. 15. Os cargos de provimento em comissão do Centro Cultural da Juventude são os constantes do Anexo I desta lei, observadas as seguintes normas:

I - criado, o cargo constante da coluna "Situação Nova", sem correspondência na coluna "Situação Atual";

II - mantidos, com as alterações eventualmente ocorridas, os que constam das duas situações.

Parágrafo único. Fica ressalvada a situação dos atuais servidores ocupantes dos cargos de provimento em comissão, ainda que não preencham as novas condições de provimento estabelecidas por esta lei.

Art. 16. Ficam transferidos, do Quadro Específico de Cargos de Provimento em Comissão a que se refere o Decreto nº 45.751, de 4 de março de 2005, para o Centro Cultural da Juventude, os cargos de provimento em comissão constantes da coluna "Situação Atual" do Anexo II desta lei, com as adequações necessárias, conforme o caso, previstas na sua coluna "Situação Nova".

Art. 17. As despesas com a execução desta lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 18. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogados os Decretos nº 46.994, de 10 de fevereiro de 2006, nº 47.388, de 22 de junho de 2006, e nº 47.603, de 21 de agosto de 2006.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 5 de janeiro de 2009, 455º da fundação de São Paulo.

GILBERTO KASSAB, PREFEITO

Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 5 de janeiro de 2009.

CLOVIS DE BARROS CARVALHO, Secretário do Governo Municipal

ANEXO D – Tabelas de Perfil dos Grupos

Tabela 1- Faixa etária dos integrantes

	FA de jovens
Menores de 15 anos	6
15 a 18 anos	58
19 a 24 anos	81
25 a 29 anos	37
Com mais de 29 anos	31
Total	213

Tabela 2 - Número de grupos com estudantes por nível de estudo*

	FA de grupos
Fundamental incompleto	3
Fundamental completo	1
Ensino Médio incompleto	10
Ensino Médio completo	21
Pré-vestibular	1
Superior incompleto	16
Superior completo	11
Outros Cursos	1

*múltipla escolha

Tabela 3 - Número de jovens por nível de estudo

	Número de jovens
Fundamental incompleto	7
Fundamental completo	1
Ensino Médio incompleto	38
Ensino Médio completo	70
Pré-vestibular	1
Superior incompleto	48
Superior completo	46
Outros Cursos	2
Total	213

Tabela 4 - Número de jovens que trabalham

	Frequência
Trabalham	162
Não trabalham	51
Total	213

Tabela 5 - Serviço oferecido, frequência e estilos que utilizam

	FA	Estilos
Internet Livre	17	Dança, teatro, literatura, Rap e musicais.
Biblioteca	14	RPG, dança de rua, audiovisual, Rap, literatura e anarco RAP.
Laboratório de	6	Dança, teatro, literatura e musicais
Laboratório de Idiomas	3	Dança e teatro.
Sala de Projetos	4	RPG, audiovisual, literatura e Anarco RAP

**múltipla escolha*

Tabela 6 - Periodicidade que utilizam os serviços

	Frequência
Não utiliza nenhum serviço	7
Diário	7
2 a 3 x semana	5
Semanalmente	4
Quinzenalmente	2
Mensal	2
Outro	2
Total	29

Tabela 7 - Programação, número de grupos que freqüentam e estilos*

Programação	FA de grupos	Estilos
Teatro	16	Dança de rua e contemporânea, Teatro, Literatura, Rap e musicais.
Sarau	12	Teatro, dança, Rap, anarco RAP, musicais e literatura.
Oficinas	12	Rap, audiovisual, dança, anarco RAP e literatura.
Shows	12	Audiovisual, Rap, dança, musicais, literatura, teatro e anarco RAP.
Palestras	11	Dança, rap, musicais, teatro e literatura.
Cinema	7	Audiovisual, Rap, dança de rua, literatura, teatro e anarco RAP.
Nenhuma	4	Musicais e RPG

**múltipla escolha*

Tabela 8 - Periodicidade com que freqüentam a programação do CCJ

FA de grupos	
Mensal	16
Semanalmente	4
Não freqüenta	4
2 x semana	3
Quinzenalmente	1
Outro	1
Total	29

Tabela 9 - Atividades realizadas nos outros equipamentos*

Frequência	
Ensaio/ Treino	16
Pesquisa/ Estudo	8
Reunião/ Elaboração de Projetos	6
Realização de Oficinas	5
Não utilizavam outros espaços	4
Shows	4
Organização de eventos	2
Finalização de vídeos	1
Outros	3

**múltipla escolha*